

REVISTA DOS CRIADORES

51 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA
Fevereiro de 1982 - Ano LI - N.º 625 - Cr\$ 600,00
Órgão oficial da A.B.C.

**Vermínoses
são grandes
inimigos da criação
e exigem
combate eficiente**

**Indústria
oferece bons
equipamentos para
adubar corretamente
as pastagens**



CHI ANINA

No ano em que se completam vinte
e cinco anos da introdução dos primeiros
bovinos da raça no país, uma avaliação de seu
comportamento mostra sua força na pecuária



**Se você tem um boi,
Tiguvon 15 Spot-on é ótimo.**

**Se você tem uma boiada,
Tiguvon 15 Spot-on é melhor ainda.**

A dose certa



Preparo: Com o medidor para cima, apertar o frasco até atingir a dose recomendada por peso vivo do animal.

Obs.: A dose indicada no medidor é suficiente e nunca deve ser excedida.

O ponto certo



Aplicação: Virar o frasco de cabeça para baixo, sem apertar, sobre a região da cruz do animal.

Pronto. É a dose certa, no ponto certo, para deixar um boi ou uma boiada livre dos bernes por mais tempo.

Obs.: Por seu mecanismo de ação sistêmica, Tiguvon 15 Spot-on não tem efeito imediato.

Os bernes demoram de 4 a 9 dias para sair da pele do animal. Em compensação, por seu efeito prolongado, Tiguvon 15 Spot-on evita a reinfestação de bernes por um tempo muito maior.

Mais rápido, impossível.



O único berricida de ação sistêmica e efeito prolongado, com exclusiva embalagem autodosificadora.



**tiguvon 15
spot-on®**



O berricida das grandes fazendas.



Se é Bayer é bom.

CHIANINA



Em 25 anos de Brasil, o Chianina revela adaptação e desempenho. Pág. 15.

32



O fazendeiro do mês é selecionador de Nelore, que comprou terras pensando em lazer.

42

Vermínoses são um grande inimigo da criação de animais e exigem controle atento e adequado.

45

A produção de leite na Austrália consegue remunerar o produtor que busca sempre a simplicidade.

47

Em Minas Gerais, mesmo os morros podem transformar-se em pastos razoáveis, que garantem o leite, com baixo custo.



50

Adubo orgânico, sólido ou líquido, tem equipamentos próprios para sua distribuição nas pastagens.



76

A cana encontra bom parceiro na uréia e dá sustento ao gado, garante a longa prática de um fazendeiro.

82

Na Tribuna Livre, Huascar Terra do Valle sugere uma reforma agrária urgentíssima.

NOSSA CADA

REVISTA
DOS
CRIADORES



CHIANINA

A raça Chianina vem ganhando adeptos, que a usam para programas especiais de cruzamentos.

SEÇÕES

Ao leitor	3
Cartas	4
Ponto de vista	5
Mercado	6
Serviço RC	40
Revista das Revistas	53
Gente	75
Crônica	78
Registro	84



(Ex-Associação Paulista de Criadores de Bovinos). Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de outubro de 1958.

Registrada no Ministério da Agricultura sob n.º 35, com jurisdição nacional.

56 ANOS DE BONS
SERVIÇOS PRESTADOS
AOS CRIADORES



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

DIRETORIA

Presidente

Joaquim Barros Alcântara Filho

Vice-presidentes

Bráulio Madeira Simões
Gen. Diogo Branco Ribeiro
José Carlos Reis Magalhães
José Celso Macedo Soares Guimarães
Manoel Elpidio Pereira de Queiroz Filho

Diretores

- 1.º Secretário: Frontino Ferreira Guimarães Júnior
- 2.º Secretário: Antônio Augusto Pires de Oliveira
- 1.º Tesoureiro: Amyntas de Carvalho Macedo
- 2.º Tesoureiro: João Antonio Camarero

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

José Cassiano Gomes dos Reis

Vice-presidente

Ruy Calazans de Araújo

Secretário

Roberto Brotero de Barros

Membros natos

João de Moraes Barros
José Bonifácio Coutinho Nogueira
Severo Fagundes Gomes
Urbano de Andrade Junqueira
Hélio Moreira Salles
Renato Costa Lima
José Cassiano Gomes dos Reis

Efetivos

José Cassiano Gomes dos Reis Júnior
Geraldo Diniz Junqueira
Luís Fortunato Moreira Ferreira
Pedro de Paula Leite de Moraes
Roberto Brotero de Barros
Luiz Glicério Gracie de Freitas
Eduardo Dias Roxo Nobre
Oswaldo Lara Leite Ribeiro
José Carlos Guimarães Oliva
Ruy Calazans de Araújo
Rubens Franco de Mello
Edwin Benedito Montenegro

Dr. Armando de Moraes Barros
Pedro Nelson Corrêa Gonçalves
Otto de Mello
João Gilberto B. Rossi
Octávio de Mesquita Sampaio
Lourenço Prado Carneiro Lyra
Vicente Martins Júnior
Arnaldo Lima
Renato Napolitano

Suplentes

Fernando Euler Bueno
Fábio Garcez Meirelles Júnior
Orlando Pinto de Souza
Gilberto Carlos de Arruda Sampaio
Henrique de Souza Dias
Roberto Felipe Cantusio
Lavil Veiga de Oliveira
Jayme Watt Longo

CONSELHO FISCAL

Efetivos

José Octávio da Silva Leme
Layr Antônio de Souza
Plínio Brotero Junqueira

Suplentes

Radyr de Queiroz
Arion Bueno de Oliveira
Laerte Garcez Meirelles

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Superintendente

Virgílio de Almeida Penna

Gerente comercial

Antonio Carlos Turazza

DEPARTAMENTO TÉCNICO

Gerente

Prof. Dr. Alberto Alves Santiago

Registro Genealógico

Controle Leiteiro e

Desenvolvimento Ponderal

Dr. Walter Battiston

Assistência Técnica

Veterinária

Dr. Humberto A. Clemente
Dr. Fernando Aparecido Palhares

Laboratório de Análises

Dr. Paulo Fernando Athaydes

São Paulo: Rua Jaguaribe, 634 - fone: 826-3033. Av. José César de Oliveira, 175 - (CEAGESP) - Fone: 831-7966 - Aberta até as 22 horas.
S.J. Boa Vista: Rua Benjamin Constant, 25 - fone: (0196) 22-3904.

REVISTA DOS CRIADORES

A Revista dos Criadores, órgão oficial da divulgação da Associação Brasileira de Criadores, destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

Diretor Responsável: Luiz de Almeida Penna

Editor: J. M. Nogueira de Campos

Colaboradores: Leovigildo P. Jordão, Luiz Paulin Neto, Masatake Takahashi.

Arte e Produção: Carlos Roberto Botelho

Fotografia: Francisco Sciacca.

Redação: Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo - SP — CEP 05024 — Fone 62-3316 — 65-0116 e 263-8434 — Caixa Postal 1669 — End. Telegráfico "Criadores".

Gráfica e Fotolito Próprios: Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo - SP.

Assinatura: Janeiro a Dezembro de 81, Cr\$ 5.000,00 e de Janeiro a Dezembro de 82, Cr\$ 7.000,00. Exterior, via aérea 1 ano US\$ 100,00.

ISSN 0034-9259

Departamento de assinatura

Agente autorizado para o País: Disbrapel Ltda. — Edições Agro-Pecuárias, Rua Caraihas, 434 — CEP 05020 — Caixa Postal 61.051 — São Paulo - SP

Venda avulsa

Interior e Capital: Livraria La Selva, Saguão Aeroporto Congonhas.

Estados

Bahia: J. S. Queiroz — Rua Minas Gerais, 156 - Pituba - Salvador. Ceará: Distribuidora Alar de Publicações - R. Floriano Peixoto, 1233 - Fortaleza. Brasília: Só de Ler - Aeroporto e Conjunto Nacional - Brasília. Paraíba: Edicamp - Editora Campesiana Ltda. - R. Duque de Caxias, 591 - 2ª and. - Cj. 209 - Tel. 222-0950 - João Pessoa. Pernambuco: Casa das Revistas e Figurinos - R. 9, esquina da Pedro Ivo Recife. Só de Ler - Aeroporto - Recife. Rio de Janeiro: Só de Ler - Rua São José, 35 - Centro - Rio de Janeiro.

Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da Revista e da ABC e são de responsabilidade dos que os subscrevem. Autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados desde que sejam citados nosso nome e a edição.

AO LEITOR

Na seção de "Cartas" desta edição, um leitor narra seu drama, com o INCRA desempenhando o papel de vilão. A carta, por sinal, andou ganhando espaço em vários veículos de comunicação, distribuída à larga pelo seu autor. Ali se vê quanto sofre na mão da burocracia oficial quem se dispõe a produzir neste país.

Sem o mesmo poder de reclamar, um pequeno proprietário de São Bento Abade, pequeno município próximo à cidade mineira de Três Corações, passa por problemas parecidos. Adquiriu a duras penas, faz alguns anos, um cerrado improdutivo, que, aos poucos, está passando a sustentar seu gado de leite, além de garantir arroz, feijão, milho e soja, para o gasto e venda de algum excedente. Houve tempo em que não se pagou ali qualquer centavo de imposto. Agora, quanto mais tem ocupada a terra, mais alto é o valor a recolher, malgrado suas reclamações ao órgão, dirigido por gente de gabinete, auxiliada por computadores e altas complicações técnicas, com índices que o pobre produtor é incapaz de compreender. Sabe, porém, que o tratamento que lhe vêm dispensando não deve estar certo, pois deveria é estar sendo premiado, ao transformar um solo ruim em terra de cultura e produção. Para que não se perca o seu nome, aqui vai ele: é João de Deus Rezende, dono de 153 hectares da Fazenda Campo da Vendinha, um moço que tem a família fincada no lugar, começou a lutar contra a dureza do campo em 1977, entregando à Nestlé 8 litros de leite por dia e hoje é considerado pelos extensionistas da fábrica de Três Corações como um produtor-modelo, adepto da técnica, preocupado com o controle da erosão sobre o solo, homem de dar duro no trabalho e que não mede horário na sua faina diária.

Com exemplos assim, fica difícil acreditar que exista mesmo uma prioridade à agricultura na política governamental. Certamente, o campo — e quem tem nele a fonte de seu sustento — merece um pouco mais de consideração. Especialmente da parte do INCRA, cujos técnicos não fariam mal se, vez por outra, dessem uma voltinha pelas estradas poeirentas do interior deste país. E, só para variar, tentassem conhecer tantos e tantos João de Deus que nele existem.

o editor

PALAVRAS...



O subsídio, na forma em que é oferecido ao produtor brasileiro, embutido numa política de crédito enganadora, tem levado muita gente a desastres econômico-financeiros. Precisamos democratizar a participação social nos programas de produção rural. Devemos nos assentar à mesma mesa para discutirmos o problema da produção agropecuária, com todos os segmentos sociais.

Edilson Lamartina Mendes, ao tomar posse do cargo de presidente da Federação da Agricultura do Estado de Minas Gerais

Aqui, a grita contra a prepotência

Dirijo-vos esta a fim de mostrar aos vossos leitores a prepotência com a qual o INCRA desta capital trata aqueles que trabalham e produzem, e, por força das circunstâncias, são obrigados a tratar com esse órgão.

No ano de 1978, adquiri, no município de Campo Largo, PR, uma propriedade rural. No ano seguinte, entreguei para o INCRA, em Campo Largo, num escritório dentro da Prefeitura, onde há uma placa com dizeres, INCRA, a Declaração para Cadastro Rural, referente a essa terra, a qual, na oportunidade, estava improdutiva.

Durante o ano de 1979, adquiri um trator, plantei milho e batata, coloquei cercas e algum gado. Dia 3/1/80, entreguei para o representante do órgão em Campo Largo nova Declaração de Recadastramento, esta já baseada no desenvolvimento agrícola da propriedade. Em março do mesmo ano, esta pessoa me pediu fotocópias das escrituras da terra.

Dia 20/3/80, entreguei estas e, na oportunidade, este mesmo funcionário, baseado em números das inscrições constantes nesses documentos, pessoalmente preencheu uma nova Declaração, a qual anexou as cópias.

No mês de julho ou agosto, recebi aviso bancário para pagamento do imposto rural, o qual foi lançado com um valor exageradamente alto. Procurei o escritório central desse órgão, em Curitiba, onde fui aconselhado por um funcionário a fazer reclamação do lançamento, a qual entreguei neste escritório, dia 25/9/81.

Alguns dias após, fui convidado, por uma carta, a apresentar novamente as fotocópias das escrituras, para provar a posse da terra, o que fiz dentro de poucos dias. Dia

7/12/81, recebi do INCRA indeferimento desta reclamação. Quando fui procurar a razão desta, fui informado pelos funcionários desinteressados de que, nos arquivos deles, só constam os dados da minha declaração do ano de 1979, e que o lançamento do imposto era baseado nestes dados. Nada adiantou apresentar a estas pessoas os recibos das minhas declarações posteriores, devidamente carimbados com carimbo INCRA e assinados pelo funcionário encarregado.

A pessoa que me atendeu disse que o elemento que assinou esses recibos é um funcionário da Prefeitura de Campo Largo, destacado por esta a serviço do INCRA, mas que o INCRA não se responsabilizava pelos atos praticados por ele, nem pela assinatura dele.

Tomado de surpresa por essa absurda alegação, procurei falar com o sr. Pedro, chefe de tributação, mas este estava tão ocupado que não me pôde conceder nenhum minuto de seu precioso tempo.

Senhor redator: gostaria de perguntar aos dirigentes do INCRA porque fazem as Prefeituras pagar ordendo de milhares de funcionários, os quais devem representar seus municípios neste órgão, se a INCRA se nega a reconhecer a validade de carimbo e assinatura numa simples declaração de cadastro rural dessas pessoas.

V. Vesely
Proprietário rural
Curitiba, PR

As reclamações contra os preços do leite

O produtor recebia, no período da seca de 1981, Cr\$ 29,00, menos frete da fazenda, a plataforma da cooperativa e Funrural; recebia, líquidos, Cr\$ 25,00 por litro de leite com gordura total, tipo C. Era um preço razoável e podia-se dar ração ao gado, em

níveis compatíveis, e o país não precisou importar leite em pó para o abasquecimento interno.

Iniciado o período das águas, grupos industrializados do leite pressionaram os órgãos governamentais; aí evio o novo tabelamento, o excesso de leite foi a Cr\$ 20,00 a nível de produtor, menos o frete da fazenda, a cooperativa e um segundo frete até a indústria. Veja que aberração: o produtor paga frete depois de entregar o leite. Resultado: o produtor passou a receber, líquidos, Cr\$ 12,50 por litro de leite com gordura total.

Mesmo que esse leite seja industrializado em pó em 6 meses, média que ele vai ficar estocado, como custou 100% a menos, vai gerar 17% de juros ao mês, livres de inflação, pois, na entressafra, o produto na certa será reajustado, e os industriais terão um lucro dos melhores à custa da desgraça e da falência do produtor rural, e que na certa resultará no desestímulo dos menos e, no futuro, na importação de leite em pó.

Uma segunda aberração é o frete do segundo percurso, que vamos ter por base de Uberlândia a São Paulo: 600 quilômetros. Os caminhões são carregados com 30.000 litros a Cr\$ 3,50 (os transportadores de cargas cobram Cr\$ 1,50 por kg), resultando frete de Cr\$ 105 mil por dia, que dá um lucro líquido em torno de Cr\$ 2 milhões por mês, livres de despesas e dando para adquirir um caminhão novo em poucos meses de operação, tudo isto à custa do produtor de leite.

Fica aqui uma sugestão: que as cooperativas ou usinas apliquem pelo menos parte desse dinheiro em propagandas dirigidas ao povo para consumir mais leite, um produto que possui todas as vitaminas, sais minerais, gorduras, proteínas em dosagens ideais para saúde humana, pois conhece pessoas que, em vez de água, tomam leite, e todas passam ou passaram dos 85 anos de idade.

Aristides de Castro Salles
Pecuarista
Uberaba, MG

Atrasos no pagamento são uma vergonha

O caso do leite está uma vergonha sem tamanho. Se já não bastassem as maroteiras de abaixar os preços, cobrar fretes injustificados e descontar mil e uma coisas do magro preço dado, ainda temos que agüentar calotes dos compradores.

Eu sei de casos de produtores do Vale do Paraíba, que entregam leite à Usina União e não estão recebendo desde novembro do ano passado. E ela promete pagar em fevereiro... se conseguir financiamento no Banco do Brasil.

Assim também já é demais!

Luís A.S. Antunes
Pecuarista
São Paulo, SP

O leitor nos deseja êxito em 1982

Durante os doze meses do ano, os leitores da Revista dos Criadores receberam, todo mês, o seu exemplar, sempre renovado em suas matérias e trazendo a cada vez artigos de interesse para a agropecuária. O fim do ano está chegando, e esta é uma hora adequada para desejar que a Revista continue sempre com sucesso em 1982.

Os votos são meus, particulares, mas creio que todos os leitores o estão fazendo para a Revista.

Alfredo L.B. Costa
Pecuarista
São Paulo, SP

Peso já é insuportável

Em reunião informal havida no final de janeiro último na Sociedade Rural Brasileira, sob a presidência de Renato Ticoat, à qual compareceram representantes das entidades ruralistas de várias regiões do Estado de São Paulo e também no Paraná, Mato Grosso do Sul, Minas e Rio de Janeiro, ficou, pela mais absoluta unanimidade de expressões, evidenciado o clima de desalentamento que reina no setor agropecuário.

O preço da arroba de boi ou do bezerro desmamado é praticamente o mesmo há mais de um ano, nas fontes de produção, e não ocorre o mesmo nas cotações da carne para o consumidor. O setor atravessa a mais grave crise dos últimos vinte anos. O aumento do abate de fêmeas faz prever a repetição da falta de gado já ocorrida há poucos anos passados.

A pecuária de leite encontra-se talvez em pior situação. O preço das rações e outros insumos subiu, em um ano, cerca de cem por cento. O preço de venda para o produtor sofreu uma redução de Cr\$ 3,00 por litro, sob a justificativa de excesso de produção, quando, na realidade, o que há é subconsumo.

Os cafeicultores presentes à reunião reclamaram com a maior veemên-

cia da política do Governo e da situação econômica negativa do setor.

A opinião dos produtores de arroz, soja, milho e outros grãos, apesar do ótimo estado das lavouras, pelas boas condições de tempo, também foi unânime: as perspectivas, principalmente ante a elevação dos custos de produção, são as mais desalentadoras possíveis.

Os produtores de feijão queixaram-se de que o Governo, na prática, não está cumprindo o preço mínimo estabelecido, afora reclamarem que a comercialização vem sendo feita a preços aviltados.

As novas destilarias de álcool, em fase de implantação, têm contribuído para absorver uma parcela da mão-de-obra que já está ociosa no campo. Diante, porém, da política de preços do combustível, da queda vertiginosa das vendas de veículos a álcool e, mais ainda, com as novas taxas de juros para as futuras destilarias, verifica-se que o Proálcool está morto e enterrado. Acrescente-se a situação internacional do açúcar e a interrupção das exportações de álcool, e vem a conclusão lógica: esse setor também está comprometido.

Houve ainda manifestações, todas negativas, dos setores de suinocultura, da criação de pequenos

animais, do algodão, do reflorestamento e outros. O único que manifestou ver boas perspectivas em sua atividade foi o da citricultura, creditando essa expectativa à ocorrência das nevadas e geadas no Hemisfério Norte.

Falou-se também da crise geral que abala o comércio e a indústria, em contraste com o setor bancário, que vem apresentando resultados espetaculares.

Sobre as taxas de juros, sobre a política salarial e política de ocupação e posse da terra, também há inquietude e preocupações.

Esse foi, em resumo, um retrato da reunião da Rural que, sem dúvida, é uma amostra que evidencia a atual situação da agropecuária no Sul do país.

Foi impressionante o clamor e a unanimidade de protestos e reclamações dos presentes.

A conclusão clara, evidente e cristalina, que salta aos olhos de qualquer um, é que, desta vez, estamos realmente diante de uma crise que fatalmente vai gerar graves consequências sociais e econômicas.

Um ou dois poderiam ser pessimistas ou errar nos prognósticos. Quando, porém, todos emitem as mesmas opiniões, é porque o setor está seriamente enfermo.

É lógico que cabe ao Governo, com a maior urgência possível, estudar e equacionar o problema para dar-lhe a melhor solução.

Trata-se de questão complexa, pois as fórmulas têm reflexos e implicações em outros setores, e necessitam, portanto, de análises, meditação e estudos acurados, dentro de um conjunto global de providências.

Mais uma vez se evidencia que só num regime de total abertura, onde falem os políticos, os técnicos e outros setores da sociedade, é que poderá ser encontrada essa melhor solução.

Esperamos que o presidente da Sociedade Rural Brasileira, ora participando também do Conselho de Economia da FIESP, seja um legítimo representante do setor agropecuário e, temos certeza, de que ele será o porta-voz junto ao Governo desse clamor.

A grita no campo já está atingindo níveis perigosos, e a ninguém pode interessar que essa situação perdure, sob pena de agravar-se, tornando o ônus insuportável.

Joaquim Barros
Alcântara Filho
presidente da ABC

O que esperar da carne bovina neste ano que começa

A principal característica do mercado de boi gordo é o aumento do abate de matrizes em resposta à queda prolongada da rentabilidade econômica da atividade criatória. Neste sentido, o ano de 1981, principalmente a partir do segundo semestre, tornou-se o embrião reversivo da tendência de crescimento do rebanho, iniciada em fins de 1978, que culminou com a maior oferta de bois terminados no ano passado, situação que deve perdurar ainda no ano de 1982.

Os dados preliminares sobre o abate de bovinos nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Minas Gerais, relativos aos três primeiros trimestres de 1981, evidenciam um aumento de 3 pontos percentuais no abate de matrizes, em comparação com igual período de 1980 (1.213.961 contra 1.005.747). Dessa forma, o incremento no número de abates deveu-se quase exclusivamente ao aumento de matança de matrizes. A confrontação específica dos terceiros trimestres mostra que, em 1981, o abate de matrizes foi 9 pontos percentuais superior ao de igual período de 1980, ultrapassando o limite de 25%, considerado como a taxa normal de reposição de ventres férteis. Essa ultrapassagem, se consolidada, pode significar o início do declínio numérico do rebanho, pela redução de nascimentos já a partir do corrente ano.

A reação do pecuarista de aumentar o abate de matrizes tem caráter cíclico e ocorre toda vez que os preços da mercadoria atingem um patamar não remunerador dos custos do empreendimento. A coincidência de maior oferta de bois gordos com a fase recessiva da economia do país assinalou com características singulares o mercado de carne bovina em 1981. Se, por um lado, os pecuaristas reclamam com justiça da depreciação do produto, cuja cotação média real caiu 36,4%

em 1981, em relação ao ano anterior, os frigoríficos também não tiveram um ano de boa rentabilidade. A dificuldade de repasse dos preços do boi gordo ao mercado retalhista, às voltas com uma redução da demanda, acarretou uma série de transtornos financeiros, culminando com a retirada temporária do mercado de vários frigoríficos de grande porte, em São Paulo e outros Estados. É oportuno frisar que, muito provavelmente, a maior retração do consumidor em São Paulo deveu-se à incidência de forte desemprego no Estado. O consumidor final, por sua vez não fosse a fase recessiva da economia, teria sido beneficiado, já que a cotação média da carne bovina foi de Cr\$ 198,70/kg, representando um aumento de 66,57% sobre a cotação do ano anterior. Muito embora essa variação tenha sido superior em 12,8% à verificada para o boi gordo, há que ser destacado que se situou, mesmo assim, em patamar muito abaixo da inflação anual (95,2%).

Revela evidenciar que os preços do boi gordo e da carne bovina nos supermercados tivessem comportamento divergente ao longo do ano de 1981. No primeiro semestre, quando a cotação do boi gordo se manteve praticamente estável, o preço da carne bovina teve uma alta de 39,37%. Contrariamente, no segundo semestre, quando os preços do boi terminado tiveram um aumento de 42,82%, a variação dos preços no balcão dos supermercados foi bem menor, da ordem de 18,56%.

No sentido de aliviar a crise setorial gerada pelo aumento da oferta de carne bovina, a atuação governamental concentrou-se em duas frentes. No plano interno, dentro do programa de estocagem da carne bovina para atender o mercado na entressafra, a reserva reguladora, em 1981, apresentou um volume recorde de 263,5 mil toneladas. A dis-

tribuição de carne congelada, cujo canal principal é o supermercado, explica a discrepância do comportamento dos preços do boi gordo e da carne bovina a nível de consumidor, no segundo semestre de 1981. Subsiste sem explicação a alta inusitada nos supermercados, ocorrida no primeiro semestre, uma vez que o item boi gordo representa cerca de 70% nos custos dos frigoríficos. No plano externo, foi implementado um programa de intensificação da exportação de carne bovina, visando alcançar o nível de 300 mil toneladas em equivalente-carcaça, o que representaria um montante de divisas da ordem de US\$ 570 milhões. O ano escolhido para a retomada do mercado não foi muito propício, devido à queda contínua das cotações internacionais. Assim, prejudicado por razões de ordem interna (definição quanto ao ICM da carne, atraso na liberação dos recursos previstos na Resolução 674 da BACEN) e pelas condições prevaletentes no mercado internacional (desvalorização das moedas europeias em relação ao dólar, modificações cambiais na Argentina, restrições às compras dos países europeus), o valor das exportações deve ser da ordem de US\$ 435 milhões, 24% aquém da meta programada. Até outubro, segundo dados da CACEX, tinham sido exportadas 35,9 mil toneladas de carne "in natura" (US\$ 99,2 milhões), 77,2 mil toneladas de carne industrializada (US\$ 238 milhões) e 1,6 mil toneladas de extrato de carne (US\$ 21 milhões), correspondendo a ceca de 210 mil toneladas em equivalente-carcaça.

O menor volume de exportação deverá influenciar o nível do "carry-over" da COBAL, uma vez que parte do estoque regulador seria encaminhado ao mercado internacional. Assim, os estoques remanescentes em mãos do Governo deverão atingir um nível

significativo no começo de 1982. Essa situação deverá acarretar alguns transtornos ao pecuarista da região Centro-Sul, que, em função da baixa absorção do mercado interno, começará a pressionar o Governo no sentido de reiniciar as compras para aliviar temporariamente a oferta de bois prontos para abate, que, em 1982, deverá ser de 7% a 10% superior à do ano passado.

Embora não se conheça ainda o volume do "carry-over" da COBAL, sabe-se que deverá ser constituído em sua maior parte de carne de primeira, uma vez que, em alguns mercados, como o do Rio de Janeiro, já se verifica uma escassez na distribuição da carne congelada de segunda. Desse modo, os supermercados passarão a substituir a carne congelada de segunda por carne fresca, provocando uma alta média de 20,84% na carne fresca de segunda, de acordo com a nova tabela distribuída pela ASSERJ aos supermercados, em 5.1.82.

A antecipação das compras da COBAL para estocagem de entressafra poderá constituir-se num alívio temporário do mercado, tendo em vista a baixa absorção do mercado consumidor interno de carnes, cuja estrutura sofreu modificações substanciais com a expansão vertiginosa da produção avícola nos últimos anos. Paralelamente, a manutenção de um esquema exportador agressivo significará um reforço a mais no sentido de "enxugar" o excesso de oferta de bois gordos. No entanto, a criação de uma linha especial de crédito para a retenção de matrizes, medida já em cogitação na área governamental, evitaria uma turbulência maior no mercado em 1984, devido à escassez previsível de animais prontos para o abate, caso recrudescer a tendência atual de matança de ventres férteis. ●

"Agroanalysis" — janeiro de 1982.



4º LEILÃO FAZENDA SANTANA DO RIO ABAIXO

21 abril 4ª feira
(Feriado)

Fazenda Santana do Rio Abaixo
Jacareí - São Paulo
Km 165 da Via Dutra sentido Rio
São Paulo, em frente a Jacareí.

- * 20 NOVILHAS JERSEY P.O.
- * 150 NOVILHAS E VACAS BUFALAS
MISTIÇAS MURRAH
- * 50 NOVILHAS MISTIÇAS H.P.B.
e JERSEY
- * 10 NOVILHAS H.P.B.
- 4 POTRANCAS CRIOULAS
- 5 EQUINOS DE LIDA e ESPORTE

* ANIMAIS
DE EXCEPCIONAL
PRODUÇÃO LEITEIRA!



REMATE

Rua Melo Paqueta, 301

Tels.: 262-7161, 262-9781, 263-9024

62-4850 - CEP 05002

Programa de Cruzamentos Dirigidos PROCRUZA

De 16 a 20 de novembro passado, realizou-se em Brasília, o I Simpósio de Avaliação do Programa Nacional de Melhoramento Zootécnico — PRONAZEMO, com a presença de representantes de todas as associações responsáveis pelos principais projetos aprovados pelo Ministério da Agricultura. A Associação Brasileira de Criadores participa de três desses projetos — PROCRUZA, PRODADOS e PROTEGEL —, cuja evolução foi, na oportunidade, analisada e discutida. Todos os trabalhos ali apreciados, as conclusões e recomendações ao MA, tendo em vista a intensificação e ampliação desses trabalhos, com o necessário apoio financeiro do Ministério, vão ser reunidos e publicados nos Anais do Simpósio. Aqui se transcreve o apresentado pela ABC e elaborado pelo diretor técnico da entidade, Alberto Alves Santiago.

I — Introdução — As análises da pecuária brasileira revelam sempre os baixos níveis de produtividade dos rebanhos gerais. O destrute é normalmente baixo, com raras exceções de rebanhos situados nos principais centros criatórios da região Sul e em outras áreas, no Sudoeste.

Os rebanhos de raças aperfeiçoadas são em número relativamente reduzido, contrastando com o enorme contingente de gado bovino distribuído por todo o território nacional. Mesmo no Sul, onde predominam as raças européias, os índices zootécnicos são baixos, denotando falta de condições de manejo e nutrição, uma vez que não se pode considerar falta de adaptação ao meio ambiente.

No Brasil Central, predomina o gado de sangue zebu, compreendendo as raças puras e selecionadas e rebanhos gerais, em que o sangue de raças de origem indiana é uma constante.

As raças taurinas são, reconhecidamente, dotadas de elevado potencial genético para a produção de carne e leite; são precoces, mas são exigentes quanto ao trato e condições sanitárias. Falta-lhes, muitas

vezes, a adaptação ao meio subtropical e tropical.

As raças zebuínas estão perfeitamente adaptadas às nossas condições ecológicas; são pouco precoces e apresentam limitada capacidade de produção de carne e leite, nas condições que prevalecem na maior parte do território nacional.

Os cruzamentos entre taurinos e zebuínos constituem, assim, a solução lógica e prática para a pecuária brasileira, permitindo formar, a curto prazo, um rebanho com maiores índices de produtividade. Eis o fundamento do Projeto de Cruzamentos Dirigidos — PROCRUZA, estabelecido em comum acordo entre a Associação Brasileira de Criadores e o Ministério da Agricultura.

II — Cruzamentos — Os cruzamentos entre diversas raças bovinas, de diferentes origens, vêm sendo praticados de longa data em nosso país. Na realidade, pode-se dizer que constituem a norma vigente nos meios criatórios, porquanto a conservação de rebanhos puros representa praticamente a exceção. Naturalmente

não estamos incluindo os criadores e selecionadores que mantêm seus plantéis inscritos nos serviços de registro genealógico, das numerosas raças existentes no Brasil. Por isso, o grosso dos rebanhos é constituído de produtos cruzados, em variados graus de sangue, resultantes das mais diferentes raças, o que revela a falta de orientação na prática de cruzamentos.

As raças taurinas, oriundas de países desenvolvidos, situados na área temperada, alcançaram, em virtude de séculos de seleção e melhoramento genético, altos níveis de produção. Compete aos criadores situados na faixa intertropical, tirar partido desse trabalho, buscando sua adaptação ao novo ambiente, com recursos da moderna tecnologia agropecuária. Essa adaptação poderá ser alcançada, principalmente, através de cruzamentos bem planejados.

O zebu vale, sobretudo, pela sua resistência aos fatores adversos do ambiente: calor e umidade; deficiências alimentares; ação de endo e ecto parasitos e falta de boas técnicas de manejo.





Novo Projeto — Atendendo à representação da Diretoria Técnica da Associação Brasileira de Criadores, acompanhada de programa de trabalho, o Ministério da Agricultura baixou a Portaria n.º 02, de 21 de janeiro de 1976, que concedeu à Associação Brasileira de Criadores a inscrição n.º 35, do Cadastro das Entidades de Âmbito Nacional, atribuindo-lhe competência para executar o REGISTRO GENEALÓGICO e PROVAS ZOOTÉCNICAS das diversas modalidades de Cruzamentos Dirigidos, visando a formação de novos tipos e raças. O novo projeto, que recebeu a sigla PROCROZA, está enquadrado no PRONAMEZO — Programa Nacional de Melhoramento Zootécnico.

A preferência pela ABC decorreu de sua perfeita infra-estrutura e, principalmente, de sua longa tradição de serviços à pecuária nacional, podendo dar desempenho adequado ao Programa Nacional de Cruzamentos.

III — Finalidades — O PROCROZA tem como finalidades principais:

a) registro de animais já existentes, em diversos graus de sangue, resultantes de cruzamentos entre taurinos e zebuínos;

b) orientação quanto a novas formas de cruzamentos, partindo de reprodutores de raças aperfeiçoadas, existentes no país, e dos rebanhos de raças zebuínas, preferentemente utilizadas como base para as cruzas;

c) estudos para a avaliação de tipos já formados e em formação, para as diferentes condições ecológicas do território nacional;

d) estabelecimento das linhas gerais de padrões raciais dos diferentes tipos oriundos dos cruzamentos dirigidos ou já surgidos no meio brasileiro, em função de misturas diversas;

e) execução de provas zootécnicas dos animais inscritos no PROCROZA;

f) registro e controle de tipos em formação, para verificar sua viabilidade e conveniência para as nossas condições, cooperando para a formação de associações à parte;

g) cooperação com as Secretarias de Agricultura das unidades federativas, no sentido de ampliar o raio de ação do projeto;

h) assistência técnica às cooperativas de criadores, utilizando a estrutura da Extensão Rural e órgãos de fomento, no sentido de orientar os cooperados na prática dos cruzamentos e registros.

Enfim, o PROCROZA tem por objetivo orientar e disciplinar o trabalho de pecuaristas empenhados na produção de carne e leite, pela utilização do método de

reprodução em que intervêm reprodutores de diferentes raças dos grupos taurino e zebuino.

Um programa de cruzamento dirigido somente pode ser iniciado com o indispensável apoio do Ministério da Agricultura, que delega competência e dispõe de recursos para cooperar na execução do importante trabalho, que terá resultados indiscutíveis na elevação do desfrute e do rendimento dos rebanhos brasileiros.

A Associação Brasileira de Criadores conseguiu desempenhar satisfatoriamente as atribuições compreendidas nos itens acima, com exclusão das letras "g" e "h".

por lhe faltarem recursos humanos e financeiros. Entretanto, cuidou sempre da necessária assistência zootécnica e sanitária, graças ao seu serviço de veterinária, prestado aos associados e pecuaristas em geral.

III — Programação técnica — O esquema inicial de trabalhos abrangia diversos tipos de cruzamento, sempre intervindo uma raça zebuína e uma ou duas raças taurinas, tendo em vista a obtenção de gado para a produção de leite, para carne e tipos mistos. Foram assim estabelecidos alguns tipos de cruzamento, abrangendo os já em execução e programando outros que consideramos recomendáveis:

A — TIPOS LEITEIROS OU MISTOS

Cruzamentos	denominação
a) HOLANDES (Var. Verm.) x GIR	Girlando Vermelho
b) HOLANDES (Var. Preta) x GIR	Girlando Preto
c) HOLANDES (Var. Preta) x GUZERA	Guzolando Preto
d) HOLANDES (Var. Verm.) x GUZERA	Guzolando Vermelho
e) PARDO SUÍÇO x GUZERA	Lavinia
f) JERSEY x SINDI	Jerdi
g) JERSEY x ZEBU (Gir ou Guz.)	
h) GUERNSEY x ZEBU (Gir ou Guz.)	
i) RED POLL x GUZERA	Pitangueiras
j) FLECKVIEH (Simental) x GIR ou GUZERA	
k) NORMANDO x ZEBU	Normanzu

Facultativos

Outros tipos, com base em raças européas e zebuínas, preferivelmente Gir ou Guzerá, que são as mais numerosas.

B — TIPOS DE CORTE

Cruzamentos	denominação
a) ABERDEEN ANGUS x NELORE	Ibagé
b) CHIANTINO x NELORE	Caiúá
c) MARCHIGIANO x NELORE	Suizá
d) FLECKVIEH (Simental) x NELORE ou GUZERA	
e) PIEMONTESE x NELORE	

Facultativos

Outros tipos com base em raças européas e zebuínas, preferentemente, Nellore, Guzerá e Gir.

C — CRUZAMENTOS TRIPLÓS

(Tricórs)

Raças Intervinentes		
a) HOLANDESA	x GIR	x DINAMARQUESA VERMELHA
b) PARDA-SUÍÇA	x GUZERA	x CHIANINA
c) PARDA-SUÍÇA	x GUZERA	x MARCHIGIANA

Facultativos

Outros tipos, com base em duas raças taurinas e uma raça zebuína.

IV — Normas gerais — I — No desenvolvimento do Programa de Cruzamentos Dirigidos, a Associação Brasileira de Criadores está executando o registro genealógico e as provas zootécnicas e outros trabalhos zootécnicos, referentes a bovinos de qualquer raça, grau de sangue e modalidades de cruzamentos, obedecendo as determinações oficiais sobre o assunto e respeitada a competência das associações delegadas, nos termos da Portaria n.º 54, de 24 de outubro de 1974, baixada pelo antigo DNPA/DAGE.

2) Os criadores que desejam participar

do Projeto de Cruzamentos Dirigidos devem fazer o pedido de inscrição de seu rebanho e fazenda, por escrito, prestando todos os esclarecimentos e comprometendo-se a se submeter e cumprir os termos de seu Regulamento.

3) A inscrição, todavia, está condicionada ao exame da propriedade e dos rebanhos e reprodutores, dos pontos de vista sanitário e zootécnico. Após essa providência, a propriedade é cadastrada para efeito do PROCROZA.





4) A inscrição dos rebanhos de fundação é feita mediante o exame dos animais integrantes e dos reprodutores esmaltados, quando se trata de animais pulchros, registrados nas respectivas associações, os técnicos encarregados se limitam a anotar ou transcrever os dados de identificação e registro, emitindo cópias xerográficas de seus certificados; no caso de animais não registrados ou já mestiços, é feita a sua identificação, marcação e registro em livros ou fichas próprias.

5) Cumpridas as exigências básicas, o criador passará a comunicar regularmente as coberturas realizadas, ou as inseminações, nas propriedades onde for utilizado o sistema.

6) Após a parição, o criador tem o prazo de 90 (noventa) dias para a comunicação do nascimento dos produtos cruzados ou mestiços. Tanto para as comunicações de parições, como para as amputações, devem ser utilizados os formulários fornecidos pela Associação Brasileira de Criadores, ou, eventualmente, através de carta com todas as informações determinadas pelo Regulamento.

7) Os produtos resultantes dos cruzamentos das raças de corte e mista devem ser incluídos no serviço de Controle do Desenvolvimento Ponderal, tanto os machos como as fêmeas; para os cruzamentos de tipos leiteiros, o Controle Ponderal é facultativo.

8) No programa de cruzamentos de raças leiteiras, o Controle da Produção do Leite é obrigatório para os produtos cruzados e facultativo para as vacas de fundação.

9) A Associação fornece, mediante pedido do criador, os Certificados de Registro Provisório e Definitivo dos produtos de cruzamento, bem como os Certificados de Produção.

10) Para a execução do Controle do Desenvolvimento Ponderal e do Controle Leiteiro, são adotados os regulamentos e específicos estabelecidos pela ABC e devidamente aprovados pelo Ministério da Agricultura. Nas provas de ganho de peso serão adotadas as normas do Instituto de Zootecnia, da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo.

11) Todos os dados zootécnicos obtidos nos trabalhos de cruzamentos dirigidos serão encaminhados ao Centro de Processamento, Análise e Interpretação, mantido pela ABC, por delegação do Ministério da Agricultura, quando referidos ao Controle Leiteiro, os resultados do Controle Ponderal serão oportunamente analisados, quando o volume de dados comportar a interpretação estatística.

Os trabalhos do Registro Genealógico são conduzidos dentro da sistemática fi-

xada pelo Ministério da Agricultura e constantes do regulamento vigente na Associação Brasileira de Criadores. Foi adotado o sistema de identificação através da numeração, com tatuagem na orelha, em ordem sempre crescente, independente do tipo de cruzamento ou propriedade visitada, isto é, há uma numeração única para todos os animais resultantes de cruzamentos, sejam machos ou fêmeas. Os animais de Registro Provisório, ou sejam, os filhos de pais registrados e que tiveram o seu nascimento devidamente comunicado, na forma do regulamento, recebem numeração estabelecida na fazenda, mas devem ser inspecionados e controlados por inspetor da ABC, podendo receber então o certificado correspondente. Quando o rebanho for muito grande, a numeração poderá ser anual, mas deve receber o carimbo correspondente ao ano.

Os produtos de cruzamentos alternados, para quaisquer raças ou tipos de cruzamentos, são identificados quanto ao grau de sangue, de acordo com prefixos próprios.

Sistema de Identificação — Para identificação do grau de sangue e da geração, adotaram-se os seguintes prefixos, que são tatuados antecedendo o número de ordem:

a) M1 — corresponde à primeira geração (1/2) ou de meio-sangue europeu-zebu ou zebu-europeu (a primeira designação corresponde à raça do touro);

b) M2 — corresponde à segunda geração (3/4) ou de três- Quartos de zebu e um-Quarto de sangue europeu;

c) 2M — corresponde à segunda geração (3/4) ou de três- Quartos de europeu e (1/4) um-Quarto de sangue zebu;

d) MX3 — corresponde à terceira geração (de retorno à raça melhorante), com (5/8) cinco- Oitavo de sangue europeu e (3/8) zebu. É a forma mais usada;

e) 3MX — corresponde também à terceira geração, mas de retorno ao zebu, com (5/8) cinco- Oitavo zebu e (3/8) três- Oitavo de sangue europeu. Grau de sangue menos utilizado;

g) B1 — corresponde à quarta-geração do cruzado alternado, resultante do acasalamento de touro (3/8) europeu e (5/8) zebu, com vaca de mesmo grau de sangue, dando o chamado bimestiço.

Os produtos bimestiços e sua descendência podem vir a receber denominações próprias, quando se tratar de novos ecotipos ou raças em formação, como é o caso do Canchim ou do Lavínia.

Quando se trata de cruzamentos triplos, a convenção difere, usando-se os seguintes prefixos:

a) M1 — para os produtos oriundos da primeira geração cruzada, (1/2) meio-sangue, portadores de sangue de raça europeia e raça zebuina, em proporções iguais;

b) T1 — para os produtos correspondentes à segunda geração, resultantes do acasalamento de touro europeu de outra raça, com fêmeas (1/2) meio-sangue europeu-zebu, sendo chamado tricíro;

c) TX — para os produtos resultantes de touros tricíros com vacas também tricíros, sendo por isso chamados trimestiços.

Evidentemente, a formação de novas raças, resultantes de cruzamentos dirigidos, é tarefa difícil e morosa, exigindo conhecimentos de Zootecnia e Genética Animal.

V — Trabalhos executados — O Projeto de Cruzamentos Dirigidos teve início no ano de 1976, logo após a aprovação de seu Regulamento pelo Ministério da Agricultura. A direção técnica da ABC é a responsável por todo o projeto, isto é, pela execução dos trabalhos de registro e aplicação dos recursos provenientes do Ministério.

Inicialmente, foi feita uma campanha de promoção e esclarecimento aos pecuaristas, mostrando a finalidade do Projeto, o sistema de trabalho e a participação dos criadores em geral. Foram elaborados diversos comunicados à imprensa, especialmente pela Revista dos Criadores, órgão de divulgação da Entidade. Em exposições, feiras e concursos, promovemos reuniões com técnicos e pecuaristas, expondo as vantagens dos cruzamentos programados, em lugar das cruzas desordenadas efetuadas por muitos criadores, em todas as regiões do país.

Nossos trabalhos alcançaram diversas unidades da Federação, especialmente Minas Gerais, Paraná, Bahia, Goiás, Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Distrito Federal. O contingente registrado em cada um desses Estados tem variado de ano para ano, dependendo das solicitações e da possibilidade da realização de viagens.

Procurando demonstrar os trabalhos realizados, juntamos quadros diversos que integram o Relatório Anual referente ao exercício de 1980, onde constam os Estados, o número de registros, as modalidades de cruzamentos e o contingente inscrito nos Livros Genealógicos.

O interesse despertado pelo PROCRAZA superou largamente as nossas expectativas, sobretudo em vista das solicitações vindas de Estados e regiões distantes, carentes de assistência técnica prestada pelo Poder público. Entretanto, o





seu atendimento tem estado condicionado à existência de recursos para o custeio das despesas de transporte, hospedagem e alimentação.

VI — Associações subdelegadas — Objetivando contornar as dificuldades acima citadas, a Associação Brasileira de Criadores decidiu delegar competência a entidades de âmbito estadual ou regional, para atender aos pedidos de criadores situados em áreas muito afastadas de sua sede em São Paulo.

Atualmente, o PROCRUZA tem tido a colaboração das seguintes entidades, com as quais fizemos Contratos, devidamente homologados pelo Ministério da Agricultura:

— **SOCIEDADE NORDESTINA DOS CRIADORES**, de Recife, para toda a região do Nordeste;

— **ASSOCIAÇÃO GOIANA DOS CRIADORES DE ZEBU**, sediada em Goiânia, para o Estado de Goiás;

— **ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DO PLANALTO**, para Brasília e municípios da região geo-econômica do Distrito Federal;

— **ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE GADO DE LEITE DO TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO PARANAÍBA** — ASSOLEITE, sediada em Uberaba, para ampla região do Estado de Minas Gerais;

— **SOCIEDADE RURAL DO PARANÁ**, com sede em Londrina, atuando naquele importante Estado;

— **ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DO CEARÁ**, de Fortaleza, com contrato dependendo de homologação pelo MA.

Diretamente subordinados à ABC, em São Paulo, estamos com dois zootecnistas credenciados, um operando no Estado da Bahia, e outro no Estado do Rio de Janeiro.

Infelizmente, não dispomos de recursos suficientes para efetuar repastes para algumas daquelas entidades, mas também o processo de prestação de contas é excessivamente complexo, para ser feito a contento por associações que não dispõem do necessário "know-how".

VII — Conclusão — em resumo, de acordo com levantamento efetuado para o Relatório do primeiro semestre do corrente exercício, em nossos Livros Genealógicos figuram 913 produtos cruzados, com Registro Provisório, sendo 276 machos e 637 fêmeas; os Registros Definitivos alcançaram 17.142, sendo 498 machos e 16.644 fêmeas. Esse contingente, bastante considerável, reflete todo o nosso esforço, no sentido de cumprir os compromissos assumidos com o Ministério da Agricultura e com a classe dos pecuaristas brasileiros.

Para a plena execução do Projeto que lhe foi confiado, a Associação Brasileira de Criadores assumiu compromissos legais e financeiros, decorrentes da contratação de funcionários devidamente capacitados, para os trabalhos de campo e de escritório. Com os encargos sociais e a atual política salarial, os compromissos crescem continuamente, e em ritmo bastante acelerado.

Todavia, o Ministério da Agricultura não tem proporcionado recursos para um trabalho em plena expansão, isto é, com custos crescentes. As subvenções não têm sido reajustadas devidamente, face à desvalorização da moeda nacional.

Para agravar a situação, vemos de ano para ano crescerem as exigências do Ministério da Agricultura, estabelecendo condições que tornam cada vez mais difícil a utilização da verba federal. Essa é liberada sempre com atraso e em pequenas parcelas, tornando problemático o emprego desses recursos, de modo a atender as necessidades reais dos serviços.

Esta é a oportunidade para lembrar aos responsáveis pelos Projetos do Ministério da Agricultura, a cargo das Associações Brasileiras de Criadores, que não mais será possível desenvolver, ampliar e aperfeiçoar nossos trabalhos. Pelo contrário, vamos indubitavelmente, entrar em fase de redução do volume de serviços prestados. Enceramos com acentuado pessimismo o futuro exercício de 1982, em vista das limitações que nos estão sendo impostas pelos responsáveis pela execução financeira dos Projetos, totalmente alheios aos seus objetivos e desconhecendo as finalidades e particularidades dos serviços de Registro Genealógico. As exigências burocráticas aumentaram consideravelmente, em ocasião em que o Governo Federal programa a desburocratização da administração pública, um dos melhores entraves ao nosso progresso econômico e social.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES, 12 de novembro de 1981.

ALBERTO ALVES SANTIAGO
Diretor Técnico

REGISTROS GENEALÓGICOS

Produtos Cruzados

Registros efetuados nos anos de 1976, 1977, 1978, 1979, 1980, 1981.

Ano	REGISTROS PROVISÓRIOS			REGISTROS DEFINITIVOS		
	Machos	Fêmeas	Total	Machos	Fêmeas	Total
1976	—	24	24	—	1.130	1.130
1977	—	—	—	19	1.067	1.086
1978	6	175	181	75	2.831	2.906
1979	60	83	143	61	3.982	4.043
1980	25	139	164	280	4.998	5.278
1981	298	330	628	129	5.420	5.549
	389	751	1.140	564	19.428	19.992
RESUMO:						
TOTAL de Registros Provisórios				1.140		
TOTAL de Registros Definitivos				19.992		
TOTAL GERAL				21.132		

Estes laboratórios estão a seu dispor

A Associação Brasileira de Criadores dispõe de um excelente Laboratório de Análises, subordinado ao seu Departamento Técnico e integrando o Serviço de Assistência Veterinária, que vem sendo melhorado em sua estrutura e organização, tendo em vista intensificar a assistência técnica prestada aos associados e criadores em geral. O serviço conta com profissionais altamente capacitados para prestar orientação no tocante às medidas de ordem sanitária que devem ser implantadas nas propriedades, tendo em vista a sanidade dos rebanhos e melhor qualidade dos produtos de origem animal, especialmente a produção leiteira.

Os trabalhos dos médicos veterinários da ABC vieram a ser facilitados e completados com a instalação do laboratório para exames e análises, muito bem equipado, em condições de efetuar assistência mais ampla e controlar o resultado de vacinações e tratamentos. Por outro lado, o laboratório barateia sensivelmente os

custos do serviço de assistência veterinária, que eram onerados freqüentemente com despesas decorrentes de exames confiados a laboratórios particulares. As taxas são bastante módicas.

O Laboratório da ABC está devidamente aparelhado para exames: hematológicos, urina, leite, pesquisa de germes e bacilos diversos, líquido céfalo-raquidiano e para diagnóstico de tuberculose, brucelose, mastites e outros. Está credenciado pelo Serviço de Defesa Sanitária Animal, do Ministério da Agricultura, para realizar exames de imuno-difusão para diagnóstico da anemia infecciosa equina, autorização raramente concedida a organizações não oficiais.

SEMENTES

Também o Laboratório de Sementes é credenciado pelo Ministério da Agricultura, pela portaria n.º 070/81. A ABC comercializa anualmente um grande volu-

me de sementes selecionadas de gramíneas, leguminosas e plantas forrageiras em geral. Essas sementes são de várias origens, produzidas por associados, adquiridas de produtores particulares ou, ainda, de empresas especializadas na produção e comercialização desse material. Todo esse material de reprodução vegetal passa por rigorosos exames e testes no laboratório. De todos os lotes e partidas, quer sejam sementes da ABC ou enviadas por particulares, são colhidas amostras para análises, garantindo a qualidade do material ou tirando dúvidas quanto ao seu valor germinativo. Do material examinado, é conservada pequena quantidade para contraprovas, quando necessárias. Assim, a ABC garante a confiabilidade dos produtos que fornece aos associados e pecuaristas em geral, devidamente acompanhados de certificados de análises.

Ambos os laboratórios funcionam no prédio da nova loja, no bairro do Jaguaré, em São Paulo.

3.ª PUBLICAÇÃO

AVISO AOS SRS. SÓCIOS REMIDOS DA ABC

Por exigência estatutária, necessitamos saber, exatamente, o número atual dos nossos Sócios Remidos. Para atualizarmos o nosso cadastro social, solicitamos que todos os Srs. Sócios Remidos preencham e nos devolvam o cupom abaixo, o mais rapidamente possível, endereçando-o à

Associação Brasileira de Criadores
Rua Jaguaribe, 634
CEP 01224 — São Paulo — SP.

Esta publicação, feita em 3 edições consecutivas da Revista dos Criadores, tem o cunho de notificação. Decorridos 30 dias, após a última publicação, o Sócio Remido que não tiver atendido a esta notificação, será considerado extinto.

A Diretoria

A

Associação Brasileira de Criadores

Sócio Remido:

Data de Nascimento:

RG: CPF:

End. p/ correspondência: tel.:

End. comercial tel.:

...../...../198.....

Assinatura

REPRODUTORES

CHIANINA X NELORE

Para produção de melhores novilhos de corte.

RUSTICIDADE - FERTILIDADE - PRODUTIVIDADE



1

Fêmeas meio sangue Chianina e Nelore de primeira cria, em regime exclusivo de pasto

2

Tourinhos meio sangue Chianina e Nelore de dezoito meses de idade, com peso médio de 410 kg, obtidos em condições naturais de campo

3

Novilhas meio sangue Chianina e Nelore de dezoito meses de idade, pesando em média 360 kg, em regime de pastagem direta

FAZENDA OLHOS D'ÁGUA Octacílio Molan

ENDEREÇO DA FAZENDA
Rodovia Raposo Tavares, km 255, Itai, SP.
Seguir pela Avenida Holambra II
até a Casa das Flores, orientando-se
pelas setas indicativas.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
E CONTATO
Avenida Faria Lima, 1409, 14.º andar,
CEP 01451, Caixa Postal 20.890,
(fones: 813-6627 e 212-6396, São Paulo, SP)

O GRANDE CAMPEÃO CHIANINA

Em Presidente Prudente-81



Santeiro GM — Nasc. em 12-11-79 — Peso 983 kg. Filho de Plutonio da GM e de Nausica — 1.º prêmio, Campeão Touro Jovem e Grande Campeão da raça em Presidente Prudente — 1981 — 1.º prêmio da categoria também na 1.ª Expande-81 — São Paulo.

Este extraordinário reprodutor encontra-se em coleta na Agropecuária Lagoa da Serra, fornecendo sêmen para o meticoloso trabalho de cruzamento Chianina x Nelore que vem sendo realizado pelo seu proprietário José Gímenes Soares na FAZENDA TELES PIRES, localizada na Rodovia Cuiabá-Santarém no

município de Colider, distrito de Canaã, região pioneira no Mato Grosso do Norte, em plena Amazônia Legal. Este trabalho do criador José Gímenes Soares visa aquele ideal de todos os criadores de raças de corte: Mais carne em menos tempo e este ideal já vem sendo obtido pelos excelentes

resultados observados na produção de meio sangue e 3/4 de sangue (conforme pode ser visto na capa desta edição). Com seu pioneirismo na Cuiabá-Santarém o criador espera em breve equiparar aquela região aos melhores centros de seleção de pecuária de corte do Brasil.

FAZENDA TELES PIRES

Mun. de Colider — dist. de Canaã — Rod. Cuiabá-Santarem — Mato Grosso do Norte

**Exposição de vendas de reprodutores Chianina x Nelore
1/2 Sangue e 3/4 de Sangue.**

Vendas também de reprodutores Caprinos, Suínos e Ovinos deslançados

FAZENDAS S. JOSÉ DO CONCHAL-Mogi Mirim - SP

Rod. SP-340 — Km 165/6 — Tels.: (0192) 63-0104 — 63-0584 e 63-0666

A raça Chianina no Brasil

LUIZ PAULIN NETO



Estudos feitos no país verificaram a ausência de partos distócicos ou difíceis nos cruzamentos de Chianina com vacas zebu, praticados em número crescente.

Com uma extensão territorial de 8.500.000 km², o Brasil dispõe de condições excepcionais para a bovinocultura, possuindo grandes áreas aproveitáveis, com características climatológicas que variam desde a temperada da região Sul até a tropical úmida da região Norte. Apresenta, pois, a pecuária brasileira, considerável potencialidade, estando em fase de contínuo melhoramento zootécnico.

Segundo levantamentos estatísticos, o rebanho brasileiro é dos mais expressivos do mundo, girando em torno de 100 milhões de cabeças, tendo por base as raças originárias da Índia, trazidas no fim do século passado e nas primeiras décadas do atual. Os reprodutores indianos, introduzidos nos rebanhos de gado crioulo ou

nativo, foram absorvendo as populações bovinas nacionais, com tal intensidade que, nos dias atuais, grande parte do rebanho brasileiro apresenta, em maior ou menor grau, o sangue zebu.

Depois da Índia, o Brasil é possuidor do maior rebanho zebuino, cuja qualidade se eleva gradativamente, graças aos trabalhos seletivos. Aliás, em todo o vasto mundo tropical, os zebuínos são os preferidos para a formação de uma pecuária capaz de garantir os dois alimentos fundamentais: carne e leite.

Há um quarto de século, precisamente em 1956, os brasileiros foram buscar a Chianina na Itália. De uma pequena importação inicial, constante de 2 machos e 6 fêmeas, outras se seguiram ao longo dos anos, conforme o quadro 1.



1 — IMPORTAÇÃO BRASILEIRA DE REPRODUTORES CHIANINA

Procedência	Reprodutores		
	Ano	Machos	Fêmeas
Itália	1956	2	6
Itália	1964	18	41
Itália	1967	1	5
Itália	1968	20	80
Itália	1969	2	8
Itália	1970	1	5
Itália	1971	11	65
Itália	1972	28	88
Itália	1973	21	111
Itália	1974	14	50
Itália	1975	9	30
Itália	1976	6	44
Uruguai	1976	6	—
Itália	1978	8	30
Reino Unido	1978	3	8
Uruguai	1979	2	—
Itália	1979	30	113
Uruguai	1980	13	—
Itália	1980	5	9
Total geral	—	200	693

Fonte: ABCC

Além desses 893 animais Chianina indicados, o país também importou sêmen, num total de 31.786 doses, como se mostra no quadro 2.

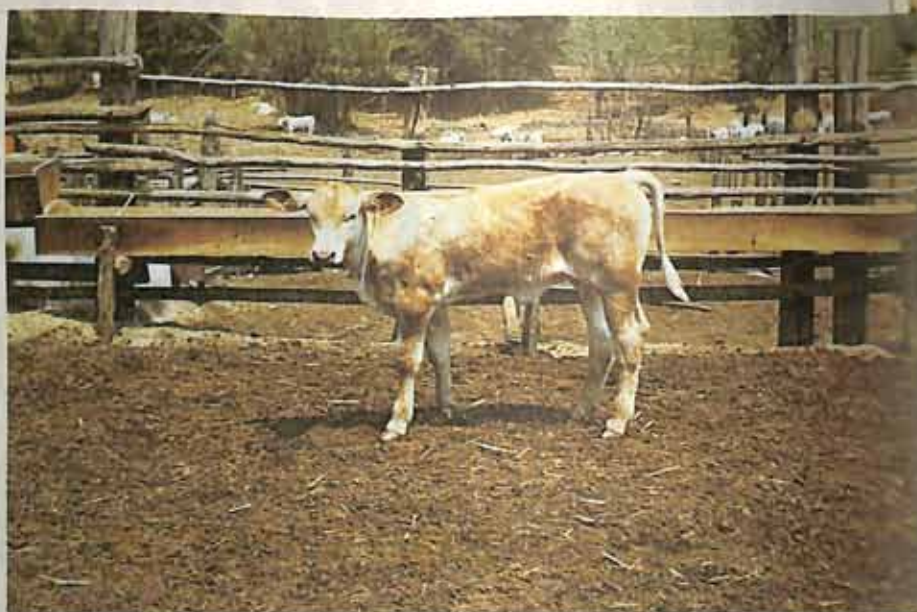
2 — IMPORTAÇÃO DE SÊMEN DE CHIANINA, PELO BRASIL

Procedência	Ano	Doses
Itália	1970	1.200
Itália	1971	500
Itália	1972	3.000
Itália	1973	12.400
Itália	1977	5.186
Itália	1978	5.000
Itália	1979	1.500
Itália	1980	1.000
Total	—	31.786

Fonte: Ministério da Agricultura.

Barissom Villares, estudando detalhadamente os bovinos Chianina no Brasil, concluiu que eles revelaram notável habilidade de tolerância ao calor, comparável à dos zebuínos, nas condições tropicais do Estado de São Paulo, e demonstraram apreciável eficiência, quer na população de origem importada, quer nos seus descendentes nacionais, quer nos seus mestiços de primeira geração, evidenciando habilidade de melhorar algumas características da vida reprodutiva dos zebuínos.

Ainda segundo estudos de Villares, do ponto de vista produtivo durante a vida, os 1/2 Chianina-zebu conseguiram reduzir a idade de abate para a faixa de 30 a 33 meses, mantendo o peso vivo segundo as preferências do mercado, sob as condições vigentes de exploração pastoril na linha do trópico no Brasil. Esse mesmo pesquisador verificou, ainda, a ausência de anti-qualidade dos partos distócicos ou



Este animal é produto de pai com meio-sangue Chianina e vaca leiteira, tipo de cruz já menos praticado.

difíceis nos acasalamentos com matrizes de raças zebuínas, além de detectar habilidade combinante nos cruzamentos simples e triplos, para ganho de peso no processo de produção de carne.

Portanto, é lícito admitir que a raça Chianina está reservado importante papel na pecuária brasileira.

Estimativas dizem que mais de um milhão de cabeças de bovinos existentes no Brasil possuem sangue Chianina. Incontestável é que machos Chianina PO e de vários graus de sangue são intensamente utilizados na cobertura de fêmeas zebuínas, azebuadas e taurinas, visando a imprimir nos descendentes esta ou aquela qualidade de que a raça italiana é portadora.

ASSOCIAÇÃO

Em 1969, foi fundada a Associação Brasileira de Criadores de Chianina — ABCC, que, como entidade de classe, visa preservar o mérito da raça e defender os interesses comerciais dos associados. De início, tomou a si a incumbência do registro genealógico, pois, como entidade reconhecida e registrada no Ministério da Agricultura, filia-se às normas zootécnicas estabelecidas por esse órgão federal, em matéria de melhoramento zootécnico de bovinos de corte no Brasil.

Presentemente, a ABCC conta com 232 associados, número que não demonstra a relativa participação da Chianina na pecuária brasileira, visto que são encontradas criações de Chianina, puros ou mestiços, em todos os Estados do Bra-

sil, além da intensa utilização de material fecundante, visando o aumento do desfrute e, afinal, a melhoria na produção de carne.

A principal responsabilidade da ABCC é a manutenção do Registro Genealógico da raça, e a grande maioria dos animais com sangue de Chianina tem o destino industrial.

A sede da ABCC situa-se na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, havendo entidades filiadas nas capitais dos Estados do Rio Grande do Sul, Goiás e Bahia, além de uma delegada, a Sociedade Nordestina dos Criadores, com sede na capital do Estado de Pernambuco.

REGISTRO GENEALÓGICO

De acordo com levantamento efetuados, o resumo dos registros realizados até maio de 1981 é apresentado nos quadros 3 e 4.

Registrando, inicialmente, apenas animais puros de origem, a ABCC, posteriormente, estendeu o registro também para mestiços, e, bastante recentemente, estabeleceu três linhas de cruzamentos para fim de registro genealógico, visando tanto a expansão da raça no país, como a sua rápida contribuição para o melhoramento da pecuária nacional de corte, além da formação de nova raça bovina para o mundo tropical.

A linha de Puros por Cruzamento (PC) inclui os produtos resultantes de acasalamento com machos PO ou PC, registrados conforme quadro 5.



3 — REGISTROS REALIZADOS ATÉ MAIO — 1981

Reprodutores	Provisório			Definitivo		
	Machos	Fêmeas	Total	Machos	Fêmeas	Total
Puros de Origem	1.630	1.507	3.137	820	1.564	2.384
Mestiços	14.996	15.770	30.766	(*)	6.420	6.420

(*) Somente serão registrados machos PC (quinta geração).
Fonte: ABCC.

4 — REGISTROS POR GRAU DE SANGUE

Grau de sangue	Provisório			Definitivo		Total geral
	Machos	Fêmeas	Total	Machos	Fêmeas	
1/2	10.636	11.298	21.934	5.524	—	27.458
3/4	2.280	2.190	4.470	743	—	5.213
7/8	266	280	546	89	—	635
15/16	38	48	86	15	—	101
PC	7	8	15	—	—	15
1/4	1.105	1.190	2.305	—	—	2.305
5/8	225	219	444	49	—	493
Bimestiço	198	251	429	—	—	429
Outros	251	306	557	—	—	557
Total	14.996	15.770	30.766	6.420	—	37.186

Fonte: ABCC.

5 — LINHA DE PUROS POR CRUZA

Reprodutor	Vaca	Produtos a serem registrados
PO ou PC +	Não Chianina	= 1/2 — ambos os sexos
PO ou PC +	1/2	= 3/4 — ambos os sexos
PO ou PC +	3/4	= 7/8 — ambos os sexos
PO ou PC +	7/8	= 15/16 — ambos os sexos
PO ou PC +	15/16	= 31/32 ou PC — ambos os sexos
PO ou PC +	PC	= PC — ambos os sexos

A linha de cruzamentos industrial visa propiciar a rápida difusão das características da raça Chianina na massa de bovinos de corte no país. A ABCC admite o uso de touros mestiços Chianina, de modo a conseguir produtos machos e fêmeas de vários graus de sangue Chianina para fins de registro genealógico. Além dos graus de sangue admitidos na Linha de Puros Por Cruzamento, isto é, 1/2, 3/4, 7/8, 15/16 e PC, são aceitos os produtos machos e fêmeas com 1/4, 3/8 e 5/8 de sangue Chianina para fins de registro genealógico.

A linha de cruzamento de Bimestiço quer, ao longo do tempo, tentar a formação de nova raça bovina com sangue de Chianina para as regiões tropicais brasileiras e outras. Por isso, a ABCC admite, para fins de registro genealógico, os produtos de cruzamentos de bimestiços resultantes de acasalamento entre mestiços portadores do mesmo grau de sangue Chianina, ou seja, com 1/4, 3/8, 1/2, 5/8, 3/4, 7/8 e 15/16 graus de sangue Chianina.

Durante os próximos anos, após a realização de estudos adequados, a ABCC determinará definitivamente o grau de sangue para fixação de nova raça bovina com sangue Chianina, com base no seu comportamento adaptativo e de seu desempenho reprodutivo e produtivo para carne nos trópicos.

SEMEN

Segundo a estratégia de desenvolvimento econômico nacional, o Brasil luta para assumir sua vocação de supridor mundial de alimentos, matérias-primas agrícolas e produtos agrícolas industrializados. Com seu enorme potencial de fatores produtivos, o país apresenta condições de plena viabilidade para a consecução de tais aspirações, notadamente em relação à pecuária bovina, a quem cabe uma importante tarefa no desempenho do setor, conforme afirma Warmling.

No entanto, a partir do atual estágio, tal objetivo, para um país onde os índices de produtividade dos rebanhos não são ainda de entusiasmar, significa uma grande concentração de esforços que possa acelerar a aplicação de tecnologia suficiente para modernizar os métodos e as técnicas de criação.

A inseminação artificial já faz parte do quadro da realidade brasileira. Sua contribuição, como tecnologia moderna, ao desenvolvimento da pecuária, que segundo os dados aqui apresentados assume significativa expressão econômica, tem, ao mesmo tempo, permitido uma crescente expansão do parque industrial e comercial e da prestação de serviços.

A inseminação artificial foi implantada no Brasil em 1948. Ao iniciar a década de 70, o Governo Federal já estimulava a transferência de suas atividades executi-



Este tourinho da raça Chianina foi um dos bons animais apresentados em Avaré, em 81.

6 — PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE SÊMEN NO BRASIL (DOSES)
1975/1979

Anos	1975		1976		1977		1978		1979		Total geral		
	Prod.	Com.	Prod.	Com.	Prod.	Com.	Prod.	Com.	Prod.	Com.	Prod.	%	Com.
Raças													
Nelore	652.635	386.100	589.535	402.333	419.674	254.808	223.367	213.239	286.061	264.129	2.171.272	47,27	1.520.609
Chianina	94.252	67.546	109.941	53.984	88.066	50.528	72.480	44.815	71.424	68.433	436.163	9,50	285.306
Gir	80.374	49.124	94.131	56.187	44.733	27.912	29.666	36.278	71.494	51.135	320.378	6,98	220.636
Nelore Mocho	58.926	33.863	76.936	47.544	53.870	29.713	29.333	22.367	71.404	42.367	290.469	6,32	175.854
Charolês	35.136	13.593	37.982	19.836	72.273	25.402	71.127	34.992	36.954	53.966	253.472	5,52	147.789
Simental	35.640	19.165	42.917	25.946	55.003	20.562	27.763	24.156	28.133	26.494	222.485	4,84	133.294
Indubrasil	42.221	20.277	60.979	34.009	65.931	11.726	34.310	25.621	81.863	36.599	285.304	6,21	128.232
Guzerá	59.830	29.856	54.313	29.225	37.993	14.927	15.225	22.717	30.850	29.712	198.211	4,32	126.437
Sta. Gertrudes	26.360	5.339	56.093	25.478	41.526	22.249	22.160	22.920	28.698	27.599	174.837	3,81	103.585
Marchigiana	15.916	17.993	35.950	12.399	35.134	17.948	47.277	29.570	25.410	20.193	159.687	3,48	98.103
Tabapuá	21.783	19.766	25.063	17.740	13.212	7.386	4.933	7.383	15.606	15.332	80.599	1,75	67.607
Total	1.123.053	662.622	1.216.871	741.632	927.415	483.161	577.641	484.058	747.897	635.959	4.592.877	100,00	3.007.452

Levantamentos da ABCC — 1980 — Chianina — produção de 72.057 doses e comercialização de 72.411 doses.

Fonte: Ministério da Agricultura.

vas na industrialização de sêmen e na prestação de assistência técnica, através do apoio à cooperativas e órgãos de classe. Só a partir de 1972, a iniciativa privada começou a investir na indústria, torvando a inseminação artificial grande impulso. Hoje, o país conta com excelentes centrais de inseminação artificial, comparáveis às mais avançadas do mundo.

Há muitos anos, a raça Chianina se vem posicionando como a segunda raça de corte no Brasil na produção e comercialização de sêmen, sendo suplantada apenas pela zebuína Nelore. Cabe esclarecer que a raça Nelore destaca-se tanto pelo rebanho — que atualmente é o primeiro em número de cabeças como pelas qualidades que a vem tornando cada vez mais estimada por criadores de todo o país. O Nelore possui pele preta e pelos brancos, semelhantemente ao Chianina, e os produtos nascidos do cruzamento entre

ambos mantêm a uniformidade da pelagem, muito a gosto dos criadores.

Vale a pena mencionar que a raça Chianina está dando excelentes produtos nos cruzamentos com zebuínos presentes na pecuária brasileira, tanto no comportamento como na qualidade de carcaça.

Conforme se pode observar no quadro 6, é bastante expressiva a produção e comercialização de sêmen de Chianina, suplantando raças zebuínas, populacionalmente expressivas no País e, também, outras de origem européia.

Fazendo-se uma avaliação do número médio de doses de sêmen obtidos por reprodutor/ano pelas Centrais de Inseminação, conforme o quadro 7, verifica-se que a raça Chianina tem os touros com melhor coeficiente de aproveitamento ao longo dos anos.

PROVAS ZOOTÉNICAS

Para avaliação do potencial da Chianina e seus mestiços, estão sendo utilizadas diversas provas zootécnicas, das quais cumpre destacar o Controle de Desenvolvimento Ponderal e a Prova de Ganho de Peso.

O Controle de Desenvolvimento Ponderal recolhe dados preciosos para seleção de reprodutores e melhoramento do rebanho, proporcionando, ao mesmo tempo, elementos para avaliação dos resultados econômicos. Permite, ainda, ao criador acompanhar o desenvolvimento dos seus bovinos, tendo em mãos informações para julgar as melhores épocas de nascimento e desmama, as qualidades maternas das reprodutoras e outras mais.

Através de pesagens a cada 90 dias, a Associação Brasileira de Criadores de



7 — REPRODUTORES EM COLETA E PRODUÇÃO MÉDIA ANUAL

ANO	1975		1976		1977		1978		1979	
	N.º em Coleta	Doses Média/Rep.	N.º em Coleta	Doses Média/Rep.	N.º em Coleta	Doses Média/Rep.	N.º em Coleta	Doses Média/Rep.	N.º em Coleta	Doses Média/Rep.
RAÇAS										
Nelore	281	2.322	249	2.368	221	1.898	252	846	131	2.184
Chianina	36	2.618	29	3.791	28	3.145	34	1.318	25	2.857
Gir	93	864	53	1.776	41	1.091	80	453	26	2.750
Nelore Mocho	38	1.551	32	2.406	26	2.071	36	621	25	2.856
Charolês	4	8.784	9	4.220	16	4.517	22	1.590	17	2.174
Simental	21	1.697	31	2.450	23	2.391	30	805	20	1.407
Indubrasil	21	2.610	23	2.651	31	2.126	46	556	22	3.721
Guzerá	46	1.301	26	2.080	29	1.310	30	757	19	1.624
Sta. Gertrudes	17	1.351	21	2.671	19	2.185	28	818	13	2.208
Marchigiana	10	1.592	10	3.595	13	2.702	24	1.232	16	1.588
Tabapuá	13	1.676	12	2.089	8	1.651	10	738	8	1.951

FONTE: Ministério da Agricultura

2 Grandes Campeões produzindo campeões

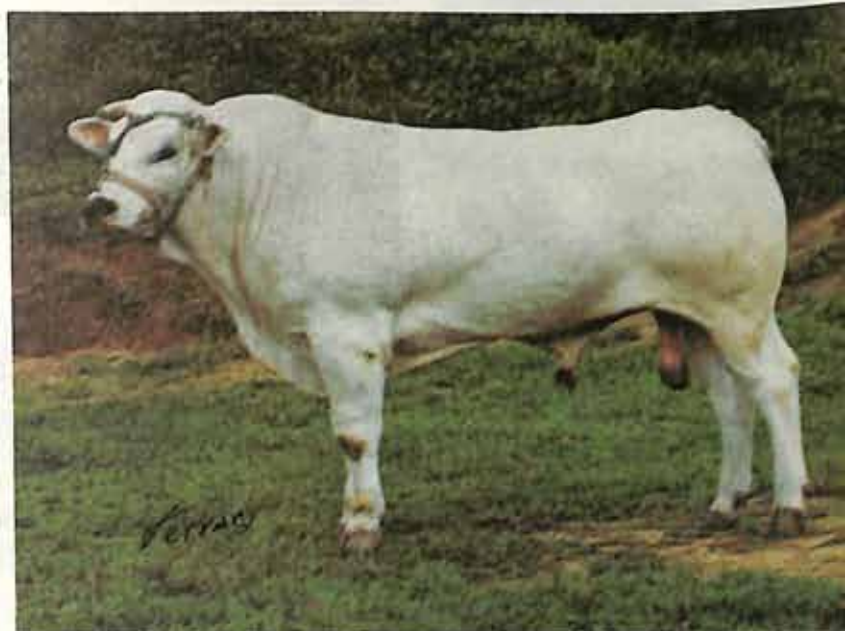
NUCO - POI

40 meses 1.300 kg

Grande Campeão da raça em 1977
na Água Branca — SP
Grande Campeão em
Cordeiro — 1978.
Grande Campeão em Belo
Horizonte - 1979 e outros
campeonatos em várias exposições.

CRIE CHIANINA

o mais pesado



SOFISMA

26 meses 1.100 kg

Reservado Grande Campeão na
1.ª EXPANDE —
Água Funda - 1981 — S. Paulo

**CRUZE
CHIANINA**

o melhor resultado

RESERVA DE TOURINHOS E SÊMEN CONGELADO

Fazenda Santo Antonio
Prop.: Euzébio G. de Andrade Silva
Bom Jardim - RJ

No Rio de Janeiro: Rua Custódio Serrão, 20 — 2.º andar
Lagoa — CEP 22470 — Tel.: 226-1670 — (021) — RJ

Mais de 10 anos de seleção criteriosa!

Boicorá: Sinônimo de Chianina

NOGARÓ DE BOICORÁ

Nasc. em 23/06/77

Filho de Letto e de Lenta.

Peso: 1.310 Kg.

- Fertilidade,
- Rusticidade e
- Desenvolvimento, são características do Chianina da Fazenda Boicorá.

Um passo à frente em porte e peso.



MARINELLA DE BOICORÁ

Nasc. em 14/10/76

Filha de Letto e de Iliada de Boicorá.

Venda permanente de reprodutores machos e fêmeas PO e mestiços das linhagens de Disco, Dialo, Letto, Feleno, Gozo, Ifisimo e Mediano.

VENHA CONHECER O NOSSO PLANTEL!
A UMA HORA DE CARRO DE S. PAULO.



Lote de novilhas PO entre 6 e 7 meses.

Fazenda Boicorá (PO e Mestiços)

SP 63 KM 33 (Estrada Itatiba-Bragança)

Criadores: Carlos e Lygia Villares

Corresp.: Caixa Postal 5498 — S. Paulo 01.000 - SP

Fone: (011) 435-0313 (Itatiba)

Fazenda Boipeva (Mestiços)

Via Raposo Tavares, KM 244 (+ 6 Km)

Adm.: Lazaro Salmazo

Fones: (011) 570-2100 e 71-2329 (São Paulo)

(011) 448-6714 (São Bernardo do Campo)

artigo de capa

Chianina acompanha a fase de crescimento dos animais. Os pesos são ajustados, mediante fórmulas simples, para as idades de 205, 365, 550 e 730 dias.

Os quadros 8 e 9 mostram os resultados obtidos com o CDP até dezembro de 1980 e sob controle da Associação Brasileira de Criadores de Chianina. Para efeito comparativo, foram incluídos os dados publicados pela Sociedade Rural Brasileira, e que referem às médias dos pesos de reprodutores Nelore e zebuínos, de 1973 a 1979.

Foram realizadas cerca de 12.259 pesagens de Chianina e seus mestiços em fazendas localizadas em diferentes regiões do Brasil. O quadro 8 mostra os pesos médios dos Chianina nas diferentes idades, bastante superiores aos dos Nelore, quando receberam suplementações alimentares.

O quadro 9 permite uma verificação da influência positiva do sangue Chianina nos diversos graus de sangue de cruzamentos com zebuínos, conforme os pesos médios das diversas idades e em regime de apenas pasto.



A Prova de Ganho de Peso, ou "feeding test", é um método de seleção de bovinos das raças de cortes, introduzido no Brasil em 1951. Por ela, procura-se medir a velocidade de crescimento dos animais logo após a desmama, mantendo-os num mesmo trato e manejo, num período de 140 dias, além de 14 dias de adaptação.

A prova é dinâmica, pela taxa de progresso seletivo, em virtude dos altos coeficientes de herdabilidade dos caracteres medidos: ganho de peso 64% e peso final 84%, conforme literatura. Em determinadas condições permite estimar o valor de cada touro, passando a ser, também, um teste de progênie.

Em 1968, pela primeira vez, no Brasil, machos Chianina participaram de prova de ganho de peso. Até 1980, cerca de 19 Chianina PO, 77- 1/2 Chianina, 44- 3/4 Chianina, 12- 1/4 Chianina e 17 "trícross" foram submetidos à prova.

8 — PESOS MÉDIOS (KG)
(Animais com suplementação alimentar)

DIAS		205		365		550		730	
Raças	Sexo	N.º pesagens	Pesos médios	N.º pesagens	Pesos médios	N.º pesagens	Pesos médios	N.º pesagens	Pesos médios
Chianina	M	550	265,6	286	402,3	101	562,7	39	732,3
	F	484	235,5	304	332,5	152	426,7	96	517,3
Nelore	M	1.869	174,0	1.334	269,4	696	365,8	—	—
	F	1.313	158,9	986	236,4	617	306,6	—	—

Fontes: ABCC e Sociedade Rural Brasileira.

9 — PESOS MÉDIOS (KG)
(Tratamento: só pasto)

DIAS		205		365		550		730	
G. S.	Sexo	N.º pesagens	Pesos médios	N.º pesagens	Pesos médios	N.º pesagens	Pesos médios	N.º pesagens	Pesos médios
1/2 Chi. x Zebu	M	1.655	171,1	1.045	234,2	681	317,4	116	380,2
	F	1.695	162,9	1.343	214,5	851	290,6	417	353,2
3/4 Chi. x Zebu	M	363	210,2	186	272,5	66	342,1	24	385,9
	F	311	194,8	170	244,0	106	307,0	55	362,7
7/8 Chi. x Zebu	M	46	195,2	28	265,9	13	338,8	6	400,8
	F	61	179,4	47	252,3	33	324,4	24	367,0
15/16 Chi. x Zebu	M	10	265,6	5	381,6	2	637,5	—	—
	F	10	244,5	2	378,5	—	—	2	415,0
PC	M	1	297,0	—	—	—	—	—	—
	F	2	307,5	—	—	—	—	—	—
1/4 Chi. x Zebu	M	186	208,5	58	240,4	31	329,8	1	305,0
	F	195	185,1	105	216,9	56	293,3	22	351,4
3/8 Chi. x Zebu	M	28	159,1	1	271,0	—	—	1	355,0
	F	25	145,8	1	225,0	—	—	—	—
5/8 Chi. x Zebu	M	3	193,3	1	220,0	1	311,0	—	—
	F	6	172,5	2	221,5	—	—	—	—
11/16 Chianina	M	44	176,4	12	224,0	3	289,0	8	322,4
	F	50	176,6	16	230,2	1	307,0	14	309,4
Zebuínos Geral	M	13.526	159,2	7.611	227,9	3.624	308,7	—	—
	F	12.594	145,4	8.476	200,3	4.966	262,4	—	—
Nelore	M	10.431	157,3	5.652	219,9	2.625	295,9	—	—
	F	10.334	143,9	6.854	195,0	4.001	252,1	—	—

Fontes: ABCC e Sociedade Rural Brasileira.

EXPOSIÇÕES DE ANIMAIS

Centenas de exposições de animais são realizadas anualmente no Brasil, quase todas bastante concorridas. Em muitas delas há a participação de reprodutores Chianina, principalmente, nas regiões de maior concentração de plantéis puros.

A Associação Brasileira de Criadores de Chianina elegeu cinco exposições prioritárias, que são realizadas em São Paulo (Estado de São Paulo), Londrina (Paraná), Goiânia (Goiás), Salvador (Bahia) e Porto Alegre (Rio Grande do Sul). Nessas cinco localidades, a ABCC desenvolve atividades visando contar com representação numerosa de machos e fêmeas Chianina, com uma boa apresentação zootécnica, além de incentivar os associados a comparecerem pessoalmente e prestigiar a raça e o evento.

Entretanto, no futuro, exposições realizadas em outras cidades poderão ser consideradas prioritárias para a raça Chianina, dependendo do número de criadores da região, número de animais puros, animais expostos e qualidade zootécnicas dos mesmos. Com isso, a ABCC pretende estabelecer uma promoção crescente da raça no país.

Por fim, é oportuno constatar que, há 25 anos chegaram ao Brasil os primeiros exemplares da raça Chianina. No jubileu de prata de sua introdução, pode-se com segurança, afirmar que ela está definitivamente radicada no país.

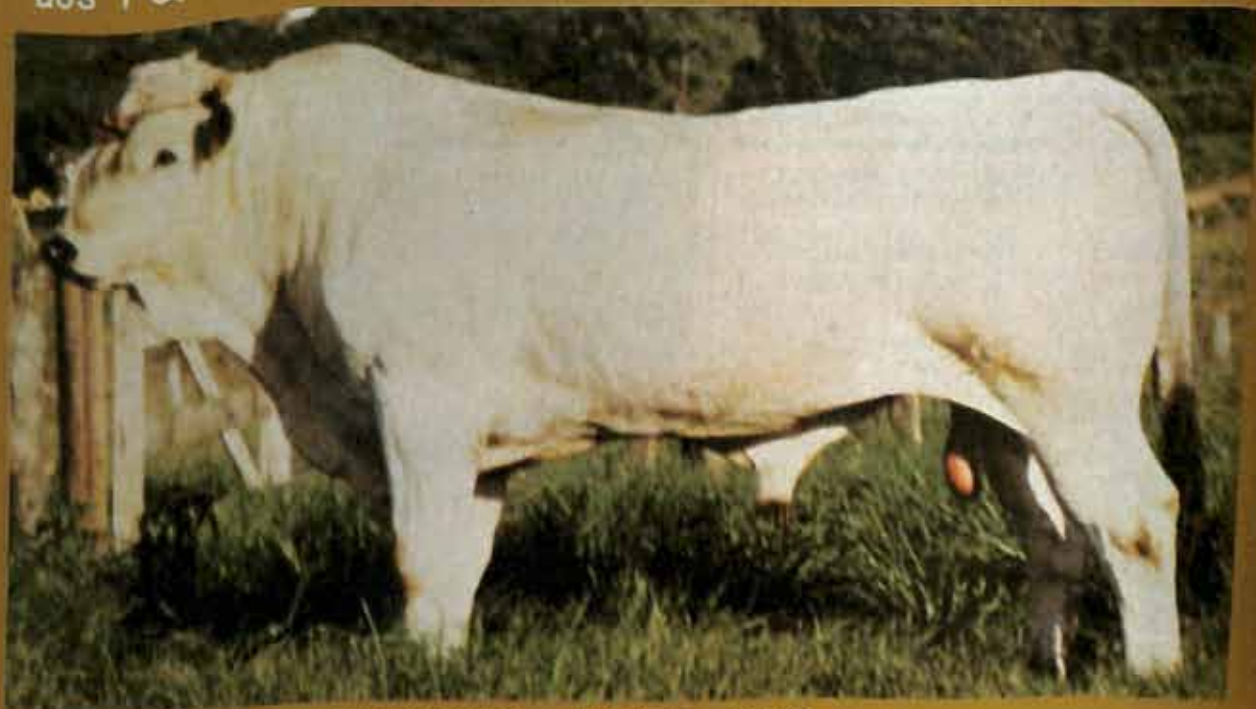
Sua contribuição à melhoria da produção de carne é incontestável e seu papel no aprimoramento zootécnico do rebanho bovino de corte brasileiro será cada vez mais marcante. ●

JUBILEU DE PRATA

25 anos de criação e seleção
da raça Chianina no Brasil



Apresentamos também nesta oportunidade, os primeiros animais PC com as mesmas características e incrementos dos PO.



PURO POR CRUZA — 25 MESES — 920 KG.

Durante 25 anos,

sinônimo da raça Chianina no Brasil



7 Medalhas de Ouro como MELHOR CRIADOR da Raça Chianina nas Exposições Estaduais de Gado do Estado de São Paulo, além de Medalhas de Ouro em Goiânia e Porto Alegre, atestam a superioridade desta marca.



Os grandes campeonatos da raça em quase todas as exposições dos estados, são da marca



Comemorando o Jubileu de Prata, colocamos à venda mais de 100 animais PO, machos e fêmeas objetivando um mais rápido incremento da raça no Brasil.



QUINEU G.M. — Grande Campeão 1981 na EXPANDE. Atualmente com 50 meses, 1.380 kg.



FAZENDA SANTA FÉ
PROP.: GIANNANDREA MATARAZZO
Gerência: Giorgio Ramaz

Caixa Postal 24 — 13.600 — Araras - SP. Em São Paulo: Rua Caetano Pinto, 575 — Tel.: DDD (011) 278-7122



Tourinhos 3/4 de
sangue Chianina e 1/4
Nelore, com 18
meses, mostram o bom
desenvolvimento.

Desempenho de bovinos Chianina no trópico do Brasil

J. BARRISON VILLARES

É bem conhecido que os alimentos de origem animal, pelas suas insubstituíveis proteínas de alto valor biológico, têm essencialidade para promover o desenvolvimento econômico, social e político da sociedade humana.

Nas zonas tropicais, a baixa eficiência dos processos de exploração de bovinos, ocasionando reduzida disponibilidade de proteína animal, conspira contra a conquista de índices superiores de civilização, nos seus aspectos de saúde pública, sobrevivência das crianças, capacidade de trabalho do adulto e duração da vida útil. É realmente indispensável fazer renovadas tentativas para abrir novas pers-

pectivas ao melhoramento da produção de alimentos de origem animal nos trópicos.

Os bovinos da raça Chianina reúnem duas características essenciais, que dão fundamentos às esperanças de seu desempenho nos trópicos. A primeira refere-se à sua tolerância ao calor, atribuída à sua evolução, durante séculos, sob tensão do calor gerado pelo trabalho agrícola, contrariamente à vida sedentária das demais raças bovinas européias da atualidade. Nesse sentido, não se pode esquecer a existência de alguns atributos termorreguladores, apropriados à reflexão, irradiação e proteção contra as intensas radiações solares, como os pelos brancos sobre

a pele preta na raça Chianina, análogos ao dos zebuínos. A segunda característica diz respeito ao seu tipo de crescimento ponderal rápido com maturidade tardia, capaz de exercer reflexos sobre o crescimento lento dos zebuínos, trazendo diversas repercussões sobre o processo produtivo, inclusive na antecipação do início da vida reprodutiva e redução da idade de abate de novilhos de corte.

Esses dois atributos anátomo-fisiológicos fundamentais e justificam a introdução de genes de Chianina na pecuária tropical. É preciso, todavia, que tais expectativas teóricas encontrem comprovação experimental nas zonas quentes.



Pela primeira vez, os bovinos Chianina — raça milenar dos etruscos, insulada no vale de Chiana, na Itália — emigraram em 1956 para o Brasil, país que se estende em terras contínuas da linha do Equador ao trópico de Capricórnio, com imensos espaços geográficos para exploração pastoril. De 1956 a 1980, cerca de 893 sementais, de ambos os sexos, além de mais de 30 mil doses de material fecundante, chegaram ao Brasil para a operação de cruzamento de Chianina com os zebuínos Guzerá, Nelore, Tabapuã e outros.

Decorridos os primeiros 25 anos das importações, é chegado o momento de avaliar, em termos concretos, o desempenho de bovinos Chianina no trópico brasileiro, porque constitui experimentação susceptível de informar e esclarecer outros países da faixa quente sobre as possibilidades do bovino emigrante da Itália. Nesse sentido, serão revelados apenas os informes sobre o desempenho de bovinos Chianina para o atributo crescimento, em termos de ganho de peso de seus mestiços, tanto no sistema confinado, como de exploração pastoril, para melhorar a produção de carne.

Desempenho de Chianina, zebuínos e Mestiços para ganho de peso em confinamento — No período de 1968-78, tornou-se possível submeter um grupo de 158 bovinos às provas de ganho de peso, graças à colaboração dos pecuaristas, figurando bovinos Chianina PO; zebuínos Nelore e Guzerá inscritos em Livros de Registro Genealógico; 1/4 Chianina-zebu; 1/2 Chianina-zebu; 3/4 Chianina-zebu e 1/2 Chianina-1/4 Charolês-1/4 Nelore, reunidos em Botucatu, SP. Esses bovinos tinham a idade média de 15,7 meses ao final das provas.

Os animais ficaram alojados em instalações, que consubstanciavam sistema de confinamento estrieto, na modalidade de estabulação livre, com áreas cobertas e solário. O ambiente climático era tropical do tipo de altitude com cerca de 850 metros, a 20° de latitude Sul. Durante 154 dias, sendo 14 de pré-teste e 140 de teste, os bovinos tinham à sua disposição ração seca, à vontade, com 64% de nutrientes digestíveis totais e 11% de proteína, além de mistura mineral em separado. Registraram-se os pesos, os ganhos de pesos e os consumos de alimentos no período de 140 dias de provas.

O quadro 1 contém os resultados do ganho de peso de 18 indivíduos Chianina PO, 37 zebuínos e 103 mestiços. A apresentação dos dados e a discussão dos resultados ficaram limitadas aos efeitos do sangue Chianina sobre os zebuínos para o atributo crescimento dos mestiços Chianina-zebu, avaliado pelo seu ganho de peso.

Os 37 zebuínos empregados neste estudo obtiveram a média de 0,847 quilos de ganho de peso por dia, durante 140 dias de confinamento. Tal resultado médio é tido como dos mais elevados para os zebuínos no Brasil, considerando o seu atual estágio de habilidade genética de ganhar peso. Os zebuínos Nelore, Guzerá e ou-

tros vêm sendo submetidos às provas de ganho de peso desde 1951, há um quarto de século, mas não se vislumbram indícios concretos de melhoramento de tal característica, por falta do seu uso adequado na escolha de reprodutores. Admite-se, todavia, que tais zebuínos dispõem de potencial para crescimento rápido, porque já foram identificados diversos indivíduos com a habilidade de ganhar mais de um quilo por dia, durante 140 dias. Há esperanças de que os pecuaristas e técnicos possam ser conquistados para tais parâmetros de melhoramento genético, ao longo do tempo.

Os 18 bovinos Chianina conseguiram obter a média de 1,046 quilos de ganho de peso, diariamente, durante 140 dias. Não se trata de resultado elevado, mas apenas razoável para a raça no Brasil, uma vez que alguns indivíduos alcançaram o ganho de 1,464 quilos por dia. O número de bovinos Chianina PO, submetidos à prova de ganho de peso no Brasil, é muito pequeno, para se poder formular hipótese aceitável, relativamente aos efeitos do ambiente tropical sobre o desempenho de ganho de peso em confinamento. Espera-se que, partir de 1981,



JÁ VEM MISTURADO.

O Sal Boiadeiro-Fos vem prontinho para consumo.

Pra você economizar seu tempo e fazer coisas mais importantes do que ficar misturando sal para o seu gado. Rico em fósforo, cálcio e outros minerais

Um produto com a qualidade



que faltam nas forrageiras, o Sal Boiadeiro-Fos mineralizado é cientificamente dosado. Você vai conseguir o máximo de seu rebanho. Seja na engorda, seja na produção de leite.



COMPANHIA INDUSTRIAL DO RIO GRANDE DO NORTE

empresa do Grupo Akzo Zout Chemie-Holanda

Rio de Janeiro-RJ — Av. Presidente Vargas, 417 — 21.º andar — Tel. 244-3655
São Paulo-SP — Av. Jabaquara, 99 — 4.º and. — Conj. 41 — Tels. 578-9565 e 578-9742
Filiais: — Santos — Cabo Frio — Goiânia — Campo Grande — Natal

1 — Provas de ganho de peso de bovinos Chianina e seus mestiços
(Em 140 dias de confinamento, de 1968-78)

Raça ou Sangue	N.º	Idade final mês	Peso inicial kg	Peso final kg	Ganho peso kg/dia
I — Chianina PO	18	15,6	351,0	497,4	1,046
II — Zebuino RG	37	15,9	195,6	314,2	0,847
III — Mestiços Chi-zeb.	103	16,0	215,7	385,5	1,158
Conjunto	158	15,9	231,6	381,5	1,070

Fonte: ABCC e Dep. Prod. Expl. Animal, FMVZ, UNESP, 1981.

com novas provas em pleno andamento, os indivíduos Chianina PO participem em maior número e com mais frequência em tais provas de ganho de peso nos trópicos.

Os 103 mestiços Chianina-zebu, independentemente de graus de sangue, revelaram desempenho médio de ganho de peso de 1,158 quilos por dia, sob as mesmas condições dos bovinos Chianina e zebuínos, uma vez que os acontecimentos ocorreram contemporaneamente. Os mestiços superaram seus pais em ganho de peso por dia, durante 140 dias.

Afinal, parece evidente o apreciável efeito do genótipo exótico Chianina sobre os zebuínos autóctones para acelerar o crescimento ponderal, observado através de seus mestiços. Os produtos de cruzamento obtiveram um ganho adicional de 0,311 quilos por dia, em relação aos zebuínos, ou de 35,4% de vantagem em seu crescimento ponderal.

Desempenho de mestiços Chianina segundo graus de sangue sob confinamento — Com o mesmo material biológico, constituído de 18 bovinos Chianina PO, 37 zebuínos RG e 103 mestiços Chianina-zebu, tornou-se possível desmembrar os mestiços em quatro diferentes graus de sangue, para o estudo dos seus efeitos sobre o crescimento, em termo de ganho de peso.

No quadro 2, figuram os resultados de tais desdobramentos e as estimativas do ganho de heterose, de acordo com o grau de sangue Chianina e zebu.

De início, o exame sumário dos dados revela que os produtos de cruzamento em conjunto, independente do grau de sangue, superaram os representantes das raças paternas. Realmente, os bovinos Chianina e os zebuínos Guzerá e Nelore conseguiram, juntos, a média de 127,7 quilos de ganho de peso em 140 dias, ao passo que os produtos mestiços, reunidos, ganharam 157,2 quilos no mesmo período. Seria a manifestação fenotípica da superdominância, observada frequentemente para diversos atributos, nas operações de cruzamentos, a qual agora se revela no presente ganho de peso de 103 mestiços Chianina-zebu. Nesse caso, ocorreu um ganho de heterose representado por 27,5%.

Na série de quatro graus de sangue 1/4, 1/2, 3/4, 1/2-1/4-1/4, observa-se que os 1/2 Chianina-zebu exibiram o mais alto ganho de peso de 167,7 quilos em 140 dias, o que equivaleria a 31,4% de heterose. A seguir, colocaram-se os produtos 3/4 Chianina-zebu, em posição quase idêntica, com o ganho de 166,0 quilos em 140 dias, correspondendo a 30,0% de heterose. Os mestiços 1/4 Chianina-zebu e os 1/2 Chianina-1/4 Charolês-1/4 zebu situaram-se abaixo dos demais e muito próximos entre si, com os ganhos respectivos de 147,9 e 151,9 quilos em 140 dias, o que traduz os ganhos de heterose de 15,9 e 19,0%, respectivamente.

Parece auspicioso o resultado do ganho de heterose dos produtos de cruzamento de Chianina x zebu para obter rápido melhoramento do processo de produção de carne bovina no mundo tropical.

2 — Provas de ganho de peso de bovinos Chianina e mestiços com graus de sangue
(Em 140 dias de confinamento, de 1968-78)

Raça ou sangue	N.º	Idade final mês	Peso inicial kg	Peso final kg	Ganho peso kg/140 dias	Heterose %
I — Chianina PO	18	15,6	351,0	497,4	146,4	—
II — Zebuino RG	37	15,9	195,6	314,2	118,6	—
III — Mestiços	103	16,0	215,7	385,5	162,8	27,5
I — 1/4 Chi-3/4 zeb.	12	18,2	265,4	413,1	147,9	15,9
II — 1/2 Chi-1/2 zeb.	32	14,9	193,7	361,4	167,7	31,4
III — 3/4 Chi-1/4 zeb.	42	16,2	238,0	403,9	166,0	30,0
IV — 1/2 Chi-1/4 Cha-1/4 zeb.	17	16,0	213,9	365,8	151,9	19,0
Conjunto	158	15,9	231,6	381,5	149,9	—

Fonte: ABCC e Dep. Prod. Expl. Animal, FMVZ, UNESP, 1981.

Desempenho de mestiços Chianina-Zebu para ganho de peso no sistema de pasto — Contrariamente ao que sucede nas regiões temperadas e ainda mais nas áreas frias, as zonas tropicais úmidas têm o privilégio de explorar o sistema de pasto durante os 365 dias do ano, não se querendo confinar os seus bovinos em abrigos para defesa contra os rigores do inverno. Ademais, admite-se em geral que, quando os pastos participam do sistema produtivo, os custos baixam e os lucros aumentam. É então conveniente conhecer o desempenho do mestiço Chianina-zebu para produção de carne, em confronto com os zebuínos, no sistema de pasto nos trópicos.

Nos últimos anos, fez-se comparação do crescimento entre mestiços Chianina-Guzerá e Guzerá, durante 140 dias, na fase de terminação, no sistema de pasto, na Fazenda 4 Meninas, em Botucatu, SP. Era um grupo de 42 bovinos 1/2 Chianina-Guzerá, que puderam ser confrontados, com 18 Guzerá, em pastos das gramíneas Pangola, Setária e Brachiaria, cultivadas em solos pobres de arenito edáfico, quem na estação de chuvas estivas, quer na de seca invernal.

O quadro 3, reúne o resumo dos dados colhidos em diversos ensaios experimentais.

No presente momento, não há interesse em analisar o desempenho de espécies de gramíneas forrageiras, mas apenas o ganho de peso de 1/2 Chianina-Guzerá e de Guzerá, sob condições comparáveis. De um lado, observa-se que os mestiços 1/2 Chianina-Guzerá conseguiram ganhar de 89,9 a 97,3 quilos em 140 dias, passando duas diferentes gramíneas forrageiras, na estação de chuvas estivas, ao passo que os zebuínos Guzerá não ganharam senão 49,6 e 76,5 quilos, o que correspondia aos ganhos médios diários respectivos de 0,668 e de 0,449 quilos para mestiços Chianina-Guzerá e Guzerá. De outro lado, nas mesmas gramíneas de pastos, os 1/2 Chianina-Guzerá ganharam 20,4 e 70,8 quilos em 140 dias, e os zebuínos Guzerá, 4,8 e 29,0 quilos, no mesmo período, dando respectivamente 0,326 e 0,127 quilo para uns e outros.

Parece surpreendente que os mestiços 1/2 Chianina-Guzerá tenham desempenhos superiores, em termos de ganho de peso, tanto na estação de chuvas estivas, como na de seca invernal em relação aos zebuínos Guzerá, no sistema de pasto de gramíneas forrageiras tropicais. Em conjunto, tornou-se possível reduzir de 36,1% a idade de abate de mestiços Chianina, em comparação com zebuínos correntes, graças ao seu maior ganho de peso.

Desempenho de mestiços Chianina para ganho de peso de carcaça no pasto — Concluída a fase de terminação na Fazenda das 4 Meninas, ao atingir a média de 445 quilos de peso vivo, os bovinos mestiços Chianina com Nelore, com Tabapuá ou com Guzerá, procedentes de pastos de Digitária, de Setária ou de Bra-



Se você quer
SUPERIORIDADE,
você quer
CHIANINA 4M



TOANO 4M — Nascido em 3/4/80. Filho de Caribo e Fiora 4M.



TRINITÁ 4M — Nascida em 4/10/80. Filha de Geocentrico e de Narcia.



TUSCANIA 4M — Nascida em 30/5/80. Filha de Django WS e de Deriva.

FAZENDA DAS QUATRO MENINAS IND. AGRO-PECUÁRIA LTDA.
FAZENDA DE AREAS - BOA SORTE - Mun. de Cantagalo - RJ

Escritório: Av. Rio Branco, 177 — 14.º andar — CEP 20040
Rio de Janeiro — RJ — Tels.: (021) 221-1627 e 245-0980

3 — Desempenho de bovinos mestiços Chianina e de zebuínos no sistema de pasto
(Ganho de peso em 140 dias na fase de terminação)

		Peso inicial kg	Peso final kg	Ganho de peso kg/140 dias kg/dia		
a) 1/2 Chi-1/2Zeb.						
Estação chuvosa	(1)	10	326,8	424,1	97,3	0,695
	(2)	10	315,3	405,2	89,9	0,642
	(3)	7	364,0	519,8	155,8	1,113
Média		27	335,4	449,7	114,3	0,817
Estação seca	(1)	5	346,8	417,6	70,8	0,506
	(2)	5	376,8	397,2	20,4	0,146
	(3)	5	344,2	382,8	38,6	0,276
Média		15	355,9	399,2	30,9	0,309
b) Zebuínos						
Estação chuvosa	(1)	4	262,5	311,7	49,6	0,354
	(2)	4	246,5	325,0	76,5	0,547
Média		8	254,5	317,4	62,9	0,449
Estação seca	(1)	5	340,0	369,0	29,0	0,207
	(2)	5	320,2	325,0	4,8	0,034
Média		10	330,1	347,0	16,9	0,127

(1) Digitária; (2) Setária; (3) Brachiária.

Fonte: Villares, J.B. "Bovino Chianina no Trópico", 1975.

4 — Desempenho de bovinos mestiços Chianina-zebu ao abate
(Terminados no sistema de pasto)

	1/2 CH-N 1/2CH-Tab		1/2 Chianina-Guzerá			
Ítem	Estação chuvosa Digitária		Estação chuvosa Setária Brachiária		Estação seca Setária	Total
Idade, mês	32,0	30,6	24,6	34,8	27,6	30,6
Peso, kg	462,9	435,1	390,8	481,4	424,0	444,0
Carcaca, kg	240,9	222,4	208,5	264,4	229,0	235,1
Rendimento, %	32,4	51,2	53,4	54,9	54,0	53,0
Kg/carcaca dia/vida	0,245	0,237	0,271	0,244	0,258	0,250

Fonte: Villares, J.B. "Bovino Chianina no Trópico", 1975.

chiária, tanto na estação de chuvas estivais, como na de seca invernal, foram levados ao abate em matadouro-frigorífico. Era o material biológico fornecedor do desempenho das carcaças de diversos 1/2 Chianina-Zebu para estudos.

O quadro 4 revela algumas informações numéricas sobre a idade, peso vivo, peso da carcaça quente e seu rendimento, finalizando com o ganho de peso de carcaça por dia de vida.

Em conjunto, os 47 mestiços 1/2 Chianina-zebu lograram obter o peso médio de 444,0 quilos aos 30,6 dias de idade. Significa que o desempenho dos produtos 1/2 Chianina-zebu conseguiram o ganho médio de 0,250 quilos de ganho de peso de carcaça por dia de vida. No Estado de São Paulo, os novilhos zebus costumam ser abatidos com 450 quilos de peso vivo, dando carcaça de 243 quilos aos 48 meses de idade, o que corresponderia ao ganho médio de 0,167 quilo de carcaça por dia de vida. Os produtos de cruzamento 1/2 Chianina-Nelore, ou 1/2 Chianina-Tabapuá ou ainda 1/2 Chianina-Guzerá revelaram resultados semelhantes, robustecendo o ganho de peso da carcaça por dia de vida, variando entre o mínimo de 0,237 e um máximo de 0,276 quilo. Os rendimentos de carcaça dos zebuínos, em torno de 54%, seriam um pouco mais altos do que os mestiços, em função da mais avançada idade ao abate e algum acúmulo correspondente de gordura nas suas carcaças.

O mais elevado ganho de peso da carcaça por dia de vida dos 1/2 Chianina-zebu equivale a uma vantagem comparativa de 45,5% em relação aos zebuínos, por unidade de tempo.



Administre melhor a
sua Fazenda, com

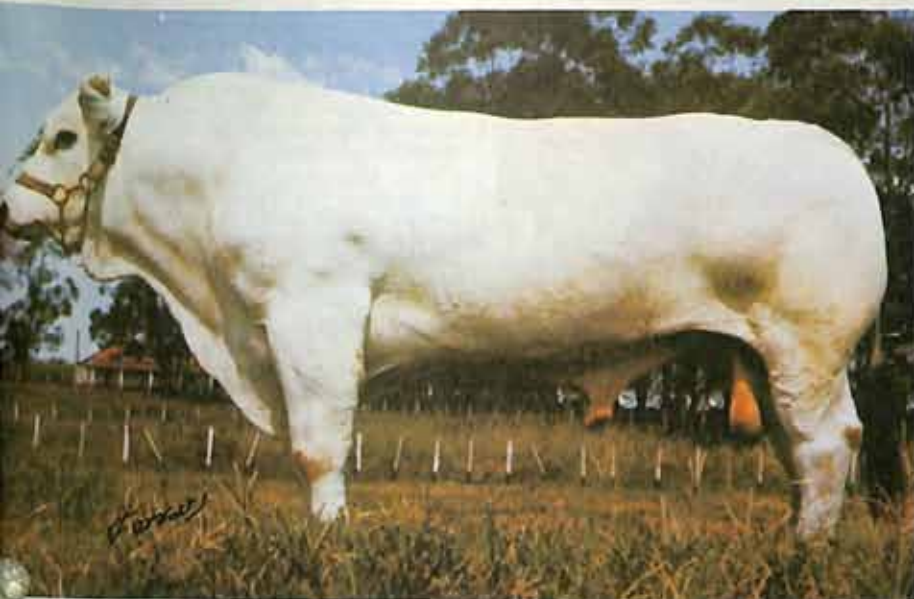
**"TRANSCPTOR SSB TR-100-H/2 -
RONDON II."**

Fale todos os dias, de 0 a 5.000 km
com a sua Fazenda



TELECOMUNICAÇÕES DIPLEXER LTDA.

Rua Visconde de Inhomirim, 307 — Fones: 272-3402, 273-7269 e 272-7207 — CEP 03120 — São Paulo — SP



GIANNI DE SANTA SOFIA —
Rg. 1401 — PO
Nasc. em 13/01/76 — Filho
de Givado de Miranda RG 0897 e
de Apia de Santa Sofia Rg. 0533.
Peso em 5/9/81 — 1.365 kg.



MIONIO PO — Nasc. em 24/8/80, filho de Somerdon
Interprise Rg. 1919 e de Campana Rg. 1126. Peso em
15/9/81 — 482 kg.



HASTOR DE SANTA SOFIA (3/4 Chianina x Nelore). Nasc.
em 15/10/79. Filho de Ginaro de Miranda Rg. 0664 PO e de
Doca Santa Sofia Rg. 0820, 1/2 sangue Chianina x Nelore.
Peso em 15/9/81 — 482 kg.

NELORE PO - CHIANINA PO E CRUZADOS - CAVALOS ÁRABES P.S.A.

Fazendas Reunidas Alfredo Ellis S/A

Rodovia Raposo Tavares, Km 623 — Fone: (0182) 71-2384 — C.P. 65 — CEP. 19.400 — Pres. Venceslau — SP

RESUMO E CONCLUSÃO

De longa data, as regiões tropicais importam sementais das raças bovinas aperfeiçoadas na zona temperada, com o propósito de melhorar o processo de produção de carne. Nem sempre semelhantes tentativas lograram êxito, por causas de ordem climática, nutricional, sanitárias e outras, permanecendo o patrimônio zootécnico dos bovinos tropicais em nível insatisfatório para atender às exigências da sociedade humana.

No último decênio, as atenções voltaram-se para a raça Chianina, originária da Itália, que, selecionada sob tensão de calor gerado pelo trabalho agrícola, teria algumas possibilidades de aclimação nas zonas quentes da Terra, além de geneticamente dispor de crescimento de tipo rápido com maturidade tardia. O Brasil, a maior nação tropical, foi o primeiro e o principal importador de bovinos Chianina, estando em condições de poder analisar alguns resultados experimentais, obtidos com o atributo crescimento ponderal, através de produtos de cruzamento de Chianina e zebu, tanto no sistema confinado, como na exploração do sistema de pasto, como segue:

1 — em sistema confinado, os produtos Chianina-zebu conseguiram o ganho adicional de peso de 0,311 quilo por dia,



Aqui, garrotes
com 3/4 de sangue
Chianina e 1/4 de
Nelore, aos 12 meses.

durante 140 dias, em relação aos zebuínos locais, o que corresponde a 35,4% de vantagem comparativa sobre crescimento de tais ecotipos com apenas 0,847 quilo diariamente;

2 — ainda no sistema de confinamento, o ganho de peso por efeito da hete-

rose expressou-se por 31,4 e 30,0% para os graus de 1/2 Chianina-zebu e 3/4 Chianina-zebu, sendo 15,9% para 1/4 Chianina-zebu e de 19,0% para o cruzamento triplo de 1/2 Chianina-1/4 Charolês-1/4 zebu, em 140 dias, comparativamente às raças paternas Chianina e zebu;

3 — no sistema de pasto, os mestiços 1/2 Chianina-zebu, em fase de terminação por 140 dias, ganharam em média 0,668 quilo na estação de chuvas estacionais e 0,326 quilo na de seca invernal, ao passo que os zebuínos obtiveram respectivamente 0,449 e 0,127 quilo por dia, permitindo antecipar a idade de abate dos produtos de cruzamento de 36,1%, com o mesmo peso vivo;

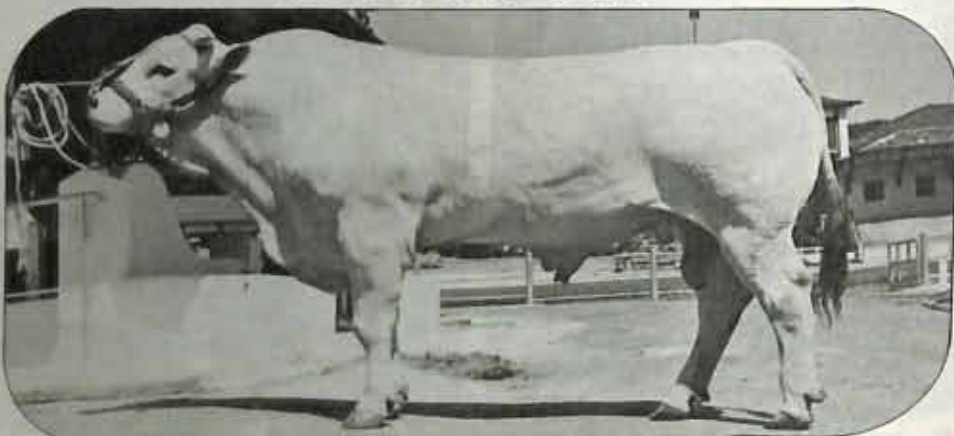
4 — igualmente no sistema de pasto, os mestiços 1/2 Chianina-zebu registraram os ganhos de 0,237 a 0,276 quilo de carcaça por dia de vida, enquanto que os zebuínos não costumam ultrapassar de 0,167 quilo, o que traduziria o ganho de 45,5% de crescimento de carcaça por unidade de tempo;

5 — há boas evidências experimentais de que o desempenho dos bovinos Chianina está correspondendo às expectativas de melhorar o crescimento dos zebuínos ecotípicos dos trópicos, através de seus produtos de cruzamentos, aguardando-se novos efeitos paralelos em outras características, como eficiência reprodutiva. ●

FAZENDA BOA VISTA

SELEÇÃO CHIANINA

CAMPO ALEGRE - GOIÁS



GIGINO - 1.530 KLS.

Disponos de filhos deste premiadíssimo raçador
e demais produtos de alta qualidade.

AMELETO WAETGE - EDERSON WAETGE
RUA ARTUR DE AZEVEDO, 2039 - TEL. 814-9122 - CEP 05404 - S. PAULO



FAZENDA ITUAÚ

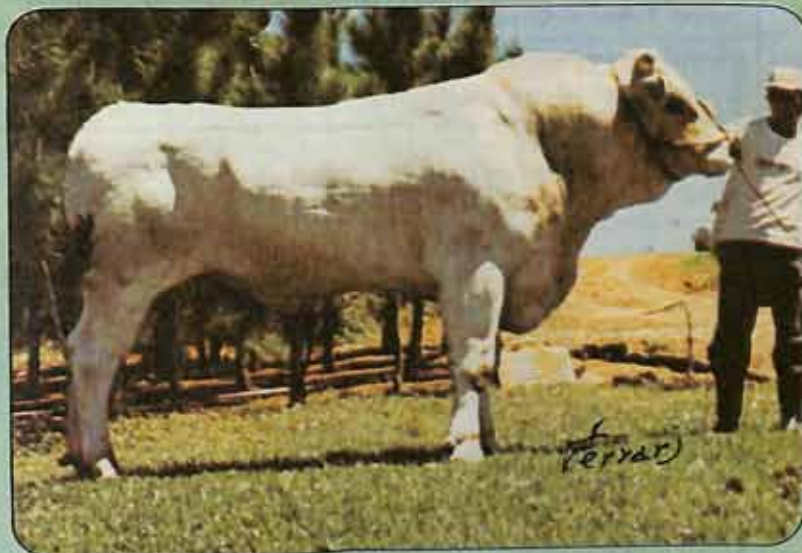
Prop.: Antonio de Pádua Aguiar Barros
Criação e Seleção da Raça Chianina
Reprodutores: PO - 1/2 Sangue e 3/4 Chianino x Nelore
VENDA PERMANENTE DE MACHOS E FÊMEAS
Zootecnista Responsável: Eurípedes B.C. Castro

SELETO GM

Nasc. em 30/04/1979

Filho de Ogum GM e de Siena 4M

GRANDE CAMPEÃO AVARÉ 1981



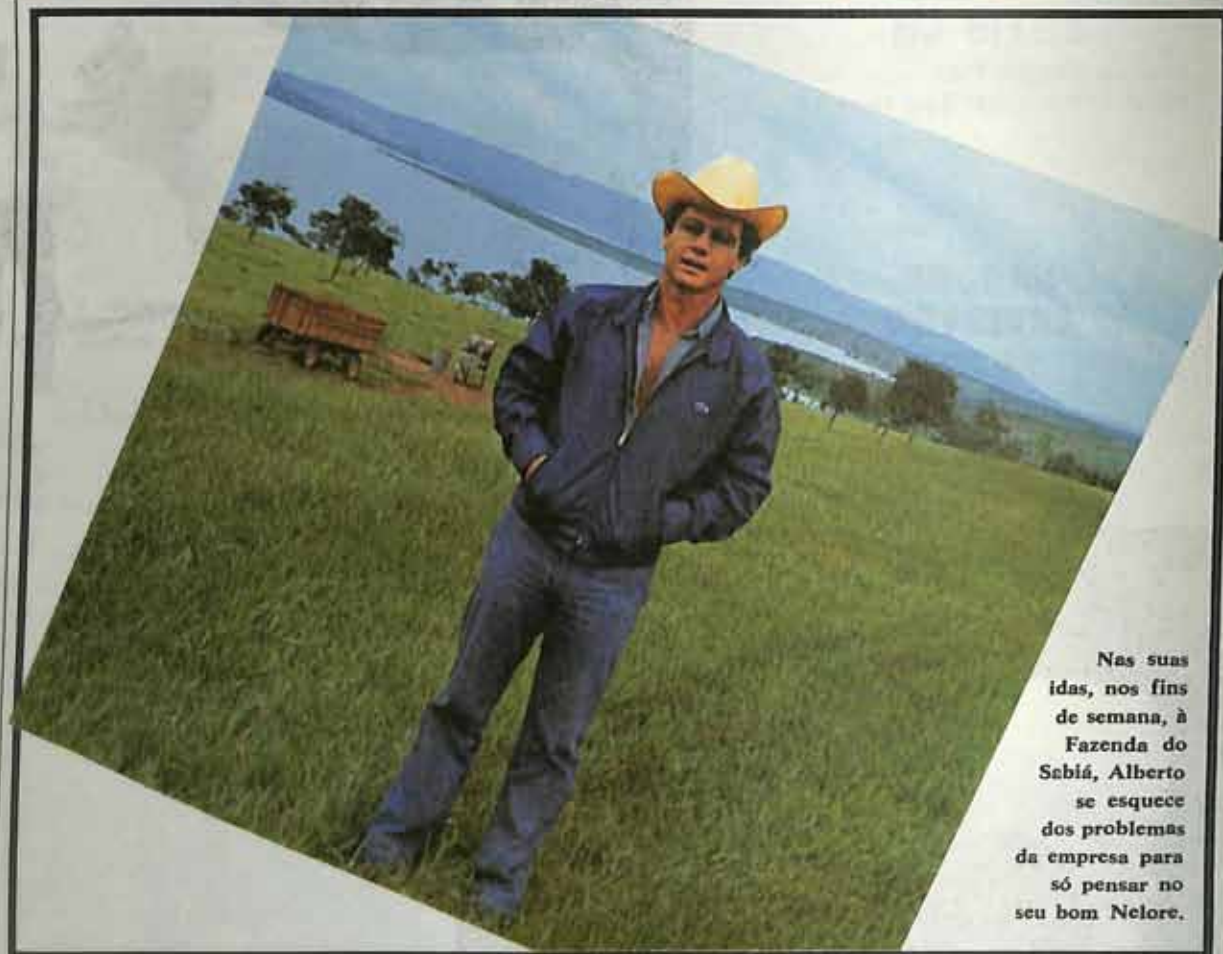
↑
EVARU DO ITUAÚ — Nasc. em 13/04/1980.
Filho de Polsano 4M e de Carina do Ituaú.
Seu pai foi campeão Jr. na 1.ª Exp.
Internacional de Animais —
Água Funda — 1979 — São Paulo.

↓
Lote de matrizes PO com
2 1/2 e 3 anos de idade.



Endereço: Km 1 da Estrada Sarutaia - Timburi — Sarutaia — S. Paulo. Rua Marechal Deodoro, 1216 —
Tel.: 458-5311 - São Bernardo do Campo - São Paulo

O FAZENDEIRO DO MÊS



Nas suas
idas, nos fins
de semana, à
Fazenda do
Sabiá, Alberto
se esquece
dos problemas
da empresa para
só pensar no
seu bom Nelore.

Lazer gerou uma alta seleção

Tendo como divisas naturais a confluência dos rios Grande e Sapucaí, de um lado, e largo trecho da represa de Furnas, de outro, a Fazenda do Sabiá, no município de Capitólio, Minas Gerais, reunia, há dez anos, todas as condições para se constituir na excepcional área de lazer procurada por um empresário bem sucedido e en-

tediado da vida da cidade grande. Seu atual proprietário, Alberto Labonre Valle Mendes, não esconde de ninguém que foi exatamente esse o motivo que o levou a adquiri-la, então. No entanto, algumas mudanças aconteceram em seu modo de pensar. Por isso, só quem se aproxima das águas que margeiam boa parte das terras da propriedade se

lembra das opções de distração que ali existem: afinal, ainda há, bem cuidados, os embarcadouros, os locais para pescaria certa, para natacão... No demais, a fazenda é digna dessa qualificação, e como poucas no lugar, tal carinho com o solo ocupado e o rendimento obtido com seu uso racional e técnico.

Diretor superintendente da Men-

des Júnior, empresa de construção pesada, operando no Brasil, e no exterior, onde constrói desde ferrovias até barragens e plataformas submarinas, Alberto é também um dos mais bem sucedidos selecionadores de Nelore puro do país. Êxito que nasceu de um "fracasso" na produção de leite, a partir de Holandês — como admite gostosamente o fazendeiro.

A Fazenda Sabiá, localizada no km 265,5 da MG-7, rodovia que liga Belo Horizonte a Passos, tem atualmente uma área de 1.100 hectares, soma de três aquisições sucessivas, a primeira das quais em 1972. Destinada exclusivamente para o recreio da família (e amigos) de Alberto, seu dono logo percebeu que seriam tediosos os fins-de-semana, se o lugar não tivesse alguma exploração que o ocupasse em alguma parcela do tempo, pelo menos.

Dai veio a idéia de produzir leite, a partir de um lote de 16 vacas puras da raça Holandesa. Alberto confessa que iniciou o negócio pensando efetivamente em ter alguma preocupação para sábado e domingo,

mas na base de um esquema simples, em que, feito o investimento inicial, o negócio se mantivesse por si, sem maiores complicações. Em menos de um ano, porém, liquidou o plantel, dadas as dificuldades de sua manutenção, principalmente em relação à mão-de-obra requerida.

Foi assim que a raça Holandesa perdeu um aficionado e o Nelore ganhou um criador de mão-cheia — dizem agora seus amigos.

NELORE

A seleção de Nelore de Alberto nasceu de um propósito bem diferente do idealizado para o Holandês. Desde o início, a determinação do fazendeiro foi possuir um plantel de primeira linha, visando tornar-se, também ele, um supridor futuro de animais de alta qualificação. Daí o núcleo inicial de 50 matrizes proceder de criações reputadas, com "assistência" de entendidos como José Humberto Rodrigues da Cunha (marca VR), Mário Cruvinel Borges e Otacílio Múndin, este ex-chefe do Serviço de Registro Ge-

nealógico da ABCZ e atualmente prestando sua colaboração à Construtora Mendes Júnior, em seu projeto agropecuário de Pompeu, MG, onde também se seleciona a raça.

Passos importantes — destaca Alberto — também foram garantir a contratação de Ronaldo Bonifácio da Silva, um sobrinho de Dico, criado com os Torres e convivendo com zebu selecionado desde sua infância. É ele quem fica na Sabiá, cuidando do gado e superintendendo todo o seu manejo. O próprio Dico continua dando mão forte, como acentua o fazendeiro, ao vir periodicamente à Sabiá, dar sua opinião sobre como andam as coisas, discutindo com Alberto os rumos que a criação pode tomar.

O pessoal do Nelore admite, contudo, que Alberto é, agora, ele próprio, um dos maiores entendidos do ramo, tendo conseguido, em apenas oito anos, o que muitos gastaram cinquenta para fazer. O fazendeiro diz, que foi ajudado pela sorte e pelos amigos, estes garantem que não importa muito saber quem foi



No gado de criar nota-se a qualidade da seleção de Alberto, que todos reconhecem.



o responsável e sim constatar que o Nelore da Sabiá se coloca entre os melhores do país, em posição bem destacada na criação nacional. Em pouco tempo, foi bicampeão em Uberaba (1978 e 1980) e na Internacional de Nelore de São Paulo (1980 e 1981), como o melhor criador, somando o maior número de pontos das exposições, o plantel da Sabiá vai fazendo, assim, jus à opinião geral.

A população bovina total é de 987 cabeças, das quais 728 são fêmeas registradas (450 vacas em produção e 278 entre 8 e 24 meses), com predominância das linhagens "Karvadi" e "Taj", especialmente a primeira (210 fêmeas têm o sangue "Chumak").

Essa qualidade inclui animais como "Indonésia", uma filha de "Chumak", 15 vezes grande campeã em exposições de renome, comprada ainda na categoria júnior de Abdel Janene, do Paraná, quando desfilava na pista de julgamento de Presidente Prudente, SP, antes de sagrar-se a grande campeã da mostra.

"Foi olhar e apaixonar-se" — lembra hoje Alberto. Outro destaque é "Delta", crioula da Sabiá, com "Taj I" e "Chumak" em sua ascendência, premiada onde se apresente, várias vezes grande campeã com menos de 50 meses. Alberto também possui um conjunto de progênie de pai que coleciona títulos — "Indonésia", "Casaca", "Graúna" e "Champagne", de "Chumak".

Entre os machos, o fazendeiro aponta "Filizu", um filho de "Taj I", hoje com 21 meses, campeão bezerro, júnior e frigorífico em várias exposições, e "Tovadari", filho de "Narambu", com 18 meses, também premiado como campeão bezerro e que tem, para Alberto, uma longa carreira de títulos pela frente.

CUIDADOS

A Sabiá e seu gado deixaram de ser uma atividade de lazer para Alberto, mas nem por isso a fazenda perdeu. Ao contrário, ganhou, e muito. Apesar da baixa qualidade do solo, um cerrado vermelho ex-

tremamente ácido, dá gosto ver os pastos, divididos, nos 700 hectares a eles destinados, em piquetes de 30 ha cada, entre as braquiárias humidicola, ruziziensis e decumbens. Houve aplicação maciça de calcário e adubação recomendada pela análise do solo, e a utilização das áreas em rodízio, determinada pelo comportamento das gramíneas e não por tempo pré-determinado, garante sua boa qualidade. O princípio adotado por Alberto é ter capim sobrando nos pastos e não gado passando fome.

Há capineiras de camerum, somando 50 hectares, fornecendo verde para corte e 80 hectares reservados para fenação, também em braquiárias, com o que se garante o volumoso necessário à criação. Milho vem de outra fazenda de Alberto, a São Bento do Taquarugú, em Passos, MG, próxima da Sabiá, onde também permanece o gado até a sua segunda cria. Com 260 alqueires paulistas, essa propriedade foi comprada há dois anos (a primeira metade da área) e está sendo ocupa-

COMPROVE

NO VERÃO **TRIBRISSEN**

**A CURA RÁPIDA
DO CURSO DOS
BEZERROS**



- O CERTEIRO

O curso dos bezerros, se não for tratado rapidamente, pode prejudicar seriamente o animal, e até mesmo matá-lo.

Tribrisen, à base de cotrimazina, é um poderoso anti-infeccioso que mata as bactérias.

Tribrisen injetável é eficaz, acabando com as bactérias, mesmo as resistentes a doses reforçadas de

outros produtos e que exigem associação de vários antibióticos.

Tribrisen, graças à rapidez de sua absorção, começa a exterminar as bactérias menos de uma hora depois de sua aplicação.

Tribrisen é muito econômico, pois, além de custar pouco, apenas uma aplicação diária garante ação anti-infecciosa por mais de 24 horas.

Tribrisen injetável vem pronto para uso e é fácil de aplicar.



**POTENTE. RÁPIDO. SEGURO.
ECONÔMICO. VOCÊ NUNCA
VAI DEIXAR DE USAR
TRIBRISSEN. O CERTEIRO.**



COOPER

Pesquisa e Serviço de Vida

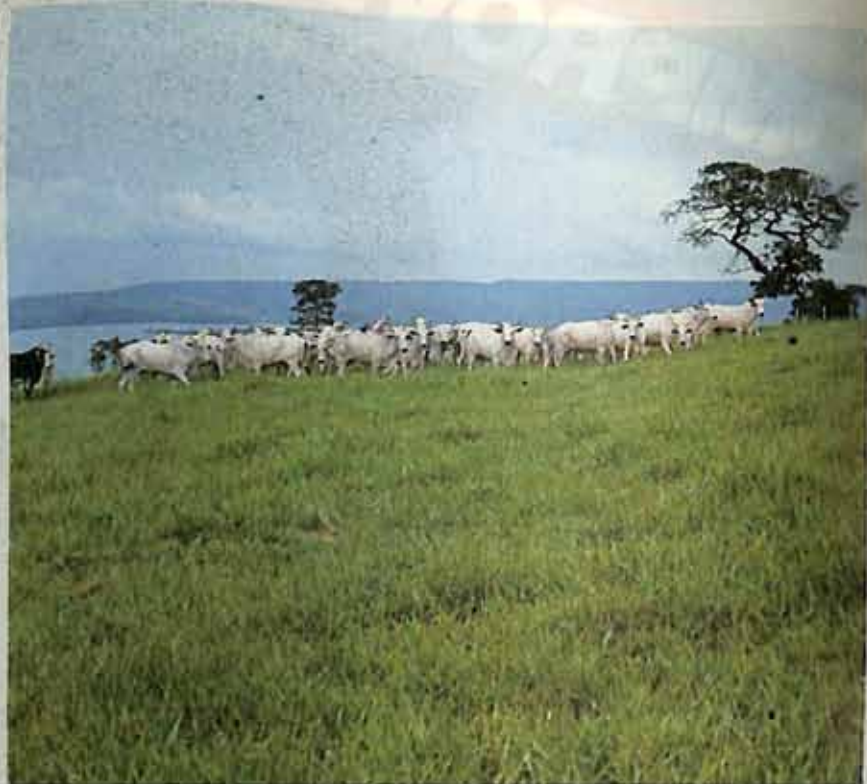
LABORATÓRIOS WELLCOME S.A.

da com colômbio, pois as terras são de melhor qualidade e o capim tem-se mostrado excelente para a engorda.

Como fazenda de seleção, a Sabiá divide o seu gado, mantendo os animais de exposição em estabulação permanente, soltando-os apenas pela manhã nos piquetes. Mas a rotina da fazenda obriga a que todo o rebanho seja visto diariamente, pelo menos uma vez, as vacas de produção passando por inspeção três vezes ao dia para detecção de cio e inseminação. Talvez resida aí boa parte do sucesso no emprego da IA pela fazenda, cujos controles indicam o pasto de 1,64 ampolas de sêmen por vaca prenhe, um índice raramente alcançado no comum das criações.

Além dos registros e controles oficiais da ABCZ, a própria fazenda faz questão de manter rigorosos assentamentos sobre os seus animais, manejo e custos. Mensalmente, por exemplo, pesa-se todo o gado das duas propriedades, e o fazendeiro dispõe, em seu escritório em Belo Horizonte, de relatórios circunstanciados sobre o rebanho, o desenvolvimento ponderal, as previsões de parições por touro (sêmen) e por vaca, detalhando dia e mês do provável nascimento, a participação dos touros nas coberturas (que revelam, por exemplo, que 28% das vacas prenhes, atualmente, gerarão filhos de "Chumak" e 12% de "Taj I"), do estoque de ampolas dos resultados da IA e do sêmen utilizado etc. Na fazenda, esses dados são de fácil manuseio, através de fichários tipo Kardex, que detalham para cada animal, além da genealogia, o seu histórico e, ainda, particularmente, o comportamento de cada fêmea na inseminação.

Na Sabiá, que é a vitrina de Alberto para o seu Nelore, o maior tempo e recursos já aplicados na fazenda permitiram que a propriedade assumisse a condição de um empreendimento bem organizado. Na São Bento do Taquaruçu, apenas há seis meses se completou a área total da fazenda, e por isso o projeto ainda é considerado em im-



Em Capitólio ou em Passos, as pastagens recebem o melhor dos manejos.

plantação. Mas Alberto não tem dúvida de que, mais um pouco, e não haverá diferenças entre uma e outra propriedade, pois o esquema será o mesmo para ambas, mantidas as características de zona de criação para a propriedade de Passos e de mostruário para a de Capitólio.

De ambas, porém, sempre resultará o gado que se mostra com destaque nas mais categorizadas exposições de zebu do país, como a Internacional de Nelore de São Paulo, a nacional de Uberaba e as de Ribeirão Preto, Goiânia, Presidente Prudente, Belo Horizonte e Bauru, relação que já inclui também Londrina, cidade eliminada exclusivamente em relação da grande distância de Capitólio. Ou o que se vende, diretamente na fazenda, ou através do Leilão da Lagoa da Serra, enquanto se começa a pensar em remate próprio, com a marca exclu-



Dico (dir.) aparece sempre para olhar, e Ronaldo aprendeu bem.

siva da Sabiá. Sempre oferecendo qualidade excepcional em Nelore-padrão, reconhecida por sinal já no exterior, como demonstra a exportação feita para a Colômbia, ano passado: de 53 cabeças exportadas para esse país, 30 procediam do projeto agropecuário da Mendes Júnior, em Pompeu, e as 23 restantes da Fazenda do Sabiá. ●

**Na Santa Clara, um almoço
em homenagem a Mr. Charles Gray,
Presidente da Associação
Internacional dos Criadores
de Santa Gertrudis.**



Durante a EMAPA-1981, exposição que reuniu grande número de expositores e criadores interessados na raça Santa Gertrudis, esteve em nossos meios o criador americano e Presidente da Associação Internacional de Santa Gertrudis, Mr. Charles Gray, que foi alvo de expressiva homenagem por parte do criador e selecionador brasileiro da raça, Dr. Alberto Emmanuel Whitaker, com um almoço em sua Fazenda Santa Clara, no município de Itaí, proximidades de Avaré-SP. Ao evento estiveram presentes figuras de destaque no criatório Santa Gertrudis, amigos, técnicos e outros convidados. A reportagem da Revista dos Criadores foi convidada e esteve presente, documentando o fato com as fotos acima.

IV Leilão do Jurumirim

**Bovinos Santa Gertrudis
31 de Julho de 1982
Fazenda Santa Clara — Itaí — SP**



Acima, o desfile de Holandês, a visita ilustre e a premiação recebida pelos irmãos Salgados, donos do melhor HPB.



Ao lado, A.C. Pinheiro Machado teve seu Jersey premiado, e srta. G. Madureira ganha como melhor expositor.

Avaré faz mostra municipal que sempre atrai muita qualidade

Dotada de um dos mais belos e funcionais recintos do Estado de São Paulo, Avaré, progressista cidade do Sul do Estado, realizou, no final do ano passado, pela décima-sétima vez, sua Exposição Municipal Agropecuária. Apesar do nome, o evento é de âmbito regional, atraindo expositores de todo o Estado, Paraná, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro e outras regiões, e constitui o fecho de ouro das mostras do Centro-Sul.

O evento do ano passado destacou especialmente a raça Santa Gertrudis, que deu um show de qua-

lidade e beleza entre os animais de corte, seguida de perto pelo Nelore, que, como sempre, lotou os pavilhões destinados à raça. O Gir esteve presente como o que há de melhor nessa criação, pois a região concentra os melhores plantéis paulistas. Outras raças de corte, como o Marchigiana e o Chianina, apresentaram-se com bom número. Nos plantéis de leite, o destaque ficou para o Jersey, que, além de grande representação, mostrou excelente qualidade. Na raça Holandesa, houve destaque para criações de Pindamonhangaba e Paranapanema no

preto e branco, enquanto o vermelho e branco causava sensação com os animais do Sítio do Madu, conhecido pelos seus grandes feitos em exposições da raça. Nos equinos, Mangalarga e Quarto-de-Milha rivalizavam, notando-se o crescente interesse regional pela última.

Nos leilões da exposição, registrou-se a repetição de algum desinteresse, consequência direta do mercado, e várias raças não atingiram os números esperados pelos seus exibidores. Mário Bannwart, presidente da comissão organizadora da mostra,

anunciou, por isso, várias modificações para os próximos eventos dessa natureza.

Apesar disso, Mário se mostrou bastante satisfeito com o resultado alcançado pela XVII EMAPA e destacou especialmente a colaboração recebida de seus companheiros, dos expositores e da Prefeitura Municipal, cujo titular, Fernando Cruz Pimentel, como assinalou, "não mede esforços no sentido de apresentar a exposição de Avaré, como uma das melhores do país". **Francisco A. Ferrari.**

KANAMICINA + FURAZOLIDONA

kanafran



**Duas armas
poderosas
no combate
às mastites**

Tratamento seguro da mastite aguda ou crônica.

A ação excelente da Kanamicina, já comprovada, junta-se agora, a ação da Furazolidona, criando uma DUPLA AÇÃO, no combate às mastites.



FATEC QUÍMICA INDUSTRIAL S.A.

Pça. da Liberdade, 130-10º and. - cj.1003

C. Postal: 2500-CEP. 01000 - Tel.: 37-7161 (PABX)

Uberaba se prepara para sua festa maior

Nos Escritórios Técnicos Regionais, as inscrições podem ser feitas até 15 de março; na sede da entidade, o prazo vai até 1.º de abril, mas a lotação estipulada é de 1.030 zebuínos (30 para o concurso leiteiro), mais 80 baías para equínos. Tudo para que a 48.ª Exposição Nacional de Gado Zebu, a realizar-se em Uberaba, MG, de 3 a 10 de maio, possa constituir a maior parada zebuína do país, segundo a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu — ABCZ.

Durante a exposição, serão realizadas as assembleias anuais da Confederação Brasileira Mundial dos Criadores de Zebu — Comzebu e da Confederação Interamericana de Ganadeiros — Ciaga.

Os leilões oficiais da exposição estão assim distribuídos: dia 6, II Leilão Campo Verde; dia 8, o leilão dos expositores, e dia 9, o de equínos. No entanto, haverá, um dia antes do início oficial da mostra, uma venda especial de Quarto-de-Milha e de Nelore mocho. Todas as vendas estão a cargo da Leiloeira — empresa especializada, ligada à entidade, que também superintenderá, dia 30 de maio, no local da mostra, a IV Feira de Bezerros de Corte de Minas Gerais.

Registro destacou bom búfalo em 81

Registro realizou, entre 26 de novembro e 2 de dezembro últimos, a sua tradicional



Expovalle-81, certame que, embora não caracterizado formalmente como mostra agropecuária, sempre exhibe excelentes representações animais, especialmente de bubalinos (e, em 81, destacando também o gado Pardo Suíço). Não houve julgamento para os bovinos, o que causou certo desapontamento entre os criadores, mas os bubalinos foram classificados nas três raças apresentadas: Murrah, Jafarabadi e Mediterrâneo.

Havia excelentes mostras de Nelore, Gir e de Pardo Suíço. A palma, como sempre, coube aos bubalinos, já que a região do Vale do Ribeira concentra animais de alta qualidade nas três raças.

Canchim de Tabajara vai a remate total

Dia 24 de março próximo, Antônio Luiz Junqueira Caldas, o leiloeiro preferido pelos criadores da raça, estará vendendo todo o plantel de Canchim do criador Tabajara da Silva Firpo, de Flora Rica, SP. O remate será realizado na própria fazenda do selecionador, e levará à pista cerca de 350 cabeças, inclusive fêmeas com bezerros ao pé.

Segundo Junqueira Caldas, o Canchim de Tabajara é muito homogêneo, com matrizes grandes e femininas, de cabeça miúda, pescoço delicado e tetas pequenas para facilitar o aleitamento, característica bastante desejável na raça.

O corrido programa deste Quarto-de-Milha

Além de participação que promete expressiva na exposição a ser realizada em Ribeirão Preto, no período de 20 a 28 de março próximo, a Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Quarto-de-Milha tem vários outros eventos programados para o mesmo mês. Em Ribeirão, nos dias 13 e 14 de março, realizam-se as provas do II Grande Prêmio (preparatórias), no Jockey Clube da cidade; no dia 20, às 8 horas, o III Grande Concurso de Conformação "Futurity" (julgamento), no parque de exposições, acontecendo à noite, com início programado para as 20 horas, o grande leilão da raça, no parque de exposições. Dias 26, às 9 horas, na arena do Rancho Quarto-de-Milha de Presidente Prudente, SP, acontece o III Grande Prêmio Potro do Futuro — Trabalho, e, dia 27, às 12 horas, no mesmo local, o VII Leilão Anual do Rancho.

Mais prazo para registro no Marchador

Eguas da raça Mangalarga Marchador ainda sem registro poderão ser avaliadas pelos técnicos da associação dos criadores até dezembro deste ano, quando o livro respectivo será fechado. A informação é da Associação Brasileira dos Criadores de Cavalos Marchador da Raça Mangalarga (sede em Belo Horizonte, MG, rua Goitacazes, 14, 13.º andar, telefone (031) 222-8833). Criadores de São Paulo e Triângulo Mineiro poderão solicitar a presença de Mário de Castro Andrade (rua Afonso Pena, 1.038, em Araçatuba, SP, telefone (0186) 23-1907) ou de Hélio Bernardo Plazzi Lazeri (rua Sampaio Ferraz, 151, apto. 174, em Campinas, SP, telefone (0192) 52-4055). Interessados do Paraná serão atendidos por Mário Rezende Pimenta Filho (rua Souza Naves, 667, em Londrina, PR, telefone (0432) 23-5352). Para criadores de fora de São Paulo, Paraná e Triângulo Mineiro, as solicitações devem ser dirigidas diretamente à Associação, em Belo Horizonte.

Ribeirão Preto terá mostras de categoria

Serão quatro eventos de expressão os que se efetivarão em Ribeirão Preto, no período de 20 a 28 de março próximo: a XI Expoinel — Exposição Internacional de Nelore, a VI Expobúfalo — Exposição Nacional de Búfalos, a Exposição Nacional de Cavalos Quarto-de-Milha e Potros do Futuro e a I Exposição Estadual do Cavalos Marchador da Raça Mangalarga. Calcula-se que estarão expostos acima de mil exemplares, entre animais de todas as raças, com pelo me-

nos 500 Nelore considerados a "cabeceira nacional e internacional da raça". O calendário oficial prevê a entrada dos animais nos dias 18 e 19, a pesagem oficial no dia 22, e os julgamentos nos dias 23 e 24. Os dias 27 e 28 estarão reservados para leilões de animais registrados (o da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil e o da Lagoa da Serra).

Além das entidades de criadores das várias raças que realizarão exposições próprias, a CODERP, uma empresa de economia mista de Ribeirão Preto, está pondo todo o empenho em que o parque permanentemente de exposições possa oferecer o melhor a visitantes e animais, para o que foram feitas várias reformas na área. Uma delas é a localização de uma pista de desfile e julgamento de animais na parte central do parque.

Os organizadores das mostras estão esperando a presença de visitantes estrangeiros, garantindo que Ribeirão Preto exibirá o que há de melhor no criatório nacional.

Salvador está pronta para a 34.^a exposição

O Parque de Exposições de Salvador, considerado um dos melhores do país, está pronto para receber animais das mais representativas criações do país, em bovinos, equinos, bubalinos, ovinos, suínos e caprinos, inscritos para

a 34.^a Exposição Estadual de Animais, na verdade uma mostra que atrai representações de vários Estados brasileiros, com destaque para o Nordeste. A Associação Bahiana dos Pecuaristas, que supervisiona o evento, conta com a promoção oficial do Governo estadual, através da Secretaria da Agricultura, colaboração do Ministério e Prefeitura Municipal de Salvador, e apoio da Federação da Agricultura do Estado da Bahia. A exposição acontece no período de 14 a 21 de março e promete amplo financiamento bancário através da rede particular e dos Bancos do Brasil, do Nordeste e do Estado da Bahia.

Mangalarga fará seus leilões em março agora

Acontecerá em São Paulo, no Parque da Água Branca, nos dias 12, 13 e 14 de março próximo, o 11.^o Leilão Mangalarga, promovido pela associação dos criadores da raça e patrocínio oficial da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. Dia 12 (sexta-feira), o remate se inicia às 19h30, apresentando éguas com crias ao pé; dia 13, às 13 horas, será a vez de potros e potras e, dia 14, no mesmo horário, a venda de éguas e reprodutores. A organização é da Programa.

Nova loja da ABC atenderá Rio, Minas e Espírito Santo

A Associação Brasileira de Criadores, que se expande pelo território nacional, através de seus Serviços de Controle Leiteiro e de Desenvolvimento Ponderal, Registro Genealógico e Assistência Técnica aos seus associados, inaugurará, na segunda quinzena de março próximo, mais uma filial. É a da cidade do Rio de Janeiro, próximo à tradicional praça Padre Seven, ao lado da conhecida igreja de São Cristóvão, que dá nome ao bairro, na rua Monsenhor Antônio Gomes, 3-A.

A unidade ocupará um prédio de dois andares, com 600 metros quadra-

dos cada. De início, funcionará plenamente a loja de atendimento, no pavimento térreo, onde os criadores encontrarão tudo de que necessitarem para suas propriedades. Para tanto, suas dependências foram reformadas e adaptadas. Também ali estará disponível o atendimento técnico aos associados.

O andar superior abrigará, posteriormente, os serviços de assistência técnica e terá salas para reuniões e encontros dos associados visitantes.

A instalação da sede carioca da ABC concretiza uma velha aspiração de criadores fluminenses, do

Espírito Santo e Sul de Minas, com os quais a entidade manteve sempre um estreito contacto. É oportuno lembrar os nomes de Renato e Octávio da Rocha Miranda, Teodoro Duvivier e seu filho Eduardo, Durval Garcia Menezes, Fausto Bebiano Martins, Silvio Cotrim e de tantos outros, no Rio, e, no Sul de Minas, em especial da tradicional região leiteira centrada em Leopoldina, que reaviva a lembrança de nomes como os de Antenor Ribeiro dos Reis, José Ribeiro dos Reis, Antônio Pedro Ribeiro Junqueira, Marino e Heleno Reis Junqueira, José Newton Reis Junqueira, João Freriks, José Gus-

tódio Pinto, cel. Prudente Carvalho de Araújo, José de Andrade Reis, cel. Severino de Andrade Junqueira.

Afora representar a realização de uma das metas de trabalho da diretoria da ABC, a nova unidade constituirá ponto de referência também para a **Revista dos Criadores**, que ali manterá um correspondente, para divulgar, pela revista, o que interessa à pecuária regional. Atualmente, cerca de mil sócios e assinantes terão na filial o seu local de encontro. Esperamos que, em breve, esse número possa ser multiplicado amplamente (L.A.P.)



Verminoses são inimigos declarados da criação e exigem controle

MÁRCIO TIAGO DOS REIS
MÁRIO EDUARDO PULGA

Márcio Tiago dos Reis e Mário Eduardo Pulga são médicos veterinários, atuando junto ao Departamento Veterinário do Soyer do Brasil.

Dentre os fatores que contribuem para o baixo índice de produtividade dos animais, a verminose ocupa lugar de destaque, sendo um dos principais pontos de estrangulamento dos sistemas de produção.

Em rebanhos bovinos de leite, devido a seu manejo mais intenso, a verminose ocasiona prejuízos mais evidentes, com diarreias e até mortes de animais. Em criações extensivas de bovinos para corte, os efeitos são mais dificilmente detectados, devido ao aspecto subclínico da verminose, que se traduz, principalmente, pelo baixo índice de crescimento dos animais, pelos arrepiados e sem brilho, anemia — sinais que, muitas vezes, se confundem com problemas nutricionais.

Com relação aos pequenos e médios animais, a verminose se apresenta também com características de importância relevante, pois, por serem eles criados habitualmente em regime de confinamento, fica favorecido o aparecimento de uma contaminação ambiental mais concentrada, advindo daí uma maior facilidade de infestação.

São inúmeros os efeitos nocivos das verminoses em todas as espécies, nem sempre aquilutados com realismo, especialmente quanto ao grau de interferência na produtividade animal. Para que esta produtividade possa existir, são necessários alguns fatores básicos, que podem ser agrupados em dois segmentos. O primeiro é composto de fatores de ordem genética, os quais, sem síntese, são consequência de um processo longo e demorado das características ligadas à produção. O segundo segmento é composto de fatores ligados ao meio, tais como calor, umidade, alimentação, doenças etc. Os dois são interdependentes e de extrema importância para uma produção racional e econômica.

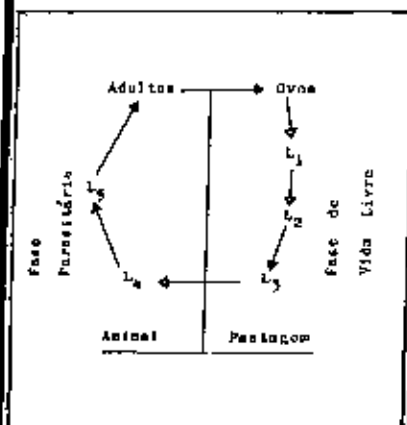


Figura 1

OS TERMOS

Para bem compreender o problema das verminoses é preciso, antes de mais nada, conceituar os termos que mais comumente surgem, quando se toca no assunto. Assim, parasito é todo ser vivo que se aloja em outro organismo, em caráter provisório ou permanente, a fim de se alimentar, reproduzir ou completar seu ciclo. Parasitologia é a ciência que estuda os parasitos, as enfermidades que causam e os meios para seu combate. Hospedeiro é o ser vivo que aloja o parasito e que é espolado por ele, sem obter qualquer compensação. Infestação é a penetração dos parasitos no hospedeiro. Período prepatente é aquele que vai desde a penetração do estágio infestante do parasito no hospedeiro até a aparição dos ovos ou larvas da geração seguinte.

Deixando de lado a classificação dos parasitos na escala zoológica, é importante saber que a ação sobre os hospedeiros é das mais nocivas, podendo ser identificada como:

— espoliativa, quando representada pela sucção de sangue, tecidos, nutrientes destinados ao hospedeiro (ex. *Haemonchus contortus*);

— infectante, quando o parasito carrega com ele um agente infeccioso, transmitindo-o ao hospedeiro (ex., o *Boophilus microplus*, que transmite a babesia e anaplasma; *Heterakis gallinae*, que transmite o agente da enteropatia);

— mecânica, quando provoca a obstrução de vasos sanguíneos e linfáticos, oclusão dos condutos intestinais, brônquicos, esofágico etc. (ex., obstrução brônquica, causada por *Dytiscocaulus*; do intestino, por *Ascaris*);

— tóxicas, pela secreção de substâncias tóxicas que atuam no hospedeiro (ex., *Taenia*, *Ancylostomidae*);

— traumática, quando o parasito dilata os tecidos do hospedeiro (ex., *Bunostomum trigonocephalum*, *Ancylostoma caninum*).

NEMATÓIDES

Nematóides são helmintos de corpo cilíndrico e alongado (vermes redondos), não segmentados, revestidos de cutícula, que possuem sexos separados e com dimorfismo sexual. Constituem um grande número, a maioria de vida livre. Muitas espécies parasitam homens e animais, além de plantas e os invertebrados.

Quando os técnicos falam em "ocorrência de verminose" não estão apenas dizendo que existem parasitos no organismo do hospedeiro, mas fazendo referência a uma série de fatores que se inter-relacionam, e cujo conjunto determina ou não o aparecimento da verminose.

1 — ALGUNS FATORES RELACIONADOS AO COMPLEXO VERMINOSE

Parasita	Ambiente	Hospedeiro
Número Espécie Ciclo — hipobiose Interações	Topografia Clima Estação do ano Manejo	Estado de nutrição Saúde Idade Imunidade



Normalmente, são consideradas como condições determinantes de incidência das verminoses os fatores climáticos (umidade e temperatura). Entretanto, além da precipitação e aumento da temperatura, existem outros, como tipo de solo, quantidade e tipo de vegetação, maior ou menor drenagem do terreno, irrigação etc., que devem ser considerados e adicionados aos fatores que interferem no manejo, como superlotação das pastagens, criação de adultos juntos com jovens, falta de vermifugação sistemática, promiscuidade entre espécies animais etc. Um ponto importante é que a resistência dos parasitos aos fatores ambientais pode diferir de uma área para outra. Portanto, não é possível delinear integralmente todos os fatores que influenciam a incidência de nematóides. No quadro 1, relacionam-se alguns dos fatores que devem ser considerados no complexo verminose, quanto ao parasita, ao ambiente e ao hospedeiro.

CICLO EVOLUTIVO

Os nematóides possuem cinco estágios de evolução: larva de 1.º, 2.º, 3.º e 4.º estágio, e adulto. A evolução se inicia, geralmente, pela saída do ovo, o qual, encontrando condições favoráveis, eclode, dando origem a uma larva infestante ou de 3.º estágio.

Normalmente, a eclosão do ovo e o desenvolvimento para larva infestante se dão no solo ou na pastagem. Após a penetração da larva infestante no hospedeiro, pode ocorrer o desenvolvimento para a forma adulta, no órgão de predileção, ou então realizar um complexo ciclo migratório, como se ilustra na figura 1.

Para melhor compreender esse ciclo, convém descrever o comportamento do principal representante dos nematóides no país, o *Haemonchus*.

Os vermes adultos, machos e fêmeas, vivem no abomaso (o quarto estômago dos ruminantes), onde copulam, passando a fêmea a eliminar ovos na ordem de até 10.000/dia. Os ovos caminham pelos intestinos, juntamente com o bolo alimentar, alcançando o meio ambiente através das fezes. Uma vez nas pastagens, tais ovos necessitam de condições especiais de calor e umidade, para prosseguirem sua evolução. Em temperaturas da ordem de 25°C, e havendo suficiente umidade, os ovos eclodem, dando origem a larvas, em 24-28 horas. Caso contrário, permanecem latentes até por algumas semanas, à espera de condições favoráveis.

Com a eclosão, sai uma larva conhecida como L₁, a qual, sob condições favoráveis, passa por rápidas alterações em seu envoltório, originando a L₂. Em aproximadamente 5 dias, se torna infestante, passando a se chamar L₃. Esta deixa o solo e sobe na haste do capim, movimentando-se para cima ou para baixo, de acordo com a interação de fatores, como luz, calor, umidade e terra. A L₃ pode persistir nas pastagens, aguardando ser ingerida pelos bovinos, durante períodos de 30 a 40 dias.

O bovino ingere as larvas juntamente com o capim, enquanto pasta. É interessante destacar que, se o bovino ingerir L₁ ou L₂, não há risco de infestação, pois tais larvas não conseguem completar sua evolução, sendo digeridas pelas enzimas digestivas. A L₃, ingerida, se dirige ao abomaso, onde penetra na sub-

mucosa, cavando galerias, lesando vasos sanguíneos, e passando, nesse intervalo, por mudanças em sua constituição. Depois, volta à luz do órgão, onde atinge a maturidade sexual, reiniciando-se o ciclo. O período entre a infestação e o aparecimento de ovos ou larvas da geração seguinte é da ordem de 21 dias.

As larvas do 4.º estágio e os vermes adultos são vigorosos sugadores de sangue, provocando anemia e morte. Nos cordeiros, estima-se a perda de sangue em 140 ml/dia.

Um ponto importante do ciclo dos nematóides é que as condições de temperatura e umidade, necessárias para o desenvolvimento de ovo a L₃, podem ser favorecidas pelas próprias fezes dos bovinos. Ao caírem no solo, as fezes sofrem a ação do calor, apresentando-se



Dependendo do estágio de seu desenvolvimento, as larvas podem permanecer nas pastagens por trinta a quarenta dias, até serem ingeridas.

dentro de pouco tempo com a camada externa mais seca e endurecida. Essa camada impede a saída de umidade da parte central das fezes, funcionando também como isolante térmico, permitindo que o calor, resultante dos processos de fermentação, favoreça a eclosão de ovos e desenvolvimento das larvas.

Alguns nematóides (como o *Bunostomum* e o *Strongyloides*), na fase L₁, têm a capacidade de penetrar ativamente através da pele dos animais. Os *Neocaris* e *Strongyloides* conseguem ultrapassar a barreira placentária, contaminando o feto.

Ainda com relação ao ciclo vital, existem diferenças de resistência das larvas ao frio. As de *Cooperia*, *Ostertagia*, *Nematodirus* e *Chabertia* são bastante resistentes ao frio, o que explica a maior incidência desses vermes nas regiões temperadas do Sul do Paraná para baixo, durante o inverno. O *Haemonchus* e *Oesophagostomum*, por sua vez, resistem mais ao calor, daí serem mais prevalentes nas épocas quentes. Alguns vermes têm maior patogenicidade nas fases L₁ e L₂ do que quando adultos. Exemplo típico é o *Oesophagostomum*, cujas larvas proporcionam a formação de grandes nódulos caseosos com pus, no intestino grosso, provocando diarreias, fraqueza e cólicas violentas nos animais.

Os sintomas da infestação são: diarreias, anemia, gastrite/enterite, edema submandibular, anorexia, mudança no quadro hemático, pelos arrepiados, cansaço, indiferença, fraqueza, tosse, dispnéia, corrimento nasal e broncopneumonia.

HIPOBIOSE

No ciclo normal dos vermes, as larvas infestantes (L₁) dos *Trichostrongylídeos* penetram na parede do tubo digestivo, sofrem uma "muda" que termina com a formação da L₂. Esta sai da parede da mucosa e evolui, em seguida, na luz do tubo digestivo. Essa fase intraparietal (em que a larva permanece dentro da parede gástrica ou intestinal) dura, conforme as espécies de vermes, de uma a três semanas.

Quando a duração dessa fase intraparietal passa, de cerca de uma semana, para vários meses, dá-se a isso o nome de hipobiose, inibição larval ou desenvolvimento larval interrompido, em que as larvas entram num estágio de letargia de metabolismo muito restrito, permanecendo assim por toda a estação desfavorável. O principal fator indutor dessa inibição é a ação das condições climáticas, como a baixa temperatura outonal nas regiões temperadas ou a fraca higrometria na região tropical, e as condições do hospedeiro.

A larva em hipobiose no hospedeiro, durante a estação desfavorável, retoma sua evolução quando as condições climáticas melhoram (primavera ou estação das águas). Embora a hipobiose não seja indispensável para a perpetuação das espécies na maioria dos casos, permite, entretanto, manter o parasitismo em ní-

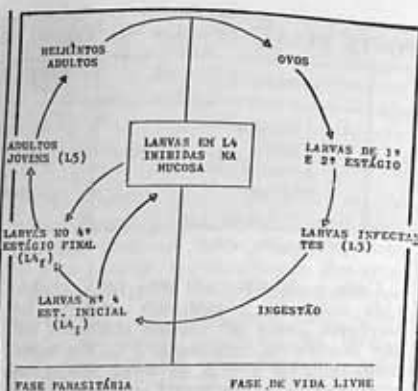


Figura 2

vel elevado, possibilitando sua passagem de uma geração a outra de hospedeiros. Os nematóides que mais apresentam inibição larval intraparietal são o *Haemonchus* e a *Ostertagia*.

O conhecimento desse fenômeno permite uma melhor compreensão de certos aspectos da epidemiologia das helmintíases gastrointestinais dos ruminantes, e deve ser levado em conta na profilaxia das verminoses, sobretudo porque, nesta fase, as larvas são resistentes a um grande número de antihelmínticos. A figura 2 ilustra a dinâmica natural da hipobiose.

Além de causar danos aos órgãos em que se encontram, as formas hipobióticas concorrem para o aumento da população adulta nos animais e, conseqüentemente, para uma infestação maior das pastagens, pois, quando as condições são favoráveis, elas reiniciam o seu desenvolvimento.

O conhecimento da ocorrência da hipobiose dos helmintos importantes de determinada região é relevante, pois o fenômeno ocorre em período do ano em que as condições ambientais são desfavoráveis ao desenvolvimento e sobrevivência das larvas infestantes na pastagem, sendo então coerente medicar os animais com anti-helmínticos que ajam contra estas formas hipobióticas. Nesse caso, deve-se ter cuidado na escolha do anti-helmíntico, pois, se foi usado um que somente elimine os adultos, se estará estimulando o reinício do desenvolvimento das formas hipobióticas.

CONTROLE

Como os helmintos são seres extremamente bem adaptados aos seus hospedeiros e ao meio ambiente, há que observar vários pontos para conseguir efetuar um controle efetivo sobre eles. Esse controle segue sistemas delineados com base na ecologia das larvas pré-parasíticas, ou na ecologia dos parasitos no hospedeiro, ou ainda de acordo com a orientação estacional de maior incidência de vermes.

A erradicação da verminose é impossível de ser realizada, pela especial e onerosa técnica necessária, sendo, portanto, o controle o modo mais objetivo, por limitar o potencial biótico do parasito

para um nível economicamente justificável. A combinação de bom manejo com racional uso de anti-helmínticos geralmente previne o parasitismo clínico.

Assim, o controle das verminoses pode ser realizado através de:

- anti-helmínticos
- adequado manejo dos pastos
- higiene e alimentação do rebanho.

No tocante ao uso de anti-helmínticos, recomendam-se tratamentos estratégicos e táticos.

Os tratamentos estratégicos são os realizados pela orientação estacional de maior incidência de vermes.

Exemplo desse tipo de tratamento é o praticado no Rio Grande do Sul onde existe um programa de dosificações bem estabelecido, que é o seguinte: de maio a junho, terneiros de 8-9 meses (desmama); de agosto a setembro, terneiros com 1 ano; de maio a junho, animais com 18-20 meses e de agosto a setembro, animais com 2 anos.

No restante do Brasil, como não se dispõe de levantamentos epidemiológicos e variações estacionais dos parasitos, o mais recomendado seria dosificar os bezerros de acordo com os diferentes sistemas de criação, ou seja: para bezerros criados com todo leite em pastagem natural, dosificar o gado fraco e os bezerros após a desmama; para bezerros criados com todo leite em pastagem artificial, dosificar após a desmama; para bezerros que vivem meio período com as mães, dosificar aos 3 meses e na desmama; para bezerros que mamam duas vezes ao dia, dosificar aos 3 ou 4 meses e na desmama; para bezerros com aleitamento artificial, dosificar 30 dias após entrarem em contato com o pasto e 90 dias depois.

O restante do gado, de modo geral, deve ser dosificado 2 vezes/ano: na entrada das águas (evitando que se agrave o potencial de infestação das pastagens na época em que haverá grande teor de umidade) e na entrada da seca (para limpar os animais que entrarão numa fase crítica de alimentação).

Os bovinos destinados à engorda devem ser dosificados antes de irem para as invernações e 3 a 4 meses antes do abate previsto.

Os tratamentos táticos são usados no reconhecimento de iminente aumento na incidência de vermes. O uso sistemático de anti-helmínticos de amplo espectro, deve ser associado a bons métodos de manejo dos animais.

O manejo adequado das pastagens a ser adotado depende essencialmente das condições locais de cada região. Entretanto, a rotação de pastagem, a separação de animais adultos dos jovens, e a distribuição racional dos animais, evitando-se a superlotação, são boas práticas para se evitar maiores infestações.

As medidas de higiene, como limpeza de instalações, currais drenados, água limpa e isenta de contaminação, exame periódico das fezes, aliados à boa alimentação, determinam maior resistência dos animais aos parasitos, bem como possibilitam a recuperação mais rápida dos efeitos nocivos e são fatores que permitem um maior controle das verminoses. ●

Receita australiana para leite

ARNALDO G. KELLER

Arnaldo G. Keller abandonou seus estudos de Engenharia Civil e Análise de Sistema, no Mackenzie, em São Paulo, para dedicar-se integralmente à Fazenda Cachoeirinha, em Pirassununga, SP. Ali, se mantém gado leiteiro, gado confinado para corte e lavouras de soja, milho e arroz, além de alguns feijão. Foi em função de seu interesse pela criação, que decidiu conhecer o sistema australiano de exploração de bovinos de leite. E lhe chamaram a atenção algumas características da atividade, que ele procura sintetizar para os leitores de RC, no texto a seguir.

A fascinação dos brasileiros quanto aos métodos americanos de produção leiteira sempre me pareceu ser um enfoque alienado das reais condições de nosso país. O povo, aqui, é pobre, simplesmente não tem renda para manter sua dieta alimentar básica. O "leite das crianças passa a ser cada dia mais difícil de ser "conquistado", e isto é um fato indiscutível. Já o consumidor americano se encontra em situação diferente: é rico, pode pagar pelo leite preços bem mais elevados.

Em outras palavras: nós, produtores, somos pagos para produzir leite, e quem nos paga não tem dinheiro suficiente para suportar sofisticadas instalações e insumos, tão em moda, hoje, extravagâncias que, sem dúvida, foram incentivadas pela facilidade com que se obtinham financiamentos altamente subsidiados, com o produtor, para habilitar-se a eles, sendo praticamente coagido a seguir as regras idealizadas no "tapetão". Hoje, a situação é outra, a festa acabou (ao menos para os produtores de leite), e os loucos que quiserem manter-se ou entrar no negócio devem ser mais cuidadosos e menos prodígios.

Por causa disso, minhas atenções foram-se voltando para a Austrália, cuja maior bacia leiteira (Atherton Tableland, Queensland) se localiza em região de clima e solos semelhantes ao nosso Sudeste.

O preço pago aos produtores é mais baixo que o nosso (14 cents australianos, que correspondiam a Cr\$ 20,00 por litro, em dezembro de 1981), mas proporciona bons lucros ao fazendeiro. O consumo "per capita" é alto, e o mercado exportador, vasto.

VALORIZAR OS PASTOS

A receita australiana para o leite é procurar produzi-lo a baixo custo. Subentendendo-se que o rebanho que vai utilizar as pastagens é produtivo, a preocupação dos fazendeiros da Austrália é com as pastagens, em que investem com boa taxa de retorno.

Segundo experiências australianas, um quilo de nitrogênio proporciona uma resposta de 23 quilos de matéria seca nos pastos (desde que os níveis de fósforo e potássio estejam corrigidos). Numa experiência que comprova a afirmativa, foram mantidas vacas em regime exclusivo de pasto, produzindo a média de um quilo de leite para cada quilo de matéria seca ingerida, afora produzir 50 a 100 kg de carne por animal, ao longo do ano da pesquisa. Conclui-se daí que cada quilo de nitrogênio lançado em cobertura nas pastagens pode responder com uma produção de 20 kg de leite, descontadas as perdas por pisoteio.

Há uma grande e sistemática preocupação para com os pastos; aqui, uma consorciação com leguminosas, que ganha irrigação no inverno.

Extrapolando-se esses resultados para as condições paulistas, cada quilo de nitrogênio, tendo como fonte o sulfato de amônia (Cr\$ 23,00 por quilo, com 20% de nitrogênio), custará Cr\$ 115,00 e dará um retorno de 20 kg de leite, portanto Cr\$ 580,00, considerando o valor de Cr\$ 29,00 por litro. Os custos de aplicação e correção do solo (calcário, fósforo e potássio), sendo variáveis, devem ser calculados para cada fazenda, mas, sem dúvida, são compensadores, já que, em média, se equiparam aos custos de cobertura nitrogenada.

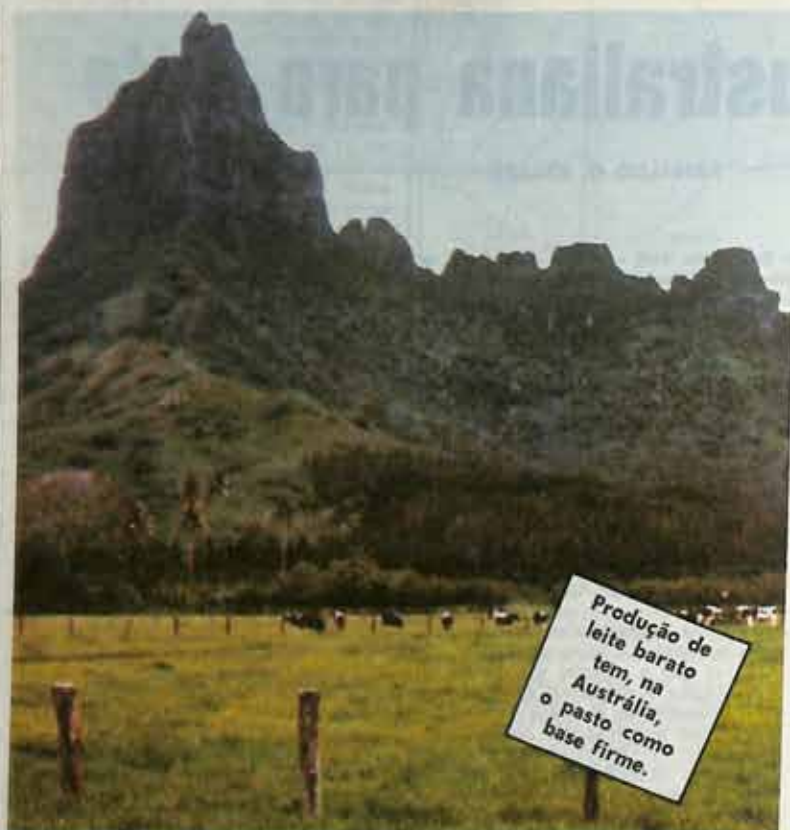
Chamam a atenção, na Austrália, o fato de o excesso de divisões de pastagens em piquetes, com origem no método Voisin, nunca haver sido aceito por técnicos do Department of Primay Industries. Eles recomendam que, para a produção leiteira, em as pastagens tropicais, as divisões sejam as de maior área e no menor número possível, para que as vacas possam escolher o que de melhor lhes aprouver. Insiste-se em que elas não devam ser obrigadas a ingerir alimentos que os animais rejeitariam, em condições normais, por estarem "fora do ponto", consumindo-os, portanto, em menor quantidade. Se a vaca puder escolher o que comer, dizem os especialistas australianos, ela comerá mais, dando também mais leite.

A consorciação de gramíneas e leguminosas (soja perene nos terrenos altos e desmodium nas baixadas) só é feita nas pastagens utilizadas pelo gado seco e novilhas. Normalmente, essas pastagens estão localizadas em áreas mais afastadas da sala de ordenha. O equilíbrio da consorciação é mantido por meio de adição ou não de nitrogênio. Se a leguminosa avança em demasia, faz-se a cobertura com nitrogênio, para que a gramínea se recupere, pois, comparativamente, só esta responde a tal tipo de adubação. Se estiver acontecendo o oposto, mantêm-se somente os níveis de fósforo e potássio o mais proximamente possível do ideal, deixando de usar os adubos nitrogenados.

O pH das pastagens gira em torno de 5,5. Para áreas consorciadas, a recomendação é que o pH seja um pouco mais elevado (até 6). Em análises de solo, consideram-se quantidades desejáveis de fósforo e potássio, respectivamente, 35 e 150 partes por milhão.

O gado em lactação tem reservadas as pastagens ao redor da sala de ordenha, e os pastos são fortemente adubados, à base de 180 a 200 quilos de nitrogênio por hectare, mantendo-se os níveis de fósforo e potássio próximos do ideal.





Não costuma haver consorciação para esses pastos. Isso porque as experiências realizadas na Austrália têm demonstrado que pastos formados exclusivamente de gramíneas, desde que devidamente corrigidos em sua acidez e adubados, proporcionam teor energético, protéico e mineral para uma forragem de altíssima qualidade. Além do que se produzem, assim, mais quilos de proteínas e energia por unidade de área. Dessa forma, não haverá problemas quanto à invasão de vegetação indesejável, pois a gramínea estará sempre forte e imbatível.

Mais usadas na Austrália, são as setáreas, gramíneas que produzem também no inverno, quando irrigadas. Tanto a variedade nandi quanto a karungula são empregadas, a segunda com melhores resultados quanto à produção de matéria seca e resistência ao pisoteio.

NO INVERNO

Em Atherton Tablelands, as pastagens são verdejantes, mesmo durante o inverno, graças à irrigação, recurso empregado quer nas pastagens perenes, quer nas cultivadas somente no inverno, como aveia, centeio e trevo branco ladino, que são os mais comuns.

Outra prática usual para prolongar a produção das pastagens perenes é a cobertura com adubos nitrogenados, logo

ao final das águas. O regime pluviométrico é bastante semelhante ao nosso, a época das chuvas coincidindo com a primavera-verão, e a seca ocorrendo no outono-inverno.

A silagem (geralmente feita de capim, sem o emprego de qualquer ativador da fermentação) é usada somente em casos de emergência, pois as gramíneas e leguminosas cultivadas no inverno provêm de clima temperado e, sendo assim, resistem bem às geadas. O armazenamento da silagem é feito no meio do próprio pasto, em silos de superfície, cobertos com lona plástica e pneus velhos. Para ser fornecido ao gado, o silo é aberto aos poucos, o gado sendo controlado no acesso ao volumoso por cerca elétrica, deslocável diariamente. Desse modo, economiza-se muito em transporte, tanto para armazenamento (feito no próprio local que fornece a forragem), como para administração do volumoso ao gado, afora a distribuição do esterco ao pasto, que já é feita normalmente.

CONCENTRADOS

Antes de revelar qual o critério usado pelos criadores para definir a composição e administração de concentrados a seus animais leiteiros, parece conveniente informar, simplificarmente, o que pensam a respeito os técnicos australianos.

Com base em exaustivas experiências, eles afirmam que é a forragem quem deve ser a preocupação fundamental dos fazendeiros, e não os concentrados, afirmando que são os pastos que devem ser a fonte de proteínas dos ruminantes, pois os alimentos protéicos são cada vez mais caros e, na verdade, desnecessários. A preocupação quanto não é, para os especialistas australianos, quanto ao teor protéico dos concentrados, mas sim com o seu teor energético. Daí o fubá de milho e o melaço serem as fontes energéticas mais utilizadas.

A justificativa é a seguinte: o ruminante abriga milhões de bactérias em seu rúmen. Essas bactérias se alimentam da energia ingerida pelo animal e se reproduzem e crescem proporcionalmente à quantidade de energia de que dispõem. A forragem, ao seguir pelo trato digestivo, leva do rúmen essas bactérias, muito ricas em proteínas, para serem digeridas pelo animal. Daí dizerem que essa deve ser a fonte de proteína dos ruminantes, as bactérias, e não os alimentos protéicos.

Considera-se, na Austrália, que bons pastos satisfazem as necessidades alimentares de uma boa vaca para a produção diária de 10 quilos de leite. A partir daí, é fornecido um quilo de milho (ou 1,3 quilos de melaço) para cada 2 quilos de leite excedentes de tal produção. Assim, uma vaca com produção diária de 16 quilos de leite receberá 3 quilos de fubá por dia. A fórmula prática é simples:

$$\text{ração diária} = \frac{\text{produção diária} - 10}{2}$$

Dessa maneira, obtêm-se médias de produção ao redor de 4.000 a 4.500 kg de leite por lactação. Não se busca atingir as médias de produção americanas e canadenses, porque se entende, na Austrália, que os custos aumentarão excessivamente. Além disso, aponta-se o fato de altas produções levarem as vacas ao "stress", obrigando ao seu descarte muito cedo, o que, por turno, ocasiona uma reposição forçada por novilhas, cujo potencial é desconhecido.

A inseminação é usada por cerca de 50% das fazendas da região, e o sêmen é comprado unicamente na central de propriedade do Governo, que o fornece a preço de custo (variável de 1,5 a 2,0 dólares australianos, equivalentes a Cr\$ 200,00/Cr\$ 300,00).

O Governo, além de promover pesquisas, têm uma participação ativa na ajuda aos fazendeiros, tanto na assistência técnica (agrônomos e veterinários, muito práticos, com boa visão econômica, estão em visitas constantes às propriedades), quanto no controle de preços, proporcionando, a atividade, sempre algum lucro. O relacionamento Governo-produtores, o mútuo respeito mantido, é algo invejável. A Austrália é o que é, em termos de produção leiteira, por ter um povo e um Governo que reconheceu o suor de seus trabalhadores e dão valor a suas queridas vacas. ●

Um bom pasto no morro

Embara o rebanho bovino de Minas Gerais seja um dos maiores do país, reconhece-se que sua produtividade ainda é muito baixa. Tal fato se prende, principalmente, à alimentação deficiente, que se apóia, quase que exclusivamente, na utilização de pastagens de baixo rendimento forrageiro e valor nutritivo.

A Zona da Mata de Minas Gerais possui pastagens que se localizam, geralmente, em áreas de topografia acidentada, com baixa fertilidade natural. Este fato, aliado ao manejo inadequado a que foram submetidas por longo tempo, constitui um sério problema para a produção de forragem.

A gramínea predominante nestas áreas de morro é o capim gordura que, apesar de bem adaptado e menos exigente que outros capins, apresenta baixa capacidade de suporte, agravada pela adoção de práticas inadequadas de manejo. Como consequência desse manejo, muitas das pastagens se encontram com pouca ou nenhuma cobertura vegetal, permitindo, dessa maneira, que grande parte da camada superficial do solo, a de maior fertilidade, seja arrastada pela erosão. Desta forma, a quantidade de forragem disponível para o gado diminui consideravelmente, à medida que esse processo de degradação evolui. Ao mesmo tempo, aumenta a ocorrência de plantas invasoras, principalmente sapé, grama batatais e outras, que, além de contribuírem para a redução da produtividade das pastagens, aumentam grandemente o custo de produção da exploração leiteira, em função dos maiores gastos anuais com limpeza.

Para o melhoramento de pastagens, apresentam-se como opções viáveis a introdução de leguminosas ou a substituição parcial ou completa por gramíneas, ou por gramíneas mais leguminosas.

Quando se pretende realizar trabalhos dessa natureza, deve-se levar em conta alguns fatores que podem interferir de forma relevante no sucesso do estabelecimento de pastagens em terrenos declivosos.

A erosão provocada pela chuva é fator de empobrecimento dos solos, concorrendo para a redução da produtividade, pelo desgaste e perda da camada superficial, que é a mais rica e produtiva. O preparo do solo e a implantação de pastagens em faixas e em nível, é um método eficiente no controle da erosão, já que uma parte da pastagem estará sempre protegida pela vegetação. Nesse sentido, está sendo realizado um trabalho no CNP—Gado de Leite em que são medidas as perdas de solo por erosão causada pela chuva, comparando-se sistemas de preparo do solo, na recuperação de pastagens.

Os dados apresentados na figura 1 mostram que não se deve preparar todo o



terreno para formação ou recuperação das pastagens. Comparando-se um solo totalmente preparado e semeado (A) com um outro preparado e mantido descoberto (B), observou-se que, no primeiro caso, as perdas foram reduzidas para 42%, demonstrando a importância da cobertura vegetal do solo no controle da erosão. Quando o preparo foi feito em faixas e em nível (C), as perdas de solo foram reduzidas, em média, para 7%, mostrando

do ser este o método recomendado para áreas acidentadas.

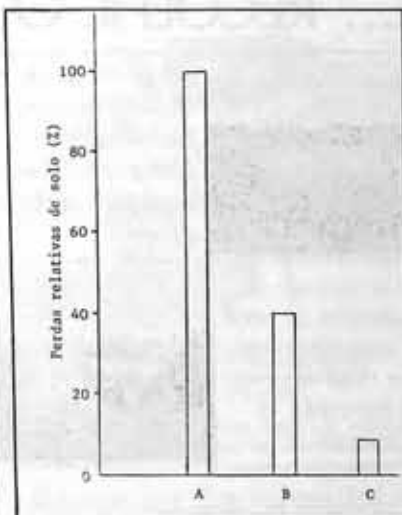
Nas situações em que a ocorrência de sapé é muito grande, há necessidade de eliminá-lo por ocasião da formação de nova pastagem.

A prática mais freqüente tem sido a queima das áreas invadidas por sapé, seguida de semeadura do capim. Todavia, este método não tem sido eficiente no controle da invasora.

Um trabalho realizado pelo CNP—Gado de Leite, em Leopoldina — MG, em área onde o sapé ocupava 95% da pastagem, mostrou que a aplicação de herbicida (glyphosate a 41%) são bastante eficientes no combate ao sapé, quando utilizados alguns dias após a queima da área infestada. Essas práticas foram seguidas do semeadura de capim gordura ou *Brachiaria decumbens* em sulcos, observando-se que o melhor controle foi obtido através da braquiária.

Grande parte do sucesso na formação e utilização de pastagens melhoradas, em solos ácidos, depende da escolha das espécies forrageiras. Estas devem ser bem adaptadas às condições de acidez e baixa fertilidade dos solos, situação que ocorre em quase toda a Zona da Mata de Minas Gerais. Devem ser ainda levadas em consideração características de produção, resistência à seca, palatabilidade, cobertura do solo e facilidade de consorciação com leguminosas. Assim, haverá redução nos investimentos iniciais com fertilizantes e serão obtidas pastagens mais duradouras e econômicas.

As necessidades de fertilizantes e corretivos para o estabelecimento de pasta-



A — continuamente descoberto
B — totalmente preparado e semeado
C — preparado em faixas e em nível

Tabela 1. PRODUÇÃO DE LEITE EM DIFERENTES TIPOS DE PASTAGENS

Tipos de pastagens	Produção de leite (litros)	
	por lactação	por ha/ano
Gordura + concentrado	900 — 1000	360 — 400
Outras gramíneas	1000 — 3000	1000 — 2500
Gramíneas + leguminosas	1200 — 6000	3000 — 8000

gens dependem de dois aspectos principais: a) fertilidade do solo, que pode ser conhecida através da análise e b) exigências nutricionais das forrageiras escolhidas.

É sabido que as exigências nutricionais variam consideravelmente entre gramíneas e leguminosas e mesmo entre espécies ou variedades dentro de cada grupo. Assim, os fertilizantes e níveis a serem empregados dependerão do solo e das espécies consideradas. Entretanto, pesquisas realizadas com os principais solos da Zona da Mata de Minas Gerais mostraram que, na maioria dos casos, existe deficiência de fósforo, que, se não corrigida, limitará seriamente o estabelecimento e produção de pastagens nessas áreas.

Além do fósforo, e dependendo da espécie, deficiências de cálcio, potássio e nitrogênio também poderão ocorrer. Por outro lado, em solos muito ácidos, a prática da calagem se faz necessária, quando da introdução de algumas leguminosas nas pastagens.

O método de plantio a ser utilizado deve promover uma rápida cobertura do solo e eficiente controle da erosão. Pesquisas realizadas no CNP—Gado de Leite demonstram que o plantio em faixas se constitui no método mais rápido de estabelecimento (70% e 43% da forragem total, respectivamente, para braquiária e leguminosas, seis meses após o plantio).

O preparo das faixas deverá ser feito em nível, podendo ser utilizado um arado de nível reversível com tração animal. Essas faixas terão aproximadamente 1,0 m de largura, intercaladas por outras não preparadas, com largura de 1,0 a 1,50 m. Esse método exige menos preparo do solo, o que reduz os efeitos prejudiciais da erosão em terrenos inclinados.

PRODUÇÃO DE LEITE

No Brasil, a região Sudeste é a principal produtora de leite com o Estado de Minas Gerais participando com 57% da

produção total. No entanto, enquanto a produtividade dos países mais desenvolvidos está acima de 4.000 l de leite por vaca e por ano, a produtividade de Minas Gerais é de apenas 697 litros.

A alimentação deficiente é uma das principais causas dos baixos índices de produtividade, principalmente na época seca do ano. Mas, utilizando-se de boas pastagens, pode-se conseguir melhores produções e em bases mais econômicas.

Na tabela 1 são mostrados dados de produção de leite obtidos em diversos tipos de pastagens.

A produção de leite no capim gordura, tanto por vaca quanto por área, é baixa, devido à sua limitada capacidade de suporte, agravada pela invasão das pastagens por plantas não desejáveis. As outras gramíneas, porém, mostram uma boa capacidade de suporte, indicando a possibilidade de aumento significativo da produção. A associação de gramíneas com leguminosas favorece ainda mais a produção por animal e por área. Isto se deve, em grande parte, à melhoria do valor nutritivo da pastagem, pela introdução das leguminosas.

As práticas aqui recomendadas são de simples execução, não requerem maiores gastos e resultam em aumento da produtividade leiteira, reduzindo sensivelmente o uso de suplementos volumosos e concentrados. ●

A LELY DISTRIBUI O ESTERCO E VOCÊ... RECOLHE O LUCRO

Esta é a filosofia da Lely: Mais lucro para o agricultor. E quando se trata de distribuir esterco isto acontece.



Uma carga de chorume do Lely equivale a 39 kg de nitrogênio, 2 kg de fósforo e 18 kg de potássio, tudo isto de graça...



Imagine a economia de adubos químicos se você aproveita integralmente a melhor e mais barato adubo do mercado: o dos seus animais.



Surpreendente, não? Na hora de comprar um distribuidor de esterco, compre um Lely. E bons lucros.



Lely do Brasil Indústria e Comércio Ltda.
Rua Maria Quevedas, 112/124, CEP 02176
Parque Novo Mundo - São Paulo
Telefone: 293-6222

Tudo para a sua fazenda



MISTURADOR DE RAÇÕES BENEDETTI - Prepara o ração na própria fazenda - rende mais e custa menos. Em apenas 15 minutos, mistura 500 Kg, com motor elétrico de 3 CV.



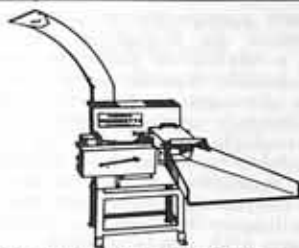
ORDENHADEIRA ALFA-LAVAL - Unidades independentes e projetos especiais para sales de ordenha sistema Espinha-de-Peixe. (Aproveite os novos preços do leite e instale agora mesmo em sua Fazenda).



MEDICAMENTOS EM GERAL - Vacinas contra aftosa, carbúnculo, brucelose, etc. O maior sortimento do País.



MOTO-SERRA STIHL - Ideal para fazendas, sítios e reforestamento. Implementos completos para abrir buracos de cerca, furar mourões, etc.



PICADEIRA-ENSILADEIRA BENEDETTI - Pica e ensila milho, sorgo, cana, capim, etc. Acionada a motor estacionário elétrico, diesel, gasolina, ou ainda pela tomada de força do trator.

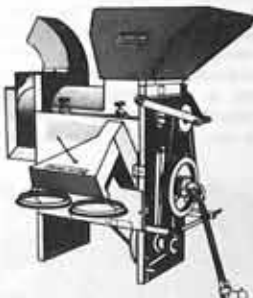


BEAVER - Roçadeira-Ceifadeira, portátil, com todos os acessórios para limpeza de pastos, corte de gramados, podas e perfuração de solo e madeira. Indispensável para fazendas, sítios ou clubes.



MIREX
- A LEGÍTIMA -

MIREX 450 - Granulada, em iscas que acabam de vez com os formigueiros.



DEBULHADOR DE MILHO NOGUEIRA - Acionado por motor elétrico, a gasolina, diesel ou trator, permite uma produção de 50 a 90 sacos de milho p/hora.



SAIS MINERAIS CONCENTRADOS ABC - Dosados de maneira equilibrada e racional, garantem a fertilidade, a produtividade e a saúde do rebanho.



LINHA COMPLETA JUMIL - Todos os implementos agrícolas necessários para sua Fazenda: Arados • Grades • Esparramadores de Calcário • Semeadoras • Adubadoras • Plantadoras-Adubadoras • Cultivadores • Picadoras-Ensiladoras • Colhedoras de Forragens • Debulhadores de Milho • Plataformas de Carga, etc. Preços especiais.



CARROÇA ESPECIAL DUTRA - Com capacidade para 500 Kg, é a melhor opção de transporte econômico para o campo.



ARADO SUPER-TATU - Robusto, para qualquer terreno. Engate universal para todos os tipos de tratores.

Associe-se à ABC, a entidade de classe de todos os criadores, em geral, independentemente de raças ou espécies criadas e ganhe uma assinatura anual da Revista dos Criadores. Anuidade: Cr\$ 6.000,00



Associação Brasileira de Criadores

São Paulo: Rua Jaguaribe, 634 - fone: 826-3033. Av. José César de Oliveira, 175 - (CEAGESP) - Fone: 831-7966 - Aberta até as 22 horas. S.J. Boa Vista: Rua Benjamin Constant, 25 - fone: (0196) 22-3904.

Comercializada somente através do gado, a forragem deve ser produzida, para maior economia, junto à fonte de consumo. Por isso, os pecuaristas precisam planejar sistemas de exploração de pastagens cada vez mais intensivos para manter a produção animal ao redor dos centros consumidores. O elevado custo da terra e de insumos e as variadas alternativas oferecidas para o uso do solo exigem níveis elevados de produção em pastagens, para que elas sejam competitivas com outras explorações.

A fertilidade do solo afeta o rendimento e a quantidade das forrageiras. Nitrogênio, fósforo e potássio são três principais macronutrientes limitantes do crescimento das forrageiras. Frequentemente, a resposta de gramíneas forrageiras à adubação depende da interação destes três elementos, em decorrência de sua disponibilidade relativa no solo.

A introdução do nitrogênio no sistema de produção pode ser feita através da fixação simbiótica, da fixação assimbiótica e através de fertilizantes químicos. Os fertilizantes nitrogenados, devido ao seu preço e ao rápido aumento na produção de matéria seca da planta forrageira, exigem intensificação e tecnificação na exploração das pastagens.

O fósforo é um elemento comumente deficiente nos solos brasileiros, fato que se reflete em problemas de fertilidade e crescimento dos bovinos, além de comprometer a produtividade e o valor das plantas forrageiras. Este é o motivo pelo qual se recomenda o fornecimento diário de farinha de ossos, ou outro suplemento rico em fósforo, aos bovinos em geral.

Na adubação de plantio, o fosfato natural deve ser distribuído a lanço na superfície do terreno, sendo incorporado com grade. Já o fosfato solúvel é colocado no sulco em profundidade e, de preferência, separado da semente.

Outro tipo de adubação que não deve ser esquecida é a orgânica. A pressão da crise mundial de energia faz com que os fertilizantes originados de reservas finitas subam de preço dia a dia. Neste caso, se enquadraram os adubos nitrogenados, fosfatados e os potássicos. Assim, na atual conjuntura, está-se pensando cada vez mais em utilizar a matéria orgânica,

inclusive os esterco dos animais domésticos, na forma sólida e líquida. A matéria orgânica do solo é, em geral, uma boa fonte de alimento para as plantas, melhorando a estrutura do solo e estimulando a granulação, isto é, o agrupamento de partículas do terreno.

Para ser utilizada pelas plantas, a matéria orgânica deve apresentar-se no estado de húmus. A transformação da matéria orgânica em húmus é um processo bioquímico de mineralização. O húmus é, portanto, o condicionador do solo e a fonte de nutrientes.

Nos solos agrícolas, a matéria orgânica pode e deve ser conservada mediante o uso de esterco de curral, de suínos, coelho etc., restos de culturas, composto, adubos verdes ou tortas.

De acordo com o tipo de adubo distribuído, as máquinas podem ser subdivididas em dois grandes grupos: as que aplicam fertilizantes químicos e as que distribuem adubos orgânicos.

Outro critério utilizado para a classificação é aquele que diz respeito ao estágio da cultura forrageira, em que o adubo é aplicado: antes do plantio, durante o plantio e após o desenvolvimento da cultura, ou adubação de manutenção. Durante o plantio, normalmente o fertilizante é aplicado junto com a semente.

Tanto antes como após o plantio, as máquinas distribuem o adubo na superfície do solo. Esta distribuição pode ser feita a lanço ou em linhas. As adubadoras a lanço têm dois princípios básicos de funcionamento: disco rotação com aletas ou dispositivo pendular.

No primeiro caso, a distribuição é feita por meio da força centrífuga, que impulsiona o produto em forma de "leque" bem aberto sobre o solo. O equipamento é acoplado ao engate de três pontos dos tratores, tendo um depósito com formato de caixa piramidal com vertice voltado para baixo. O acionamento é realizado pela tomada de potência por meio de um eixo cardã. A regulagem do produto é conseguida graças a um anel de distribuição com três aberturas, controladas por meio de uma alavanca acionada manualmente. Um agitador colocado no interior do depósito facilita a distribuição quando os fertilizantes se encontram úmidos ou empedrados.



As máquinas para plantar e adubar as nossas pastagens

GASTÃO MORAES DA SILVEIRA



Distribuição de adubo a lanço antes do plantio.



**Esta é uma
semeadora e
adubadora, que
opera em uma
única passada.**



**Aqui, um modelo
de linhas, usado
também para a
adubação, quando
do plantio.**

Os equipamentos com dispositivo pendular são acoplados no sistema hidráulico de levantamento por três pontos do trator e acionados pela tomada de potência. Possuem um chassis, ao qual vai preso um depósito com formato de funil. O movimento de rotação, vindo da tomada de potência do trator, é transmitido à máquina por meio de um eixo cardã. O movimento é recebido por um volante, que tem preso excêntrica na sua superfície uma junta que aciona um tubo, com movimento de vaivém, semelhante ao do pêndulo de um relógio.

Na parte inferior do depósito ou funil, existe um disco com aberturas em forma de setas, que permite variar a quantidade de sementes. Uma alavanca graduada dá a variação da abertura do disco. Na parte superior do disco, dentro do funil ou depósito, existe um agitador tipo vaivém, que facilita a distribuição do fertilizante, mas não pode ser usado com sementes ou adubos granulados.

A distribuição em linhas é feita por equipamentos que distribuem o fertilizante em filetes contínuos na superfície do solo. Possuem um depósito trapezoidal, tendo uma série de aberturas na parte inferior, por onde sai o fertilizante. Assim sendo, formam no solo ou superfície da folha da forrageira, diversos filetes paralelos, cujo número depende da capacidade da máquina. No interior do depósito, existem mexedores que impulsionam o material através das aberturas.

São diversos os tipos de mexedores com um eixo, tendo soldadas na sua superfície várias aletas circulares ou retangulares, ou rosetas em caracol, de arame duplo, impedindo que o fertilizante se empilhe e assegurando uma distribuição uniforme.

A variação da quantidade a ser aplicada depende da maior ou menor abertura de fechamento de um registro inferior, tipo régua, por meio de uma alavanca com piques de regulação, acionada manualmente.

No plantio, dependendo das condições, o adubo pode ou não ser aplicado junto com a semente, o que vai determinar o número de operações com as máquinas. Fazendo-se a mistura, há duas aplicações: aplicação do adubo e incorporação

com grade de discos. Se não for feita a mistura, há quatro: aplicação do adubo, sua incorporação, aplicação da semente e respectiva incorporação.

Feita a mistura, ela deve ser usada imediatamente, pois, caso contrário, o adubo irá queimar as sementes.

Na adubação de manutenção, as adubadoras devem distribuir o fertilizante de maneira homogênea na superfície do terreno. A maior distribuição do produto em determinado lado da máquina ocasiona uma diferença de coloração das forrageiras, algum tempo após a aplicação. Se isto acontecer, o equipamento apresenta um defeito muito sério, e o seu projeto deve ser reestudado.

Outro ponto importante na adubação após o plantio é a determinação correta da largura de trabalho, para garantir uma regulação precisa. Se este detalhe não for observado, a cultura ficará com faixas mais claras e faixas mais escuras, identificando os locais onde o fertilizante foi aplicado. Este problema ocorre principalmente nas máquinas que jogam o fertilizante a lanço no terreno. Neste caso, a largura de trabalho é função do peso

do material distribuído. Nos manuais, os fabricantes dão exemplos de distribuição de semente, que, em certos casos, prevêem uma largura de até 14 m. No caso das pastagens, para se jogar adubo em pó, este valor é sensivelmente inferior, estando ao redor de 3 a 4 m.

Qualquer que seja o tipo de máquina, o usuário deve ler com atenção o catálogo que a acompanha, fazendo as regulações preliminares, determinando todos os parâmetros, antes de colocar o equipamento para trabalhar no campo em larga escala.

NO PLANTIO

A adubação no plantio é realizada pelas semeadoras-adubadoras, que enterram a semente e o adubo em uma única passada, promovendo uma compactação do solo antes e depois da queda dos produtos. Esses equipamentos proporcionam uma distribuição uniforme tanto dos fertilizantes como das sementes.

Existem dois tipos: os que possuem um único depósito para adubo e semente, e as que têm depósitos separados. No primeiro caso, a mistura deve ser feita e utilizada imediatamente. Se isto não for feito, o adubo prejudicará o poder germinativo da semente.

São máquinas acopladas ao sistema de engate por três pontos do trator. Recebem o movimento de rolos compactadores, que permanecem em contacto com o solo. O depósito tem um formato trapezoidal com aberturas na parte inferior, reguláveis através de uma alavanca. Os rolos compactadores giram sobre a superfície do solo e, por meio de uma corrente, acionam um eixo localizado no interior do depósito, que impulsiona o fertilizante pelas aberturas.

Nos equipamentos que possuem depósitos separados, a estrutura é composta de conjuntos independentes, o que torna a máquina mais leve na sua tração. Como são também oscilantes, permitem acompanhar as irregularidades do terreno.



Distribuidor de adubo orgânico líquido, aplicando chorume.



As semeadoras-adubadoras de linhas conjugadas são usadas basicamente na semeadura de trigo, arroz, aveia etc., podendo também ser empregadas com sementes de forrageiras ou diversos tipos de capins. No chassi, vão montados dois depósitos: um de sementes e outro de adubo, com mecanismos dosadores independentes.

Quando no solo, a semente deve ser posicionada abaixo ou acima da linha de fertilizantes, porém sempre ao seu lado. O depósito de adubo tem o formato de uma caixa trapezoidal comprida, colocada na parte superior. Duas rodas laterais sustentam o conjunto e acionam o mecanismo de distribuição. No fundo do depósito, estão os orifícios de saída do adubo. O mecanismo de distribuição mais comum é aquele com dois eixos, providos de saliências dispostas em cruz, helicoidalmente, as quais, passando rente aos orifícios reguláveis no fundo do depósito, fazem com que uma determinada quantidade de fertilizante se escoe por eles.

ADUBOS ORGÂNICOS

Dependendo do estado em que se encontra o esterco, usam-se distribuidores para líquidos ou sólidos. Os distribuidores de esterco líquido têm tanque de capacidade variável, de acordo com o modelo de 2.500, 4.000 ou 6.000 litros. Internamente, o tanque é tratado com material anticorrosivo. O equipamento é montado em uma carreta, acoplada à barra de tração do trator. Na parte da frente existe um compressor, acionado pela tomada de potência do trator, possuindo dois estágios: sucção e aspersão.

Na sucção, forma-se vácuo dentro do tanque, fazendo com que o líquido penetre no seu interior. Mudando-se a posição de uma alavanca, procede-se à aspersão e, conseqüentemente, à descarga do reservatório. Assim, o líquido não entra em contacto com o "coração" da máquina, isto é, o compressor, evitando-se problemas de corrosão e desgaste, o que é uma grande vantagem para este tipo de equipamento.

Há no tanque uma abertura para inspeção periódica, colocação de sementes ou adubos orgânicos. No circuito existe também uma válvula de segurança da pressão, visor de nível, para verificar a



O distribuidor de adubo orgânico sólido tem em seu interior um eixo rotativo provido de aletas, para espalhar.

posição do líquido no interior do tanque, e um manômetro de fácil leitura. Internamente, o equipamento possui um agitador, que movimenta o material líquido ou semi-líquido, misturando as partes sólidas com as líquidas. O adubo orgânico pode ser distribuído na superfície total do terreno ou lateralmente, em forma de leque ou faixas.

Terminada a lavagem do estábulo, o material é coletado na forma líquida em uma esterqueira. Daí é sugado pela máquina, transportado ao campo e distribuído. O tempo de abastecimento é de dois minutos, e o de descarga, de quatro a seis. A potência que o compressor absorve do trator é de 22 cv. Nestes equipamentos, uma só pessoa é capaz de executar todo o serviço, economizando muita mão-de-obra.

Na distribuição de esterco sólido, o material é raspado, transportado por um carrinho-de-mão e a seguir lançado no campo. Este trabalho pode ser realizado com a ajuda de uma carreta comum, ou por equipamentos construídos especialmente para este fim. Para executar esta tarefa, há três diferentes princípios de

funcionamento: esteira rolante, disco rotativo e carreta tendo no seu interior um eixo rotativo.

A esteira rolante localiza-se no fundo ou assoalho de uma carreta. Esta esteira pode ser constituída por um par de correntes, unidas por barras, que se movimentam ao redor do chão do depósito. Na extremidade posterior, há um dispositivo, no geral em forma de garra giratória, a qual arranca pedaços da massa existente no depósito e os lança para trás, sobre o solo.

As máquinas com disco rotativo jogam o esterco sólido a lançar na superfície do terreno. O disco é dotado de aletas que, por meio da força centrífuga, impulsionam o produto em forma de leque aberto sobre o solo. Este equipamento funciona bem com cama de serragem, mas deixa a desejar quando o esterco está misturado com restos de material fenado.

O terceiro tipo é uma carreta que tem no seu interior um eixo rotativo. A máquina é acionada pela tomada de potência do trator, e distribui o esterco, independentemente do tipo de cama utilizada (serragem, feno ou outro material). ●

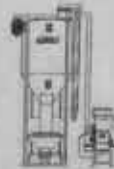
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS PARA FABRICAÇÃO DE RAÇÕES



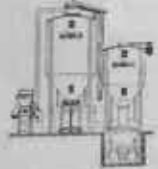
Trituradora



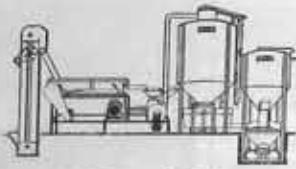
Misturadora de Rações



Conjuntos para Armazenagem e Mistura



Conjuntos para Fabricação de Rações



Mini Fábrica de Rações

MÁQUINAS BENEDETTI

ESPRITO SANTO DO PINHAL - SP

MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS PARA AVICULTURA, SUINOCULTURA E AGROPECUÁRIA.

Revendedores no Brasil e Exterior

Praça Vicente F. Guimarães, 36
Caixa Postal, 35
Tels.: (DDD 0196) 51-1464 e 51-1677
Espírito Santo do Pinhal - S. P.

Revisão das relações entre aspectos da reprodução da novilha de corte e sua produção vitalícia

2. Associações com a data relativa de parição e com distocia

1. Relações entre a data relativa de parição na primeira estação de parição e a produção subsequente

1. Introdução — Para que uma novilha se torne prenhe aos 12-15 meses de idade, depois de acasalada com um touro fértil, isso depende em parte dela ter atingido a puberdade antes do término da estação de monta, desde que esta estação demore mais que o ciclo estral de 21 dias. Quanto mais cedo a fêmea atingir a puberdade, maior possibilidade terá de conceber com um touro fértil ou por inseminação artificial. Assim, a taxa de prenhez e a data de concepção são determinadas parcialmente pelo número de exposições ao touro das novilhas em cio durante a estação de monta. Se as fêmeas forem acasaladas primeiramente com cerca de 27 meses de idade, então, a idade pública em geral não tem importância.

Esta seção descreve as consequências da data precoce vs data tardia da parição em novilhas, relativas ao rebanho médio. Os trabalhos aqui revistos estão relacionados com projetos de datas de parição de novilhas, primeiramente para o intervalo do anestro pós-parto (IAPP) e em segundo lugar para as datas de parição subsequentes. A primeira dessas relações provavelmente não depende do manejo do touro ou da inseminação artificial (i.a.), mas a segunda pode estar grandemente dependente do manejo do reprodutor, ou seja, do tempo em que o touro é acasalado, ou a i.a. tem início e a duração do período de monta. Assim, quando as correlações e regressões diferem entre experimentos, há provavelmente diferenças de manejo, como parte da explicação na segunda situação. Além do manejo do touro, podem ser importantes as grandes di-

ferenças em níveis de nutrição e alterações do nível nutricional para determinar o sinal algébrico ou o tamanho das regressões. Por exemplo, uma data de parição isolada, nas condições de pasto, relativas ao tempo de aumento sazonal de suprimento de forra-ens, é provavelmente importante, particularmente quando não há suplementação alimentar. Para fêmeas em reprodução em condições de confinamento ou suplementadas, o suplemento alimentar pode ser consideravelmente menos limitante. Para as que parem primeiramente, uma forma de aplicar tratamento preferencial sob condições extensivas, consiste em mantê-las separadas das vacas mais velhas, com maior suprimento de alimento. Assim, as relações a serem recapituladas poderão ser afetadas pelo fato de essa prática ter sido adotada ou pelo fato de todas as fêmeas terem estado juntas por algum tempo entre o primeiro acasalamento e as primeiras parições a seguir.

2. Relação entre data de parição e intervalo do anestro pós-parto — As estimativas publicadas são mostradas no quadro 2 para correlações ou regressões do IAPP sobre a data de primeira parição (para novilhas) ou sobre a data de parição imediatamente precedente (para vacas). Nove das onze informações sumariadas nesse quadro apresentam estimativas com sinal negativo. Pensou-se que as diferenças de manejo pudessem explicar as estimativas positivas nos dois relatos restantes, como será discutido

mais adiante. Entre as estimativas negativas, a regressão média indicou um IAPP de 0,65 dias mais breve por dia de parição mais tardia. Assim, para cada ciclo de 21 dias mais tardio à parição, a data de primeiro cio pós-parto foi aproximadamente de 7 dias mais tardia somente. Esta data se refere principalmente a experimentos ou dados de campo com um tipo de parição concentrada, ou seja, a maioria das fêmeas parindo dentro de 100 dias.

A maneira pela qual estes achados são transformados em fertilidade do rebanho e data de parto em parição (s) subsequente, depende parcialmente do manejo do touro (data de acasalamento e duração da estação de monta). Se o período de monta é breve, por exemplo, 45 dias, ou em certos casos breve em relação à duração do período de parição precedente, isso tende a induzir uma correlação positiva entre a data de parição e a porcentagem de fêmeas que deixam de parir (porcentagem de "secas").* Se o touro é acasalado tarde ou a i.a. se inicia tardiamente, isto tende a induzir uma correlação negativa entre a data de parição e o interparto (Plasse e cols., 1968). Se os touros são acasalados muito cedo ou a i.a. começa precocemente e é continuada por período limitado, isso tende a produzir uma correlação positiva entre a data de parição e a porcentagem de "secas", e a correlação entre a primeira data de parição e o interparto será difícil de prever (ver na discussão do quadro 2).

Uma explicação possível para os casos em que os valores são positivos é que a resposta pode depender do nível de alimentação no momento da parição, ou da alteração do nível. Esses dois estudos foram feitos em rebanhos com alto nível alimentar e/ou com o fornecimento de alimento extra após o parto. Sob tais circunstâncias, as demandas de nutrientes

Por um lapso de revisão, o título da seção, no número anterior, foi publicado incorretamente. Deveria ser: Revisão das relações entre aspectos da reprodução de novilhas de raças de corte e sua produção vitalícia.

1 — Sumário de trabalhos que investigaram a relação entre o intervalo do ancestral pós-parto (IAPP) e a data de parição.

Autores	Data de parição do rebanho	Correlação "r"	Regressão "b"	Comentários
Knight & Nicoll (1978)	Primavera	—	-0,7	4 raças (corte e leiteiras) novilhas
Knight & Nicoll (1978)	Primavera	—	-0,4	5 raças de corte, vacas
Morris e cols. (1978)	Primavera	—	-1,1	Aberdeen-Angus
Dalton e cols. (1978)	Primavera	—	-0,8	4 raças (corte e leiteiras)
Warnick (1955)	Primavera	0,62	-0,61	A-Angus e Hereford
Bosman & Harwin (1969)	Fim de inverno	—	-0,42	—
Kilkenny (1978)	Várias	positiva ²	—	575 rebanhos
Bellows & Short (1978)	Primavera	—	-0,72	Novilhas e vacas, exper. 1
Bellows & Short (1978)	Primavera	—	-0,41	Novilhas e vacas, exper. 2
Laster e cols. (1973)	Verão	positiva	—	5 raças e cruzas, valor sig. para vacas
Laster e cols. (1973)	Outono	—	—	> 4 anos de idade; correl. do parto do 1.º intervalo de acasalamento com a data de parição sig. para todas idades de vacas.
Doornbos e cols. (1977)	—	—	-0,39	Novilhas e vacas.

1. = Relação fenotípica: r = correlação e b = regressão do intervalo sobre a data de 1.º parto (dias/dia).

2. = Não afetada pela distribuição dos partos ou data de parição média do rebanho.

a mais após o parto podem deixar de "punir" as vacas de parição precoce, ao passo que, sob condições extensivas, as demandas podem ser tais que provocam um IAPP mais prolongado. Isto pode ser apenas uma explicação parcial, porque também foram obtidos valores negativos em um estudo (Bellows & Short, 1978) no qual foram propiciados, antes da parição, níveis elevados de alimentação, e as vacas voltaram para o pasto mais cedo após o parto.

Níveis relativamente elevados de alimentação foram ministrados por Burris & Priode (1958) em experimento com vacas paridas no inverno/primavera. Eles obtiveram uma regressão da data de segunda parição sobre a data de primeira parição de 0,37 dia por dia (correlação de 0,32). Estes indícios confirmam a hipótese enunciada anteriormente. Também estimaram a regressão geral de 6,1 vacas "secas" por 20 dias da data de parição, o que igualmente é válido. Seus achados foram qualificados com a nota de que a última regressão era menor para gado A-Angus, que apresentava desempenho médio à parição mais elevado, do que para as outras duas raças envolvidas (Hereford e Shorthorn). Doornbos e cols. (1977), entretanto, não mencionam qualquer efeito significativo da data de parição sobre a prenhez após 21 ou após 45 dias do acasalamento, embora houvesse uma relação altamente significativa com o IAPP. Dados de Montana (Berghand, 1964) mostraram que novilhas de 2 anos, que produziam bezerros mais cedo em sua primeira estação de monta, continuavam a parir mais cedo até sua última parição, e tiveram uma taxa de prenhez vitalícia mais elevada que as paridas tardiamente.

Um importante colorido do quadro 1 está relacionado com a prática de consular novilhas algumas semanas antes que as vacas (em sistema de parição sazo-

nal). Mossman & Hanly (1977) na N. Zelândia reportam que novilhas ou vacas com parição tardia frequentemente ficavam vazias na estação de monta seguinte, quando o período de monta era restrito. Contudo, eles também mencionam que as que pariam tardiamente e que pariam na

estação seguinte, não ficavam prenhes sucessivamente mais tarde a cada ano. Seus resultados podem ser expressos como uma regressão negativa da segunda data de parição sobre a primeira, e assim são concordantes com as regressões negativas sumariadas no quadro 1.

Considerando-se que o coeficiente de regressão da novilha de Knight & Nicoll (1978) é de -0,7, o que também se refere aos dados neo-zelandeses, o acasalamento de novilhas 20 dias mais cedo pode resultar em uma perda de 14 dias em sua "vantagem" sobre a data de parto na segunda parição sob aquele sistema de manejo. Contudo, elas teriam 0,33 mais oportunidades, cada uma, de serem cobertas do que as novilhas que pariram na data média do rebanho (supondo-se um ciclo estral de 21 dias). Balanceando os dados para novilhas de sobreano, o fato é que, se as condições são tais para que haja uma correlação positiva entre o peso da novilha de sobreano e a taxa de concepção, as novilhas acasaladas 21 dias mais novas são provavelmente 12-16 kg mais leves. As novilhas com um bezerro mais jovem ao pé, até que ocorra o crescimento estacional do pasto, podem oferecer vantagens sob certas condições, devido presumivelmente a uma tensão menor da lactação.

Na pecuária leiteira, em levantamento em grande escala na Irlanda (Cunningham e cols., 1976), foi verificado que as novilhas parem em média 27 dias mais tarde do que as vacas, mas com intervalos 10-12 dias mais breves. Eles notaram que o interparto mais breve pode ser uma consequência da data de parição mais tardia.

Wiltbank (1974) e Mossman & Hanley (1977) citam pormenores de dois planos semelhantes de manejo para melhorar a colheita líquida de bezerros à base de rebanho, sendo que o primeiro autor fornece dados sobre o teste desse siste-

NORMA

A completa linha nacional
para manipulação e distribuição
de adubos orgânicos



Distribuidores de Adubos Orgânicos Líquidos
Distribuidores de Adubos Orgânicos Sólidos
Carretes para confecção e distribuição
de silagem e compostagem.



UM PRODUTO
SCHWARTZ & CIA. LTDA.
Rua Leopoldo Guedes, 224 - Tel. 55422 24-1823
Faxes (5422) 321 5982 BR
04.100 - PORTA GROSSA - PR - BRASIL

2 — Repetibilidade de vários intervalos de tempo no ciclo reprodutivo anual

Autores	Característica: dias entre dois pontos medidos	Repetib.	Comentários
Chapman & Casida (1973)*	IAPP§	0,19 ¹ 0,16	Todos os dados Somente dados com valores 86 dias $h^2 = 0,27 - 0,32$
Olds & Seath (1953)*	IAPP	0,29	—
Warnick (1955)	IAPP	0,06	—
Wiltbank & Cook (1958)	Parição à concepção	0,001-0,14	—
	IAPP	0,12 ¹ -0,05	—
	1.ª monta à concep.	0,031-0,00	—
Menge e cols. (1952)*	IAPP	0,20	—
	Parição ao 1.º corpo lúteo	0,06	—
	Parição ao momento da invol. uterina	0,12	—
Plasse e cols. (1968)	Início do acasal. ao momento da concepção	0,16	—
Singh e cols. (1965)*	Intervalo pós parto ao 1.º serviço	—	$h^2 = 0,13$
Miaostova (1969)*	IAPP	—	$h^2 = 0,26$

1 = o primeiro valor refere-se a vacas amamentando e o segundo valor a vacas ordenhadas mecanicamente. A comparação é levemente viciada devido à elevada proporção de primíparas ordenhadas à máquina.

* = dados de gado leiteiro.

§ = IAPP, intervalo do anestro pós parto.

h^2 = herdabilidade.

ma. Ele incluiu o uso de mais novilhas que as necessárias para o acasalamento, seguido de refugagem, restrição da estação de monta (submetida à uma porcentagem satisfatória de coberturas) aumento da proporção de vacas que exibiam cio mediante melhor alimentação mais cedo, sincronização do estro em vacas e acasalamento das novilhas 20 dias mais cedo do que as vacas. Não há dúvida que

o sistema, em seu todo, foi frutífero, embora o IAPP das novilhas de primeira cria não seja mencionado. A taxa de refugagem das novilhas e os níveis alimentares foram suficientes para produzir uma parição concentrada e elevada fertilidade. Os pesos médios ao desmame foram melhorados de 17 kg em 4 anos, presumivelmente por este método; a variação total das médias anuais foi de 186-205 kg

no grupo tratado, comparado a 155-192 kg no grupo testemunha, não tratado por este sistema.

Plasse e cols. (1968) reportaram um efeito significativo ($P < 0,01$) sobre o intervalo do parto à concepção em vacas mais velhas, não somente quanto à idade de parição em curso como em relação ao primeiro parto. Lesmeister e cols. (1973) também referem este efeito da idade à parição da novilha ($P < 0,05$). As novilhas paridas mais cedo tiveram intervalos nitidamente mais curtos à concepção, e, num rebanho investigado por Lesmeister e cols. (1973), a sobrevivência do bezerro até o desmame declinou à medida que a data de parição aumentava. Também Milagres e cols. (1979) reportam que a sobrevivência dos bezerras da primeira parição estava correlacionada negativamente ($P < 0,01$) com a idade da novilha à primeira concepção.

Whitemore e cols. (1974) relatam o desempenho reprodutivo de vacas leiteiras divididas em grupos denominados "alto" e "baixo", com base no valor genético da produção de leite. As diferenças entre grupos (alto menos baixo) foram de $2 \pm 1,5$ dias para o intervalo entre parto e primeira ovulação, $6 \pm 2,1$ dias para o intervalo entre parto e primeiro cio e $10 \pm 4,3\%$ para retenção de placentas. Se estes resultados forem aplicados ao gado de corte, existe, então, uma relação desfavorável entre reprodução e produção leiteira.

Voltando agora à idade das novilhas no início da estação de monta, Milagres e cols. (1979) reportam que ela afeta significativamente a taxa de parição das novilhas de 2 anos de idade ($P < 0,01$). Somente 52% das novilhas em idade igual ou menor que 12 meses no início da estação de monta pariram com 2 anos,

RAÇA PITANGUEIRAS

Produção de leite e carne em regime de campo



Lote de novilhas Pitangueiras.

Agropastoril Nazareth - Chácara Nazareth

Prop.: JOÃO PACHECO CHAVES

End.: Rua do Rosário, 2202 — Fone: 22-7138 — Piracicaba - SP

ao passo que 72% das com 13-15 meses no começo da monta o fizeram com a referida idade. O número de serviços por concepção não foi associado à idade no início da estação de monta. Ellis (1974) cita que, em 5 dos 13 rebanhos-anos estudados, as novilhas que ficaram prenhes subsequentemente eram significativamente mais velhas por ocasião da primeira cobertura do que as que permaneceram vazias. Seis dos oito rebanhos restantes mostraram diferenças não significativas na mesma direção. Em geral, a diferença de idade foi de 7 dias. Laster e cols. (1979) citam correlações "genéticas" de médias de raça para características com a idade à puberdade; a porcentagem de fêmeas de 2 anos que pariram nos 25 primeiros dias da estação de monta, -0,75; a porcentagem de prenhez das de sobreano (42 dias de i.a. + 22 dias de monta natural), -0,42; produção de leite aos 3 e 4 anos de idade, -0,88. Também as novilhas oriundas de vacas de 4 anos de idade eram 13 ± 2 dias mais novas à puberdade do que as de vacas com 5 anos (não havendo mães de 2 e 3 anos de idade dessas novilhas).

3. Repetibilidade e herdabilidade do intervalo entre partos e alguns de seus componentes — A repetibilidade e alguns índices de herdabilidade para vá-

rios intervalos de tempo em um ciclo reprodutivo anual são mostrados nos quadros 2 e 3. Majala (1978) recapitulou as estimativas de herdabilidade para interparto e encontrou a média ponderada de 3,3%. Revisou também aspectos genéticos de certos componentes do ciclo reprodutivo. Conquanto a maioria dos índices de repetibilidade dos quadros 2 e 3 sejam pequenos, pergunta-se se esses valores são compatíveis com as regressões negativas do IAPP sobre a data de primeira parição do quadro 1. Eles são compatíveis porque as variáveis de cada característica também devem ser levadas em conta e estas diferem entre as características. Para se fixar uma política de acasalamentos, o fato de a faixa de parições não ficar necessariamente mais estreita das novilhas para as vacas é uma consequência da repetibilidade dos interpartos e dos efeitos ao acaso da duração do ciclo estral, o número deaios (1.º, 2.º etc.), a duração da gestação, sobrepostos à data do primeiro cio pós parto.

Brown e cols. (1954) relatam que 18% da variação do interparto são atribuíveis à data da parição anterior, a despeito de a repetibilidade do interparto ser muito baixa. Contudo, em geral, como as características dos quadros 2 e 3 são repetíveis, seria possível melhorá-las me-

diante refugagem, mas o melhoramento seria mínimo porque os valores são muito pequenos. Grandes melhorias poderiam ser alcançadas por outras medidas de manejo, tais como as descritas por Wiltbank (1974).

Parece que os índices de repetibilidade são geralmente mais elevados em raças leiteiras. Contudo, este tipo de gado é conduzido de modo diverso que o de corte e portanto a conclusão é confundida com o experimento, o nível de manejo e a amamentação vs. ordenha mecânica. Wiltbank & Cook (1958) calcularam as repetibilidades da amamentação vs. ordenha mecânica em gado Shorthorn (quadro 2) e obtiveram resultados variáveis, embora não houvesse dúvidas de que o IAPP médio fosse reduzido pela ordenha mecânica. Casida (1968) revisou a informação publicada sobre este efeito e concluiu que, embora confundido com raça, as raças leiteiras ordenhadas tinham um IAPP cuja média variava de 30 a 72 dias, e as vacas de corte que amamentavam, a média de 46-104 dias. Assim, a ordenha precoce das novilhas de corte, particularmente das que pariram primeiramente aos 2 anos de idade, pode contribuir para diminuir os problemas da recobertura (Laster e cols. 1973), embora a prática aumente os custos da criação de

NELORE

(Linhagem Lemgruber - "LB",
de provada pureza genética)

MAIS FÉRTIL MAIS PESADO MAIS DÓCIL

Desempenho em 1981

Certame	Classe	Classificação	Peso kg	Vantagem LB-kg
UBERABA Exposição - Maio	18/24 meses	1.º prêmio 2.º colocado - LB "Padrão"	575 648	73
	34/42 meses	1.º prêmio 2.º colocado - LB "Licuri"	636 782	146
RIB.PRETO Exposição - Agosto	24/30 meses	1.º prêmio 3.º colocado - LB "Padrão"	671 782	111
	36/42 meses	1.º prêmio 3.º colocado - LB "Licuri"	800 969	169
BAURU Exposição - Novembro	24/30 meses	1.º prêmio - LB "Padrão" 2.º colocado	798 712	86
	42/48 meses	1.º prêmio - LB "Licuri" (1) 2.º colocado	988 847	141
SERTÃOZINHO Prova Ganho de Peso Maio/Outubro	peso ajust. 392 d.	1.º prêmio - LB 6542 (2) 2.º colocado	376,24 372,92	3,32
	ganho em 112 d.	1.º prêmio - LB 6609 (2) 2.º colocado - LB 6458 (2) e outro	129 117	12

(1) Reservado Campeão; (2) só pasto até a desmama.

SELEÇÃO E
GARANTIA



MANAH S/A
CIA. ABERTA 100% NACIONAL

Fazenda Manah do Mundo Novo
Estr. Est. SP 225, km 110 - CP 45
17380 - Brotas, SP.
Telefones: (0146) 54.1519 - (011) 260.8209

Dia 6/5/82 (5ª feira) - Valinhos - SP.

Parque Municipal de Feiras e Exposições Monsenhor Bruno Nardini.

Paulo D'Alho

(Marguerite Dutilh),

Panorama

(Donald Graber),

São Quirino

(Pecuária Anhumas),

Sta. Margarida

(Plínio C. de Albuquerque),

São José

(Guilherme W.S. Caldas) e

Sta. Maria da Posse

(Luiz de Moraes Barros)

9 MACHOS PO

**102 FÊMEAS
POI, PO, GHB e PC**

Machos PO filhos de vacas com pelo menos 5.000 kg na 1ª lactação ou 6.000 kg nas demais; todas as fêmeas paridas há mais de 6 meses ou com idade superior a 30 meses terão atestado de prenhez positiva.

**LEILÃO DO
OUTONO
82**

Holandês Preto e Branco

9 machos PO:

7 com idade entre 15 e 23 meses, 1 com 31 meses e 1 com 4 anos, filhos de touros altamente provados e de mães com produção média acima de 7.500 kg.

102 fêmeas:

Fêmeas adultas com produção média de 6.445 kg; 70% com idades que variam entre 2 e 5 anos; 2 POI, 32 PO, 39 GHB e 29 PC (GC-1 a GC-5). Todas as fêmeas acham-se prenhes ou em lactação.

Estão representados produtos dos touros Glendell Arlinda Chief, Romandale Dividend Performer, Harrisburg Gay Ideal, Penstate Ivanhoé Star, Harborcrest Marcus, Sterlingdale Pioneer Admiral, Paclamar Capsule, Milu Betty Ivanhoé Chief, Le-Del Ideal Superior, Paclamar Astronaut, Edeal Pinonia Matt Tippy, L.M. Diplomata Ivanhoé Rockman, A. Northcroft Admiral Citation, dentre outros.

Dia 5-5-82 (4ª feira)

10:00h - Visita às Fazendas Pau D'Alho e São José, com almoço incluso (saída da PROPEC).

20:00h - Coquetel no Hotel Vila Rica de Campinas.

Dia 6-5-82 (5ª feira)

09:00h - Apresentação dos animais no Parque de Exposições de Valinhos.

12:00h - Leilão do Outono-82.

Condições excepcionais de pagamento:

20% de sinal e o saldo em 6 pagamentos mensais com juros de apenas 3,33% ao mês ou 60 dias sem juros.

Desconto de 8% para pagamento a vista. Opção para financiamento bancário através do Banco Itaú.

Obs.: a partir de abril, retire o seu catálogo na Programa ou na Propec, com amplas informações sobre os produtos à venda.

Leiloeiros: Djalma Barbosa de Lima e Odemar Costa.



Rua São Francisco, 81 - 5º andar
CEP 01005 - Tel: 34-7131
São Paulo - SP



Avenida Papa Paulo VI, 492 - Telefones:
8-0639 e 31-9902 - Caixa Postal: 1842 -
CEP 13.100 - Campinas - SP.

bezerros. Dados de Mahadevan & Marples (1961) mostraram uma repetibilidade do parto de $0,25 \pm 0,06$ para vacas ordenhadas e de $0,14 \pm 0,08$ para as mantidas juntamente com o grupo acima, mas amamentando em parte.

Parece importante que uma correlação positiva tenha sido notada, em vacas leiteiras, entre o parto e a produção leiteira (Menge e cols., 1962; Olds & Seath, 1953; Singh & Prasad, 1968; Galukande e cols., 1962). Dois experimentos, nos quais foram estimadas as herdabilidades do parto mediante regressões de filhas-mães, deram valores negativos (Brown e cols., 1964; Singh & Prasad, 1968). Isto sugere efeitos negativos do ambiente ou maternos, e, se tais efeitos são reais, eles agem contra qualquer seleção que se faça das fêmeas com vistas a partos mais curtos.

4. Efeito da data de parição sobre pesos ao desmame de bezerros nascidos na ocasião ou subsequentes — Exemplo do efeito do tipo de parição sobre o peso ao desmame é dado por Morrow & Brink (1968). Eles analisaram dados do Colorado sobre 546 vacas com 241 partições, classificando a parição e o desempenho do bezerro de acordo com a data de nascimento de cada produto (quadro 4) ou classificando todos os dados de bezerros conforme a data da primeira parição da vaca (quadro 5). Os resultados do quadro 4 mostram que os bezerros nascidos cedo eram mais pesados ao desmame do que os nascidos tardiamente. O quadro 5 mostra que as vacas que pariram cedo em sua primeira estação de parição tiveram um peso médio ao desmame mais elevado de todos os seus bezerros, dentro do sistema particular de manejo. Contudo, é possível fazer uma correção aproximada dos dados do quadro 5 de acordo com os efeitos da data de parição do quadro 4 (ou seja, considerando os dados realmente usados classificando-os em grupos). Após os ajustes, não houve tendências nítidas no peso médio ao desmame: ou seja, no grupo de parição 5, o valor de 184 kg foi assim calculado: $[(171 \times 78) - (122 \times 16)] / (78-16)$.

3 — Repetibilidade e herdabilidade do intervalo entrepartos

Autores	Repetib.	Herdab.	Comentários
Plasse e cols. (1968)	0,08	—	Todos os dados
Plasse e cols. (1968)	0,03	—	Exclusive intervalos longos
Lueker e cols. (1963)	0,01	—	Partições todo o ano
Borsotti e cols. (1979)	0,24	—	10 estim. variando de 0,05 a 0,50. Partições todo o ano
Brown e cols. (1954)	0,02	0,01	3 dados/vaca partições todo o ano
Brown e cols. (1954)	ve	0,01	5 dados/vaca todo o ano
Schalles & Marlowe (1967)	$0,02 \pm 0,01$	$0,03 \pm 0,20$	Idade de refugagem da vaca sem efeito
Harwin e cols. (1967)	0,14	—	—
Mahadevan & Marples (1961) ¹	0,21	$0,010 \pm 0,20$	—
Mahadevan e cols. (1962)	0,23	—	6 estimativas variando de 0,09 a 0,32
Mahadevan e cols. (1962)	—	$0,06 \pm 0,22$	1.º intervalo entre partos
Singh & Prasad (1968)	$0,25 \pm 0,05$	—	—
Lemeister e cols. (1973)	0,09; 0,11	—	Dois rebanhos
Burris & Priode (1958)	0,33; 0,38; 0,46	—	Três rebanhos
Galukande e cols. (1962)	0,18; 0,09; 0,21	$0,00 \pm 0,19$	Três rebanhos
Dadiani e cols. (1969) ¹	0,20	—	—
Singh e cols. (1968)	$0,29 \pm 0,16$	$0,29 \pm 0,04$	1.º intervalo entre partos
Kushwaha (1964)	0,20	0,34	—
Singh & Sundaresan (1969) ¹	$0,27 \pm 0,15$	—	1.º intervalo entre partos
Singh & Sundaresan (1969) ¹	$0,23 \pm 0,55$	—	—
Pattie & Osborne (1978)	$0,03 \pm 0,08$	—	Dois rebanhos
	$0,02 \pm 0,05$	—	—

¹ = dados de gado leiteiro.



FAZENDA OLHOS D'ÁGUA
Proprietário: Sr. Octacílio Molan

Coloca à disposição dos criadores, excelentes Reprodutores (machos e fêmeas) da raça Chianina - 3/4 - 1/2 sangue.
Precocidade - Fertilidade - recordista em ganho de peso nos cruzamentos.

FAZENDA: Rodov. Raposo Tavares, Km 255 - (Hoiambra II) até Casa das Flores, seguir setas indicativas da Fazenda Olhos D'Água - Itai - SP. Telefones: 013-8627 - 212-6396
CORRESPONDÊNCIAS: A.C. OTACÍLIO MOLAN - Av. Faria Lima, 1.409 - 14.º andar - 01451 - São Paulo - SP.

**Para
assinar a
REVISTA DOS
CRIADORES**

**basta telefonar
263-8434**

4 — Efeito relativo da data do parto e idade ao 1.º parto no desempenho¹ do bezerro, segundo Morrow e Brinks (1968)

Data da parição codificada por grupo ²	N.º de bezerros nascidos	Data de nascimento média (dias do ano)	Peso ao desmame médio (kg)	% de bezerros perdidos	N.º de bezerros nascidos	Data de nascimento média (dias do ano)	Peso ao desmame médio (kg)	% de bezerros perdidos ³
		Vacas paridas	com 2 anos ²			Vacas paridas	com 3 anos ²	
Precoce	13	64	195	30,8	4	51	179	75,0
1	871	90	199	11,7	250	90	195	12,8
2	511	108	178	13,5	141	107	175	13,5
3	311	128	158	13,5	61	125	153	16,4
4	160	146	137	19,4	38	145	143	21,1
5	36	163	122	11,1	11	159	132	18,2
Tardia	4	194	129	0	—	—	—	—
Total ou média	1906	107	180	13,2	505	104	180	14,7

1 = dados de 20 anos (1948-1967), San Juan Basin Experimental Station, Colorado.

2 = desempenho de bezerros de vacas de todas as idades.

3 = grupos de 1 a 5 referem-se a 1.º, 2.º...5.º períodos de vinte dias de uma estação de nascimentos esperada; houve outros 21 partos "precoces" ou "tardios".

4 = dois grupos combinados: bezerros perdidos ao nascer e antes da desmama.

O valor de 122 kg foi tomado de todos os grupos de idades de vacas e assim tivemos uma superestimativa dos pesos médios ao desmame dos bezerros de 2 anos de até 15%, dependendo da distribuição da idade da vaca na média geral do quadro 4. O valor de 184 kg, portanto, subes-

tima um resultado inteiramente ajustado. Os dados ajustados mostraram pouca evidência de que as diferenças nas datas de parição entre vacas em um sistema de manejo têm efeitos repetíveis sobre os pesos ao desmame. Não obstante, as práticas de manejo conducentes à parição precoce

de novilhas deram pesos ao desmame durante a vida mais elevados (quadro 5, dados não corrigidos) porque o primeiro registro é parte do registro vitalício.

Outro exemplo de relações entre produção precoce e vitalícia é propiciado no quadro 6, com dados analisados por Les-

SHOPPING CENTER DO AGRICULTOR - CONAGRA - O MUNDO MARAVILHOSO DOS FAZENDEIROS

- Adubos simples e compostos
- Arame farpado
- Arame liso
- Artigos para cães
- Defensivos (inseticidas, fungicidas e herbicidas)
- Ferramentas
- Implementos agrícolas
- Lonas e cordas
- Máquinas e acessórios
- Materiais para jardinagem
- Ordenhadeiras
- Produtos veterinários
- Pulverizadores
- Rações para todos os fins
- Sais minerais e suplementos

- Selas e artigos para montaria
- Sementes (cereais, forrageiras e hortaliças)
- Silos aéreos e subterrâneos
- Telas e cercas
- Tubos, mangueiras, conexões
- Uniformes
- Utensílios em geral
- Bolsa de Máquinas Usadas

Exposição Permanente de produtos para a lavoura e pecuária. Despachamos para todo o Brasil.



R. Clélia, 1517 (esq. R. Aurélio)
CEP 05042 - São Paulo - SP
Tels.: 864-8636 - 864-7205
Estacionamento interno

meister e cols. (1973). Já havia sido notado em seu experimento que a data de parição da novilha era significativa em seus efeitos sobre as datas seguintes de parição. O quadro 6 mostra seus efeitos sobre os pesos dos bezerros ao desmame e os ganhos diários médios antes do desmame dos bezerros subsequentes e sobre todos os bezerros (ou seja, inclusive o primeiro). Mas os resultados dos pesos ao desmame e ganhos diários não foram consistentes, o que tem difícil explicação.

5. Efeitos nutricionais sobre alguns componentes do ciclo reprodutivo — Registraram-se muitos experimentos pré e pós parição, designados para examinar os efeitos da alimentação, peso, condições físicas e ganhos de peso sobre a atividade estral subsequente, a reprodução e o desempenho do bezerro antes do desmame. Os efeitos de uma nutrição superior sobre o IAPP e a data de parição podem ser resumidos, em geral, como reduzindo esse intervalo do ciclo reprodutivo em curso, juntamente com a data de concepção, fazendo com que a data de parição seguinte ocorra mais cedo (dependendo do manejo do touro).

Os experimentos de Bellows & Short (1978), por exemplo, mostraram que os níveis alimentares mais altos, durante a gestação, produzem intervalos pós parto mais breves ($P < 0,05$), maior número de fêmeas que exibiam cio antes da estação de monta ($P < 0,01$) e proporção mais elevada de fêmeas diagnosticadas como prenhes no outono ($P < 0,10$). Como exemplo ulterior, o experimento de Pinney e cols. (1972) sobre a idade à primeira parição, quando os tratamentos nutricionais foram superpostos, mostrou que o nível alimentar baixo causou uma delonga significativa da data de parição, em comparação aos níveis médio ou alto.

Turnman e cols. (1965) resumiram três provas de alimentação no inverno com novilhas em Fort Reno, Oklahoma. O nível alimentar baixo de inverno para fêmeas de sobrelano produziu um atraso de 18 dias na data de parição das fêmeas de 2 anos, em comparação ao nível alto. Combinando os efeitos do nível alimentar alto vs. baixo, nas mesmas novilhas, antes na primeira parição (e sem o reagrupamento no caso das novilhas para tratamento), houve um atraso de 37 dias na data da segunda parição das novilhas sob nível baixo, em comparação com as de nível alto. Os intervalos médios de parição para os tratamentos alto, médio e baixo foram respectivamente de 360, 369 e 379 dias. A distribuição das parições das novilhas sob nível baixo também foi maior do que a das novilhas sob outros tratamentos, e os intervalos médios do parto à concepção foram estimados em 74, 86 e 95 dias, respectivamente.

Embora os diferentes níveis alimentares e as alterações dos níveis sejam algumas das explicações prováveis para as regressões negativas somariadas no quadro 1, Warnick (1955) notou que outras razões para alteração do IAPP também podem agir sob condições extensivas, co-

5 — Repetibilidade da data de parição e correlações fenotípicas com outras características do parto e desempenho dos bezerros, segundo Morrow & Brinks (1968)

Data do 1.º parto da vaca codificada por grupo	Número de vacas	Número de bezerros nascidos	Data de parição média (dia do ano)	Peso médio ao desmame (kg)	Porcentagem de bezerros perdidos
Vacas com primeiro parto aos dois anos de idade¹					
Precoce	4	23	102	185	21,7
1	38	176	100 (103) ²	189 (187)	15,9
2	121	571	104 (103)	186 (188)	13,5
3	141	705	107 (102)	178 (183)	11,8
4	92	348	113 (101)	173 (196)	14,4
5	16	78	117 (105)	171 (184)	10,3
Tardia	2	5	168	121	20,0
Total ou média	414	1906	107	180	13,2
Vacas com primeiro parto aos três anos de idade¹					
Precoce	2	4	51	—	75,0
1	74	305	90 (106)	181 (176)	12,8
2	38	136	107 (103)	180 (182)	13,5
3	11	30	125 (112)	167 (176)	16,4
4	5	26	145 (110)	176 (184)	21,1
5	2	4	159 (127)	166 (201)	18,2
Tardia	0	—	—	—	—
Total ou média	132	505	104	180	14,7

1 = todos os dados de vacas foram classificados de acordo com sua primeira data de parição.

2 = Valores entre-parênteses se referem a resultados após ajustes para avaliação.

6 — Efeito da data relativa de parição no 1.º ano de produção sobre a produção vitalícia de bezerros, expressa em ganho médio de peso antes da desmama (kg/dia) segundo Lesmeister e cols. (1973)

Item	Rebanho Bozeman			Rebanho Havre		
	Primeiro bezerro	Bezerros subsequentes	Todos	Primeiro bezerro	Bezerros subsequentes	Todos
N.º de bezerros	168	636	804	261	832	1093
Dados p/vaca	1	3,8	4,8	1	3,2	4,2
Médias gerais	0,74	0,79	0,78	0,74	0,84	0,82
Grupo de parição inicial						
precoce	0,78	0,77	0,80	0,81	0,71	0,80
1.º período de 21 dias	0,74	0,80	0,80	0,72	0,88	0,83
2.º período de 21 dias	0,77	0,82	0,81	0,75	0,87	0,82
3.º período de 21 dias	0,75	0,82	0,80	0,71	0,88	0,82
4.º período de 21 dias	0,73	0,78	0,76	—	—	—
tardio	0,67	0,74	0,72	0,70	0,87	0,83
testes de signif. para						
ganho diário médio	ns	*	**	ns	*	**
idem para peso ao desmame	**	ns	**	**	ns	**

1 = os quadrados médios mínimos para peso ao desmame não são aqui mostrados

* = $P < 0,05$

** = $P < 0,01$

mo, por exemplo, as alterações da qualidade ou temperatura do alimento, ou uma resposta do gado à estação ou duração do dia.

6. Outros fatores correlacionados com a data de parição — Outros fatores correlacionados com a data relativa de parição foram mostrados por Patullo (1973) na forma de regressões positivas significativas do peso ao nascer e parição difícil sobre a data do parto (ver também a Seção II). Foi notado que, analogamen-

te aos comentários de Warnick (1955) acima referidos, alguns fatores mais óbvios do que o nível alimentar podem contribuir como causa de dificuldade da parição, como por exemplo, o exercício nas condições extensivas. Esta conclusão concorda com a de Philipsson (1976), que observou efeitos da estação do ano significativas sobre a dificuldade de parição, o que sugere que o exercício pode ser um possível fator contribuinte. Brinks e cols. (1973) reportaram uma relação en-

I Torneio Leiteiro de São Gonçalo do Sapucaí - 81



ARITANA — Prop.: Aguinaldo Lenzi — Campeã do Torneio Leiteiro em sua 2.^a lactação com a média diária de 46.040 kg de Leite.



SURPRESA DE SÃO DIOGO — (EX. 90) — Prop.: Renato Lemos Vilela — Campeã de Gordura com 3,6%.



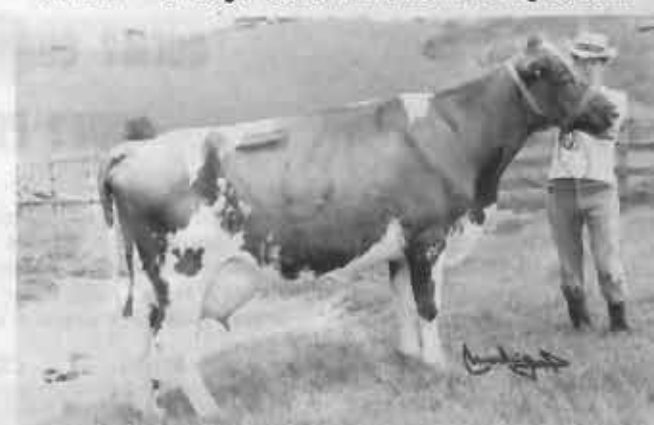
CAFONA DA SANTA ADELAIDE — Prop.: Luiz Vilela — 2.^o Lugar com a média diária de 43.470 kg de Leite.



DINA — Prop.: José Teodoro Martins Filho e Aristides Martins — 3.^o Lugar com a média de 42.670 kg de Leite.

Participantes do Torneio:

- **FAZENDA DA ROSETA** — Prop.: Aguinaldo Lenzi — Estrada São Gonçalo do Sapucaí — Cordislândia, Km 14 — Fone: 241-1322 — (Fazenda) e 241-1223 (Residência) — São Gonçalo do Sapucaí — MG.
- **FAZENDA SÃO DIOGO** — Prop.: Renato Vilela — Rod. Fernão Dias, Km 749 — São Gonçalo do Sapucaí - MG — Venda Permanente de Gado PC, PO e HPB — Fone: 241-1082 (Res.) e 241-1924 (Escr.).
- **FAZENDA SANTA ADELAIDE** — Prop.: Luiz Vilela — Estrada São Gonçalo do Sapucaí — Cordislândia, Km 14 — Fone: 241-1391 — São Gonçalo do Sapucaí - MG.
- **FAZENDA TRIUNFO** — Prop.: José Teodoro Martins Filho e Aristides Martins — Antiga Estrada de Eloi Mendes a Paraguaçu, Km 4 — Fone: 971-1310 (Faz.) — Eloi Mendes — MG.
- **FAZENDA SANTA RITA DO XICÃO** — João Roberto Puliti — Rodovia Fernão Dias, Km 728,5 — São Gonçalo do Sapucaí - MG — Fone: 241-1540 (Faz.) e 241-1196 (Res.).



TERRA XIC — Prop.: João Roberto Puliti — 4.^o Lugar com a média diária de 37.526 kg de Leite.

tre dificuldades de parto e data de nascimento com sinal oposto àquele citado por Patullo (1973). Foi significativa em análises que incluíam todas as idades de vacas, mas não para novilhas somente.

7. Correlações genéticas? — Um problema genético para o qual as soluções estão começando a aparecer é a resposta da fertilidade à seleção pelo peso. Alguns resultados preliminares de respostas correlacionadas com a reprodução, após seleção pelo peso ou ganho de peso são discutidas por Morris (1980). É sabido que o peso ao desmame está correlacionado negativamente com a idade pública de novilhas (por exemplo, Laster e cols., 1972; ver Seção II deste trabalho) e assim provavelmente também com a data de parição (em situações nas quais a idade pública é limitante). Quanto ao macho, análises de linhagens de Herefords, feitas por Brinks (1979), indicaram que a seleção para pesos mais elevados, que produzem menor idade pública em novilhas, tem a probabilidade de dar valores normais ou melhores para as características reprodutivas de tourinhos (circunferência escrotal, porcentagem de espermatozoides normais, porcentagem de anomalias espermáticas normal, porcentagem de anomalias espermáticas primárias e/ou secundárias e motilidade dos espermatozói-

des). Estes resultados se referem a correlações genéticas de estimativas de meios-irmãos e de médias de linhagens.

R. E. Freer (comunicação pessoal, 1979) verificou, no Departamento de Agricultura de Nova Gales do Sul, em rebanhos de seleção por ganho de peso de gado A. Angus em Trangie, que a contagem de pontos para sêmen de touros de idades fixadas entre 11 e 15 meses era inferior na linhagem de seleção "alta" em relação à "baixa", ficando a testemunha em situação intermediária. Não houve diferenças entre linhagens no número de touros que começaram a servir aos 9 ou aos 15 meses de idade, mas ocorreu atividade de monta maior nos touros da linhagem baixa do que na "alta". Há necessidade de mais pesquisas sobre este tópico.

II. Relações entre distocia à primeira parição e a produção subsequente — Foi recapitulada recentemente por Philipsson (1976) alguma literatura, mormente européia. Aqui, os resultados foram tirados juntamente de um grande número de assuntos interrelacionados e são discutidos sob cinco títulos.

1. Quais as conseqüências da dificuldade de parição no ano seguinte de produção? — Os resultados de cinco autores

são sumariados no quadro 7. As conclusões são de que as dificuldades em causa afetam a produção líquida da vaca na parição que termina e na seguinte. Perdas de bezerros e pesos de bezerros em relação a nascimentos fáceis vs. nascimentos difíceis serão consideradas nas Seções II (4) e (5), e, como dito antes, as relações entre dificuldades de parto e data de parição não são nítidas nos experimentos. Smith e cols. (1976) verificaram efeito da referida dificuldade de 0,6 dias ($P < 0,01$) somente, para o período de gestação, com gestações mais longas em vacas com dificuldades de parto. Laster e cols. (1973) encontraram efeito de 5,8 dias da distocia sobre a data de parição. Contudo, a duração da gestação e a data de parição tendiam a se confundir. Os valores da regressão de 0,46; 0,34 e 0,36 kg de peso ao nascer a mais, por dia de duração da gestação citados por Gregory e cols. (1978; 1979) são entretanto sugestivos de uma associação real e provável entre a dificuldade de parição e a duração da gestação. Outros valores reportados para a regressão do peso ao nascer sobre a duração da gestação são 0,25 (Burfenning e cols. 1978); 0,30 e 0,20 (Bellows cols., 1971) e 0,25 (Smith e cols., 1976) o que dá a média de 0,31 kg/dia para sete estimativas.



QUEM? QUANDO? COMO?

ONDE? POR QUE?

Não tenha dúvidas. Anuncie seu produto ou seu reprodutor no maior grupo editorial brasileiro especializado exclusivamente em assuntos agropecuários: a Editora dos Criadores. Além da Revista dos Criadores (com meio século de existência), editamos também o Anuário dos Criadores, Agenda dos Criadores e Agricultores e o Informativo Rural Trabalhista e Fiscal. Além disso possuímos um moderno parque gráfico capacitado para produzir, compor, imprimir (branco e preto e quatro cores) qualquer tipo de peça gráfica.

Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo - SP

noticiário TORTUGA

28 ANOS DE TRABALHO PELO PROGRESSO DA PRODUÇÃO ANIMAL

FERRO NOS BEZERROS

1

IMPORTÂNCIA DO FERRO

2

RESULTADOS DA PESQUISA

1 A fase etária mais crítica dos bovinos é a do crescimento, dada a facilidade dos bezerrinhos em contrair várias doenças, provocadas por uma série de fatores. Entre elas destaca-se a anemia, proveniente da falta de ferro no seu organismo. Sabe-se que este elemento é o responsável pela fixação do oxigênio no sangue, levando-o a todos os órgãos e tecidos. A má oxigenação determina prejuízo nas funções vitais e, por decorrência, desenvolvimento lento, baixa resistência a moléstias, com destaque para a verminose, pneumonia e diarreia.

A forma mais racional de evitar a carência de ferro nos animais adultos é mediante o fornecimento de rações e suplementos minerais cientificamente formulados em dosagens corretas. Todavia, como a dieta dos bezerrinhos é constituída exclusivamente de leite, que não contém as quantidades ideais de ferro, eles são presas fáceis da anemia. Investigações de alto nível demonstraram que as crias necessitam, em média, de 50 mg diárias de ferro, enquanto que o leite materno possui apenas 0,5 mg por litro.

A medida que melhora o padrão genético dos animais, como realmente está ocorrendo com o rebanho bovino brasileiro, mais exigentes se torna seu organismo em suplementos minerais para não anular esse potencial. Assim sendo, é imprescindível que os criadores sejam conscientizados que a administração de ferro nos bezerrinhos é uma técnica que deve ser adotada rotineiramente.

Ferrodex, ferrodextrano hidrogeado de aplicação injetável, é a forma mais fácil de administração de ferro aos bezerrinhos, pois possibilita em uma única dose prover as quantidades certas para que obtenham bom desenvolvimento, saúde perfeita e expressivo índice de ganho de peso. Apenas uma injeção de 4 a 5 ml na primeira semana de vida garante aos animais jovens defesa contra a anemia ferropriva e, consequentemente, efetiva resistência à verminose, piroplasmose, anaplasmoses e outras doenças parasitárias.



1

IMPORTÂNCIA DO FERRO

O ferro é indispensável à boa saúde dos bezerrinhos, pois evita fundamentalmente a anemia. Como o leite materno não contém em quantidades ideais, torna-se necessário suprir essa deficiência com produtos injetáveis.



2

RESULTADOS DA PESQUISA

Experimento conduzido por especialistas comprovou as vantagens do uso de ferro injetável nos bezerrinhos. Além de constatarem sua facilidade de aplicação, informam que os índices de ganho de peso foram expressivos, atingindo a média de 100%.

2 Numa recente experimentação de campo efetuada pelos médicos veterinários Jadyr Vogel, Siguel Araki e José de Almeida Leão, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, foram pesquisados os efeitos da administração injetável de ferrodextrano nos bezerrinhos. Utilizou-se um lote de cinquenta bovinos de ambos os sexos, mestiços de raças leiteiras, com idade variáveis de 45 a 180 dias, pertencentes a Fazenda Conceição, localizada no município de Itaguaí, Estado do Rio de Janeiro.

Mantidos nas condições normais de criação da maioria das fazendas brasileiras, os animais foram divididos em cinco lotes de dez cabeças, excetuando-se as testemunhas, em número de dez, e receberam injeção única de ferrodextrano, por via intramuscular, na base de 4,6,8 e 10 ml por grupo. Antes da aplicação e a cada 28 dias, as reses foram pesadas, e tiveram registrada sua temperatura, tempo de coagulação sanguínea, níveis de fósforo e cálcio no soro do sangue. Além disso, foram realizados exames de sangue e de fezes.

Após quase noventa dias de pesquisa, intitulada "Estudo sobre valores sanguíneos de bezerrinhos submetidos a tratamentos com ferrodextrano", verificou-se que todos os animais apresentavam condições sanitárias e físicas aparentemente boas, não tendo ocorrido nenhuma morte ou quaisquer outras alterações gerais ou locais.

Nas suas conclusões, os autores assinalaram que depois da aplicação do ferrodextrano, em dose única, os exames periódicos comprovaram modificações em todos os valores pesquisados, mais acentuadas nos animais medicados que nas testemunhas, e que o produto é inócuo e de fácil aplicação.

Segundo eles, "além dos comprovados benefícios para o estado geral dos animais submetidos ao tratamento, foi afastada a possibilidade da instalação da anemia ferropriva. Complementam que o ganho de peso resultou bastante favorável para os bezerrinhos que receberam ferrodextrano, atingindo em certos grupos a média de 100%.

FERRO NOS BEZERROS

Saúde!
à saúde de seus animais.



REVISTA DAS REVISTAS ZOOTÉCNICAS

7 — Consequências da distocia em novilhas

Característica	Diferença no desempenho	Comentário	Referên.
1. Desempenho no parto em curso e acasalamento subsequente			
bezerros desmamados p/vaca acasalada	+0,11 ± 0,05	—	1
data de parição, dias	-5,8	ou seja, mais tarde para as com parto difícil (todas idades**)	2
% de fêmeas em cio no período de 45 de ins. art.	+9,0**	(14,4)	2
% de concepções para ins. art.	+11,6**	(todas idades**)	2
% de concepção para i.a. + monta natural	+8,2**	(15,6)	2
% de fêmeas prenhes	+10 a +15	(todas idades**)	3
% de fêmeas inseminadas	+8,9 ± 4,4	vacas	4
% de concepção para 1.º cio	+6,6 ± 5,7	novilhas e vacas	4
Inseminação por período de monta	-0,18 ± 0,07	—	—
2. Desempenho na parição seguinte	0	—	—
bezerros desmamados por vaca acasalada	+0,14 ± 0,05	—	5
intervalo entre partos, dias	-13	—	1
peso ao desmame, kg	+21 ± 3,7	em data de desmame normal	1

Referências: 1 = Briks e cols. (1973); 2 = Laster e cols. (1973); 3 = Konermann e cols. (1969) gado leiteiro; 4 = Philipsson (1976) gado leiteiro combinando grupos de parição "fácil" e "normal"; 5 = Turman e cols. (1965).

HOJE É VOMM TECNOLOGIA

PASTONIZADOR VOMM TM-600

TECNOLOGIA PARA ARRAÇAMENTO ANIMAL



Meu patrão, me alimentando com o PASTONE VOMM, você gasta 1/3 do que gastaria com as rações secas e paga o investimento em poucos meses.

Manioca, batata-doce, abóbora, banana, inhame, abacate, descascar, cortar, cozinhar e muitos outros produtos hidratados ou rapados secos em substituição às rações secas. Cozido e pasteurizado, o PASTONE VOMM tem melhor digestibilidade com maior ganho de peso e evita diarreia. Visite uma fazenda onde o PASTONIZADOR VOMM TM-600 dá lucro.

VOMM Equipamentos e Processos Ltda.
DIVISÃO ZOOTÉCNICA
R. Manoel Pinto de Carvalho, 161
Bairro do Limão - S. Paulo - Brasil
Tel.: PABX (011) 266-8888
Tele.: (011) 30555 VOMM BR

Uma razão sugerida por Laster e cols. (1973) para o abaixamento do desempenho reprodutivo da estação de monta imediatamente seguinte à distocia é que o número de dias da parição até o término do acasalamento foi reduzido. Suas análises revelaram que as vacas com parições difíceis têm menor porcentagem de cios detectados subsequentemente. Para as fêmeas com dificuldades que foram observadas em cio na mesma estação de monta, o intervalo da parição à primeira inseminação não foi afetado. Também para as fêmeas com dificuldades que conceberam, o intervalo do parto até a concepção não foi afetado. A taxa de concepção dessas fêmeas com dificuldades que exibiram cio foi, todavia, reduzido, que nas novilhas de 2 anos de idade, de 55% (P < 0,05), embora não em vacas mais velhas. As diferenças entre vacas mais velhas foram no mesmo sentido. Turman e cols. (1965), sumariando três experimentos de Oklahoma, não observaram correlação da dificuldade de parto com a data de parição subsequente. O IAPP não foi afetado por níveis alimentares elevados. Entretanto, em vacas que esse intervalo foi mais longo em vacas que tiveram parições fáceis, devido, quicá, à carga nutricional extra da amamentação. Os resultados fornecidos no quadro 7 podem ser comparados àqueles de Gregory e cols. (1978), que obtiveram uma regressão de -9,6% bezerros desmamados por parição difícil nas parturições subsequentes à primeira.

Mais Carne em Menos Tempo

Marchigiana x Nelore



Touros 1/2 sangue Marchigiana x Nelore aos 3 anos, pesando 800 kg em regime de pasto.

FAZENDA CERRADO DE CIMA

Itapeva — SP
Km 266 da Rodovia SP-258

Seleção de Marchigiana PO e Cruzamentos com Nelore

Venda de Tourinhos e Novilhas 1/2 sangue e 3/4 Marchigiana/Nelore

Informações:
Em S. Paulo: (011) 247-8995 e 521-2706
Em Itapeva: (0155) 22-1423

8 — Correlações genéticas e fenotípicas dos pesos vivos com características das novilhas na ou próximo da puberdade*

Item	PD	P 15	PP	IP
Peso ao desmame (PD) *	—	(+ve)	—	-0,52 ¹
Peso aos 15 meses (P 15)	(+ve)	—	—	-0,29 ¹
Peso à idade púber (PP)	0,61 ³ , 0,54 ³ + ve ⁵ , 0,22 ⁶	—	—	0,67 ¹ , 0,36 ⁵ , 0,52 ⁷
Idade à puberdade (IP)	-0,18 ¹ , -0,17 ² , -0,24 ³	-0,20 ¹	0,23 ²	
	-ve ⁴ , -ve ⁵ , -0,38 ⁶			
	-0,41 ⁸ , -0,46 ⁸ , -0,23 ⁹			
% de novilhas púberes com 15 meses	—	0,38 ²		

* = correlações genéticas acima da diagonal; fenotípicas, abaixo.

* = ou ganho diário médio antes da desmama.

1 = Smith e cols. (1976).

2 = Laster e cols. (1972).

3 = Swierstra e cols. (1977).

4 = Wiltbank e cols. (1966); regressão de -18,7 dias da idade à puberdade por 0,1 kg/dia de aumento no ganho diário médio antes da desmama.

5 = Arieje & Wiltbank (1971); regressão da idade e peso à puberdade sobre o peso ao desmame: -1,50 dias/kg e +0,81 kg/kg, respectivamente.

6 = Arieje & Wiltbank (1974).

7 = Laster e cols. (1979); correlações (de médias da raça) entre idade e peso à puberdade 0,90.

8 = 0 (1968).

9 = Kaltenbach & Wiltbank (1962), como citado em 8.

reford e A-Angus, acasaladas com touros de raça com tamanho adulto maior, usualmente de raças da Europa Continental Ocidental. Como era esperado, a diferença quanto à dificuldade de parição entre novilhas de 2 anos e vacas mais idosas foi maior sob estas circunstâncias. Por exemplo, Laster & Gregory (1973), com dados de 5064 partições, mostraram diferenças significativas entre grupos de idades de mães, havendo 26,3% mais dificuldades entre 2 anos do que de 3 anos e 6,4% mais entre 3 anos e vacas mais velhas. Laster e cols. (1973) encontraram as seguintes diferenças significativas: 36,0% mais distócias entre as de 2 do que as de 3 anos de idade e 8,8% mais entre as de 3 anos e vacas mais idosas. Smith e cols. (1976) reportam 39% mais dificuldades nas de 2 anos do que nas de 3 anos e 8% mais nas de 3 anos do que nas de 4 anos. Tais divergências foram nítidas no caso de mães Herefords e A-Angus. Gregory e cols. (1979) relatam 10,5% a mais de dificuldades de parição entre vacas de 4 anos do que em mais velhas; contudo, o efeito da idade confundiu-se com o da seleção, porque os bezerros provenientes das fêmeas de 4 anos eram filhos de touros selecionados para pesos mais elevados.

Os efeitos da idade da mãe sobre as perdas perinatais de bezerros em alguns estudos são resumidos no quadro 9. O efeito da distócia foi resumido no quadro 10 de tabelas de médias de quadrados mínimos de alguns estudos. A idade da vaca não teve efeito sobre a mortalidade do bezerro "dentro do grupo de vacas ou das novilhas" que apresentavam distócia (Laster & Gregory, 1973), embora houvesse um efeito significativo "dentro dos partos fáceis". Isso foi possivelmente porque as novilhas foram observadas mais

freqüentemente, de acordo com Laster & Gregory (1973). Este resultado seria concordante com os achados de Dufly (1972)

sobre os efeitos do confinamento (em curral) e/ou da presença de um observador durante o parto, em comparação com um grupo testemunha deixado sem manuseio no piquete. Houve $19,2 \pm 7,2\%$ mais natimortos no grupo "tratado". Também foi mencionado por Laster & Gregory (1973) que dentro do grupo com partições fáceis não havia efeito significativo do sexo do bezerro sobre a mortalidade (uma diferença de apenas $0,6 \pm 0,6\%$).

Smith e cols. (1976) notaram que a idade da mãe tinha efeito sobre a mortalidade do bezerro dentro de 24 horas de vida, dentro do grupo de vacas que pariram sem dificuldades ou dentro do outro grupo. Assim o efeito da idade da vaca sobre a mortalidade dos bezerros pode ser atribuído ao efeito da idade da mãe a distócia. Todavia, algumas raças de touro produziram diferenças significativas sobre a mortalidade precoce dos bezerros nascidos de partos difíceis vs. os que provieram de partos fáceis (por exemplo, $16,6 \pm 2,9\%$ a mais em cruzas com touros Charolês e $15,8 \pm 3,4\%$ com pai Limousino). Smith e cols. (1976) sugeriram que a conformação do bezerro pode ter sido um fator importante, porquanto as diferenças (por exemplo, aquelas devidas a pai Simental) eram muito menores ($3,0 \pm 3,1\%$) que as dos Charolêses. Outros comentários nesta revisão acerca da conformação do bezerro (dentro da raça) não concordam entretanto com isso, como é dito na Seção II (2).

Brinks e cols. (1973) calcularam a reprodutibilidade de 4,5% somente, entre partições de fêmeas de 2 anos e 3 anos de idade, para distócias. Philipsson, (1976) relata que, para partições de fêmeas com 2 anos idade, houve uma idade ótima

SEMENTES SEMEAGRO



Sementes controladas
de gramíneas e
leguminosas.

2.500 ha. de canteiros próprios
em Andradina — SP

Humidicola - Setária -
Decumbens - Ruziziensis -
Rhodes - Colômbio - Siratro -
Lab-Lab - Mucuna - Soja Pe-
rene - Milho - Arroz.

SEMEAGRO — Produ-
tora de Sementes Ltda.

FAZENDA GUANABARA
Rodovia Gal. Euclides Figueiredo —
Km 209 — Andradina — SP —
Fone: (0187) 22-2553 — Telex 11
— 32583 — Mour — BR

para minorar as distorcias (29 meses no sistema de manejo adotado).

5. **Quais as relações entre dificuldade de parto ou perdas de bezerro devidas ao peso ao nascer?** — Laster e cols. (1973) indicam uma regressão linear da porcentagem de distorcias sobre o peso ao nascer de 2,3 ± 0,21%/kg. Quando o peso ao nascer foi mantido constante na análise, a idade da vaca foi o único efeito significativo sobre a dificuldade de parição (ou seja, não houve quaisquer efeitos da raça do pai, raça da mãe ou sexo do bezerro). Smith e cols. (1976) indicam para a mesma regressão o valor 1,63 ± 0,20%/kg. Embora este valor seja menor, há também menor porcentagem de vacas jovens em seus dados do que nos de Laster e cols. (1973). As regressões em grupos etários das mães foram de 3,3 ± 0,34%/kg para as de 2 anos de idade, 1,5 ± 0,35%/kg para as de 3 anos, 0,9 ± 0,42%/kg para as de 4 anos e 0,5 ± 0,31%/kg para vacas com 5 ou mais anos. Burfening e cols. (1978) encontraram um valor de 2,6%/kg; Gregory e cols. (1978) a regressão de 1%/kg para vacas de 4 a 9 anos de idade somente. Assim, a média dos quatro experimentos propicia um valor médio de 1,8%/kg, quando aplicado ao rebanho com distribuição etária normal. Este resultado será usado posteriormente.

Gregory e cols. (1978/79) notaram, entretanto, relações curvilíneas entre distorcias e peso ao nascer, resultando em parição difícil mínima de 10,4% aos 34 kg e de 8,1% aos 32 kg, nos dois experimentos. Notter e cols. (1978) também relatam regressões curvilíneas de distorcias sobre pesos ao nascer (sendo particularmente curvilíneas para mães com 3 anos de idade). Em suas análises, eles também encontraram regressões curvilíneas da mortalidade de bezerrinhos sobre o peso ao nascer.

Calculando-se a diferença média do quadro 10 em 11,1% para mortes de bezerrinhos oriundos de partos difíceis vs. partos fáceis e o valor de 1,8% para as regressões lineares da distorcias sobre o peso

ao nascer, então, o produto (0,2% da mortalidade por kg de peso vivo) dá uma estimativa da consequência dos pesos ao nascer mais elevados em termos de perdas de bezerrinhos do nascimento ao desmame. Contudo, o processo poderá subestimar a relação da extensão em que pode haver mortes entre bezerrinhos de pesos ao nascer mais elevados não atribuíveis à dificuldade no processo do nascimento. O resultado é uma estimativa "dentro da raça". Os valores citados por Notter e cols. (1978) para raças foram mais elevados: 2,6%/kg para mães de 2 anos e 1,4%/kg para as de 3 anos de idade. Estes valores foram estimados de médias de raças de touros e não eram lineares. O fato de os resultados serem mais elevados enfatiza o risco de presumir que as correlações "dentro de raças" e "entre raças" sejam as mesmas. Para correlações genéticas entre porcentagem de natimortos e porcentagem de distorcias, Philipsson (1976) relata um valor "dentro de raças" de 0,33 como uma característica do bezerro e uma correlação fenotípica de 0,23. Segundo o mesmo trabalho, a correlação genética da dificuldade do parto com o peso ao nascer foi de 0,92 (média de seis valores), embora a correlação fenotípica seja muito menor (0,31). Para distorcias e peso ao nascer, Burfening e cols. (1978) apontam uma correlação genética de 0,33.

Finalmente, um comentário acerca dos efeitos maternos vs. diretos. Philipsson (1976) recapitulou os limitados dados sobre a questão e concluiu que os efeitos individuais e maternos de características tais como distorcias e peso ao nascer não são bem nítidos. Por exemplo, as correlações genéticas entre efeitos individuais e maternos dessas duas características foram -0,19 e -0,53, respectivamente. Isto dificultaria os objetivos da criação. Os sumários de reprodutores alavistas às dificuldades de parto, baseadas em dados de novilhas são provavelmente mais úteis do que aquelas baseadas em dados de vacas, porquanto os primeiros apresentam maior variabilidade e assim oferecem mais campo para a seleção. Por exemplo, os índices de herdabilidade relatados por Burfening e cols. (1979) para escores de partos fáceis de touros acasalados com novilhas vs. acasalados com vacas foram 0,08 ± 0,03 e 0,035 ± 0,03, respectivamente. Philipsson (1976) recomendou que as estimativas de touros devem ser citadas para contagem de pontos para partições fáceis das companheiras de rebanho e das filhas, e esses achados foram confirmados mais recentemente por Mey e cols. (1978).

III. DISCUSSÃO

Torna-se necessário discutir algo sobre a possível generalização dos achados. Várias diferenças de manejo já foram aqui discutidas (inclusive o manejo da vaca e/ou do touro) e os possíveis aspectos de tais diferenças sobre o sinal posi-

tivo ou negativo dessas relações observadas. As diferenças nutricionais a curto prazo serão aqui discutidas mais amplamente, com respeito à sua generalização.

1. **Provas de nutrição: interpretação de evidência circunstancial** — Há um grande número de informações sobre provas de nutrição com possível significado sobre a interpretação das relações entre a reprodução em novilhas de corte e sua produção durante a vida; mas são evidências circunstanciais. Assim sendo, não se conhece a extensão em que algumas ou todas essas evidências podem ser confiáveis e portanto surgem as seguintes questões:

(a) qual a importância de diferenças regionais ou de país na nutrição e manejo do gado de corte que afetam as relações? Não se contesta que as diferenças em nutrição e manejo podem afetar os níveis médios de desempenho;

(b) qual o efeito dos níveis de nutrição a longo prazo sobre o desempenho produtivo durante a vida de fêmeas de raças de corte? Seria interessante para os invernistas que produzem carne em pastagens com baixas taxas de suporte indagar quais os efeitos das diferenças do nível alimentar durante a vida sobre a produção. Um experimento, tal como o de Pinney e cols. (1972), pode responder a esta questão. Se os efeitos da nutrição no decorrer da vida são independentes de outros meios de manejo (particularmente a escolha da idade para primeiro acasalamento), então, o nível de nutrição vitalícia não é relevante para a presente revisão e as relações com os níveis alimentares devem ser considerados. Em havendo uma interação, como sugerem os dados sobre produção de bezerrinhos durante a vida e os pesos dos bezerrinhos ao desmame (Pinney e cols., 1972), os efeitos da nutrição a longo prazo são relevantes e podem ser importantes. Outros resultados a longo prazo foram relatados em Oklahoma por Holloway & Totushek (1973) e Hughes e cols. (1978). Diferentes correlações em vacas leiteiras, comparadas com as raças de corte levam-nos



ESTÂNCIA BELA VISTA

DR. KEMAL LABAKI

Rodovia Tatui - Itapetininga, KM 137

GADO LEITEIRO HPB E JERSEY

Escritório em São Paulo: Rua Marconi, 124 - 12º andar - Fones: 255-6233 e 255-6241



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALOS DA RAÇA MANGALARGA

(Fundada em 1934)

QUEM SABE O QUE VALE UM CAVALO É O CAVALEIRO MONTE UM MANGALARGA E VERIFIQUE O SEU VALOR Av. Francisco Matarazzo, 455

(Parque Fernando Costa)

05001 - São Paulo - SP

Tel.: 62-6269 (DDD 011)

9 — Sumário de alguns trabalhos de efeitos da idade da mãe sobre as perdas perinatais dos bezerros (%)

Autor	Idade da mãe (anos)				N.º de partos
	2	3	4	>5	
Laster & Gregory (1973)	15,6	7,5	5,6 ¹	—	5064
Anderson & Bellows (1967)	—	9,5 ²	4,3	2,4	3049
Koger e cols. (1967)	—	7,2 ²	8,9	5,2 (14,0) ³	3408
Smith e cols. (1966) ⁴	9,4	3,9	2,7	1,0	2368
Smith (mães Hereford) ⁴	18,2	11,8	7,0	6,1	1106
Smith (mães A.-Angus) ⁴	14,9	5,1	5,6	5,2	1262
Gregory e cols. (1978)	—	—	s/efeito	s/efeito	1591
Gregory e cols. (1979)	—	—	6,6 ⁵	2,9	1610

1 = vacas de 4 anos e mais velhas.

2 = novilhas de 1.ª cria.

3 = O grupo entre-parentheses refere-se a perdas de vacas com 11 anos e mais idosas.

4 = Perdas entre 24 horas e a desmama; efeito sobre perdas perinatais não significativo. Em geral os dados deste quadro referem-se aos efeitos da idade após considerar as dificuldades da distocia. As duas fileiras abaixo para Hereford e A.-Angus separadamente não consideraram as dificuldades de parto.

5 = Progenie de touros selecionados pelo mais elevado.

10 — Sumário de alguns trabalhos sobre efeitos das dificuldades de parto nas perdas perinatais de bezerros (%)

Autor	perdas entre bezerros que tiveram:		Relação D/N
	Dificuldade (D)	Não dificuldade (N)	
Laster & Gregory (1973)	20,4 ± 1,2	5,0 ± 0,3	4,1
Smith e cols. (1976)	11,5 ± 1,0	3,1 ± 0,7	3,7
Notter e cols. (1978) precoce ¹	11,1 ± 2,0	1,7 ± 1,4	6,5
Notter e cols. (1978) tardia ¹	7,7 ± 2,0	5,1 ± 1,4	1,5
Diferença D/N			8,6

1 = mortalidade precoce, até 24 horas após o nascimento; tardia, 24 horas até desmama.

à conclusão de que as diferenças nutricionais a longo prazo podem afetar algumas relações, embora, por definição, estejam envolvidas diferentes raças e diferentes manejos;

(e) mais comumente, os experimentos de nutrição, cujos resultados parecem ter implicações com a reprodução da vaca, são a curto prazo. Por exemplo, quais são os efeitos da nutrição pré e/ou pós

desmama das bezerras sobre seu desempenho reprodutivo, supondo-se igual nutrição após a estação de primeiro acasalamento? São os efeitos remanescentes nessa situação importantes para a produção posterior? As respostas parecem ser sim. Este conhecimento é importante para o produtor, considerando-se que a alimentação suplementar corrige a escassez temporária de alimentos. Alternativamente, as respostas podem afetar sua escolha de uma política para criar a novilha "normal", em termos de relevância da suplementação possível sob condições "normais". As complicações aparecem em provas que envolveram tratamentos pré ou pós desmama quando as comparações da reprodução seguinte são feitas entre fêmeas que não estavam prenhes e aquelas que estavam na primeira estação. As diferenças são devidas a efeitos nutricionais em si ou devidas às consequências de estarem ou não prenhes na primeira estação? Se uma idade baixa de acasalamento é parte do designio dessas provas, deve-se ter o cuidado de não confundir o efeito da nutrição pós-desmama com as diferenças da data de aparecimento da puberdade e concepção na primeira estação, a não ser que se deseje investigar também essa possível confusão;

(d) um outro exemplo de experimentos a curto prazo relacionados com a reprodução é o caso de provas completadas dentro de parte do ciclo reprodutivo anual das novilhas ou vacas (ou seja, tratamentos nutricionais pré ou pós-parição). Quando os efeitos posteriores da nutrição anterior sobre a produção em curso são importantes, então é claramente necessário redistribuir ao acaso a locação das vacas a cada tratamento. Nestas circunstâncias, os erro-padrão das diferenças das comparações em curso serão maiores se houver diferenças devidas aos tratamentos anteriores.

Os resultados aqui resumidos em todas as seções serão entretanto interpretados com cautela quando os tratamentos nutricionais forem superpostos a outros tratamentos, porque pouco tem sido referido acerca das causas das diferenças de produção das novilhas (ou seja, efeitos genéticos ou ambientes ao acaso, efeitos maternos, "status" sanitário e efeitos nutricionais). Também, os efeitos da escolha de níveis alimentares diferentes, em várias fases do crescimento, podem não ser independentes entre si.

2. Desempenho sob condições de nutrição baixa — Este assunto foi recapitulado por Lamond (1970) e mais recentemente por Topps (1971). Embora tenha sido feito muito trabalho para obter estimativas dos requisitos de energia para a prenhez em novilhas e para tudo quanto é considerado como crescimento normal, Wiltbank (1974) notou que esses padrões são insuficientemente precisos para se obterem previsões acuradas das taxas de prenhez do rebanho e após isso das taxas de recobertura, particularmente quando se desloca de uma região para outra. Ele prefere tentar defini-los para cada cruz/raça específica em termos de peso e padrões de ganho de peso. Não obstante, usando quatro parâmetros, dentro da raça e ano como previsões, Arije & Wiltbank (1974) somente foram capazes de obter correlações quadráticas de 35-67% para aqueles acasalamentos na idade púber em novilhas. Todavia, eles acharam que



Congresso Panamericano
do Leite.

Exposição de
Gado Leiteiro.

10 a 25 de abril.

Buenos Aires — Argentina.



JÁ VEM MISTURADO.

Pedidos à:
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES
Rua Jaguaribe, 634 — Tel. 826-3033 —
São Paulo — SP

peso e idade à puberdade eram herdáveis (Arije & Wiltbank, 1971).

Como a aquisição do "status" de prenhez é uma característica "tudo-ou-nada" é possível que continue difícil a previsão. O trabalho de Mossman & Hanly (1977) tem sido útil por admitir que a previsão de rebanho para rebanho pode ser um tanto empírica. Assim, eles usaram uma medida "dentro do rebanho" para verificar, em cada rebanho, as condições requeridas para obter a prenhez: em seu caso, o peso mínimo crítico. O corolário é que os objetivos não podem ser frequentemente generalizados, sendo assim contrários ao ponto de vista de Wiltbank (1974).

Sem perda da produção é possível alguma compensação entre os tratamentos alimentares da fêmea de sobreano e antes da parição. Quando os ganhos de peso antes da parição são elevados, o peso-metá aos 15 meses pode ser abaixado. Quando os ganhos antes da parição são mais baixos, então, esse peso-metá será bem mais elevado. Isto pode explicar as aparentes contradições entre os dados de Carter & Cox (1973) e os de Mossman & Hanly (1977).

Em geral, comentários semelhantes se aplicam às possibilidades de distúcia em novilhas e talvez também às consequências do acasalamento das novilhas antes das vacas. Tem-se notado aqui que, embora diferentes níveis alimentares antes da parição possam afetar os pesos ao nascer (particularmente se aplicados à maior parte ou a todo o período de gestação), parece que há efeitos sobre a dificuldade de parto. No entanto, dentro de tratamentos alimentares, as correlações entre peso ao nascer e distúcia são razoavelmente altas e por isso desfavoráveis. A anomalia aparente foi explicada por Laster (1974) em termos de maior deposição de tecidos moles no embrião do bezerro, em consequência da alimentação

extra da mãe. O equívoco provável está em sugerir que o peso ao nascer seja uma causa de distúcia, ao invés de se considerar que tanto o peso ao nascer como a dificuldade de parto são efeitos do genótipo, do manejo e da nutrição, tanto presentes como passados. Há necessidade de mais pesquisas nesta área, com grande número de vacas e em condições diferentes de nutrição.

A notícia de relações curvilíneas entre a mortalidade perinatal e o peso ao nascer ou entre a distúcia e o peso ao nascer, indicou a possível existência de um peso ao nascer "optimum", presumivelmente diferente em situações de manejo diversas. Isto torna de novo mais difícil a generalização, mas talvez faça as relações biológicas intuitivamente mais verossímeis.

Finalmente, como foi concluído na I Parte desta revisão (Morris, 1980), é possível que as únicas previsões confiáveis e que possam ser feitas são aquelas relativas a fazendas isoladas e resultantes de estudos de custo-benefício em situações gerais. Deve-se ter grande cuidado se forem usados somente orçamentos parciais.

— Morris, C. A. — A review of relationship between aspects of reproduction in beef heifers and their lifetime production. 2. Associations with relative calving date and with dystocia. *An. Breed. Abst.* 48 (11): 754-66, 100 refs.

N. da R.: C. A. Morris pertence à Unidade de Genética Animal e Zootecnia da Universidade de New England, Nova Gales do Sul, Austrália.

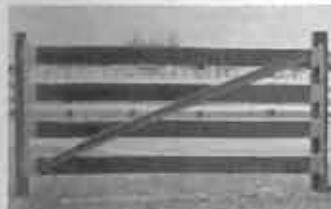
(*) conforme está dito na I Parte desta revisão, "secas" são as vacas que não produziram bezerros (não conceberam ou tiveram perda precoce do embrião); todas as outras vacas são definidas como "úmidas", inclusive as que abortaram ou tiveram bezerros mortos ou vivos.

Vitiligo em animais domésticos especialmente em búfalos

Vitiligo é uma doença da pele caracterizada pelo aparecimento de zonas, listras ou áreas arredondadas, ovais ou irregulares, de cor branca leitosa e de tamanho variável, em resultado da despigmentação da melanina, nas espécies animais cujas peles são providas abundantemente desse pigmento. Esta despigmentação da pele também é conhecida com o nome de leucodermia ou de acromia, no homem e nos animais. A melanina não é um derivado da hemoglobina, mas é formada a partir de proteínas, em resultado das atividades metabólicas do organismo animal.

Maqsood (1954) assinalou quatro casos de vitiligo em raças bubalinas do Paquistão, em certas localidades do Punjab. Os animais afetados tinham de dois a quatro anos de idade e as áreas despigmentadas

BRETE e PORTEIRAS VERLAZ a segurança disponível



INDUSTRIA DE PORTEIRAS VERLAZ LTDA

Rua Quincas Vieira, 1042 — Fone: (DDD 0182) 33-4834
Resid.: 22-1502 — 19.100 — Presidente Prudente — SP



PEÇA FOLHETOS

FOSFATO BICÁLCICO

PÓ e MICRO-GRANULADO

Pedidos à:

NUTRIQUÍMICA COMERCIO E IMPORTAÇÃO LTDA.

Avenida Guilherme, 608
Vila Guilherme - São Paulo - SP
CEP 02053 - Fone: (011) 92-7151

variavam grandemente de tamanho e forma. As variações na cor das diferentes raças de búfalos e mesmo no indivíduo dependem do momento em que se produz a quantidade máxima de melanina pelas células especializadas, chamadas melanoblastos. Estas células se localizam geralmente nas camadas basais da epiderme. O pigmento melânico geralmente é intracelular e se encontra comumente sob a forma de diminutos grânulos pardos-amarelados, pardos ou pardos-negros, que podem ser extraídos do citoplasma.

A etiologia não é conhecida, havendo necessidade de investigações sistemáticas. Em alguns casos a despigmentação está associada com má nutrição. No cão, a deficiência de nutrientes minerais (zinco) ou de outra natureza (piridoxina, ácido pantotênico e lisina) produz uma coloração cinzenta dos pêlos (Miller & Kirk, 1976). No homem, a despigmentação melânica é observada nas lesões da pele em que há uma liquefação e degeneração considerável das camadas epidérmicas basais, que são substituídas por células in-

flamatórias. A melanina desaparece da camada basal, é fagocitada pelos cromatóforos e conduzida aos gânglios linfáticos regionais. As zonas de vitiligo ocorrem no homem afetado pela *Tinea versicolor*, parcialmente porque as áreas afetadas por esse fungo impedem a radiação ultravioleta e também devido a que o fungo por si mesmo termina ativamente um certo grau de despigmentação (Anderson & Kissane, 1977). As radiações ionizantes determinaram despigmentação melânica em ratos irradiados (Maqssod, 1963).

O objetivo desta nota é registrar o aparecimento do vitiligo em dois búfalos que tinham três a quatro anos no Punjab. Os proprietários desses animais notaram que a despigmentação da pele começara 6-8 meses antes de ser observada nas regiões laterais inferiores do abdômen. Elas difundiram-se lateralmente até as regiões posteriores das patas. De início, as áreas despigmentadas estavam separadas, mas, mais tarde, várias delas se uniram formando uma zona maior de cor branca no dorso e de tamanho variável. Nas áreas

em que a doença se iniciara, as partes afetadas tornaram-se mais esbranquiçadas. As manchas branco-leitosas não estavam nem elevadas, nem deprimidas em relação ao nível geral da pele. Em alguns lugares encontravam-se, entretanto, ilhotas de pele pigmentada, dentro das zonas sem pigmentos.

Os búfalos paquistaneses são peludos e os pelos das áreas despigmentadas da pele muitas vezes também branqueiam. O curso da enfermidade em geral é crônico e os pacientes não demonstram nenhum sintoma anormal e comem normalmente. A etiologia necessita ser mais bem investigada. Como se observa em animais jovens e em crescimento, pode estar associada com transtornos metabólicos ou hormonais do organismo.

— Maqssod, M. — El vitiligo en el búfalo. *Zootecnia*, Madrid, (10-11-12): 53537, 1980.

N. da R.: M. Maqssod é diretor do Serviço de Extensão do Gado e Pecuária Leiteira de Punjab, Lahore, Paquistão.

MANGALARGA, E O CAVALO DE SELA BRASILEIRO.

Segunda edição, revista e aumentada
DR. FAUSTO SIMÕES



O cavalo e o homem. O cavalo Mangalarga. Troncos formadores da raça. Aptidões do cavalo Mangalarga. Estado atual da seleção. O Mangalarga e o tipo universal do cavalo de sela. Índices ideais para o cavalo de sela. O que os árabes nos transmitem. Quanto ao padrão do Mangalarga. Sobre os aprumos. As teras. Dos andamentos. Defeitos mais frequentes na raça Mangalarga. Compensações de defeitos. Pelagens, manchas e particularidades. Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da Raça Mangalarga. As raças formadoras do Mangalarga. Os núcleos atuais que mais influência mantêm sobre a raça. O Mangalarga, o Marchador Mineiro e as demais raças equíneas nacionais. Avaliação dos equinos. O plantel da Fazenda Santa Virgínia e os métodos seletivos empregados. O que a hereditariedade nos ensina. Equitação simplificada. O cavalo de sela, essa máquina animal. Cuidados com a criação. A doma. Concurso e Provas Equestres (para o cavalo de trabalho). O novo padrão da raça Mangalarga. A remota influência de raças exóticas na formação do Mangalarga. A influência das reprodutoras na definição da raça Mangalarga. Bibliografia.

Volume encadernado e com sobrecapa a cores

À venda ou pedidos à

EDITORA DOS CRIADORES LTDA. — Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALOS DA RAÇA MANGALARGA
Av. Conde Francisco Matarazzo, 445 — São Paulo — SP

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES — Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo — SP
Livrarias da Capital e do Interior



José Cassiano Gomes dos Reis Filho (na foto com o governador Ney Braga, que lhe deu posse) assumiu a Secretaria da Indústria e Comércio do Estado do Paraná. Membro destacado do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Criadores, fazendeiro e pecuarista nos Estados do Paraná e Pará, onde desenvolve moderna agropecuária, o novo titular já foi secretário da Agricultura no PR e, a convite do então ministro Cirne Lima, presidiu a Cibrazem, cargo para o qual foi convidado a partir da experiência vivida na CO-CAMAR, Cooperativa de Cafeicultores de Maringá, que ele praticamente organizou e dirigiu. Cassianinho, como é chamado, participou, ao iniciar-se profissionalmente como engenheiro agrônomo, do Grupo de Planejamento criado no governo de Carvalho Pinto, em São Paulo, equipe que também contou com o atual ministro Delfim Neto. Ultimamente, além da ABC, Cassianinho vinha exercendo a presidência da poderosa COCAP — Cooperativa Central do Paraná, que reúne 30 cooperativas do Estado, a maior produtora e exportadora de café do país e a segunda em soja, além de presidir a Junta Consultiva do IBC.

Antônio Luiz Teixeira de Barros Júnior é o novo presidente da Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Appaloosa, com mandato para o biênio 1982/83. Seus companheiros de diretoria são: Carlos Raul Consoni, Nicolau Pinfildi e Ricardo José Augusto Ramenzone, vice-presidentes; Francisco M. Nogueira Fernandes e Antônio Aurélio Persone, secretários; Fernando José Bartolomei e Alberto Alves Santiago, tesoureiros, e Valentim Lopes Filho, diretor de Relações Públicas. O Conselho Fiscal é constituído por Samir Jubran, Samuel Ansgar Jaeger e Décio Luiz Malta Campos (efetivos) e Luiz Fernando Brandt de Carvalho. José Lourival de Lima e Ricardo De Gasperi Bombonatti (suplentes). O Conselho Deliberativo e o Departamento Técnico contam com os seguintes criadores: José Pedro Coelho Santiago (diretor) e Carlos Raul Consoni, Ricardo José A. Ramenzone, Alberto Alves Santiago e Francisco M. Nogueira Fernandes (membros). Diretores regionais são Admozor do Carmo Leonel (Ribeirão Preto, SP), Hugo Romero Saraiwa (Maranhão), Antônio José Loureiro Borges (Uberaba, MG), César Augusto Arruda (Santa Catarina), Mário Sérgio Vasques (Rio Grande do Sul), Severino Velloso (Rio de Janeiro), Sérgio Augusto Zonno (Uberlândia, MG), Carlos Roberto Lisboa (Paraná), Flávio Eugênio Raia Rossi (São Carlos, SP), Alberto Gentil Magalhães Vical (Bahia), Rolando Rosas Netto (Presidente Prudente, SP), Moacyr Torres Duarte (Rio Grande do Norte) e Antônio Aurélio Persone (Tietê, SP).



Jorge Rudney Atalla foi eleito novamente presidente da Associação Brasileira de Santa Gertrudis, sucedendo no posto a Alberto Emmanuel Whitaker, a quem transferira, há dois anos, o comando da entidade. Seu mandato é para o biênio 1982/84 e ele tem, como companheiros de diretoria executiva, os criadores Cláudio Luiz Jaconi, Francis Herbert e Carlos Germano Timm do Prado Montes, vice-presidentes; Orlando Marino, secretário; Carlos Eduardo de Lima Souza, tesoureiro, e Carson Z. Geld, promoção. Os novos diretores regionais da ABSG são: Milton Silva Nascimento, João Carlos Mascarenhas Alves Pereira, Nélson de Alvarenga Mariano da Rocha e Alduino Antônio Sartori (RS); Alberto Gentil Magalhães Vical e Ângelo Mário de Carvalho Silva (BA); Adib Nasser (PA); Hans Mol e Antônio Gonçalves Fernandes Sobrinho (PR); José Celso de Macedo Soares Guimarães (RJ); Telmo Rogério Ramos (SC); Marco Antônio Martins Rabelo (MG), Fares Razzouk

(GO); José Porfirio de Andrade Moraes (PE); Francisco Xavier de Andrade (PB) e Pedro Motta (ES). O Conselho Fiscal tem Alfeu Simões Pedreira, Dirceu Antônio Borges de Assis e Otto Johannes Litjens (efetivos) e Carlos Rogério Algodoal Mauro, Marco Antônio Padula e Theodoros Josephus Antonius Schreurs (suplentes). No Conselho Consultivo estão Jorge Rudney Atalla, Alberto Emmanuel Whitaker, Guilherme Ernesto Constantino, José Arnaldo Amstalden, Antônio Chiarizzi Júnior, João Francisco Rabello e Nélson de Alvarenga Mariano da Rocha. O Conselho Técnico é constituído por Jorge Rudney Atalla, Luiz Bannwart Filho, José Ronaldo Amstalden, Milton Silva Nascimento, Carlos Augusto Oliveira Ferreira, Alberto Alves Santiago e Clayton Emerin Marques.

Glaucio Olinger, atual presidente da EMBRAPA, é homem ligado há muitos anos à extensão rural (foi operoso presidente da ACARESC por longo tempo), foi homenageado, ao final do ano passado, em Florianópolis, SC, a Companhia de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina — CODESC outorgou-lhe o Prêmio 1981 do Setor de Agricultura, "pelos relevantes serviços prestados à agropecuária catarinense e, particularmente, pelo extraordinário impulso que deu à fruticultura do Estado". A entrega do prêmio aconteceu em solenidade realizada no Palácio Cruz e Souza, da capital do Estado de Santa Catarina.

Manuel Paiva Ramos, médico que se especializou em Pediatría na Alemanha, sendo o responsável pela introdução do iogurte no Brasil e defensor do consumo (e preservação da qualidade) do leite natural, faleceu no início de fevereiro, em São Paulo. Ex-diretor e presidente da Academia Paulista de Homeopatia, participou de um grande número de reuniões e congressos internacionais dessa especialidade, tendo presidido o de caráter mundial, que se reuniu em 1952, em Miami, nos EUA. Colaborou intensamente na imprensa, inclusive com destaque na Revista dos Criadores, sempre defendendo o consumo de leite "in natura", que considerava superior aos produtos elaborados, à época sendo introduzidos no país, especialmente para uso infantil. Paiva Ramos era viúvo de dona Maria da Glória Paiva Ramos e deixou os filhos Regina Helena, Marina, Lia e Camilo.

José Ruy de Lima Azevedo, nome de tradição no criatório nacional de Mangalarga, foi mais uma perda da agropecuária paulista no final de dezembro. Faleceu na Fazenda Desterro, de sua propriedade, no município paulista de São João da Boa Vista. Ativo participante das lutas da classe, José Ruy foi presidente do Sindicato Rural sanjoanense, tendo-se eleito também prefeito municipal. Considerado um dos mais aplicados criadores da raça Mangalarga, pertenceu a seu plantel o afamado padreador "Invasor", pai de "Fogo", de Ruy Novais. Na Fazenda Desterro, José Ruy também se dedicava à exploração de gado leiteiro. José Ruy de Lima Azevedo, que faleceu no dia 21 de dezembro, era casado com dona Edith Malheiros Azevedo. Seus filhos foram Maria Cecília Azevedo Malheiro, viúva de Luiz Antônio Malheiros, e José Ruy Azevedo Júnior, casado com dona Yolanda Oliveira Azevedo.

Cana ou cano. Você escolhe por onde a vaca entrará.



Certamente não é por ser médico especialista, com clínica e cirurgia de olho, que o dr. Geovah Paulo da Cruz, o autor deste texto, enxerga longe e claro. Biologista, conhece Uberaba, MG, tem a prática necessária para temperar no ponto certo a dieta que a ciência da nutrição indica como ideal. Tudo isto se tem na matéria que enviou à Redação, "com o intuito de divulgar conhecimentos já sedimentados na área de alimentação vacum e emitir minhas próprias opiniões pessoais e experiência adquirida". Como se temesse reação (ou nos enganamos?), esclarece que "a linguagem coloquial representa meu próprio estilo de abordar o tema, para torná-lo mais interessante à leitura". E garante à Revista: "nenhum direito será reclamado de V.Sas., de quem sou velho assinante e leitor assíduo".

Pois, doutor Geovah, nós, daqui, já vamos fazer valer logo os nossos direitos e reclamar: venha logo com a prometida uréia, que a cana não é apenas doce e apetitosamente digerível. É essencial para a RC alimentar bem as suas páginas e cumprir seus compromissos de atendimento aos leitores.

A seca está tão longe, tudo está tão verde e tão lindo, que ninguém quer nem saber o que vai acontecer a partir de maio próximo. Acontece, porém, que, quando a seca chegar, já não mais adiantará a alguém preocupar-se: ou você tem ou não tem forragem.

Por mais que Deus seja brasileiro, nossa situação climatológica pouco difere da de outras partes do mundo. Na Europa e no hemisfério Norte, existe o inverno. Nos trópicos existe a seca. No fundo são a mesma coisa, apenas em grau diferente. O inverno mata todo o pasto. A seca, queima, endurece, lignifica, desidrata, desnatura o pasto. A única diferença é que o frio é menor, não há neve, e você faz de conta que existe pasto, fica bem sem-vergonha, bancando o malandro pra ver se a vaca descola alguma folhagem. A vaca sai por aí, catando aqui, catando ali, perde peso, enfraquece, diminui o leite, aborta, não ovula, não fecunda, às vezes adoece e morre. Uns anos são melhores, outros são piores, mas sempre é a mesma história. Lá ou cá, são 6 meses com pasto, outros 6 meses sem pasto.

O criador de clima temperado, certo de que sua vaca vai morrer de frio e fome, já aprendeu há milênios a providenciar a comida da vaca no inverno. Ele faz o feno, o silo, guarda o grão,

compra a torta. Nós, pretensamente mais expertos, não fazemos nada. Deixam ficar, para ver no que vai dar. Outros de nós, considerando-se ainda mais expertos, copiam o europeu e guardam o grão, o silo, o feno, e compram a torta, e também entram pelo cano. Fica muito caro usar tanta tecnologia. O que se gasta, nem sempre compensa o que se ganha.

Está na hora de aprendermos a adotar uma tecnologia própria, intermediária, tropical ou subtropical, mais barata e também eficiente. Apenas 1 ou 2% dos nossos criadores têm um rebanho que compense ensilagem, ou fenação, ou alimentação do rebanho com milho outros grãos, ou torta. Nosso rebanho ainda não está geneticamente apurado, nem tão intensivamente criado, nem tão uniforme quanto a raças, fins econômicos e lucratividade. O que tem de cruzado de tatu-com-cobra por aí, não está escrito...

Do meu ponto de vista e prática, o que ainda resolve mesmo para a maioria, é ter volumoso a valer, encher o cocho de arroz-com-feijão, lotar a pança da vaca, para que ela agüente a seca. Uma misturinha de torta, um temperinho de milho desintegrado, ou abóbora, ou farelho e pronto.

Se ela agüentar a seca sadia e saudável, já está ganhando muito. No próximo período das águas, ela engorda, para um bezerro, guarda energia para a pró-

xima seca, e o ciclo se repete. O que não dá é usar o tempo das águas para recuperar o que se perdeu na seca, pois, quando o animal está quase recuperado, já vem nova seca, e o organismo nada mais faz do que sobreviver, e mal. É como ficar seis meses doente e seis meses convalescendo. Não se passa de um cadáver vivo. Como médico e como pecuarista, conheço gente e vacas assim: o Brasil está cheio das dores.

A salvação da grande pecuária, das nossas 100 milhões de cabeças, de Norte a Sul, está em dar muita comida para o gado na seca, de forma barata e fácil. Parece até que eu descobri a América — vão rir todos.

Vão me perguntar onde o "salvador do rebanho pátrio" encontrou a solução? Pois, sem ser nenhum paranóico, há 10 anos venho usando a solução. Cana, simplesmente cana-de-açúcar. Por quê?

Vamos lá, tem gente que gosta de ciência. Vamos construir um raciocínio lógico e encadeado.

Uma vaca é um organismo vivo, de sangue quente (homeotérmico). Uma vaca é um motor biológico, que anda, caminha, mantém funções orgânicas (tais como respiração, circulação sanguínea) mastiga, urina, defeca, ou caga, se me permitem o vernáculo. Todo e qualquer motor consome energia. Sem energia não há movimento, não há calor. Uma vaca, como qualquer ser vivo, precisa de combustível. O combustível é o alimento. Todo alimento tem que ser desdobrado no organismo até o ponto próprio para ser aproveitado. De todas as formas finais de combustíveis que a célula do organismo pode usar, a glicose é a principal delas. Assim, qualquer mamífero, para produzir movimento e calor, queima principalmente glicose dentro das células. Queimando glicose, libera-se energia dentro da célula, tal como se esta fosse um cilindro de motor a combustão. A energia é aproveitada principalmente para



►►► produzir movimento, calor, reações químicas de síntese e análise, enfim, manter a vida da célula. Uma vaca é uma máquina com um trilhão de células, e, portanto, um motor com um trilho de cilindros. Por isso, é um animal de grande porte, que consome uma quantidade fantástica de energia e, conseqüentemente, de combustível.

Se você tem um automóvel, você pode funcioná-lo a álcool, a pinga, a conhaque, a rum, a vodka e até a whisky. Você enche o tanque com o que quiser. Uma vaca pode queimar glicose, gorduras e proteínas. A ordem da queima corresponde ao custo de cada combustível da vaca. Se ela se alimenta de qualquer produto que dá glicose, ela se satisfaz e está abastecida. Se faltar glicose na alimentação, ela começa a queimar suas próprias gorduras, afim de obter glicose para a queima. Enfim, ela começa a comer a si própria. Enquanto houver reserva de gorduras suficiente, ela as vai queimando. Chegando a um certo limite, ela começa a queimar suas próprias proteínas, ou seja, a beber o seu whisky. Portanto, a partir da falta de alimento energético, a vaca começa a se auto-consumir, e esta auto-consumição leva desde o emagrecimento, até a caquexia e morte, em todos os graus.

Qual a lógica, então? Dar glicose para a vaca, meu caro Watson. Bem, glicose também custa dinheiro. Você pode obtê-la a partir de amido, dextrinas, celulose e sacarose. Os dois primeiros obtêm-se com os grãos, especialmente o milho, ou as fêculas, como mandioca, batata. A celulose obtém-se a partir das folhas e talos vegetais. Nesta hora está tudo seco, a não ser que você os tenha guardado sob forma de feno, silo, ou capineira irrigada. Resta então a sacarose. Esta você daria sob forma de melaço ou cana "in natura". Melaço todos sabem quanto custa, além de que o melhor foi jogado fora, o bagaço. É como comer a casca e jogar a banana fora.

Restou então a cana por inteiro. Vejamos as suas vantagens: no mínimo 50 toneladas brutas por hectare, 120 toneladas por alqueirinho. Não há problema de armazenamento, a planta fica de pé, no campo, até poucas horas antes de ser comida, viva, saudável, hidratada, doce, cheia de folhas, gêmulas, brotos terminais, embalada na casca, que também é comida, e da boa. Enquanto permanece armazenada, ela sempre cresce, armazena mais sacarose, se auto-enriquece, pois seu ciclo de amadurecimento termina no fim da seca. É fácil de colher e tritura, extremamente palatável, cheirosa, fácil de distribuir no cocho com garfos, fácil de remover e virar, aceita qualquer aditivo, tais como trituradores, farelos, tortas, sais minerais e uréia. Uréia é a palavra mágica, o abracadabra da cana. A uréia é que viabiliza a cana.

Comendo a cana por inteiro, a vaca recebe a sacarose pura do caldo, a celulose das fibras, da casca e das folhas, e a proteína dos ponteiros. Assim, o seu bucho, semelhantemente ao tanque do

automóvel, se abastece do combustível mais barato possível que a natureza nos deu, depois da celulose do pasto. Como nesta época não há pasto, temos que abastecer a vaca... no posto.

A glicose aí obtida manterá a vaca viva, andando, mugindo, aquecida, garantindo a sua temperatura corporal, particularmente as nossas vacas, na grande maioria de grande grau de sangue indiano e extremamente sensíveis ao frio. A vaca zebu treme como nordestino em São Paulo, no inverno. Tirita de frio. Enquanto queima sacarose (glicose), ela deixa de gastar suas banhas e seus sebos, e se mantém lisa e gorda. Se quiser que ela dê leite, dê-lhe torta ou ração, na proporção em que ela merecer. Aí você põe pela boca e colhe no balde, o que pode ser até um bom negócio.

O grande medo do pecuarista, com relação à cana, está na diarreia. Sacarose fermenta e dá diarreia mesmo. Aí a vaca piora, e pode até morrer desidratada. Outro grande temor do pecuarista está na uréia. Uréia envenena e pode até matar. Se você tomar soda cáustica, bate as botas. Se beber ácido clorídrico, empacota. Mas se misturar soda e ácido, você tem água e sal de cozinha, duas coisas muito boas e sem perigo. Aí é que está a lógica da cana com uréia.

Por sorte da vaca e nossa, os donos da vaca, ela tem microorganismos na pança, que misturam a sacarose + uréia, e eliminam todos os inconvenientes de cada qual. Primeiro quem come os venenos são os microorganismos, que deles são ávidos, e depois a vaca come, ou melhor, digere os tais bichinhos.

Assim sendo, além da glicose já referida, os microorganismos sintetizam proteínas, dos quais o organismo tem necessidade absoluta, para regenerar, crescer, substituir seus próprios tecidos, construir outros, como os do bezerra embrião que ela está gestando, e até deixar algum pouco de sobra, que sai no leite. Comendo muito volumoso, ela estruma abundantemente, gerando um rico esterco, que, reciclado, volta para a cana, ou até vai para o seu biodigestor, se você é dos mais moderninhos. O esturmo da vaca que come cana e uréia é pastoso, consistente, com odor próprio de esterco, abundante, sem o mínimo sinal de diarreia. Comendo muito, a vaca cria uma boa capacidade de bucho e digestão, se adapta a ser glutona. Além do mais, a amônia liberada no seu estômago, dilata-o, aumentando-lhe gradativamente a capacidade, e suas vacas serão barrigudas, como se estivessem prenhes, o que até engana a gente. Saciada a fome, a vaca se torna preguiçosa, lenta, consome menos energia andando, ruma contente, faz a sua sesta no porta do curral, se desgasta menos. É uma vaca contente. De vez em quando arrota, o que aprende a fazer com facilidade, para eliminar o excesso de amônia, quando o houver. Arrota de satisfação.

Plante agora o seu canavial, enquanto é tempo. Tenho minhas regrinhas para o canavial. A variedade você escolhe. O local, sempre alto, para evitar as geadas. Perdi dois canaviais, antes de aprender

princípio tão elementar. Terra ruim, a área é pequena? Você aduba com fertilizantes e faz cobertura com esterco, recupera a terra, sai barato. Situado no alto, o transporte para o cocho exige menos esforço do trator ou da carroça. Ruas com espaçamento estreito. A cana mais junta, 70 a 90 cm, abafa as pragas e diminui ou elimina as capinas, sombreia a terra, afina a cana, tornando-a mais macia, produz mais ponteiros (folhas e extremidade vegetativa), resseca menos as folhas, produz mais massa por hectare. Você pode jogar o esterco verde sem curtir (parcagem), que todas as pragas que por acaso nasçam, acabam morrendo e voltam a ser matéria orgânica, por falta de sol ou ventilação. Local alto para que a brisa e os ventos penetrem pelo canavial a dentro, melhorando a aeração, sem desidratar as folhas. Tudo ao contrário do canavial para usina de açúcar. Mais juntas, as canas se auto-escoram e deitam menos, quando muito maduras, e nas tempestades de vento. Mais juntas, você tem um pouco menos de sacarose, mas é compensado pela celulose do pé de cana, o que melhora o equilíbrio da refeição.

Bem e a uréia? Esta eu conto depois, em outro artigo. Você ainda nem plantou a cana, e a hora de usá-la ainda está longe. Saiba apenas que é muito mais fácil do que você pensa. Qualquer peão analfabeto saberá dosá-la e ministrá-la, sem risco algum. Moro a 500 kg da fazenda e apenas uma vez em 10 anos, tive um caso de empanzinamento, facilmente resolvido pelos próprios peões tratadores. E olhe que já tive pelo menos uns 100 diferentes. Todos eles aprenderam, o que já é outra história, de fazer chorar a qualquer pecuarista.

Quero apenas lembrar que, se, por exemplo, sua fazenda comporta 100 cabeças no período das águas, em pastejo natural, no máximo ela comportaria 40 ou 50 no período das secas. Assim, você nunca poderia ter mais do que a capacidade natural das secas, e perderia pasto nas águas. Tratando no cocho o seu gado na seca, você poderá manter constantemente a quantidade de gado cabível nas águas, multiplicando por 100% o aproveitamento de sua propriedade, melhorando o seu rendimento, diminuindo o seu ITR, girando mais rápido o seu capital, ocupando mais constantemente o seu pessoal, além da satisfação própria de ver o seu empreendimento mais evoluído, aquele prazer muito peculiar do criador, de chegar no curral e contar a manada. Com cana você poderá ser um legítimo gigolô de vaca, e com rações e torta, um mero "coronel", porque o bicho, comendo no bolso, não há cristão que agüente.

Que me desculpem os mais técnicos, os que já saíam de tudo, os que apreciam apenas "trabalhos científicos". Este artigo foi escrito para a grande massa de criadores, recriadores, alguns inovistas, e não para uma pequena minoria de eleitos pecuaristas, donos de bancos e empresas. Estes podem contratar veterinários e zootecnistas melhores do que eu, que aliás nem o sou.

Novos rumos para a pecuária leiteira tentar sobreviver

EDUARDO DE ABREU CRUZ

Louco, alucinado, desvairado, acima da minha média normal — sou produtor de leite —, tive uma idéia que só pode ser proveniente de um cérebro doentio. Cansado estou há muito tempo de ter idéias normais para procurar encontrar um meio de fazer a atividade pecuária ser lucrativa. Como as idéias sadias não funcionam, talvez uma de louco total dê resultado.

Quando falo em lucratividade na pecuária leiteira, presumo a sobra de remuneração condigna para o produtor que paga salários também condignos a seus empregados, pois não confundo exploração leiteira com exploração humana, que é o que se vê mais amiúde no campo.

Telefonei para um laboratório de São Paulo e ofereci à venda urina de vaca preta para pesquisa e outros mistérios. Aceitaram. Em qualquer quantidade, desde que pura e limpa, sem impurezas. Paguei ao preço de hoje (27.10.81) Cr\$ 50,00 o litro (o leite B, na mesma data, vale Cr\$ 35,00).

Estou preparando agora correspondência para a Alfa Laval, pedindo que projetem uma urinadeira em espinha de peixe, com circuito fechado, talvez aproveitando a minha atual ordenhadeira, pois pretendo a passar a produzir Urina B.

Assim que obtiver algum resultado, voltarei ao assunto, esperando salvar da penúria muitos produtores de leite e milhares de trabalhadores rurais que vivem na miséria porque ajudam a produzir o líquido mais barato que o ser humano ingere — água mineral já custa mais que leite.

Qualquer vaca, de qualquer raça, com qualquer trato, produza por dia, em média, 40 litros de urina. Como a idéia é nova, o Ministério da Agricultura ainda não tabelou o preço.

Já que de nenhum modo, nós, produtores de leite, conseguimos atingir um nível de conceitualização próximo do respeito que nos deviam conceder o público e as autoridades, é necessário que busquemos alguma forma que fuja às normas convencionais.

Produzir leite de boa qualidade e pureza não resolve, porque o leite vendido ao público chega sempre adulterado e não pode mesmo agradar e nem servir como elemento de defesa nossa. Ao contrário, coloca a imagem do produtor de leite mais muito abaixo de zero, pois o grande público pensa que nossas vacas são capazes de produzir esse negócio que vendem como leite. Quando não põe a culpa na vaca, o grande público pensa que nós, produtores, é que adulteramos o leite, voltando tudo à estaca zero.

Há mais de cinquenta anos, as coisas acontecem assim e continuarão assim, até que um "cientista" digno do Prêmio Nobel "isole" a molécula que produz leite, e um laboratório bem assessorado por uma empresa de marketing prove ao povo que o leite sintético é melhor que o produzido pela senhora vaca.

Estando as coisas como estão, é natural que alguns produtores tenham, como eu, elouquecido, e procurem maneiras de sair do buraco em que estão. Depois da idéia de vender urina de vaca, percebi que valia a pena continuar pesquisando para abrir "frentes de mercado", como dizem os tecnocratas que buscam soluções para o Brasil (coitado!).

Achei mais uma: desenvolver campanhas junto aos centros e terreiros de macumba para valorizar o leite como oferenda aos espíritos cansados de beber cachaça. Vale ressaltar que a idéia tem três vantagens imediatas: 1) o espírito, se aceitar a oferenda, ao invés de bêbado, ficará bem alimentado; 2) o pagador da oferenda gastará menos dinheiro, porque leite custa a metade do preço da cachaça; 3) os mendigos, que por fome se tornam irreverentes, poderão beber o leite que for recusado pelos espíritos e não andarão tão subnutridos.

Tenho pensado em pormenores, e até mesmo andei reservando umas novilhas Girolando absolutamente pretas, que, na certa terão o leite mais valorizado para certos "trabalhos".

O importante é que a nossa classe se conscientize e faça, como eu tenho feito, grande propaganda de graças alcançadas com o uso sistemático de leite em "trabalhos" nas encruzilhadas.

Há um risco, porém, que não sei como poderá ser evitado: os assaltos ao leite, à meia-noite, em todas as encruzilhadas deste nosso país tão faminto e espiritualizado, com o perigo até de punições de santos que sairão roubados, com fome e sem cachaça, capazes de revidar e provocar catástrofes. Em todo caso, suponho que catástrofes como as de outros países.

TABAPUÃ

FAZENDA AGUA MILAGROSA —
15880 — Tabapuã — SP CP 23 —

Tel.: (0175) 62-1117

"Índice de Fertilidade de 88% em 1.700
vacas registradas, em monta natural
de 5 meses".

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES MACHOS E FÊMEAS.



Sedeiro de Tabapuã T-J 278 —
48 meses — 1.056 kg.

ALBERTO ORTENBLAD

Rua da Assembleia, 92, 10.º andar —
20.011 — Rio de Janeiro — RJ —

Telefones: (021) 221-0678 e 242-0297

FILIAL: Mato Grosso do Sul — Granja

Ipanema — Rodovia Campo Grande —

Cuiabá a 40 Km de Campo Grande

Tel.: (067) 624-6138 — Campo Grande.

com o Sr. Sylvio.



tipo furacão, terremoto etc., são sempre mais compreensíveis e aceitáveis do que as que ocorrem aqui — fome, desemprego, miséria, analfabetismo, mortalidade infantil e dívida externa!

Embora minhas idéias sejam um pouco loucas dentro de conceitos civilizados (?) não brotam de minha cabeça com rapidez. São fruto de longa e metódica meditação. Peço, portanto, um pouco de respeito às pessoas que me lerem. Se não respeito pelas idéias em si, ao menos piedade pela moléstia mental que pode ser diagnosticada.

Tenho, como se percebe, momentos de lucidez que me prostram à total letargia, e são os médicos que me empurram para que eu continue dando vazão aos meus devaneios, pois é divagando que encontro um pouco da tranquilidade de espírito só conseguida pelos banqueiros neste país (quando me refiro a banqueiros, fujo ao sentido largo, inclusive os de banco mesmo, que são os mais felizes, pois já estão vivendo no reino dos céus).

Depois da idéia de vender urina de vaca prenhe, como produto principal de uma atividade pecuária, e de conseguir colocar o subproduto leite nos terreiros de macumba, tive outra brilhante inspiração, digna de ser difundida para salvar da miséria os criadores e para colocar a vaca no pedestal de glória que merece.

Andei lendo profundos trabalhos sobre produção de leite e estudando meios e formas de ganhar dinheiro com esse mister. Todas as fórmulas só são válidas e aplicáveis nos países desenvolvidos, onde o leite, por ser considerado indispensável ao consumo do povo, especialmente das crianças, sempre merece subsídios que tornam a atividade próspera e rendosa.

Neles é compensador até produzir leite em excesso, em quantidades que o povo não pode beber, pois os governos garantem que, depois de extraídos os valores maiores, como a lactose, sempre haverá mercado de exportação para países pobres e subdesenvolvidos; eles também garantem que esse mercado permanecerá assim ainda por muitas décadas, graças às medidas tomadas, como fornecimento de sobra de leite em pó a preço inferior ao custo possível, o que dá margem ao "dumping" e à insolvência dos produtores, que, falidos, preferem produzir caça para embebedar a população, que, bêbada e subnutrida, nem reclama e nem se desenvolve.

Portanto, fórmula para ganhar em produtividade leiteira não há para ser aplicada nos países pobres, e ponto final. Se, como disse David Nasser, nem o Amador Aguiar conseguiu, não hei de ser eu que vou conseguir. O Midas brasileiro, para não perder, mandar comercializar sêmen,

botijão e outros apetrechos, talvez por piedade, porque nos dá prazos e condições bem favoráveis. O Midas da mitologia nem tentaria!

Mas é melhor voltar à vaca fria. Li também alfarrábios antigos e trabalhos científicos de toda espécie. Num deles (dos científicos) aprendi que o leite das vacas em cio tem uma composição muito especial, cheio que fica de certos hormônios só produzidos nas 18 horas de apetite sexual. Noutro trabalho (dos alfarrábios) descobri que alguns desses hormônios são altamente estimuladores do sexo.

Juntando os dois conhecimentos assim obtidos, deduzi facilmente que o leite de vaca no cio é forçosamente afrodisíaco. Busco agora a maneira mais prática de comercializá-lo. Mandei amigos buscarem fregueses entre os frequentadores dos hotéis, das saunas e freguesas dos cabeleiros de luxo. As respostas à "pesquisa de mercado" têm chegado e são promissoras. Há, em potencial, um grande mercado para essa especiaria, especialmente entre indivíduos da faixa etária dos 40 aos 80.

Depois que eu tiver melhores informações sobre a viabilidade de comercialização, darei as dicas. Mas que é mais uma maneira de tentar sobreviver, isso é!

EXPLORAÇÃO LEITEIRA

A MELHOR E MAIS ÚTIL PUBLICAÇÃO QUE OS NOSSOS ESPECIALISTAS PRODUZIRAM PARA O PRODUTOR DE LEITE

PUBLICAÇÃO PATROCINADA PELA ANPES
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL

3.ª EDIÇÃO REVISTA



- CAPÍTULO 1 — INTRODUÇÃO
- CAPÍTULO 2 — MELHORES PASTOS, CHAVE PARA A PRODUÇÃO MAIS ECONÔMICA DE CARNE E LEITE
- CAPÍTULO 3 — ALGUNS FATORES QUE AFETAM A PRODUÇÃO DE CULTURAS FORRAGEIRAS
- CAPÍTULO 4 — AS FORRAGEIRAS: GRAMÍNEAS E LEGUMINOSAS
- CAPÍTULO 5 — ESTABELECIMENTO E MANUTENÇÃO DE PASTAGENS
- CAPÍTULO 6 — A MÁQUINA ANIMAL
- CAPÍTULO 7 — SUPLEMENTAÇÃO DAS PASTAGENS
- CAPÍTULO 8 — A ROTAÇÃO PASTAGEM-CULTURA
- CAPÍTULO 9 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pedidos à EDITORA DOS CRIADORES LTDA.
Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo - SP
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES
Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo

Um texto sobre o Mangalarga Marchador motiva duas cartas

A Redação da Revista, recebeu, respectivamente em meados de dezembro e início de janeiro, duas cartas de selecionadores de cavalos da raça Mangalarga Marchador, Luiz de Freitas e Rosalho Francisco Bortoni. A chegada da correspondência ocorreu sem tempo para inseri-las na edição primeira do ano.

Por um dever que considera ético, cópias de ambas as correspondências foram encaminhadas ao autor do artigo publicado na edição de outubro passado, que as motivava. ("Há razões fortes para duas raças Mangalarga no país?" — pág. 78 e 79). Solicitava a Redação que o autor, o general Diogo Branco Ribeiro, desejando-o, utilizasse igual espaço que o requerido para a publicação das cartas, a título de resposta. Entendia — como entende a Redação da RC — que estaria cumprindo seus objetivos de bem informar ao concretizar esse desejo.

Em parte, o tom da correspondência chegada à Revista fazia o assunto resvalar para um terreno indesejável, de crítica pessoal, envolvendo apreciações sem relação direta com o texto publicado em outubro e, portanto, não constituindo serviço à criação. É possível que, por essa razão, tenha o autor preferido não expender qualquer comentário.

A Redação — que sempre teve no general Diogo Branco Ribeiro um colaborador assíduo e incentivador de seu trabalho, a quem tributa seu reconhecimento — transcreve aqui trechos das cartas recebidas e não sua íntegra, omitindo os que, em seu entender e com absoluta isenção, não contribuem para a informação desejável sobre as duas raças Mangalarga existentes no país. Esclarece, ainda, que são de exclusiva responsabilidade do editor as fotos (e legendas) que ilustraram a matéria objeto da reação de ambos. E reafirma sua disposição de manter suas páginas sempre à disposição daqueles que, interessados no desenvolvimento da criação nacional, desejem levar sua contribuição aos que o realizam, em sua vida diária no campo.

Por último, quer patentear ao general Diogo o respeito que tributa ao seu trabalho e reconhecer aos criadores da Mangalarga Marchador o valor demonstrado com veemência — indicativo da segurança com que desenvolvem a seleção de seus animais. É dessa paixão e zelo que nasce e se nutre o amor pelos cavalos — virtude cultivada sem dúvida e igualmente pelo general Diogo e pelos missivistas.

O diretor

1 Da correspondência recebida do criador Luiz de Freitas, de Belo Horizonte, MG, a Redação extrai os seguintes tópicos:

"Tendo lido na Revista dos Criadores n.º 621 o artigo sobre o Mangalarga Paulista e o Mangalarga Marchador, de autoria do gen. Diogo Branco Ribeiro, causei-me estranheza a parcialidade com que abordou o assunto e a desatualização que o mesmo está em relação à segunda raça. Parece que o mesmo desconhece, inclusive, que o campeão do torneio do cavalo de sela e serviço, realizado pela CCCC, durante a Semana do Cavalo, em Salvador, foi um Mangalarga Marchador, dentre todas as raças que concorreram.

"Desconhece o autor, inclusive, que o Barão de Alfenas nunca foi proprietário

da Fazenda Atalho, em Três Corações, mas sim da Campo Alegre, na época município e comarca de Baependi, fazenda esta onde se originou a raça (vide o livro "A Família Junqueira").

"Do Mangalarga Paulista, nada temos a dizer, a não ser que o autor esqueceu de dizer que a tão decantada marcha trotada, em seu artigo, existe realmente em grande parte do criatório paulista, mas, além dela, existem animais que só dão puro trote. Devem ser estes, os que ele diz terem sido usados para fins militares e hipismo.

"Do Mangalarga Marchador, sua desatualização é tão completa, que gostaríamos de lançar um desafio ao gen. Diogo: que o mesmo prove na prática, o que escreveu: que convide os proprietários dos cavalos dos quais publicou as fotografias: "Providência Regente" (Mangalarga Marchador) e "Chefe J.O." (Mangalarga Paulista), para que compareçam aí na pista do Parque da Água Branca, em São Paulo, com estes cavalos, em data e hora previamente aprezadas e noticiadas por esta prestigiosa Revista, convidando-se também os criadores das duas raças, para demonstrar que o que escreveu corresponde à realidade." ●



**Da correspondência
do criador
Rosalbo Francisco Bortoni,
de São Lourenço, MG,
extraímos os
seguintes tópicos:**

"No artigo publicado pela **Revista dos Criadores**, explica o gen. Diogo que "o andamento marchador (marcha batida, picada e andadura ou guinilha etc.), apesar de irregular, porém herdado de seus precursores, é próprio dos terrenos acidentados de Minas, forçado pela inclinação e consequente fechamento dos jarretes, causado por um desenvolvimento acentuado do antemão em detrimento do postmão, com que as impulsões dos posteriores (órgão empurrador) não sejam bem recebidas pela garupa, portanto, mal transmitidas para a frente e pela coluna vertebral, de sorte que, ao contrário dos outros cavalos, o trem anterior como que arrasta o posterior".

"Primeiro: andadura ou guinilha e mesmo o etc., que não sabemos o que venha a ser, não são andamentos reconhecidos no Mangalarga Marchador, até pelo contrário, são desclassificantes.

"Segundo: a descrição feita não é de um Mangalarga Marchador, mas de um mau cavalo, seja ele de que raça for. Mangalarga Marchador não junta jarretes para poder marchar. Isto — o ajuntamento — é também defeito até desclassificante.

"Terceiro: basta uma única vista do lombo nas pistas de exposições atuais, e o observador verificará que o andamento predominante — e largamente predominante — no Marchador é o da marcha batida, embora a marcha picada esteja no padrão da raça.

"O que o general Diogo talvez quisesse dizer é que o Mangalarga Marchador foi um cavalo que, em certa época, viu suas características um tanto desvirtuadas — degeneradas até, diríamos — pelo despreparo de parte de seus criadores, que, mal orientados, se dirigiram sempre para a tentativa de um andamento "malcinho", para seus passeios. Não tinham, esses criadores, conhecimentos mínimos para verificarem que aquele andamento causava desequilíbrio tanto à montaria quanto ao cavaleiro. E aí, sim, verificou-se que os cavalos de piores apuramentos por juízes mal informados. E viu-se, então, naqueles poucos espécimes degenerados, o que vem descrito na reportagem de que ora tratamos.

"Esqueceu-se, entretanto, o general Diogo de dizer que tal fato se deu e se dá atualmente apenas num pequeno segmento da população equina na raça Mangalarga Marchador. Generalizar tal fato, imputando tais defeitos a toda uma raça, demonstra, no mínimo, absoluta desinformação e desconhecimento a respeito. Cria-

tórios tradicionais foram mantidos inalterados em suas qualidades originais, com a presença invariável de cavalos bem estruturados, apurados corretos quando examinados por trás e pelos lados, sem o nefasto "ajuntamento" dos jarretes.

"Prova disso é que há um grupo de entusiastas do Mangalarga Marchador que vem batalhando para demonstrar que o conceito de cavalo mal apurado do Mangalarga Marchador é fruto do aparecimento de alguns espécimes — quase sempre de uns poucos e mesmos criatórios —, que em certa época, por injunções outras, foram muito propalados e "badalados".

"E este grupo de entusiastas do Mangalarga Marchador — do bom Mangalarga Marchador, diríamos mesmo, do **verdadeiro** Mangalarga Marchador — vem apresentando animais em provas funcionais com bastante sucesso. Colocações honrosas vêm sendo conseguidas, quando não a vitória. Apenas para citar alguns exemplos: na Exposição Estadual do Rio de Janeiro, disputando com raças nacionais e importadas, o Mangalarga Marchador por anos consecutivos sagrou-se campeão das provas funcionais. Estes vencedores eram animais de um criatório que se manteve fiel aos princípios, conservando a marcha batida bem diagonalizada e apurados os animais irrepreensíveis. Em 1980, na Semana Nacional do Cavalo, realizada em Uberaba, o campeão das provas funcionais, abertas para todas as raças presentes, foi um cavalo Mangalarga Marchador — "Cafundó Ouro Branco". Interessante é que em segundo lugar ficou colocado um representante da raça Mangalarga, fato que seguidamente foi lembrado por quem de direito nos anúncios, em inequívoca demonstração da importância daquela colocação. Ainda em 1980, na FEAPAM, realizada em Ribeirão Preto, o cavalo vencedor das provas funcionais, disputando com Árabes, Quartos-de-Milha e outras raças, o vencedor, enfatizamos, foi um Mangalarga Marchador — "Favacho R.B." —, de estrutura e apuramento irrepreensíveis, grande marchador, ganhador também de concursos de marcha e raciais, como ocorreu no mesmo ano de 1980, na Exposição do Sul de Minas, em Caxambu (foco, portanto, de bons animais), quando se sagrou campeão da raça e de marcha. Tal fato vem provar que a função não tira — nem poderia mesmo — o andamento do cavalo Marchador, desde que ele seja — **de fato** — da raça Mangalarga Marchador. Em 1981, na Semana Nacional do Cavalo, realizada em Salvador, pela primeira vez houve oficialmente disputa de um torneio de provas funcionais, das quais participaram animais de todas as raças presen-

tes ao evento. E quem foi, mais uma vez, o vencedor deste torneio? Um Mangalarga Marchador — "Zíngaro Tabatinga".

"Reconhecemos (...) que há no mínimo duas características nos animais marchadores, sem, entretanto, serem obrigados aos defeitos que lhes imputa o general Diogo.

"Se (...) reconhecemos que há aptidões diversas entre os espécimes de uma raça, não cremos justa a atitude de citar-se apenas um pequeno segmento desta raça, ainda mais quando o citado é na atualidade representativo da absoluta minoria, quando os criadores já se conscientizaram da necessidade de "arrumarem" o seu cavalo, e o vêm tentando, e obtendo resultados bastante satisfatórios. Notem, por favor, que falamos que estão "arrumando" os representantes de um pequeno segmento da raça, apenas.

"(...) Há contida uma afirmação no bojo do artigo que contestamos com veemência: não há cruzamento de Campolina com Marchador, para melhora do das duas raças. São hoje absolutamente distintas, tanto quanto o são o Mangalarga e o Mangalarga Marchador entre si. Campolina e Mangalarga Marchador mantêm em comum apenas o andamento, que o padrão racial prevê: marcha batida ou picada.

"Para finalizar, transcrevemos, ainda do artigo do general Diogo: "entendemos, contudo, no âmbito de uma boa orientação zootécnica, em certos casos, haver a possibilidade de choque sanguíneo melhorador de linhagens selecionadas e específicas, porém, de origem ibérica. Lembremos, outrossim, que "cada caso é um caso ..." e, por isso, o técnico deve ser consultado".

"Nós discordamos vigorosamente. Melhoramentos, no estágio em que o Mangalarga Marchador se encontra, devem e precisam ser procurados em exemplares dentro da própria raça. Temos (...) espécimes de alto valor genético e fenotípico, excelentes marchadores e como cavalo de sela e serviço. Vamos a eles. Porque em tudo isso há algo a que não houve referência por parte do general: expressão racial.

"Herdamos de nossos maiores uma raça de cavalos. Temos dentro desta raça excelentes espécimes. Somos obrigados por dever de consciência e cultural a conservar esta raça, buscando sempre o seu melhoramento. Mes sem a miscigenação sugerida pelo general Diogo, sob pena de termos dentro em pouco tempo não a raça Mangalarga Marchador, mas cavalos do "tipo mangalarga marchador".

Pede-se uma reforma agrária urgentíssima

HUASCAR TERRA DO VALLE

É muito fácil saber quando o Governo fez alguma besteira: logo em seguida é lançado algum programa, com toda pompa e arrogância, à moda dos fidalgos de Brasília. É evidente que estes programas não resolvem coisa alguma, tanto mais que são acompanhados por verdadeiras orgias de empreguismo e compadrio.

Por exemplo, apesar de sua miséria e atraso, o Nordeste é a única região brasileira com saldo positivo tanto na produção de combustíveis quanto no comércio internacional. Depois de muitos anos de espoliação pelo Sudeste, que o transformou em fonte de divisas e em mercado cativo de produtos das multinacionais, lançaram a SUDENE, que não resolveu nada, pois até hoje a miséria só tem aumentado e os saques de cidades ocorrem todos os anos. Será que a SUDENE, além de provocar o turismo das matérias-primas, não terá apenas concorrido para mais concentração de riqueza? Ou será que deveria enfatizar violentamente a agropecuária, que é a vocação legítima da região?

Outro exemplo: depois de perseguirem impiedosamente os criadores, arrasando a pecuária nacional, lançaram o PROPEC, que, como sempre, beneficiou aqueles que tinham padrinhos em Brasília, nem de longe arranhando sequer o problema da pecuária bovina. Problema este, como sempre, criado pelos burocratas.

O POLOCENTRO obteve algum sucesso. No entanto, o interesse das multinacionais fala mais alto. Agora vão construir uma represa no município de João Pinheiro, que deverá inundar cerca de 200 mil hectares das melhores vazantes de Minas, onde já aplicaram bilhões de cruzeiros do POLOCENTRO. Tudo isto para produzir alguns quilowatts a mais. Existe, porém, outra opção que, em vez de destruir a região, valorizá-la. Esta opção, entretanto, tem um inconveniente muito sério: custaria metade do preço!

Infelizmente nosso Governo é um governo de ricos para ricos! Os pobres não têm vez. Estão cada vez mais pobres e mais explorados. Para compensar esta covardia, lançaram o PROTERRA! E cla-

ro que não adiantou nada. Os pequenos produtores rurais, arrasados com a "transferência de recursos dos campos para as cidades", têm vendido suas terras e mudado para as cidades, para servir de mão-de-obra barata para os gringos, como quer o Governo. Para falar a verdade, por causa da tal "transferência de recursos", as atividades agropecuárias foram transformadas em um negócio tão ruim que não vale a pena nem com empréstimos de 12% ao ano, mesmo com a inflação de três dígitos.

Em 1979 e 1980, as enchentes artificiais da CEMIG e da CHESF destruíram dezenas de cidades, centenas de fazendas e milhares de lavouras. Mais de 400 mil pessoas foram selvagemmente privadas de seus lares, tudo isto a troco de mais dígitos de quilowatts para serem subsidiados aos gringos que possuem as indústrias apelidadas de "brasileiras". Para compensar mais esta brutalidade, o próprio ministro do Interior compareceu a Pirapora (com uma pomposa comitiva de 10 aviões) para anunciar um plano de "contenção" de enchentes. Este plano — mais uma farsa — consistiu em torrar bilhões de cruzeiros, construindo diques horríveis em 10 cidades ao longo do rio, ou seja, nos núcleos eleitorais, deixando ao desamparo milhares de fazendeiros e agricultores. Se quisesse realmente controlar as enchentes, não seria preciso gastar nem um tostão: bastaria operar Três Marias e Sobradinho para absorver enchentes, e não para produzir energia, conforme seu objetivo original.

A tal reforma agrária, tão alardeada pelo Governo, não passa de mais um sistema de que o Governo andou fazendo das suas. Devido ao vergonhoso "modelo brasileiro", "realizado à custa de uma infinita miséria camponesa e da baixa efetiva do nível de vida de 70 milhões de brasileiros" (Servain Schreiber, "Le Dilemme Mondial"), calcula-se que quase 500 mil pequenas propriedades rurais deixaram de existir na última década. Por outro lado, de acordo com dados do INCRA, mais de 10% do território pátrio já pertence a estrangeiros. Por enquanto.

Dentro da realidade tão funebre, o Governo tinha que lançar algo, nem que

fosse para dar uma satisfação ao eleitorado. Sacou do baú, com licença de Marx e Lenin, a tal reforma agrária, de grande conteúdo emocional e fantástico impacto demagógico. O fato de que a reforma agrária nunca deu certo em nenhum país do mundo, a começar da Rússia e de Cuba, não moveu os gênios de Brasília. Eles não se preocupam com estas ninharias. Estão por demais ocupados com "pacotes", solenidades, jantares, viagens, simpósios, relatórios etc.

Como de praxe, os economistas brasileiros são capazes de exibir mapas, gráficos e tabelas, provando que a reforma agrária está dando certo. No entanto, o economista belga Jean Habere, diretor do setor de pesquisas do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, da Universidade Federal do Pará, afirmou que "o modelo de colonização usado no Brasil tem redundado em grande fracasso. Nenhum projeto do INCRA, até agora, teve êxito, e cada vez mais as colônias têm sido abandonadas sem completar sequer uma geração". Segundo a mesma autoridade, as iniciativas do INCRA têm beneficiado mais "os funcionários públicos federais e estaduais, familiares do pessoal do INCRA e grupos empresariais".

É óbvio que a atual reforma agrária do INCRA não passa de mais um capítulo da fúria fiscal do atual Governo. Ao conceder documentos de propriedade a posseiros, principalmente em terrenos devolutos, o Governo está apenas tentando criar novos contribuintes. É mais um triste exemplo do "buraco negro" que se instalou no Planalto, sugando impiedosamente todos os recursos do país, obedecendo ao atual suicídio econômico orquestrado pelo Ministério do Planejamento.

Para quem não percebeu ainda, a atual palavra de ordem consiste em aniquilar todas as atividades produtivas da nação, para que não façam concorrência aos grandes impérios econômicos que mandam no Brasil. Depois deste massacre, com o qual provaremos que somos bonzinhos, faremos jus às esmolas do Fundo Monetário Internacional. O FMI, assim como o World Bank e o GATT, são organismos internacionais controlados pelas

grandes potências econômicas, com a finalidade específica de evitar que os países em desenvolvimento façam sombra aos interesses destas mesmas potências (Alvin Toffler, em seu mais recente best-seller "The Third Wave", pág. 92).

O que os palacianos de Brasília realmente desejam é destruir a agropecuária nacional, para que o país continue a importar trigo, milho, carne, arroz e até feijão, que servem de contrapartida para que nossos parceiros comerciais importem manufaturas do Brasil. É a idolatria do PIB, que coloca o país em oitavo lugar dentre as nações quanto à produção industrial e em um dos últimos lugares quanto à justiça social.

Os "gênios" de Brasília estão cansados de saber que inflação se combate com aumento e não com redução da produção. Malabarismos financeiros como os praticados no Planalto só podem resultar no que está aí: um suicídio econômico, atestado pelo desemprego crescente e galopante, inflação de três dígitos, desaquecimento geral da economia e submissão total a interesses estrangeiros.

Dentro desse contexto, é fácil entender a tal reforma agrária do Governo. Os cartões de Brasília sabem que os empregados rurais precisam de um emprego e não de um pedaço de terra. No entanto, toda a política econômica federal é direcionada conscientemente àquela selvageria que o ministro Delfim Neto chama de "transferência de recursos dos campos para as cidades". Dentro deste esquema, todas as medidas do Governo são calculadas para não deixar os produtores rurais ganharem nem um tostão, carreado todos seus recursos para as estatais, os bancos e as multinacionais. Portanto, doar a um pobre colado um pedaço de terra, além de uma burrice, é uma covardia. Sem capital, sem tecnologia, sem espírito empresarial, o pobre diabo, no máximo, safará-se através da agricultura de subsistência, produzindo apenas o suficiente para não morrer de fome e para pagar ao INCRA. E, na primeira oportunidade, venderá a terra e mudar-se-á para a cidade grande.

Não é disto que o Brasil precisa. Cada homem do campo deve produzir para si, para sua família e, pelo menos, para mais uma dúzia de habitantes da cidade. Precisa, ainda, produzir substitutos para o petróleo, que não conseguimos arrancar do chão, e ainda excedentes exportáveis, para pagar o preço das irresponsabilidades dos aristocratas do Planalto.

Não é com demagogia barata, do tipo reforma agrária, que vamos conseguir esse aumento da produção e da produtividade. Somente as economias de escala (e não as de subsistência) conseguirão resolver o problema da produção de alimentos no Brasil. No entanto, além de incentivar a lavra de subsistência, o Governo ainda discrimina entre pequenos, médios e grandes produtores, castigando aqueles a quem

devia apoiar. Uma burrice desta não tem nem tamanho!

Os papa-banquetes de Brasília sabem também que a verdadeira causa do problema agrário é a falta de rentabilidade e o alto grau de risco das atividades agropecuárias. Se não fosse a perseguição que o Governo move contra os fazendeiros, não haveria terras ociosas nem problemas de posseiros. Quem é que manteria dinheiro na poupança se a terra fosse mais lucrativa? Por que é que tantos agrônomos e técnicos agrícolas, em vez de trabalhar em fazendas, preferem um emprego no Banco do Brasil ou do Nordeste? Simplesmente porque eles sabem que aí, no estabelecimento estatal, ganharão muito mais e com menos risco. No entanto, devia ser o contrário. Todos aqueles que "gigolam" a classe rural, pertencendo à infinita super-estrutura burocrática que tem na agropecuária a sua razão de ser, deviam ganhar muito menos que aqueles que enfrentam o barro e a poeira. Mas é o contrário que acontece. Por isso, a cada dia que passa, aumenta o número de "técnicos" em agropecuária e diminui o número de idiotas que insistem em ganhar a vida produzindo alimentos.

Quanto à posição da Igreja, seria cômica se, de fato, não fosse trágica. Ingentemente, como inocentes úteis, colocaram-se a serviço do comunismo internacional, repetindo "slogans" idiotas, tipo "a terra é de quem nela trabalha". Se isto é verdade, por que as lojas não são dos vendedores, os hospitais dos médicos, os órgãos públicos dos barnabés, os ônibus dos motoristas, os fóruns dos advogados, as igrejas dos padres, os colégios dos alunos... É uma besteira de fazer dó, tanto assim que, divulgando tolices como essa, não apenas estão destruindo o direito de propriedade, que é o fundamento de nossa sociedade, como ainda prejudicando gravemente aqueles a quem dizem querer ajudar. A distribuição de terra a quem não tem capital, nem tecnologia, nem espírito empresarial, é um desastre, que só serve de instrumento de penetração posterior das multinacionais, como tem ocorrido.

Se, realmente, houvesse por parte do Governo a intenção de fazer uma reforma agrária, o primeiro passo seria a revogação da estúpida lei trabalhista atual e a promulgação de uma nova lei, decente e adequada às finalidades nacionais e não aos interesses das multinacionais e das estatais. Conforme já tivemos ocasião de provar, a atual lei trabalhista rural, foi planejada para expulsar mão-de-obra abundante e barata dos campos para trabalhar como escrava das grandes indústrias transnacionais. Conforme até já reconheceu Delfim Neto, esta lei cumpriu seu papel "de maneira um tanto perversa", pois expulsou muito mais mão-de-obra que os grandes centros podiam absorver. Resultado: favelas e criminalidade, sob o patrocínio dos gênios de Brasília.

Uma legislação rural adequada seria melhor que mil INCRA's e custaria muito menos. Seus resultados seriam a melhor reforma agrária para o momento, pois estimularia os empregadores a usar mais o trabalho assalariado e menos as máquinas, os implementos e insumos originados das multinacionais (por isto, o Governo não se interessa em reformá-la). Uma lei trabalhista decente estimularia também os fazendeiros a construir casas para os empregadores rurais e não a expulsá-los do campo, como deseja o atual modelo brasileiro.

O verdadeiro problema do campo não é a falta de terra. Por isto, a solução não é a doação de terrenos a quem não tem nem o capital nem a tecnologia para explorá-los. Toda esta conversa fiada de reforma agrária não passa de mais uma farsa, dentre as milhares que pululam pelo país afora. O Governo sabe muito bem que o verdadeiro problema é a falta de retorno e o alto risco das atividades rurais. Foi proporcionando garantia de lucro aos fazendeiros que os EUA se transformaram no maior produtor e exportador mundial de produtos agrícolas. Além de serem também os maiores produtores de artigos industriais do globo, produzem ainda mais da metade dos alimentos mundiais. E foi burocratizando a agropecuária e explorando-a para megalomanias bucólicas dos burocratas de Moscou que a URSS colhe fracassos cada vez maiores na produção de alimentos. O modelo brasileiro, naturalmente, é muito mais semelhante ao modelo soviético que ao americano, o que vem explicar seu fracasso. Tanto a URSS quanto o Brasil, apesar de imensos territórios, são forçados a importar víveres para alimentar seu próprio povo. A culpa não é da terra nem do povo, porém dos burocratas. Exclusivamente deles. Onde se conclui que o verdadeiro problema agrário não é a falta de terra, mas as sandices dos cartolas de Brasília que, sistematicamente, fazem exatamente o contrário do que deveriam fazer.

O que precisamos é de uma reforma agrária ditada por patriotismo e inteligência. Não esta demagogia barata de dar terrenos a favelados e posseiros, porém uma completa reestruturação das relações entre o campo e a cidade. Em primeiro lugar, a promulgação de uma lei trabalhista decente, inteligente e patriótica. Em segundo lugar, precisamos inverter o processo de "transferência de recursos dos campos para as cidades". Agora, precisamos transferir recursos das cidades para os campos, a fim de que as estatais, os bancos e as indústrias paguem ao campo a imensa dívida que possuem com ele. Acima de tudo, precisamos cuidar para que as atividades rurais sejam rendosas e não suicidas, como atualmente.

Como fazer isto tudo? Não é difícil. Aliás, é muito fácil. Basta fazer exatamente o contrário do que tem sido feito até agora. ●

Má nutrição faz perder muito dinheiro

Deficiências alimentares causam perdas anuais de Cr\$ 98 bilhões aos pecuaristas de corte, valor da carne que deixa de ser obtida; no gado de leite, as perdas somam Cr\$ 72 bilhões. Os números foram revelados por Vicente de Paulo Mendes Peloso, secretário de Produção Animal do Ministério da Agricultura, durante o Seminário "Análise e Perspectiva da Agricultura Brasileira 1981/82", promovido pela Sociedade Nacional de Agricultura, no final do ano passado, no Rio de Janeiro. Ele considerou insatisfatórios os resultados da exploração pecuária nacional e preconizou esforços dos criadores para melhorar a performance do setor.

Para o leite, Peloso, diz que a produção de leite por vaca precisaria passar dos atuais 700/800 litros/ano para 1.500/2.000 e a taxa de crescimento do rebanho deveria saltar dos 3,2% atuais para 5% ao ano. Para o gado de corte, ele quer um ganho diário de 626 gramas de carne contra os atuais 326, e o abate acontecendo aos 720 dias, com 450 kg por cabeça, e não aos 1.380 dias, quando esse peso é atingido.

São vinte as características que motivam esse negro quadro, segundo Peloso, embora admitindo que elas não são exclusividade brasileira, mas de todos os países em desenvolvimento. Entre elas,

destacou, sem contemplação: métodos rotineiros de criação, pouca eficiência do trabalho na pecuária, que debitou à baixa qualificação profissional da mão-de-obra empregada, baixa natalidade do rebanho, insuficiente capacidade gerencial e empresarial do setor, inadequada formação de capital e uma situação de baixa transferência de tecnologia, "tudo isso acrescido à individualidade, às crenças, às superstições e aos preconceitos".

Pecuaristas presentes ao seminário devem ter-se mexido bastante nas poltronas, achando que alguns dos fatores de entrave não foram devidamente qualificados. E seria fácil apontá-los em bom número na esfera oficial.

Censo diz onde pasta o rebanho nacional

Embora os dados definitivos e completos só devam estar disponíveis no final deste ano, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística informou que o rebanho bovino brasileiro soma 116,9 milhões de cabeças. O número foi levantado pelo censo agropecuário, que recolheu informações de 6 milhões de propriedades rurais no país.

Minas Gerais, com 19,3 milhões de cabeças, detém o maior rebanho bovino brasileiro, seguindo-se os estados de Rio Grande do Sul, com 13,9 milhões, Mato Grosso do Sul, com 11,8 milhões, e São Paulo, com 11,6 milhões de animais.



Carrapatos, bernes e vermes sugam milhões

Os criadores brasileiros gastaram cerca de US\$ 30 milhões, no ano passado, só para combater as verminoses de seus animais; outros US\$ 15 milhões foram aplicados para o controle de bernes e carrapatos. No entanto, essas despesas se justificaram amplamente, pois a relação custo/benefício médio das diferentes drogas testadas pelo Departamento de Parasitologia do Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo aponta uma relação de 1 para 10. Em outras palavras, o criador ganha cerca de Cr\$ 5 mil para cada Cr\$ 500 anuais que aplica para o combate.

A semente esperada nesta safra brasileira

São francamente otimistas as previsões da Associação Brasileira dos Produtores de Sementes para a safra 1981/82, no tocante à produção de sementes melhoradas das principais culturas de exploração comercial. Para a soja, se esperam 955.000 toneladas (representariam cerca de 17% a mais que em 80/81), o trigo daria 365.000 toneladas (9% a mais, embora não atingindo as 500.748 toneladas da safra 78/79), o arroz passaria de 162.770 (80/81) para 260.000 toneladas (60% a mais) e o milho teria a oferta de grãos-sementes crescendo de 114.812 toneladas para 205.000 toneladas (30% a mais).

Os números resultam de levantamento realizado pelo Departamento de Pesquisa, Análise e Estudos Estatísticos da ABRA-SEM e incluem a produção de filiados à entidade e de organismos oficiais.

GUIA AGROPECUÁRIO

4ª EDIÇÃO

**DIREITO AGRÁRIO, DIREITO TRABALHISTA
RURAL, DIREITO FISCAL.**



LEGISLAÇÃO DO TRABALHADOR RURAL.
REGULAMENTO DA LEI DO TRABALHADOR RURAL.
MODELOS DE DOCUMENTOS RELACIONADOS À LEGISLAÇÃO TRABALHISTA RURAL.
SEGURO DE ACIDENTES DO TRABALHO RURAL.
ENGENHEIROS, ARQUITETOS E AGRÔNOMOS.
REGISTRO DE ENTIDADES NOS CONSELHOS DE MEDICINA VETERINÁRIA.
PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA AO TRABALHADOR RURAL (PRORURAL)
REGULAMENTO DO PRORURAL.
MOTORISTAS E TRATORISTAS
DISTINÇÃO ENTRE "OLARIA" PRECÁRIA DE OLARIA ADEQUADAMENTE INSTALADA EM ÁREAS RURAIS.
O TRABALHADOR RURAL DEVE SER CADASTRADO NO PIS.
OS SINDICATOS RURAIS E A ASSISTÊNCIA SOCIAL.
IMPOSTO DE RENDA NA AGRICULTURA.
TRIBUTAÇÃO DOS RENDIMENTOS DA EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA OU PASTORIL.
AGRICULTOR PESSOAS FÍSICAS.
COEFICIENTES APLICÁVEIS AOS RENDIMENTOS.
CADASTRO GERAL DOS CONTRIBUINTES: NORMAS REGULADORAS.
ESTÍMULOS FISCAIS — FLORESTAMENTO E REFLORESTAMENTO.

TRATORES, MÁQUINAS E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS — ISENÇÕES
ARRENDAMENTO E PARCERIA.
MODELO DE NOTIFICAÇÃO JUDICIAL PARA DIVERSOS FINS, DE CARTAS, DE CARTA-PROPOSTA DE ARRENDAMENTO, DE CONTRATO DE PARCERIA, DE CONTRATO DE ARRENDAMENTO, CONTRATO DE FINANCIAMENTO, CONTRATO MISTO, CONTRATO SOBRE PLANTAÇÃO SUBSIDIÁRIA OU INTERCALAR.
SISTEMA NACIONAL DE CADASTRO RURAL.
REGULAMENTADO O SISTEMA NACIONAL DE CADASTRO RURAL.
RECOLHIMENTO DA TAXA RODOVIÁRIA ÚNICA.
AQUISIÇÃO DE IMÓVEIS RURAIS POR ESTRANGEIROS.
DESAPROPRIAÇÃO DE IMÓVEIS RURAIS.
IMPOSTO SOBRE A PROPRIEDADE TERRITORIAL RURAL.
CONSOLIDADOS OS DISPOSITIVOS SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES CRIADAS PELA LEI n.º 2.613/55: Decreto-lei n.º 1.146 de 31/12/70.
MESMO SITUADO EM ZONA URBANA, O IMÓVEL RURAL PAGA IMPOSTO TERRITORIAL RURAL.
CAMINHÕES DE TRANSPORTE AGRÍCOLA ISENTOS DE INPS, PODEM USAR PLACA AMARELA.
LICENCIAMENTO DE VEÍCULOS SEM DESPACHANTE.

ASSISTÊNCIA JURÍDICA GRATUITA.
TÍTULOS DE CRÉDITO RURAL.
DEDUTÍVEL COMO DESPESA OPERACIONAL O VALOR DOS DESCONTOS DE NOTAS PROMISSÓRIAS RURAIS.
CRÉDITO RURAL.
SEGURO RURAL.
TÍTULOS DA DÍVIDA AGRÁRIA.
ELETRIFICAÇÃO RURAL.
FUNDO AGROINDUSTRIAL DE RECONVERSÃO.
FUNDO GERAL PARA AGRICULTURA E INDÚSTRIA (FUNAGRI).
FUNDO PARA DESENVOLVIMENTO DA PECUÁRIA (FUNDEPE).
FUNDO DE ESTÍMULO FINANCEIRO AO USO DE FERTILIZANTES E SUPLEMENTOS MINERAIS (FUNEFERTIL)
COMERCIALIZAÇÃO DE LEITE CRU. PREÇOS MÍNIMOS.
MARCA DE FOGO EM GADO BOVINO.
PRÁTICAS RURAIS
Capítulo I — Fórmulas e técnicas para se achar superfícies e volumes.
Capítulo II — Agrimensura.
Capítulo III — Juros descontos e porcentagem.
Capítulo IV — CALENDÁRIO DE EXPLORAÇÃO PECUÁRIA
Capítulo V — Cálculos úteis ao produtor de leite.
Capítulo VI — A utilização do leite na indústria caseira.
Capítulo VII — Adubação e alguns ensinamentos sobre culturas.

O tomário acima é apenas um resumo da matéria publicada em 422 páginas.

Preço do exemplar: Cr\$ 1.200,00

Pedidos à: EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Rua Venâncio Aires, 31 - São Paulo - Brasil

Encerraram o Controle de Desenvolvimento Ponderal, em novembro, 26 garrotes e 29 novilhas, totalizando 55 animais, dos quais 14 machos (56,0%) e 18 fêmeas (62,1%) mantiveram-se em regime de pasto (Divisão I).

Somente 10 garrotes (18,5%) e 17 fêmeas (31,5%) foram pesados as quatro vezes; o peso médio para os machos mantidos em regime de pasto foi de 190,8 kg aos 205 dias, 275,5 aos 365, 314,4 aos 550 e 369 aos 730 dias.

Para as fêmeas nesse regime e na mesma ordem de idade, os pesos médios foram 159,7, 261,7, 337,8 e 384,9 kg, respectivamente.

Entre os que receberam "trato, além do pasto (Divisão II), a média de peso para os garrotes foi de 196,8, 285,1, 342,6 e 425,8 kg, respectivamente, enquanto que as novilhas pesaram 171,5, 215, 274,1 e 299,8 kg, na mesma seqüência de idade.

As raças e cruzamentos representados foram: Santa Gertrudis (28 animais), representando 51,9% do total controlado, Canchim (8 animais), correspondente a 14,8%, Charolês (1 animal) e o cruzamento 5/8 Charolês e 3/8 zebu (18 animais) correspondendo a 31,5%.

MAIS PESADOS

Despontaram, com pesos mais avantajados, entre os que chegaram aos 2 anos, os garrotes "Alamo 147", com 646 kg, e "Guataparã Field", com 622 kg, e as fêmeas de n.ºs 228 e 220, respectivamente com 492 e 461 kg, ambas da raça Santa Gertrudis, mantidas a pasto e crioulas de Fernando Muniz de Souza.

"Alamo 147", da raça Santa Gertrudis, nasceu na Fazenda Alamo, com 31 kg, em agosto de 1979, e é filho de "TSI-582-6508" e "FSI-1497-74/673", tendo alcançado 175 kg aos 205 dias, não tendo sido mais pesado fora dos 730 dias.

"Guataparã Field", nascido com 55 kg, em dezembro de 1979, na Fazenda Guataparã, filho de Feiner Kerl e "Lucélia", pesou 242, 376, 501 e 622 kg, nas idades-padrões.

A fêmea de n.º 220 nasceu com 35 kg, em novembro de 1979, de "Bravo" e "898", e pesou 210, 298, 428 e 461 kg. Sua companheira, de n.º 228, nascida com 35 kg, em dezembro do mesmo ano, é filha de "37" e "109" e pesou 218, 315 e 492 kg, nas idades-padrões.

SANTA GERTRUDIS

Os representantes da raça Santa Gertrudis foram 5 machos e 19 fêmeas, mantidos em regime de pasto, e 7 garrotes e 2 novilhas, em regime de pasto com ração.

O peso médio para os animais mantidos a campo foi de 226, 337,2, 487,3 e 568 para os machos, e 198,4, 282,3, 367,3

e 416,6 kg para as fêmeas. Os machos incluídos na Divisão II pesaram 201,7, 378 e 646,0 kg, enquanto que as fêmeas alcançaram 354, 568 e 431 kg (nenhum animal foi pesado aos 730 dias).

Os garrotes mais pesados aos dois anos foram o citado "Alamo 147", com 646 kg, da Agro-Pecuária L. Bocalato, o de n.º 218, de Fernando Muniz de Souza, com 197, 315, 519 e 568 kg.

Os criadores que mantiveram animais dessa raça em controle foram Fernando Muniz de Souza (13 exemplares), Agro-Pecuária L. Bocalato (8) e Antônio Chiarizzi Junior (7).

CANCHIM

Com 8 garrotes Canchim mantidos a campo, a média de peso foi de 183,2, 258, 304,2 e 354 kg nas idades-padrões.

Dois criadores mantiveram animais em controle: Guataparã S/A Agro-Pecuária, com 5 exemplares, e Sapucaia Empreendimentos Agrícolas e Pecuários, com 3.

Quem maior peso alcançou aos 2 anos foi "Guataparã Lord" com 448 kg; ele nasceu de "Matão de Guataparã" e "Marciana de Guataparã", com 31 kg, em novembro de 1979, alcançou 222, 363, 481 e 448 kg nas idades-padrões, na Fazenda Guataparã.

CHAROLÊS-ZEBU

A Guataparã S/A Agro-Pecuária manteve os 18 cruzados de zebu sem raça definida com charolêses: foram 5 garrotes e 13 novilhas, dos quais um garrote e 4 fêmeas mantiveram-se a campo, e os restantes 4 machos e 9 fêmeas em regime de suplementação de ração.

A média de peso, para os garrotes que receberam ração, foi de 176,7, 241, 303 e 376,7 kg, enquanto que as fêmeas nesse regime pesaram 168,8, 199,6, 256,6 e 299,8 kg nas idades-padrões.

Mantidas a campo, as 4 novilhas tiveram como peso médio, 179, 278,7 e 332 kg, nessas mesmas idades.

Somente "Acato da Guataparã", com 138, 134, 151 e 215 kg, foi mantido a campo, entre os garrotes.

A novilha que maior peso obteve foi "Fidalga de Guataparã", com 191, 227, 315 e 367 kg, nas idades-padrões. Essa novilha nasceu em novembro de 1979, com 30 kg, sendo descendente de "San Cy Ministro" e "Avarenta de Guataparã". Em regime de pasto e suplementação, destacou-se "Almânia de Guataparã", com 212, 249, 317 e 354 kg. Ela é filha de "Feiner Kerl" e "68-Jangada" e nasceu em dezembro de 1979, com 35 kg.

O melhor garrote foi "Triunfo de Guataparã", com 241, 437, 534 e 591 kg; filho de "Rumwell Hábile" e "Carinhosa", ele nasceu com 32 kg, em novembro de 1979. ●



Resultados do Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal em novembro

WALTER C. BATTISTON

Associação Brasileira de Criadores

Registrada no Ministério da Agricultura sob o n.º 35, como Entidade Nacional.

RESULTADOS DOS CONTROLES DE PRODUÇÃO LEITEIRA E DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL.

Toda a melhoria genética que possa resultar no aprimoramento qualitativo do rebanho nacional, é consequência direta dos serviços técnicos de:

- Controle Leiteiro
- Controle de Desenvolvimento Ponderal.

É de grande valia para a Pecuária Brasileira que o maior número de criadores se utilize desses serviços.

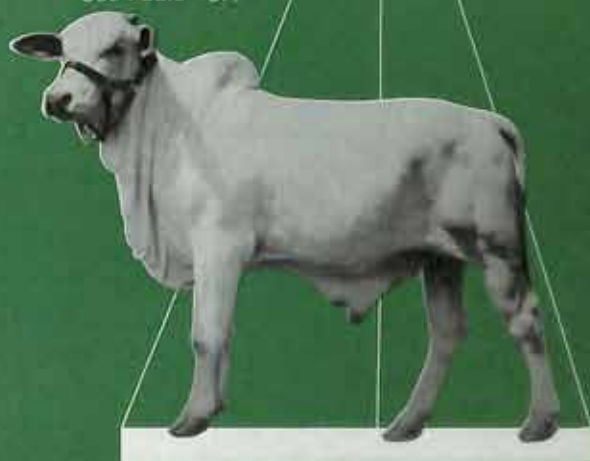
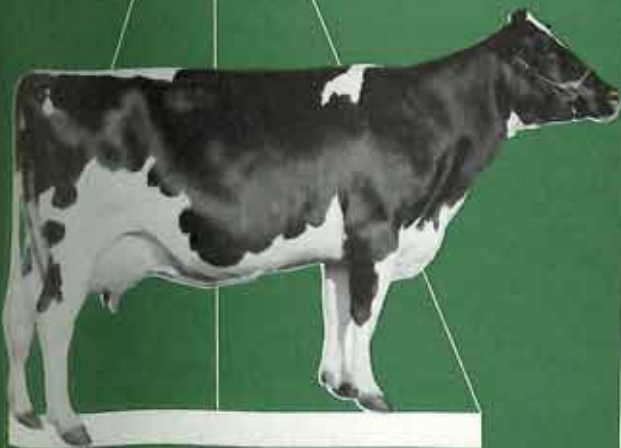
Animal controlado é sempre uma garantia para quem compra e para quem vende. Vale mais nos leilões. Alcança faixas de financiamento muito maiores nos estabelecimentos bancários oficiais.

Valorize o seu rebanho. Inscreva-o no Serviço de Controle Leiteiro ou no Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal.



**ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DE CRIADORES**

Rua Jaguaribe, 634
Fone: 826-3033
Caixa Postal, 9194
São Paulo - SP.





Associação Brasileira de Criadores

Fundada em 1926.

Reconhecida de Utilidade Pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811 de 20/10/58.
Registrada no Ministério da Agricultura sob o n.º 35, como Entidade Nacional.

A Associação Brasileira de Criadores, pelo seu Departamento Técnico, realiza em todo o País, em caráter oficial, por delegação do Ministério da Agricultura, os seguintes serviços:

- Serviço de Controle Leiteiro
- Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal
- PROCRUZA (Programa de Cruzamentos Dirigidos)

- Registro Genealógico
- Provas Zootécnicas.

A Associação Brasileira de Criadores executa serviços técnicos, mediante Convênios ou Termos de Ajuste, para as seguintes entidades pecuárias:

- Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa
- Associação Brasileira de Gado Pardo Suíço
- Associação dos Criadores de Gado Jersey

- Associação Brasileira de Criadores de Gado Guernsey
- Associação Brasileira de Santa Gertrudis
- Associação Brasileira de Criadores de Bovinos Pitangueiras
- Associação Paulista de Criadores de Charolês
- Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Canchim
- Associação Brasileira dos Criadores de Marchigiano
- Associação Nacional de Criadores (Pelotas, RS): Registro Genealógico e Provas Zootécnicas das raças: Ayrshire, Flamengo, Normanda, Red Poll, Vermelha Dinamarquesa.

Associação Brasileira de Criadores de Bovinos Pitangueiras

Av. Francisco Matarazzo, 455

Tel: 864-8140

05001 - São Paulo - SP

Presidente: Joseph Purgly

Associação Brasileira de Criadores de Gado Guernsey

Av. Presidente Vargas, 417 - sala 402

Tel: 221-2085

20000 - Rio de Janeiro - RJ

Presidente: Custódio Almeida Cabral

Associação Brasileira de Criadores de Marchigiano

Av. Francisco Matarazzo, 455

Tels: 262-0098 - 263-1738

05001 - São Paulo - SP

Presidente: Israel Sverner

Associação dos Criadores de Gado Jersey

Av. Francisco Matarazzo, 455

Tels: 262-0098 - 864-0040

05001 - São Paulo - SP

Presidente: Aldo Antonio Rafael Raia

Associação Brasileira de Gado Pardo Suíço

Av. Francisco Matarazzo, 455

Tel: 864-0691

05001 - São Paulo - SP

Presidente: Carlos Cardoso de A. Amorim

Associação Brasileira de Santa Gertrudis

Av. Francisco Matarazzo, 455

Tel: 263-1825

05001 - São Paulo - SP

Presidente: Alberto Emmanuel Whitaker

Associação Paulista de Criadores de Charolês

Av. Francisco Matarazzo, 455

Tel: 82-4619

05001 - São Paulo - SP

Presidente: Sergio Augusto de Camargo

Associação Nacional de Criadores

("Hard Book Collares")

Rua Anchieta, 2043 - Tel: 22-4576

96100 - Pelotas - RS

Presidente: Luiz Simões Lopes

Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Canchim

Av. Francisco Matarazzo, 455

Tel: 62-4619

05001 - São Paulo - SP

Presidente: Francisco Jacintho da Silveira

Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa

Rua Monte Alegre, 1715

Tels: 262-0060 - 62-2011

05014 - São Paulo - SP

Presidente: Joaquim Paixoto Rocha

Serviço de controle leiteiro

DESTAQUES

RAÇA HOLANDESA - variedade preta e branca.

J.P.R. HÉTICA, Rg. HBB/B-38.410, P.O., REPRODUTORA EMÉRITA com novo Livro de Escól. Pai/ ROUND OAK RAG APPLE ELEVATION Rg. HBB/A-14.258, Mãe/ J.P.R. FANTASTICA Rg. HBB/B-32.023.

3a4m	-	3x	-	9.438	-	331,3	-	3,51%
4a5m	-	3x	-	7.466	-	251,0	-	4,45%
5a7m	-	3x	-	7.589	-	246,1	-	3,24%
6a4m	-	3x	-	8.802	-	288,7	-	3,27%

Prop: DR. JOAQUIM PEIXOTO ROCHA

MARIA ELENA 672 DIPLOMAT DOMINÓ, Rg. HBB/B-41.693, P.O., REPRODUTORA EMÉRITA com novo Livro de Escól. Pai/ ROCKET'S DORIAN DIPLOMAT, Mãe/ MARIA ELENA 162 DOMINO Rg. B-1.687.

2a4m	-	2x	-	5.425	-	201,7	-	3,71%
4a5m	-	2x	-	5.860	-	213,3	-	3,64%
5a7m	-	2x	-	5.901	-	199,1	-	3,37%
6a7m	-	2x	-	6.222	-	198,3	-	3,18%

Prop: DR. JOSÉ PEDRO CARVALHO LIMA DE TOLEDO PIZA

RAÇA JERSEY

SANT'ANA GILDA II WISEMAN, Rg. 7.581-C, P.O., REPRODUTORA EMÉRITA com novo Livro de Escól. Pai/ HOEWYCK F. WISEMAN Rg. 3.115-B. Mãe/ SANT'ANA GILDA KAHOKA COUNT Rg. 5.542-C.

4a5m	-	2x	-	3.262	-	163,4	-	5,01%
5a5m	-	2x	-	3.627	-	175,7	-	4,84%
6a5m	-	2x	-	4.061	-	206,2	-	5,07%
7a4m	-	2x	-	3.392	-	159,8	-	4,71%
8a4m	-	2x	-	3.934	-	164,5	-	4,18%
10a7m	-	2x	-	4.193	-	158,7	-	3,78%
11a6m	-	2x	-	4.068	-	182,4	-	4,48%
12a6m	-	2x	-	3.858	-	187,1	-	4,85%

Prop: FAZENDA SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.

NOVAS REPRODUTORAS EMÉRITAS:

RAÇA HOLANDESA - variedade preta e branca.

POSSE MÁGICA JUJUBA TRIUNE, Rj. HBB/B-46.733, P.O., Pai/ SINKING SPRINGS APOLLO MAC Rj. HBB/A-15.626, Mãe/ S.M.P. JUJUBA JULIETTE TRIUNE Rj. HBB/B-38.596, obteve "LE" aos:

2a5m	-	2x	-	5.558	-	218,5	-	3,93%
3a5m	-	2x	-	6.577	-	267,6	-	4,06%
4a7m	-	2x	-	7.991	-	253,3	-	3,17%

Prop: FAZENDA SANTA MARIA DA POSSE AGRÍCOLA E PASTORIL LTDA.

EXPLORAÇÃO LEITEIRA

A MELHOR E MAIS ÚTIL PUBLICAÇÃO QUE OS NOSSOS ESPECIALISTAS PRODUZIRAM PARA O PRODUTOR DE LEITE

PUBLICAÇÃO PATROCINADA PELA ANPES
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL

3.ª EDIÇÃO REVISTA



- CAPÍTULO 1 — INTRODUÇÃO
- CAPÍTULO 2 — MELHORES PASTOS, CHAVE PARA A PRODUÇÃO MAIS ECONÔMICA DE CARNE E LEITE
- CAPÍTULO 3 — ALGUNS FATORES QUE AFETAM A PRODUÇÃO DE CULTURAS FORRAGEIRAS
- CAPÍTULO 4 — AS FORRAGEIRAS: GRAMÍNEAS E LEGUMINOSAS
- CAPÍTULO 5 — ESTABELECIMENTO E MANUTENÇÃO DE PASTAGENS
- CAPÍTULO 6 — A MÁQUINA ANIMAL
- CAPÍTULO 7 — SUPLEMENTAÇÃO DAS PASTAGENS
- CAPÍTULO 8 — A ROTAÇÃO PASTAGEM-CULTURA
- CAPÍTULO 9 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pedidos à EDITORA DOS CRIADORES LTDA.
Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo - SP
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES
Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo

STA. MARIA DA POSSE JOIA CORA CAPSULE, Rg. HBB/B-38.598, P.O., Pai/ PACLAMAR CAPSULE Rg. HBB/A-10.961, Mãe/ S.J.T. CORA SENREFLECT 328 Rg. HBB/B-31.634, obteve "LE" aos:

4a10m	-	2x	-	6.836	-	229,2	-	3,35%
5a11m	-	2x	-	6.437	-	214,7	-	3,33%
6a10m	-	2x	-	8.642	-	268,6	-	3,10%

Prop: FAZENDA SANTA MARIA DA POSSE AGRÍCOLA E PASTORIL LTDA.

RICHLAWN CASEY MARCUS MARSHA, Rg. HBB/BB-44.406, P.O., Pai/ HARBORCREST MARCUS TWIN Rg. 1500404, Mãe/ RICHLAWN DESIGNS CASEY Rg. 7510030, obteve "LE" aos:

3a4m	-	2x	-	5.744	-	217,3	-	3,78%
4a6m	-	2x	-	7.509	-	266,5	-	3,54%
5a8m	-	2x	-	8.272	-	251,7	-	3,04%

Prop: DONALD GRABER

SÃO QUIRINO T 7, Rg. GHB/533, G.H.B., Pai/ LAVACRES DUSTY MERRIT Rg. HBB/A-9.281. Mãe SÃO QUIRINO N 109 Rg. SP/26.443, obteve "LE" aos:

6a4m	-	2x	-	6.886	-	226,6	-	3,29%
7a5m	-	2x	-	7.051	-	241,0	-	3,41%
8a6m	-	2x	-	7.210	-	229,5	-	3,18%

Prop: PECUÁRIA ANHUMAS LTDA.

ELAINE PANORAMA, Rg. GHB/919, G.H.B., Pai/ CONDE PANORAMA Rg. SP/43.318, Mãe/ AMANONAS BAJAUCAS 2471 TANSERA JUPITER Rg. SP/31.775, obteve "LE" aos:

4a11m	-	2x	-	6.626	-	221,9	-	3,34%
5a10m	-	2x	-	7.376	-	230,7	-	3,12%
6a10m	-	2x	-	7.140	-	213,5	-	2,99%

Prop: DONALD GRABER

OCTAVIA MARCUS IMENSA DO PAU D'ALHO, Rg. GHB/554, G.H.B., Pai/ HARBORCREST MARCUS Rg. HBB/A-14.467, Mãe/ IMENSA MAJORITY DOCA DO PAU D'ALHO Rg. GHB/152, obteve "LE" aos:

3a3m	-	2x	-	6.688	-	222,8	-	3,33%
4a2m	-	2x	-	7.923	-	273,5	-	3,45%
5a2m	-	2x	-	7.023	-	228,8	-	3,25%

Prop: JACOB ROSIER DUTILH

LACTAÇÕES TERMINADAS

1 DIVISÃO — ATÉ 305 DIAS (COM NOVA PARIÇÃO DENTRO DE 14 MESES)

NOME DO ANIMAL	Grav. de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	PROPRIETÁRIO
Raça Holandesa — variedade preta e branca							
Três Ordenhas (3x)							
CLASSE A1 — até 2 1/2 anos.							
33 Joaquim Naray. Magnet - B/59548 - LH	PO	2-4	65043	305	8.729	267,1	3,06 Benedito José S.M. Pati
Capela Odessa Delight Monitor - B/56258	PO	2-3	65729	305	5.288	189,8	3,58 Valmir Spinelli de O.e Imãos
J.P.R. Mertins	PO	2-3	65351	257	4.449	176,4	3,96 Joaquim Peixoto Rocha
CLASSE A2 — de 2 1/2 a 3 anos.							
33 Carolina Mary. Rootmaker - B/48851 - LH	PO	2-9	65771	305	9.964	303,9	3,05 Benedito José S.M. Pati
J.P.R. Magnet - B/53167 - LH	PO	2-8	65346	305	8.179	268,3	3,28 Joaquim Peixoto Rocha
J.V.R. Mouton - B/55316 - LH	PO	2-6	65879	305	6.844	240,9	3,52 Joaquim Peixoto Rocha
C.N. Fátima Luperina Pinner - B/57899 - LH	PO	2-9	64820	305	6.763	205,5	3,03 Claudio V. Roberti
Wendy Valley G. Hiss Ellie - B/54577 - LH	PO	2-7	64025	270	6.609	239,2	3,62 Joaquim Peixoto Rocha
BM, Apareira Riverstar - B/53500 - LH	PO	2-9	65193	278	5.931	208,0	3,50 Emil Wirth
Bentvil Benda Jdan Anity - B/57874	PO	2-6	65602	305	5.070	177,6	3,50 Antonio Carina de Salvo
CLASSE B1 — de 3 a 3 1/2 anos.							
J.P.R. Lorenz - B/48978 - LH	PO	3-1	60239	305	5.655	212,2	3,75 Joaquim Peixoto Rocha
CLASSE B2 — de 3 1/2 a 4 anos.							
Clifton-Camp Antio Astrid-Dan - B/47804 - LH	PO	3-11	60113	305	10.001	280,1	2,80 Valmir Spinelli de O.e Imãos
CLASSE C1 — de 4 a 4 1/2 anos.							
A.P. Portaleza Paloma - B/47034 - LH	PO	4-4	54211	305	10.571	376,8	3,56 Fazenda Portaleza Ltda.
Ellak Dullis Lucky Mercat - B/46593	PO	4-3	60260	305	6.801	228,9	3,36 Aderbal Ribeiro Avila
CLASSE C2 — de 4 1/2 a 5 anos.							
33 Harissa Rockinson Rockman - B/44838 - LH	PO	4-10	55422	305	11.636	368,7	3,16 Benedito José S.M. Pati
Perival Magnet Lena - B/49782 - LH	PO	4-6	56902	305	9.790	300,8	3,07 Claudio V. Roberti
A.P. Portaleza Paloma - B/46239 - LH	PO	4-6	54209	305	7.719	285,1	3,43 Fazenda Portaleza Ltda.
Blana Cit. R. Lindley C.R.-NA/432-LH	GBD	4-9	55601	305	6.936	263,8	3,80 Claudio V. Roberti
CLASSE D — Adultas de mais de 5 anos.							
33 Galéria Rockinson Astrid - B/44619 - LH	PO	5-1	52521	305	13.261	401,7	3,02 Benedito José S.M. Pati
33 Superaga Chato Raposo - B/36430 - LH	PO	7-3	44937	305	10.227	327,3	3,20 Benedito José S.M. Pati
J.P.R. Mertins - B/38410 - LH	PO	6-4	49978	305	8.802	288,7	3,27 Joaquim Peixoto Rocha
Acadêmica Dta. Odina - B/15881 - LH	31/32	6-9	65743	305	8.540	302,4	3,54 Arnaldo Mendes Oliveira
Levulin Antio King Row - B/40705 - LH	PO	5-4	60117	305	8.488	236,6	2,78 Valmir Spinelli de O.e Imãos
Belona do Burity - B/115.865 - LH	OC1	4-1	47361	276	8.145	296,2	3,63 Arnaldo Mendes Oliveira
Aravista Quimara - B/2021 - LH	31/32	7-18	65150	305	8.125	314,4	3,87 Arnaldo Mendes Oliveira
Conceição Agostina Quim - B/45348 - LH	PO	5-3	57725	305	7.948	285,9	3,59 Emil Wirth
Fluoreta Sta. Ondine - B/113875 - LH	31/32	5-18	63748	305	7.596	288,4	3,64 Arnaldo Mendes Oliveira
Dante-Pam Jose Agneta Joana - B/41353-LH	PO	7-3	53125	305	7.759	271,1	3,49 Emil Wirth
Malvo's Trinité Rockman - B/44163	PO	5-2	53090	305	7.546	237,0	3,14 Manoel Pontes Neto
Werk-Hill Milenore Pam Dany - B/46345-LH	PO	5-3	55117	305	7.326	256,4	3,50 Emil Wirth
Levi do Salto Hortaliga Cula Bui-B/41284-LH	PO	5-3	58341	305	7.170	238,9	3,33 Valmir Spinelli de O.e Imãos
Joana Sta. Ondine - B/115878 - LH	31/32	6-8	64767	280	7.033	250,5	3,56 Arnaldo Mendes Oliveira
Wetocot Acing Agnes - B/46261	PO	5-3	57297	305	6.594	227,4	3,44 Emil Wirth
Comelard Rube Ter Toin - B/887929 - LH	PO	5-5	63147	274	8.369	221,9	3,48 Arnaldo Mendes Oliveira
J.P.R. Hennes Alv. Andra - B/41346	PO	6-2	49632	305	6.344	224,6	3,53 Joaquim Peixoto Rocha
Millenore Valley Tidy Agostina - B/45346	PO	5-4	57099	305	5.716	199,2	3,48 Emil Wirth
Reynocot Fidy - B/2020	PO	12-10	31703	267	5.470	208,2	3,80 Joaquim Peixoto Rocha
Malvo's Trinité Burity - B/37705	PO	6-7	48564	305	5.178	177,1	3,42 Manoel Pontes Neto
Grilamea M.R. Orlino Toina - B/45863	PO	6-2	51249	293	5.142	167,0	3,24 Angélica Orlino Ricci
Alina Sta. Sebastião - B/133729	31/32	7-7	66108	305	4.947	178,2	3,60 Guilherme Monteiro Jurepirina
Malvo's Dillma Raposo - B/44046	PO	5-6	53992	305	4.683	163,6	3,49 Manoel Pontes Neto
Duas Ordenhas (2x)							
CLASSE A1 — até 2 1/2 anos.							
Donatim Jay Raposo - B/54820 - LH	PO	2-4	64408	305	8.107	283,8	3,25 Donald Graber
Gila Red Flamingo - B/133152 - LH	OC2	2-4	65113	305	7.369	228,5	3,10 Donald Graber
Quimara K.A.B. - B/5049-12329 - LH	OC1	2-4	66257	305	7.073	231,2	3,55 Maria Aparecida F. Borba
P. Cyla Letícia Dull - B/43438 - LH	PO	2-1	44795	305	6.473	195,9	3,02 Faz.Sta.M.da Posse Ag.e P.Ltda.
Joana Joana M. Guter - B/33004 - LH	PO	2-5	66401	305	6.381	242,1	3,79 Sérgio Vicente de Araújo
Joana do Rio V. Alter - LH	GBD	2-4	55136	305	6.338	221,2	3,49 Jacob Rosier Dutilh
P. Cyla Letícia Dull - B/43438 - LH	PO	2-4	65113	305	6.313	184,5	3,92 Faz.Sta.M.da Posse Ag.e P.Ltda.
Wendy Valley Tidy Agostina - B/45346	PO	5-4	57099	305	5.716	199,2	3,48 Emil Wirth
Reynocot Fidy - B/2020	PO	12-10	31703	267	5.470	208,2	3,80 Joaquim Peixoto Rocha
Malvo's Trinité Burity - B/37705	PO	6-7	48564	305	5.178	177,1	3,42 Manoel Pontes Neto
Grilamea M.R. Orlino Toina - B/45863	PO	6-2	51249	293	5.142	167,0	3,24 Angélica Orlino Ricci
Alina Sta. Sebastião - B/133729	31/32	7-7	66108	305	4.947	178,2	3,60 Guilherme Monteiro Jurepirina
Malvo's Dillma Raposo - B/44046	PO	5-6	53992	305	4.683	163,6	3,49 Manoel Pontes Neto
CLASSE A2 — de 2 1/2 a 3 anos.							
Donatim Jay Raposo - B/54820 - LH	PO	2-4	64408	305	8.107	283,8	3,25 Donald Graber
Gila Red Flamingo - B/133152 - LH	OC2	2-4	65113	305	7.369	228,5	3,10 Donald Graber
Quimara K.A.B. - B/5049-12329 - LH	OC1	2-4	66257	305	7.073	231,2	3,55 Maria Aparecida F. Borba
P. Cyla Letícia Dull - B/43438 - LH	PO	2-1	44795	305	6.473	195,9	3,02 Faz.Sta.M.da Posse Ag.e P.Ltda.
Joana Joana M. Guter - B/33004 - LH	PO	2-5	66401	305	6.381	242,1	3,79 Sérgio Vicente de Araújo
Joana do Rio V. Alter - LH	GBD	2-4	55136	305	6.338	221,2	3,49 Jacob Rosier Dutilh
P. Cyla Letícia Dull - B/43438 - LH	PO	2-4	65113	305	6.313	184,5	3,92 Faz.Sta.M.da Posse Ag.e P.Ltda.
Wendy Valley Tidy Agostina - B/45346	PO	5-4	57099	305	5.716	199,2	3,48 Emil Wirth
Reynocot Fidy - B/2020	PO	12-10	31703	267	5.470	208,2	3,80 Joaquim Peixoto Rocha
Malvo's Trinité Burity - B/37705	PO	6-7	48564	305	5.178	177,1	3,42 Manoel Pontes Neto
Grilamea M.R. Orlino Toina - B/45863	PO	6-2	51249	293	5.142	167,0	3,24 Angélica Orlino Ricci
Alina Sta. Sebastião - B/133729	31/32	7-7	66108	305	4.947	178,2	3,60 Guilherme Monteiro Jurepirina
Malvo's Dillma Raposo - B/44046	PO	5-6	53992	305	4.683	163,6	3,49 Manoel Pontes Neto
CLASSE B1 — de 3 a 3 1/2 anos.							
Clifton-Camp Antio Astrid-Dan - B/47804 - LH	PO	3-11	60113	305	10.001	280,1	2,80 Valmir Spinelli de O.e Imãos
CLASSE B2 — de 3 1/2 a 4 anos.							
Clifton-Camp Antio Astrid-Dan - B/47804 - LH	PO	3-11	60113	305	10.001	280,1	2,80 Valmir Spinelli de O.e Imãos
CLASSE C1 — de 4 a 4 1/2 anos.							
A.P. Portaleza Paloma - B/47034 - LH	PO	4-4	54211	305	10.571	376,8	3,56 Fazenda Portaleza Ltda.
Ellak Dullis Lucky Mercat - B/46593	PO	4-3	60260	305	6.801	228,9	3,36 Aderbal Ribeiro Avila
CLASSE C2 — de 4 1/2 a 5 anos.							
33 Harissa Rockinson Rockman - B/44838 - LH	PO	4-10	55422	305	11.636	368,7	3,16 Benedito José S.M. Pati
Perival Magnet Lena - B/49782 - LH	PO	4-6	56902	305	9.790	300,8	3,07 Claudio V. Roberti
A.P. Portaleza Paloma - B/46239 - LH	PO	4-6	54209	305	7.719	285,1	3,43 Fazenda Portaleza Ltda.
Blana Cit. R. Lindley C.R.-NA/432-LH	GBD	4-9	55601	305	6.936	263,8	3,80 Claudio V. Roberti
CLASSE D — Adultas de mais de 5 anos.							
33 Galéria Rockinson Astrid - B/44619 - LH	PO	5-1	52521	305	13.261	401,7	3,02 Benedito José S.M. Pati
33 Superaga Chato Raposo - B/36430 - LH	PO	7-3	44937	305	10.227	327,3	3,20 Benedito José S.M. Pati
J.P.R. Mertins - B/38410 - LH	PO	6-4	49978	305	8.802	288,7	3,27 Joaquim Peixoto Rocha
Acadêmica Dta. Odina - B/15881 - LH	31/32	6-9	65743	305	8.540	302,4	3,54 Arnaldo Mendes Oliveira
Levulin Antio King Row - B/40705 - LH	PO	5-4	60117	305	8.488	236,6	2,78 Valmir Spinelli de O.e Imãos
Belona do Burity - B/115.865 - LH	OC1	4-1	47361	276	8.145	296,2	3,63 Arnaldo Mendes Oliveira
Aravista Quimara - B/2021 - LH	31/32	7-18	65150	305	8.125	314,4	3,87 Arnaldo Mendes Oliveira
Fluoreta Sta. Ondine - B/113875 - LH	PO	5-3	57725	305	7.948	285,9	3,59 Emil Wirth
Dante-Pam Jose Agneta Joana - B/41353-LH	PO	7-3	53125	305	7.759	271,1	3,49 Emil Wirth
Malvo's Trinité Rockman - B/44163	PO	5-2	53090	305	7.546	237,0	3,14 Manoel Pontes Neto
Werk-Hill Milenore Pam Dany - B/46345-LH	PO	5-3	55117	305	7.326	256,4	3,50 Emil Wirth
Levi do Salto Hortaliga Cula Bui-B/41284-LH	PO	5-3	58341	305	7.170	238,9	3,33 Valmir Spinelli de O.e Imãos
Joana Sta. Ondine - B/115878 - LH	31/32	6-8	64767	280	7.033	250,5	3,56 Arnaldo Mendes Oliveira
Wetocot Acing Agnes - B/46261	PO	5-3	57297	305	6.594	227,4	3,44 Emil Wirth
Comelard Rube Ter Toin - B/887929 - LH	PO	5-5	63147	274	8.369	221,9	3,48 Arnaldo Mendes Oliveira
J.P.R. Hennes Alv. Andra - B/41346	PO	6-2	49632	305	6.344	224,6	3,53 Joaquim Peixoto Rocha
Millenore Valley Tidy Agostina - B/45346	PO	5-4	57099	305	5.716	199,2	3,48 Emil Wirth
Reynocot Fidy - B/2020	PO	12-10	31703	267	5.470	208,2	3,80 Joaquim Peixoto Rocha
Malvo's Trinité Burity - B/37705	PO	6-7	48564	305	5.178	177,1	3,42 Manoel Pontes Neto
Grilamea M.R. Orlino Toina - B/45863	PO	6-2	51249	293	5.142	167,0	3,24 Angélica Orlino Ricci
Alina Sta. Sebastião - B/133729	31/32	7-7	66108	305	4.947	178,2	3,60 Guilherme Monteiro Jurepirina
Malvo's Dillma Raposo - B/44046	PO	5-6	53992	305	4.683	163,6	3,49 Manoel Pontes Neto

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção Leite kg	Gord. kg	PROPRIETÁRIO
C.A. Fanny Bett Ford. - B/57895	PO	2-3	64823	217	2.626	82,2	3,12 Claudio V. Reberti
Quintana Pioneer Madina P.D. - B/57904	GRI	2-1	61132	115	2.438	85,4	3,50 Jacob Rosier Dutth
Silva Ver D. Ant. Ol P.L. - B/57908	OC2	2-5	66713	101	1.474	43,4	2,94 Licínio dos Santos S. Filho
GRUPO A - de 2 1/2 a 3 anos.							
Fazenda Performer Bela - B/58410 - LM	PO	2-9	65314	305	7.967	267,9	3,36 Donald Graber
Tiza J.D. - B/58450 - LM	OC2	2-7	65741	305	6.792	206,8	3,04 Sementes Agroceres S/A.
Júlia Ruby Imperator Vera - B/60253 - LM	PO	2-10	65909	305	6.481	241,6	3,72 Sérgio Vicente de Araújo
Júlia Juliette Prestar Queen - B/59400 - LM	PO	2-8	65907	305	6.330	226,0	3,57 Sérgio Vicente de Araújo
Júlia Aurica Royalstar Susan-B/59422-LM	PO	2-8	65908	305	6.286	217,3	3,77 Sérgio Vicente de Araújo
Jug. (Quarta) Iona Root. - B/55542 - LM	PO	2-8	65236	305	6.255	190,6	3,04 Fernando Alencar Pinto S/A.
Quintana Peralta - B/56221 - LM	PO	2-7	65149	305	6.130	239,8	3,91 Arnaldo Mendes Oliveira
S.A. Dalia 104 Omedy Primo - B/55487 - LE	PO	2-8	66106	275	6.095	225,6	3,70 Cap.Vasco Mil Homens Arantes
Jug. Barbara Gay Ultrama - B/54905 - LM	PO	2-8	65307	305	5.788	199,3	3,44 Pecúria Arhmas Ltda.
Jug. Ulita Isolda Root. - B/54721 - LM	PO	2-8	65773	305	5.676	173,3	3,05 Fernando Alencar Pinto S/A.
Jug. Quana Fanchita Root.-B/53512 - LE	PO	2-8	65235	268	5.621	166,9	2,96 Fernando Alencar Pinto S/A.
S.M.L. Angel Cit. Matt. - B/55888 - LE	PO	2-6	64776	305	5.539	204,1	3,68 Arnaldo Mendes Oliveira
Faz. 268 Pofoquina Pioneer - B/54543 - LM	PO	2-9	65901	305	5.380	182,1	3,38 Renato Foga
Serra Preta Glória R.Pabet - B/56111 - LE	PO	2-6	63221	305	5.154	164,6	3,19 Antonio Carlos L.de A.e Outro
Jug. Amiri Lima Ant. - B/54703	PO	2-8	65772	305	4.947	146,0	2,95 Fernando Alencar Pinto S/A.
Alfandega São Simão - SP/116293 - LE	POCC	2-9	64604	295	4.903	165,2	3,37 Pecúria Arhmas Ltda.
Reineta Ideal 0502 Soc.-122979-LM	OC1	2-10	64886	300	4.696	170,5	3,63 Eduardo Simonsen
Maria Elv. Virginia - B/59946	PO	2-6	67303	212	4.431	136,3	3,07 José Agnaldo Telles
S.A. Terila Chief - B/57682	PO	2-10	65608	305	4.233	153,8	3,63 Chi.Adventista Brasileiro
Reineta São Quirino - SP/24161	POCC	2-6	65870	305	4.229	156,7	3,78 Pecúria Arhmas Ltda.
Reineta Agrindas - B/56123821	OC2	2-6	65238	289	3.962	149,8	3,70 Agrindas S/A. Emp. Agri. e Past.
Reineta 12 Gira Cham S.H. - B/58101478	POCC	2-7	61045	297	3.837	136,9	3,57 Cia. Adm. Tec. e Agri. Atagri
Reineta Agrindas - B/58123823 - LE	OC2	2-7	64742	305	3.829	164,0	4,28 Agrindas S/A. Emp. Agri. e Past.
Reineta Mac de Francis - B/58123630	POCC	2-7	65157	279	3.630	112,3	3,09 Carlos Alberto J. Lohmann
Reineta Ilustrada F. Eterna - B/56224	PO	2-11	65187	302	3.559	112,7	3,16 Luiz Norberto U.C. de Mello
Reineta Uras N. Última - B/53548	PO	2-8	65323	261	3.334	117,7	3,52 Luiz Antonio de Souza
Faz. 268 Pava Victor - B/54541	PO	2-10	65915	305	3.321	128,3	3,86 Fazenda Shigueno Ltda.
Reineta Root. Vinodoca - SP/114043	OC1	2-10	65846	305	3.111	112,3	3,60 Haydée Reutermedjian
S.A. Martins Prehagen Root. - B/57389	PO	2-9	65971	305	3.054	100,0	3,27 Mauro M.J.Jr. e Clarimando A.S.
Jug. Gracia Nova Root. - B/58050	PO	2-9	67881	175	3.052	96,0	3,14 Fernando Alencar Pinto S/A.
W. Vinodoca Soc. Cit. - B/57118	PO	2-11	64643	264	2.681	96,0	3,58 S/A. Faz. Paraíso Agro. Pec.
Reineta Lima IV. Simbol - B/58241	PO	2-11	63048	220	2.348	76,1	3,24 Gabriel e Sérgio Simão
Reineta Aurora Royalstar Maurer-B/56226	PO	2-8	65970	219	2.201	77,0	3,50 Luiz Norberto U.C. de Mello
Reineta Maria Nova - SP/102831	31/32	2-11	63661	220	2.168	77,2	3,55 Renée Ferreira Telles
Reineta Flight Son Vinodoca - SP/114051	POCC	2-6	65849	221	1.878	70,5	3,75 Haydée Reutermedjian
Reineta Agrindas - B/58123852	OC1	2-7	65780	118	1.475	57,3	3,88 Agrindas S/A. Emp. Agri. e Past.
GRUPO B - de 3 a 3 1/2 anos.							
Reineta Cham Paracana - B/58114327 - LE	OC2	3-4	65648	305	7.699	237,2	3,08 Donald Graber
Reineta J.D. - B/581083 - LM	GRI	3-4	60103	305	6.734	251,9	1,80 Sementes Agroceres S/A.
Reineta Irena Penco Iapi - B/55652 - LM	GRI	3-5	66404	305	6.707	252,6	3,76 Sérgio Vicente de Araújo
Reineta Paracana - B/581089 - LM	GRI	3-5	60284	305	6.427	217,6	3,38 Donald Graber
Reineta Departamento Eclipe Gov. - B/56807-LM	PO	3-0	65906	305	6.189	241,2	3,77 Sérgio Vicente de Araújo
Reineta IV. Star Mariana - LM	PO	3-5	60180	305	5.932	217,7	3,67 Guilherme W. S. Caldas
J.P.R. Ibero - B/49579 - LE	PO	3-2	59759	300	5.862	209,8	3,57 Joaquim Peixoto Rocha
Reineta Test Paracana - B/581088 - LE	GRI	3-4	60733	276	5.514	182,1	3,30 Donald Graber
S.N. Tuchen Walkout Elev. 74 - B/57376	PO	3-2	65057	305	5.242	165,5	3,15 José Mario Junqueira Netto
Reineta Valada B. da Penco - B/5794	GRI	3-3	59603	233	4.656	143,5	3,08 Faz. Sta. Mda. Posse Ag. P. Ltda.
S.A. Meta Nader Ant. - B/57391	PO	3-3	65063	305	4.630	159,2	3,43 José Mario Junqueira Netto
Reineta T. II Docta Dorado	PO	3-3	61337	210	3.962	137,8	2,47 Antonio La Motta
Reineta Pedroseni - SP/127643	POCC	3-4	65999	305	3.898	152,6	3,91 Alexandre H. da Silva
Reineta Malaina A. Sorana - SP/122946	OC1	3-1	65611	305	3.846	117,5	3,05 Luis Viscardi
Mil. Dora Christina - B/50917	PO	3-4	60073	305	3.536	100,0	2,82 Carlos Eládio de Freitas
Reineta Lady Barbara - B/49233	PO	3-5	58086	275	3.413	107,4	3,14 Carlos Alberto J. Lohmann
Reineta IV. Star Ray - B/53566	PO	3-4	67301	226	3.399	122,2	3,59 José Agnaldo Telles
Reineta Internacional Benita - SP/135710	OC1	3-1	64744	240	3.201	115,3	3,60 Roberto C. de B. Barreto
Reineta Arinda Martha - B/53568	PO	3-2	62742	155	3.100	103,3	3,33 José Agnaldo Telles
Reineta Arindas - B/58103922	OC1	3-1	64399	244	2.922	116,6	3,99 Agrindas S/A. Emp. Agri. e Past.
Reineta Vinodoca	PO	3-1	64153	297	2.907	108,8	3,74 Haydée Reutermedjian
S.A. Dalia - B/56778	PO	3-1	63554	248	2.905	102,1	3,51 Antenor da Silva Andrade
Reineta Vinodoca - SP/137852	31/32	3-3	65131	246	2.704	100,2	3,70 Morada Nova Agri. e Pec. Ltda.
Reineta Maria Royal Soc. - B/50229	PO	3-1	64570	178	2.534	90,9	3,58 Haydée Reutermedjian
Reineta Merculiana - SP/114189	31/32	3-5	59816	188	1.892	62,6	3,30 Rubens Andrade Vilela
Reineta Corli - B/58107795	31/32	3-5	65765	139	1.452	52,1	3,44 Osvaldo Soler
Reineta do R. V. - B/5829	31/32	3-2	67740	83	1.383	35,7	3,59 Carlos Ovaldo Rosa Lima
GRUPO C - de 3 1/2 a 4 anos.							
Reineta Top Ideal Moderna - B/486620 - LM	PO	3-8	59081	305	8.010	315,2	3,93 Guilherme W. S. Caldas
Reineta Iona Northcott Capena - B/48134-LM	PO	3-9	66405	305	6.609	245,8	3,71 Sérgio Vicente de Araújo
Reineta Ulana Elatina Sousa - B/49005 - LM	PO	3-9	59291	305	6.273	192,1	3,06 Antonio Josino Meirelles
Reineta II D. Cham S.H. - B/58101464 - LM	POCC	3-8	59791	305	6.173	204,9	3,31 Cia. Adm. Tec. e Agri. Atagri
Reineta II Antononi S.H. - B/58101438 - LE	POCC	3-8	65803	301	5.650	186,6	3,30 Cia. Adm. Tec. e Agri. Atagri
Reineta São Quirino - B/58104966 - LM	OC2	3-11	65993	305	5.642	169,1	2,99 Renato Foga
Reineta Nova 89 Cit. - B/49734 - LM	PO	3-10	60830	305	5.490	190,4	3,46 Pecúria Arhmas Ltda.
Reineta Mariana Dericka Mont. - B/49906	PO	3-10	59722	305	5.368	173,4	3,44 Par. Sant'Ana do R. Abaixo S/A.
Reineta 4 Antononi S. H. - B/58101439	POCC	3-6	61044	305	5.317	166,1	3,12 Antonio Josino Meirelles
Reineta Sagita Master Valor - B/50241	PO	3-11	65831	305	5.098	171,5	3,36 Caravelo Agro. Pec. S/A.
Reineta São Quirino - B/58104974 - LE	POCC	3-6	59265	305	4.977	171,1	3,43 Pecúria Arhmas Ltda.
Reineta Carlos - B/54248	PO	3-7	66075	305	4.929	175,3	3,55 Antonio La Motta
Reineta Astro Am - B/49238	PO	3-8	58088	305	4.904	163,8	3,34 Carlos Alberto J. Lohmann
S.A. Patricia Pat Christina - B/48459	PO	3-9	61755	305	4.822	162,4	3,36 José Mario Junqueira Netto
Reineta São Quirino - SP/105015	OC2	3-9	59625	303	4.654	164,8	3,54 Pecúria Arhmas Ltda.
Jug. Sirenia II Ingrida Ant. - B/50189	PO	3-6	60265	268	4.630	141,7	3,06 Fernando Alencar Pinto S/A.
Reineta Xerxes Reila - B/53565	PO	3-11	63292	156	4.589	135,9	2,96 José Agnaldo Telles
S.A. 41 Maria III Fico - B/50828	PO	3-6	65248	292	4.480	154,1	3,43 Cia. Adm. Tec. e Agri. Atagri
Reineta Capina Bova - B/48307	PO	3-10	65090	276	4.382	150,6	3,43 S/A. Faz. Paraíso Agro. Pec.
Tiza J. F. Barreira	GRI	3-9	65882	305	4.380	149,6	3,41 Sta. Maria Agro. Pec. Ind. S/A.
Reineta Retha Aquarius Pabet - B/51490	PO	3-8	63060	266	3.927	111,9	2,85 Rubens Andrade Vilela

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N. SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
Walt Acres New Double Triunfo-B/46264-1M	PO	5-6	57729	299	7.068	259,0	3,66	Emil Wirth
Odolina Marcus Inezina P.D.A. - Q8B/554 - 1E	Q8B	5-2	55638	294	7.023	228,8	3,25	Jacob Rosier Dutill
Burda - 1M	51/16	6-0	55678	305	6.930	276,1	3,98	Maria Lúcia F.Silva Dias
Campeira 29 de Sant'Ana - 1883 - 1M	PCDO	11-1	44014	305	6.740	218,1	3,23	Faz.Sant'Ana do R.Abeiro S/A.
Garcia 2 Botteman S.H. - Q8B/626	Q8B	8-7	43828	282	6.605	204,0	3,08	Cia.Adm.Tec.e Agri. Atagiri
Tisa da Fresta - 49971 - 1M	QCL	8-1	42739	293	6.602	238,8	3,61	H.Racacio Cheskaseky
Supécia - 1M	NR	-	65983	305	6.595	212,8	3,22	Antonio Coelho Guimarães
Arilado Rima - SP/41281 - 1M	31/32	9-11	65626	305	6.533	221,3	3,38	Antonio Carlos L.de A.e Outro
Bul.2155 Grassy Royal - B/39482 - 1E	PO	7-11	49585	305	6.408	219,8	3,43	Jacob Rosier Dutill
Palutway Rag Apple Mirza - B/38551 - 1M	PO	6-5	49765	305	6.369	235,1	3,69	Arnaldo Mendes de Oliveira
Bul.2200 Grassy Founco - B/40882 - 1E	PO	7-2	45747	278	6.252	256,2	4,09	Arnaldo Mendes de Oliveira
Guarunha Blop. - B/36417 - 1M	PO	6-11	65148	305	6.222	198,3	3,18	José Pedro C.L.de T. Piza
Maria Elena 672 Diplomat Donho-B/41693-1E	PO	6-7	48588	305	6.125	244,1	3,98	Guilherme N. S. Caldas
F.A.C. Argentina (Alva Root) - B/40682 - 1M	PO	5-2	53415	262	6.117	233,3	3,81	Sérgio Vicente de Araújo
Jonah Iheroyos Felipeo Kila - 1M	PO	-	66408	305	6.109	206,6	3,38	Cia.Adm.Tec.e Agri. Atagiri
Thom 1 Botteman S. H. - Q8B/424 - 1M	Q8B	9-6	38110	305	6.106	212,8	3,48	Pecúaria Arnanas Ltda.
S.J.J. Sarcotys Morris Queen - B/32230 - 1M	PO	8-8	39794	305	6.100	200,8	3,29	José Mario Junqueira Netto
J.J.K. Maria - B/38421	PO	6-4	48920	305	5.966	206,7	3,46	Odilon Nogueira e Outros
Seda Vista do Ceradinho - HB/SP-66019	15/16	7-6	53875	305	5.961	184,5	3,09	Agriunha S/A.Bsp.Agr.e Past.
Mullerona Agridua - HB/SP-49254	QCL	8-9	59275	239	5.893	199,1	3,37	Cia.Adm.Tec.e Agri. Atagiri
44 Chapin 11 R. Maple S. H. - Q8B/478	QCL	8-2	42309	305	5.876	222,3	3,78	Mazens Andrade Vilela
Martina R.V. Andriana - B/4572 - 1M	QCL	6-1	63068	284	5.853	186,2	3,18	S/A.Faz.Paraiso Agro.Pec.
Yara Isalinda Basko - B/43885	PO	5-4	58853	305	5.833	183,9	3,16	Yakult S/A.Ind.e Comercio
Yara's Gaudina Kerdady - B/46566	PO	5-2	55714	305	5.789	210,3	3,63	Cia.Adm.Tec.e Agri. Atagiri
Lucina 11 Soman S. H. - Q8B/475 - 1M	Q8B	9-5	41788	305	5.774	192,6	3,33	José Pedro C.L.de T. Piza
L.L. 003 Toca Rono Maria - B/24511	PO	5-10	55778	305	5.746	184,0	3,20	Luiz Gonzaga Oliviero
Floniana Pinetirino - HB/SP-104199	31/32	5-11	61027	305	5.700	204,1	3,58	Adelton Ribeiro Avila
Calina Expectation Gloria - B/42550 - 1E	PO	5-2	64201	300	5.656	160,6	2,83	Fernando Alencar Pinto S/A.
Don. Lantaria Iluperna H.M. - B/29436	PO	10-0	40186	305	5.624	172,3	3,06	Fernando Alencar Pinto S/A.
Don. Ordiada Ingrata Ultimate - B/36130	PO	7-5	43819	305	5.608	198,6	3,54	Simon Croot - Holstein
Maria da Holanta - SP/113090	31/32	6-7	65727	305	5.597	183,5	3,27	Antonio Carlos L.de A.e Outro
Silvana Redac - 43091	POCC	9-5	61429	305	5.533	185,2	3,34	S/A.Faz.Paraiso Agro.Pec.
Par. Saúde Rosaf Jr. - B/41006 - 1E	PO	5-1	58854	297	5.511	195,4	3,54	Cia.Adm.Tec.e Agri. Atagiri
D.M. Jane 1 Repor - B/42501	PO	5-5	65801	305	5.490	173,5	3,16	Col. Adventista Brasileiro
Pauli Koda Velvet Sadie - B/43664	PO	6-1	55483	305	5.432	180,8	3,32	José Mario Junqueira Netto
Marian Lantey Rag Apple - B/38441	PO	6-2	52519	305	5.416	186,4	3,33	José Pedro C.L.de T. Piza
Harvey IV. Star Sady - B/39959	PO	8-2	46733	305	5.377	173,7	3,23	Herde Fecundia Telles
Graciana Janiper - B/26627	PO	11-10	33340	305	5.353	210,1	3,92	Maria Aparecida P. Berta
Graciana Jane - HB/SP-87333	15/16	6-0	56056	305	5.337	155,9	2,92	Colapades Faragon S/A.
Arlica da Capla - HB/SP-128842 - 1M	31/32	7-7	66359	305	5.313	180,1	3,38	Sts.Maria Agro.Pec.Indl.S/A.
P. Lantia Netto Art. - B/43436	PO	5-5	51820	305	5.291	184,2	3,48	Hélio Moreira Salles
S.V.M. Alia Haren Verneus - B/32572	PO	9-1	39990	305	5.270	186,4	3,53	Sts.Maria Agro.Pec.Indl.S/A.
Vitacoma	NR	-	65884	305	5.227	160,8	3,07	José Agnaldo Lellis
Reza de Caldas - SP/94132 - 1E	POCC	5-3	53420	302	5.198	160,9	3,09	Antonio Joseir Meirelles
Orveja de Sto. Antonio - 37779	POCC	11-10	48228	305	5.182	201,5	3,88	Sylvio Lima Marinho
Assunta Pinetirino - SP/70680	31/32	7-7	63290	191	5.179	183,1	3,53	Odilon Nogueira e Outros
Parana Volata Art. - B/37079	PO	7-4	44487	305	5.174	178,0	3,44	Pecúaria Arnanas Ltda.
Reza de Sta. Anália - 77877	31/32	5-9	65631	305	5.171	178,3	3,44	Hélio Moreira Salles
Joana de Sta D'Alto - 80193	POCC	9-2	38760	305	5.155	189,0	3,46	Sts.Maria Agro.Pec.Indl.S/A.
Marquês São Quirino - SP/104969	QCL	6-7	59624	296	5.141	184,5	3,58	Roberto Cordeiro
Marquês S. V. - HB/SP-96925	POCC	5-7	60543	305	5.121	177,3	4,05	Francisco D. M. Junqueira
Odolinda	NR	-	65290	305	5.057	163,0	3,22	Antonio Carlos L.de A.e Outro
Nelson - M/2047	POCC	11-2	65826	305	5.031	167,2	3,32	Mario Alexandre Sessler
F.A.C. Assunção Art. - B/41012	PO	6-0	49214	305	4.978	138,1	2,77	Cia.Adm.Tec.e Agri. Atagiri
Assunta Bela Cruz - 26243 - 1E	POCC	6-5	59496	286	4.975	158,9	3,19	Laiz Antonio de Souza
Marquês V. Costina - 100073	POCC	5-8	61017	305	4.943	164,9	3,32	Cia.Adm.Tec.e Agri. Atagiri
Assunta Codi - HB/SP-3249	31/32	5-10	49483	305	4.930	159,5	3,45	S/A.Faz.Paraiso Agro. Pec.
Arizela 11 Reflection S. H. - HB/SP-85609	POCC	5-1	66435	279	4.901	169,5	4,02	Esc.Sup.de Ag.Luz de Queiroz
Assunta Lima - 80798	POCC	9-5	41751	305	4.883	178,9	3,70	Cia.Adm.Tec.e Agri. Atagiri
Par. Saúde Jordon - B/40974	PO	5-5	54401	305	4.861	152,4	3,17	Carlos Oswaldo Rosa Lima
S.P.V. Hito Regalier Cont. - B/46326	PO	5-1	56009	305	4.762	167,2	3,51	Hélio Moreira Salles
Quina Paracunda - B/33920	POCC	5-11	38666	287	4.746	143,9	3,03	José Agnaldo Lellis
Quina 11 Maria S. H. - 74688	POCC	5-11	51543	268	4.703	145,5	3,09	Col. Adventista Brasileiro
Par. Acilista Fidalgo - B/38063	PO	6-9	55789	305	4.690	161,3	3,43	Luiz Gonzaga Oliviero
S.A.L.G. Laby - B/34088	PO	8-3	48103	305	4.690	155,5	3,31	José de Oliveira Filho
Arizela 11 Reflection S. H. - 74797	POCC	5-1	56224	305	4.646	169,9	3,65	Mendel e Eliezer Steinkrich
Marquês de Sta D'Alto - 58443	POCC	6-2	47387	246	4.636	158,6	3,42	Carlos Alberto J.Lohmann
Quina Corti - HB/SP-78813	POCC	6-4	51517	305	4.628	145,8	3,15	José Agnaldo Lellis
S.V. Odozia - B/42203	PO	5-7	69350	292	4.590	144,5	3,14	Carlos Oswaldo Rosa Lima
Marquês Marquês Marquês Hm. - B/34560	PO	9-11	56002	213	4.573	149,1	3,54	Hélio Moreira Salles
Marquês Odozia C.A.B. - 63995	POCC	11-1	34272	305	4.496	158,4	3,52	Sts.Maria Agro.Pec.Indl.S/A.
Marquês S. A. - HB/SP-66410	31/32	9-10	60169	305	4.417	160,6	3,63	Plinio C. de Albuquerque
Marquês Pinetirino - SP/83971	31/32	6-3	61418	305	4.371	159,9	3,65	Odilon Nogueira e Outros
Marquês S. A. 17 Bol. Wicon	NR	-	64403	266	4.369	142,6	3,26	Carlos Eduardo C. Campos
Marquês de Fecundia - 71298	31/32	6-1	53389	305	4.361	137,4	3,15	Laiz Antonio de Souza
Marquês S. A. 17 Bol. Wicon	PO	5-5	67303	221	4.359	149,2	3,42	Sts.Maria Agro.Pec.Indl.S/A.
Marquês S. A. 17 Bol. Wicon	PO	5-6	53901	305	4.334	164,4	3,79	Oswaldo Soler
S.V. Alama - B/18787	PO	8-1	43507	305	4.299	146,1	3,39	S/A.Faz.Paraiso Agro.Pec.
Marquês Lantia Nockano - B/44386	PO	7-0	56665	148	4.263	127,1	2,98	Fernando Alencar Pinto S/A.
Quina de Sto. Antonio - 37793	POCC	10-0	49680	305	4.258	151,9	3,56	Hélio Moreira Salles
Quina Nova Caribio Tia. M. - 91544	31/32	5-4	51979	278	4.230	131,0	3,09	Oswaldo Soler
S.V. Sady - HB/SP-103178	POCC	5-8	64194	295	4.210	140,2	3,70	Paulo Franco
Quina Nova Caribio Tia. M. - 91544	PO	6-9	46361	276	4.148	139,3	3,35	S/A.Faz.Paraiso Agro.Pec.
Quina Nova Caribio Tia. M. - 91544	NR	-	64887	268				
Quina Nova Caribio Tia. M. - 91544	NR	-	67751	305				
Quina Nova Caribio Tia. M. - 91544	PO	5-8	50463	220				
Quina Nova Caribio Tia. M. - 91544	PO	5-4	51145	304				
Quina Nova Caribio Tia. M. - 91544	PO	9-6	40388	305				
Quina Nova Caribio Tia. M. - 91544	NR	-	67349	305				
Quina Nova Caribio Tia. M. - 91544	PO	9-11	47373	305				
Quina Nova Caribio Tia. M. - 91544	PO	8-2	51754	273				
Quina Nova Caribio Tia. M. - 91544	PO	12-4	38878	305				

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	PROPRIETÁRIO
Jardim Simoes - B/14064	PO	7-8	46093	305	4.142	154,8	3,73 Cia.Baptista Souza Com.Ind.
Boa Amiga Valerita - B/13927	PO	7-1	53483	305	4.136	155,2	3,75 Geraldo Junqueira de Andrade
S.V. Dorotea A. Bino - B/13805	PO	9-6	40381	305	4.114	150,8	3,66 Hélio Moreira Salles
India Faina Nade de Aram Juez - BE/SF-48567	OC1	8-1	51260	221	4.093	100,5	2,45 Marcio Elísio de Freitas
Boa Pedroni - 80035	POCO	8-0	65842	305	4.056	148,9	3,67 Alexandre H. da Silva
J.P.R. Gersina - B/36049	PO	7-4	43163	235	3.955	102,0	2,57 Luiz Norcio U.C.de Mello
Prime 5 de Sant'Ana - 70961	POCO	5-6	50658	272	3.929	138,7	3,53 Far.Sant'Ana do R.Abaldo S.A.
Areal Odine Madson Palat - B/29601	PO	8-6	63213	305	3.876	176,6	4,55 Rubens de Andrade Vilela
Moeda Pedroni - SF/78922	POCO	5-3	66601	262	3.869	130,3	3,36 Alexandre H. da Silva
Bar. Salze Royal Hunter - B/28065	PO	10-4	36255	305	3.852	121,1	3,14 S.A.Faz.Paraiso Agro.Pec.
S.V. Camarada - B/47044	PO	5-4	53421	305	3.806	140,4	3,68 Hélio Moreira Salles
Alade 531 Libra - BE/SF-64178	31/32	6-11	58945	257	3.791	119,9	3,16 Carlos Eduardo F.de B.Faria
João, Radiativa Florida Boet. - B/41734	PO	5-10	49356	243	3.779	109,3	2,89 Fernando Alencar Pinto S.A.
Par. Santa Ulmar Fidalgo - B/43086	PO	5-1	65000	305	3.707	128,9	3,47 S.A.Faz.Paraiso Agro.Pec.
J.D. Feioa Royal Hunter - B/12192	PO	9-4	38434	255	3.707	140,9	3,80 Antenor da Silva Andrade
Oscarito Agil - BE/SF-57420	31/32	7-0	62530	151	3.684	115,4	3,13 José Agnaldo Lellis
Imperatriz 778 do N. V. - B/51028	31/32	5-2	67741	156	3.666	91,6	2,49 Antonio Carlos O. Martins
Geleas Valente - SF/78145	POCO	5-3	64634	305	3.642	132,7	3,64 Oswaldo Asas e Outros
Condomínio Dólar do G-11 - BE/61391	OC2	6-4	63673	305	3.636	138,8	3,81 Odilon Nogueira e Outros
Castro Tereza - SF/113345	31/32	6-4	60357	305	3.606	122,5	3,39 Gabriel e Sérgio Simão
Par. Balneario Bonfim - B/4097	PO	5-5	51238	304	3.584	133,9	3,73 S.A.Faz.Paraiso Agro. Pec.
Quilmea do Vir. Calape - B/47705	PO	5-1	60245	217	3.546	112,9	3,18 Renato Foga
Andrey Onilho Tereza - B/1005	31/32	5-7	65941	305	3.484	116,5	3,34 Gabriel e Sérgio Simão
Oscarito Fiança Bonfim Bonfim - SF/64028	POCO	5-10	53660	285	3.459	140,9	4,07 Roberto C. de B. Barreto
Pedroni Violeto - 114039	31/32	6-4	60672	241	3.431	123,6	3,60 Haydée Rutenmedjian
Odeia 7 Bonfim - SF/64481	POCO	7-5	49927	147	3.403	100,9	2,96 Roberto C. de B. Barreto
Netrops - SF/87130	POCO	8-6	50320	151	3.290	119,3	3,61 Sta.Maria Agro.Pec.Indl.S.A.
Jany, Rosalina Jansen Cit. A. - B/40711	PO	6-5	50165	132	3.175	89,8	2,82 Fernando Alencar Pinto S.A.
Paulino Imédia Fidalgo - B/14418	PO	9-3	44180	163	3.162	110,6	3,49 José Agnaldo Lellis
Imédia Chazé, Melidoro R.S. - SF/61874	OC1	6-10	65618	305	3.141	125,3	3,99 Luiz Augusto Sacchi
Par. Vargueira Barbe Kate - B/37038	PO	8-7	43833	241	3.106	106,6	3,43 S.A.Faz.Paraiso Agro. Pec.
Areal Paraiso Falar Reduct. - B/31505	PO	8-7	63007	284	3.007	110,3	3,66 Rubens Andrade Vilela
Boa C.A.V. - SF/73113	15/16	5-7	65624	305	2.931	117,6	4,01 Luiz Augusto Sacchi
Guacira Agil - BE/SF-68374	15/16	5-9	63675	105	2.834	84,4	2,00 José Agnaldo Lellis
Reclutista do Horda Nova	NR	-	44633	305	2.711	98,5	3,63 Morada Nova Agri.Pec.Ltda.
Genérica do Horda Nova	NR	11-8	36942	305	2.603	96,9	3,72 Morada Nova Agri.Pec. Ltda.
Imédia F. N. - BE/SF-79764	31/32	10-0	57325	136	2.598	92,5	3,56 Carlos Eduardo F.de B.Faria
S.V. Rosalina Victor Barro - B/36030	PO	6-11	43428	247	2.516	84,2	3,34 Interagro S.A.
Imédia C22 do N. V. - BE/11878	31/32	5-3	67736	124	2.439	63,4	2,60 Antonio Carlos O. Martins
S.V. Rosalina Victor Barro - B/36030	PO	-	65972	305	2.428	90,2	3,71 Mauro M.Jr. e Clarimundo A.B.
Salze - 38412	31/32	5-2	64841	239	2.372	82,9	3,49 Tasso Assunção Costa
Imédia C22 do N. V. - BE/11878	31/32	6-9	45725	305	2.333	87,3	3,74 Morada Nova Agri.Pec. Ltda.
Calado do Campo Alegre - 138718	31/32	5-5	67737	114	2.314	76,7	3,31 Antonio Carlos O. Martins
Barrigada 463 Valente - SF/79996	POCO	5-11	66288	276	2.285	91,6	4,01 Luiz Augusto Sacchi
Imédia C22 do N. V. - BE/11878	31/32	5-7	65174	106	2.113	58,5	2,76 Luciano dos Santos S.Filho
Imédia C22 do N. V. - BE/11878	31/32	5-3	52320	106	2.042	57,4	2,81 Bp. Adm. e Com. Ana S.A.
Imédia C22 do N. V. - BE/11878	31/32	9-5	60661	116	2.042	57,4	3,68 Alexandre H. da Silva
Imédia C22 do N. V. - BE/11878	31/32	9-4	62449	102	2.033	74,9	3,16 Rubens Andrade Vilela
Imédia C22 do N. V. - BE/11878	31/32	8-10	60628	108	1.670	52,9	3,39 Said Abdalla S.A.Eng.Com.Agr.
Imédia C22 do N. V. - BE/11878	31/32	5-11	55921	78	1.477	50,2	

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca

Três Ordenhas (3x)

CLASSE A1 - de 2 1/2 a 3 anos.

Albertina A.C.C. Gersina - BE/371 - 12	PO	2-5	64120	298	7.670	263,2	3,43 Pedro Conde
Guilme P.R. Betina - BE/SF-23458 - 12	OC2	2-4	64119	305	6.691	235,5	3,51 Pedro Conde
Albertina A.C.C. Gersina - BE/371 - 12	PO	2-5	65270	305	6.270	211,6	3,37 Pedro Conde
Adriana Jere G.F. - 12	POCO	2-4	65734	305	5.289	181,7	3,43 Geraldo Figueiredo Forbes
Guilme P.R. Albertina - BE/1245 - 12	OC1	2-3	64537	271	5.052	173,2	3,42 Pedro Conde
Guilme P.R. Albertina - BE/1245 - 12	OC1	2-4	65272	288	4.910	173,7	3,53 Antonio Grisi Filho
Guilme P.R. Albertina - BE/1245 - 12	OC1	2-4	64535	265	4.871	160,7	3,29 Pedro Conde

CLASSE A2 - de 2 1/2 a 3 anos.

Imédia C22 do N. V. - BE/11878 - 12	PO	2-7	64115	299	6.425	216,4	3,36 Pedro Conde
Imédia C22 do N. V. - BE/11878 - 12	PO	2-8	64114	305	4.907	169,9	3,46 Pedro Conde

CLASSE B1 - de 3 a 4 1/2 anos.

Imédia C22 do N. V. - BE/11878 - 12	PO	3-5	58694	305	7.084	246,9	3,48 Pedro Conde
Imédia C22 do N. V. - BE/11878 - 12	OC1	3-4	58243	305	6.447	209,8	3,25 Pedro Conde
Imédia C22 do N. V. - BE/11878 - 12	OC1	3-4	64534	305	5.860	212,5	3,62 Pedro Conde
Imédia C22 do N. V. - BE/11878 - 12	OC1	3-5	64997	302	4.755	133,4	2,80 Esp. Gabriel Dias Pereira
Imédia C22 do N. V. - BE/11878 - 12	OC1	2-3	58245	153	4.250	136,2	3,20 Pedro Conde

CLASSE B2 - de 3 a 4 1/2 anos.

Imédia C22 do N. V. - BE/11878 - 12	PO	3-11	58675	325	9.504	287,1	3,02 Amílcar Parid Yamin
Imédia C22 do N. V. - BE/11878 - 12	PO	3-8	51583	305	8.818	310,4	3,52 Pedro Conde
Imédia C22 do N. V. - BE/11878 - 12	PO	3-7	58671	293	7.400	263,3	3,45 Pedro Conde
Imédia C22 do N. V. - BE/11878 - 12	PO	3-6	51581	288	4.799	153,5	3,57 Pedro Conde

CLASSE C1 - de 4 a 5 1/2 anos.

Imédia C22 do N. V. - BE/11878 - 12	OC1	4-4	60580	89	4.521	105,6	3,44 Esp. Gabriel Dias Pereira
-------------------------------------	-----	-----	-------	----	-------	-------	--------------------------------

CLASSE C2 - de 4 a 5 1/2 anos.

Imédia C22 do N. V. - BE/11878 - 12	PO	4-6	65339	305	7.250	241,1	3,32 Pedro Conde
-------------------------------------	----	-----	-------	-----	-------	-------	------------------

CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.

Imédia C22 do N. V. - BE/11878 - 12	OC1	5-10	51886	287	8.917	298,1	3,34 Pedro Conde
Imédia C22 do N. V. - BE/11878 - 12	PO	8-1	50634	305	5.866	225,9	3,63 Geraldo Figueiredo Forbes
Imédia C22 do N. V. - BE/11878 - 12	PO	5-1	50183	305	7.116	251,7	3,44 Pedro Conde
Imédia C22 do N. V. - BE/11878 - 12	PO	6-0	48553	305	6.950	223,4	3,39 Pedro Conde
Imédia C22 do N. V. - BE/11878 - 12	PO	5-1	51884	300	6.377	219,0	3,43 Pedro Conde
Imédia C22 do N. V. - BE/11878 - 12	OC2	7-5	48829	305	5.813	198,4	3,41 Esp. Gabriel Dias Pereira

Dois Ordenhas (2x)

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO
CLASS A2 - de 2 1/2 a 3 anos.								
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/6030 - LE	PO	2-2	64683	305	6.440	220,3	3,42	Eduardo Simonsen
Ed. C. Silva C. Valda - BR/725	PO	2-1	65329	305	4.138	136,2	3,13	Anilcar Farid Yamin
Cherries Marinho Farm 540 Sor - SP/123010	OC2	2-3	64993	305	3.462	108,6	3,13	Luz Viscardi
Wendell Jasper Pereira - BR/1317	Q8B	2-2	64996	191	2.569	82,7	3,21	Exp. Gabriel Dias Pereira
CLASS A2 - de 2 1/2 a 3 anos.								
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/5494 - LE	PO	2-9	65603	305	6.213	229,7	3,69	Eduardo Simonsen
Ed. C. Silva C. Valda - BR/5624 - LE	PO	2-10	65328	305	5.632	179,8	3,19	Anilcar Farid Yamin
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/5624 - LE	PO	2-10	65327	305	4.636	165,4	3,56	Anilcar Farid Yamin
Wendell Jasper Pereira - BR/128146 - LE	OC2	2-9	64391	305	4.612	159,0	3,44	Antonio Bassoli
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/5624 - LE	PO	2-9	65659	305	4.407	167,3	3,79	Carlos Thomas Whately
Ed. C. Silva C. Valda - BR/5624 - LE	PO	2-7	64994	305	4.340	134,8	3,10	Luz Viscardi
Cherries Marinho Farm 540 Sor - SP/123010	OC2	2-6	65660	305	4.255	159,3	3,74	Carlos Thomas Whately
Wendell Jasper Pereira - BR/1317	OC2	2-7	64689	305	3.388	129,7	3,82	Nelson Bráido
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/5624 - LE	PO	2-7	65212	305	3.267	125,4	3,83	Ademar de Barros Filho
Ed. C. Silva C. Valda - BR/5624 - LE	PO	2-6	65274	245	3.265	117,3	3,59	Antonio Bassoli
Cherries Marinho Farm 540 Sor - SP/123010	OC2	2-7	64693	236	3.094	126,2	4,07	Nelson Bráido
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/5624 - LE	PO	2-10	65855	305	2.605	94,1	3,61	Morada Nova Agri. Pec. Ltda.
Ed. C. Silva C. Valda - BR/5624 - LE	PO	2-8	66157	305	2.443	89,4	3,65	Morada Nova Agri. Pec. Ltda.
Cherries Marinho Farm 540 Sor - SP/123010	Q8B	2-6	65176	151	1.785	59,2	3,31	Antonio de Toledo Lara Neto
Wendell Jasper Pereira - BR/1317	OC2	2-6	61657	151	1.287	53,1	4,12	Carlos Thomas Whately
CLASS B1 - de 3 a 3 1/2 anos.								
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/5672 - LE	PO	3-2	65656	305	5.682	221,9	3,90	Fernando José Santos
Ed. C. Silva C. Valda - BR/5672 - LE	PO	3-5	60369	305	3.182	122,9	3,86	Anilcar Farid Yamin
CLASS B2 - de 3 1/2 a 4 anos.								
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/6355 - LE	OC2	3-4	59721	270	5.791	186,6	3,25	Antonio Josino Meirelles
Ed. C. Silva C. Valda - BR/6355 - LE	OC2	3-10	60026	276	5.419	178,8	3,29	Antonio Josino Meirelles
Cherries Marinho Farm 540 Sor - SP/123010	OC2	3-4	60012	305	5.029	185,6	3,69	Johannes W.M.V. de Groot-Hol.
Wendell Jasper Pereira - BR/1317	OC2	3-10	60721	230	4.761	140,5	2,95	Agro. Pec. Sto. Inácio Ltda.
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/6355 - LE	OC2	3-7	60475	288	4.334	148,2	3,41	Antonio Josino Meirelles
Ed. C. Silva C. Valda - BR/6355 - LE	OC2	3-4	60168	305	4.289	155,9	3,63	Geraldo Natal Madureira
Cherries Marinho Farm 540 Sor - SP/123010	OC2	3-11	61076	305	4.188	161,4	3,85	Geraldo Natal Madureira
Wendell Jasper Pereira - BR/1317	OC2	3-8	65781	305	3.690	143,8	3,88	Cia. Agri. Ind. Faz. da Toca
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/6355 - LE	OC2	3-8	58511	208	3.352	124,4	3,71	Nelson Bráido
Ed. C. Silva C. Valda - BR/6355 - LE	OC2	3-6	59847	227	3.265	122,8	3,75	Nelson Bráido
CLASS B3 - de 4 a 4 1/2 anos.								
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/6355 - LE	OC2	4-1	59107	305	6.381	217,4	3,40	Cia. Agri. Ind. Faz. da Toca
Ed. C. Silva C. Valda - BR/6355 - LE	OC2	4-2	64196	267	4.367	156,1	3,57	Guilherme e Décio M. Ribeiro
Cherries Marinho Farm 540 Sor - SP/123010	OC2	4-1	61534	305	3.912	137,2	3,50	Anilcar Farid Yamin
Wendell Jasper Pereira - BR/1317	OC2	4-2	55207	246	3.146	118,7	3,77	Anilcar Farid Yamin
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/6355 - LE	OC2	4-2	55419	305	2.760	102,8	3,72	Morada Nova Agri. Pec. Ltda.
Ed. C. Silva C. Valda - BR/6355 - LE	OC2	4-4	56310	305	2.331	86,9	3,72	Henricus A. Wopereis - Hol.
Cherries Marinho Farm 540 Sor - SP/123010	OC2	4-2	55729	141	1.207	37,6	3,11	Geraldo Natal Madureira
CLASS B4 - de 4 1/2 a 5 anos.								
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/6355 - LE	OC2	4-10	55569	305	5.789	173,9	3,00	Antonio Josino Meirelles
Ed. C. Silva C. Valda - BR/6355 - LE	OC2	4-7	46569	297	5.665	215,5	3,80	Guilherme e Décio M. Ribeiro
Cherries Marinho Farm 540 Sor - SP/123010	OC2	4-8	63721	305	5.435	190,3	3,50	Rago Reinaldo Bueno
Wendell Jasper Pereira - BR/1317	OC2	4-8	55227	305	4.780	151,5	3,16	Geraldo Natal Madureira
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/6355 - LE	OC2	4-9	65785	305	4.755	165,4	3,47	Cia. Agri. Ind. Faz. da Toca
Ed. C. Silva C. Valda - BR/6355 - LE	OC2	4-11	54304	305	4.435	146,2	3,29	Antonio de Toledo Lara Neto
Cherries Marinho Farm 540 Sor - SP/123010	OC2	4-6	56512	221	3.129	104,9	3,35	Luz Viscardi
Wendell Jasper Pereira - BR/1317	OC2	4-6	55814	335	2.880	98,7	3,42	Morada Nova Agri. Pec. Ltda.
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/6355 - LE	OC2	4-10	55250	239	2.532	77,3	3,05	Exp. Gabriel Dias Pereira
CLASS B5 - de 5 a 5 1/2 anos.								
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/6355 - LE	OC2	6-1	56046	305	7.147	223,6	3,12	Cia. Agri. Ind. Faz. da Toca
Ed. C. Silva C. Valda - BR/6355 - LE	OC2	6-6	48930	305	6.493	217,9	3,25	Cia. Agri. Ind. Faz. da Toca
Cherries Marinho Farm 540 Sor - SP/123010	OC2	7-1	44240	305	5.914	194,0	3,28	Antonio Josino Meirelles
Wendell Jasper Pereira - BR/1317	OC2	10-8	60132	305	5.572	208,5	3,74	Cia. Agri. Ind. Faz. da Toca
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/6355 - LE	OC2	6-2	57876	305	5.452	182,4	3,34	Sta. Maria Agri. Pec. Ind. S/A.
Ed. C. Silva C. Valda - BR/6355 - LE	OC2	6-9	42369	305	5.270	166,2	3,15	Luz Viscardi
Cherries Marinho Farm 540 Sor - SP/123010	OC2	6-9	45530	260	5.090	169,2	3,32	Eduardo Simonsen
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/6355 - LE	OC2	5-11	65945	305	5.005	169,7	3,39	Cia. Agri. Ind. Faz. da Toca
Ed. C. Silva C. Valda - BR/6355 - LE	OC2	6-6	52339	305	4.987	159,1	3,19	Anilcar Farid Yamin
Cherries Marinho Farm 540 Sor - SP/123010	OC2	6-7	52248	305	4.956	163,1	3,29	Christiano dos R.M. Netto
Wendell Jasper Pereira - BR/1317	OC2	6-6	52043	305	4.913	181,9	3,70	Anilcar Farid Yamin
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/6355 - LE	OC2	6-3	60031	305	4.801	168,5	3,50	Sta. Maria Agri. Pec. Ind. S/A.
Ed. C. Silva C. Valda - BR/6355 - LE	OC2	10-4	63163	298	4.768	187,7	3,93	Cia. Agri. Ind. Faz. da Toca
Cherries Marinho Farm 540 Sor - SP/123010	OC2	5-7	51880	305	4.739	156,8	3,30	Francisco Lopes Filho
Wendell Jasper Pereira - BR/1317	OC2	5-6	59736	294	4.491	157,4	3,50	Guilherme e Décio M. Ribeiro
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/6355 - LE	OC2	5-3	65784	305	4.384	158,1	3,60	Cia. Agri. Ind. Faz. da Toca
Ed. C. Silva C. Valda - BR/6355 - LE	OC2	7-10	49253	299	4.335	162,7	3,75	Fernando de Souza Toledo
Cherries Marinho Farm 540 Sor - SP/123010	OC2	5-10	48524	242	4.217	149,8	3,25	Sta. Maria Agri. Pec. Ind. S/A.
Wendell Jasper Pereira - BR/1317	OC2	5-10	48524	304	4.127	162,9	3,94	Exp. Gabriel Dias Pereira
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/6355 - LE	OC2	10-1	53890	290	4.095	155,1	3,78	Fernando de Souza Toledo
Ed. C. Silva C. Valda - BR/6355 - LE	OC2	-	65766	305	4.087	135,5	3,31	Antonio de Toledo Lara Neto
Cherries Marinho Farm 540 Sor - SP/123010	OC2	8-1	38606	295	4.044	107,3	2,64	Geraldo Natal Madureira
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/6355 - LE	OC2	5-0	50545	296	3.984	144,2	3,61	Cia. Agri. Ind. Faz. da Toca
Ed. C. Silva C. Valda - BR/6355 - LE	OC2	8-9	61470	305	3.880	144,9	3,73	Sta. Maria Agri. Pec. Ind. S/A.
Cherries Marinho Farm 540 Sor - SP/123010	OC2	9-4	53089	251	3.796	134,7	3,54	Sta. Maria Agri. Pec. Ind. S/A.
Wendell Jasper Pereira - BR/1317	OC2	9-6	59863	277	3.539	130,6	3,69	Said Abdalla S/A. Eng. Agr.
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/6355 - LE	OC2	3-0	54808	236	3.339	127,2	3,81	Cia. Agri. Ind. Faz. da Toca
Ed. C. Silva C. Valda - BR/6355 - LE	OC2	15-5	21646	305	3.270	116,9	3,57	Exp. Gabriel Dias Pereira
Cherries Marinho Farm 540 Sor - SP/123010	OC2	5-10	51007	305	3.252	116,6	3,58	Henricus A. Wopereis - Hol.
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/6355 - LE	OC2	6-5	50397	305	3.160	113,5	3,59	Morada Nova Agri. Pec. Ltda.
Ed. C. Silva C. Valda - BR/6355 - LE	OC2	11-32	48751	199	3.002	105,2	3,86	Henricus A. Wopereis - Hol.
Cherries Marinho Farm 540 Sor - SP/123010	OC2	-	57993	199	3.002	105,2	3,50	Sta. Maria Agri. Pec. Ind. S/A.
Wendell Jasper Pereira - BR/1317	OC2	6-8	46371	305	2.910	101,9	3,50	Exp. Gabriel Dias Pereira
Ed. Carlos Pessas SS. - BR/6355 - LE	OC2	5-2	61088	195	2.899	97,2	3,35	Antonio Bassoli
Ed. C. Silva C. Valda - BR/6355 - LE	OC2	8-10	41090	305	2.650	88,4	3,33	Exp. Gabriel Dias Pereira
Cherries Marinho Farm 540 Sor - SP/123010	OC2	15-16	65859	204	2.482	89,2	3,60	Said Abdalla S/A. Eng. Agr.
Wendell Jasper Pereira - BR/1317	OC2	11-32	44306	174	1.827	70,7	4,30	Francisco Lopes Filho

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO
Raça Jersey								
Três Ordenhas (3x)								
CLASS E - de 3 a 3 1/2 anos. S.A. Oros 110 Cavaco - 12052-C	PO	7-4	43698	305	2.861	134,8	4,71	Mário Lopes Leão
Sant'Ana Oros 79 Nova - 10287-C	PO	5-8	64879	195	2.554	95,5	3,73	Mário Lopes Leão
Duas Ordenhas (2x)								
CLASS A1 - de 3 3/4 a 4 anos. S.A. Oros 110 Cavaco - 12052-C	PO	2-2	59857	258	1.751	88,7	5,06	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo S/A.
CLASS B1 - de 3 a 3 1/2 anos. S.A. Buiões 120 Missões - 12079-C - LE	PO	3-5	61033	305	4.072	205,9	5,05	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo S/A.
CLASS B2 - de 3 1/4 a 4 anos. Nedilva Buiões Bay - 7821	PC	3-10	59809	280	2.283	109,1	4,77	Augusto Amélio M. Pacheco
CLASS C1 - de 4 a 4 1/2 anos. S.A. Buiões 40 Badalro - 11719-C - LE	PO	4-5	65266	301	3.911	187,4	4,78	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo S/A.
CLASS D - Ativas de mais de 5 anos.								
S.A. Uros 32 Quixauiver - 1981 - LE	PO	8-2	47574	305	5.032	239,7	4,76	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo S/A.
S.A. Candeia 44 Paternense - 1954 - LE	PO	6-5	44018	305	4.006	207,6	5,18	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo S/A.
S.A. Glória 29 Missões - 7501-C - LE	PO	12-6	35923	305	3.850	187,1	4,85	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo S/A.
S.M.S.C. Moreira - 2932/16 - LE	POCC	6-0	64340	305	3.343	168,3	5,03	Ofício Luiz Malta Campos
Sant'Ana do Uros 88 Roraima - 11113-C	PO	5-5	55300	305	3.196	139	4,19	Mário Lopes Leão
Curitiba Velas das do Florida - 10813-C	PO	5-5	52607	305	3.080	132,2	4,29	Mário Lopes Leão
Sant'Ana de Uros 88 Quixauiver - 10333-C	PO	5-11	49304	305	2.477	112,4	4,53	Mário Lopes Leão
Liganda Buiões	LE	5-11	66039	301	1.761	81,9	4,64	Albino Malzone
Raça Branca Suíça (Schwitz)								

Raca Parda Suíça (Schwyz)

[illegible]

Roca Simental

[illegible]

Raca Dinamarquesa

[illegible]

Race Red-Poll

Date		Description		Amount		Balance	
1900	1	By Balance	100.00		100.00		
1900	2	To Cash	50.00		50.00		
1900	3	To Cash	25.00		75.00		
1900	4	To Cash	10.00		85.00		
1900	5	To Cash	15.00		100.00		
1900	6	To Cash	20.00		120.00		
1900	7	To Cash	30.00		150.00		
1900	8	To Cash	40.00		190.00		
1900	9	To Cash	50.00		240.00		
1900	10	To Cash	60.00		300.00		
1900	11	To Cash	70.00		370.00		
1900	12	To Cash	80.00		450.00		
1900	13	To Cash	90.00		540.00		
1900	14	To Cash	100.00		640.00		
1900	15	To Cash	110.00		750.00		
1900	16	To Cash	120.00		870.00		
1900	17	To Cash	130.00		1000.00		
1900	18	To Cash	140.00		1140.00		
1900	19	To Cash	150.00		1290.00		
1900	20	To Cash	160.00		1450.00		
1900	21	To Cash	170.00		1620.00		
1900	22	To Cash	180.00		1800.00		
1900	23	To Cash	190.00		1990.00		
1900	24	To Cash	200.00		2190.00		
1900	25	To Cash	210.00		2400.00		
1900	26	To Cash	220.00		2620.00		
1900	27	To Cash	230.00		2850.00		
1900	28	To Cash	240.00		3090.00		
1900	29	To Cash	250.00		3340.00		
1900	30	To Cash	260.00		3600.00		
1900	31	To Cash	270.00		3870.00		
1900	32	To Cash	280.00		4150.00		
1900	33	To Cash	290.00		4440.00		
1900	34	To Cash	300.00		4740.00		
1900	35	To Cash	310.00		5050.00		
1900	36	To Cash	320.00		5370.00		
1900	37	To Cash	330.00		5700.00		
1900	38	To Cash	340.00		6040.00		
1900	39	To Cash	350.00		6390.00		
1900	40	To Cash	360.00		6750.00		
1900	41	To Cash	370.00		7120.00		
1900	42	To Cash	380.00		7500.00		
1900	43	To Cash	390.00		7890.00		
1900	44	To Cash	400.00		8290.00		
1900	45	To Cash	410.00		8700.00		
1900	46	To Cash	420.00		9120.00		
1900	47	To Cash	430.00		9550.00		
1900	48	To Cash	440.00		10000.00		
1900	49	To Cash	450.00		10450.00		
1900	50	To Cash	460.00		10910.00		
1900	51	To Cash	470.00		11380.00		
1900	52	To Cash	480.00		11860.00		
1900	53	To Cash	490.00		12350.00		
1900	54	To Cash	500.00		12850.00		
1900	55	To Cash	510.00		13360.00		
1900	56	To Cash	520.00		13880.00		
1900	57	To Cash	5				

Raca Pitangueiras

Caso 1: $\alpha = 1$		Caso 2: $\alpha = 2$		Caso 3: $\alpha = 3$		Caso 4: $\alpha = 4$		Caso 5: $\alpha = 5$	
Figura 1: $\alpha = 1$ y $\beta = 1$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 2: $\alpha = 2$ y $\beta = 1$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 3: $\alpha = 3$ y $\beta = 1$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 4: $\alpha = 4$ y $\beta = 1$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 5: $\alpha = 5$ y $\beta = 1$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 6: $\alpha = 1$ y $\beta = 2$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 7: $\alpha = 2$ y $\beta = 2$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 8: $\alpha = 3$ y $\beta = 2$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 9: $\alpha = 4$ y $\beta = 2$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 10: $\alpha = 5$ y $\beta = 2$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 11: $\alpha = 1$ y $\beta = 3$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 12: $\alpha = 2$ y $\beta = 3$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 13: $\alpha = 3$ y $\beta = 3$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 14: $\alpha = 4$ y $\beta = 3$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 15: $\alpha = 5$ y $\beta = 3$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 16: $\alpha = 1$ y $\beta = 4$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 17: $\alpha = 2$ y $\beta = 4$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 18: $\alpha = 3$ y $\beta = 4$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 19: $\alpha = 4$ y $\beta = 4$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 20: $\alpha = 5$ y $\beta = 4$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 21: $\alpha = 1$ y $\beta = 5$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 22: $\alpha = 2$ y $\beta = 5$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 23: $\alpha = 3$ y $\beta = 5$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 24: $\alpha = 4$ y $\beta = 5$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625
Figura 25: $\alpha = 5$ y $\beta = 5$	100	50	25	12.5	6.25	3.125	1.5625	0.78125	0.390625

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção Leite kg Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO
Raça Gir							
Três Ordenhas (3x)							
Animal 1 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 101 - 4121-B	PO	9-4	63806	293	2.558	93,3	3,64 Antonio Marins
Animal 102 - 4121-B	NR	11-5	64370	279	2.167	82,3	3,79 Antonio Marins
Animal 103 - 4121-B	PO	5-7	59296	285	2.004	77,5	3,86 Antonio Marins
Animal 104 - 4121-B	PO	7-7	64565	131	1.127	39,0	3,46 Antonio Marins
Animal 105 - 4121-B	PO	-	51349	129	1.040	42,7	4,10 Agro.Pecária C.F.M. Ltda.
Três Ordenhas (3x)							
Animal 106 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 107 - 4121-B	NR	5-8	55808	305	2.876	131,6	4,57 Francisco F. Barretto
Animal 108 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 109 - 4121-B	NR	10-6	39033	305	3.605	146,7	4,12 Francisco F. Barretto
Animal 110 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 111 - 4121-B	NR	6-6	59170	305	2.912	133,5	4,58 Rubens Resende Peres
Três Ordenhas (3x)							
Animal 112 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 113 - 4121-B	NR	5-11	64445	305	2.615	117,6	4,49 Gabriel Donato de Andrade
Animal 114 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 115 - 4121-B	NR	10-11	54036	305	3.291	121,4	3,68 Arthur S. M. Filizola
Animal 116 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 117 - 4121-B	NR	1-6	64446	254	1.637	66,5	4,06 Gabriel Donato de Andrade
Animal 118 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 119 - 4121-B	NR	4-2	65126	305	3.074	136,6	4,44 Francisco F. Barretto
Animal 120 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 121 - 4121-B	NR	4-4	65125	305	2.272	111,1	4,88 Francisco F. Barretto
Animal 122 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 123 - 4121-B	NR	4-4	65791	305	2.711	121,3	4,47 Francisco F. Barretto
Animal 124 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 125 - 4121-B	NR	4-1	60766	274	2.354	99,1	4,39 Gabriel Donato de Andrade
Animal 126 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 127 - 4121-B	NR	4-3	65117	305	2.165	98,6	4,55 Francisco F. Barretto
Animal 128 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 129 - 4121-B	NR	4-1	65544	262	1.936	89,5	4,62 Francisco F. Barretto
Animal 130 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 131 - 4121-B	NR	4-1	60762	205	1.898	74,8	3,94 Gabriel Donato de Andrade
Animal 132 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 133 - 4121-B	NR	4-0	65124	305	1.815	84,2	4,63 Francisco F. Barretto
Animal 134 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 135 - 4121-B	NR	4-11	57831	260	2.663	107,8	4,04 Gabriel Donato de Andrade
Animal 136 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 137 - 4121-B	NR	4-7	59183	187	1.646	78,4	4,76 Gabriel Donato de Andrade
Animal 138 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 139 - 4121-B	NR	5-7	65833	305	2.623	98,7	3,76 Arthur S. M. Filizola
Animal 140 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 141 - 4121-B	NR	5-0	65835	305	2.409	91,2	3,78 Arthur S. M. Filizola
Animal 142 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 143 - 4121-B	NR	5-4	68503	305	2.406	115,2	4,79 Gabriel Donato de Andrade
Animal 144 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 145 - 4121-B	NR	5-6	59755	305	2.297	97,7	4,25 José Eduardo Costa Mancini
Animal 146 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 147 - 4121-B	NR	5-1	65115	305	2.272	111,1	4,88 Francisco F. Barretto
Animal 148 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 149 - 4121-B	NR	5-0	56713	192	1.470	59,5	4,04 Gabriel Donato de Andrade
Animal 150 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 151 - 4121-B	NR	9-0	43750	305	3.690	158,0	4,28 Francisco F. Barretto
Animal 152 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 153 - 4121-B	NR	6-1	58155	305	3.297	138,9	4,21 João Gabriel C.M. e Outros
Animal 154 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 155 - 4121-B	NR	13-2	36742	305	3.032	135,5	4,47 Manuel e José J.S.R. dos Reis
Animal 156 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 157 - 4121-B	NR	9-3	55100	305	2.955	111,7	3,77 Arthur S. M. Filizola
Animal 158 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 159 - 4121-B	NR	7-4	56963	305	2.919	123,9	4,24 João Gabriel C.M. e Outros
Animal 160 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 161 - 4121-B	NR	11-5	43529	305	2.910	130,2	4,47 Francisco F. Barretto
Animal 162 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 163 - 4121-B	NR	-	65836	305	2.855	108,1	3,78 Arthur S. M. Filizola
Animal 164 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 165 - 4121-B	NR	6-11	51277	305	2.794	106,4	3,80 Arthur S. M. Filizola
Animal 166 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 167 - 4121-B	NR	8-4	49501	305	2.756	105,9	3,84 Arthur S. M. Filizola
Animal 168 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 169 - 4121-B	NR	7-11	48790	305	2.705	123,6	4,46 Francisco F. Barretto
Animal 170 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 171 - 4121-B	NR	9-0	43751	305	2.705	122,1	4,51 Francisco F. Barretto
Animal 172 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 173 - 4121-B	NR	7-3	50470	305	2.687	124,8	4,64 Francisco F. Barretto
Animal 174 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 175 - 4121-B	NR	6-11	50825	305	2.687	117,4	4,37 Francisco F. Barretto
Animal 176 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 177 - 4121-B	NR	7-4	56837	305	2.681	102,0	3,80 Arthur S. M. Filizola
Animal 178 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 179 - 4121-B	NR	10-0	51575	305	2.602	97,9	3,76 Arthur S. M. Filizola
Animal 180 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 181 - 4121-B	NR	10-7	38875	237	2.431	101,1	4,16 João Gabriel C.M. e Outros
Animal 182 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 183 - 4121-B	NR	7-0	66156	305	2.348	105,4	4,48 João Gabriel C.M. e Outros
Animal 184 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 185 - 4121-B	NR	6-7	66138	305	2.028	89,7	4,42 Gabriel Donato de Andrade
Girolando							
Três Ordenhas (3x)							
Animal 186 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 187 - 4121-B	1/2	-	59171	305	5.415	228,9	4,22 Rubens Resende Peres
Três Ordenhas (3x)							
Animal 188 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 189 - 4121-B	1/4	8-2	65673	301	5.896	266,3	4,54 Fernando José Santos
Raça Holandesa — variedade preta e branca							
Três Ordenhas (3x)							
Animal 190 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 191 - 4121-B	PO	2-4	65041	365	10.186	311,5	3,05 Benedito José S.M. Pati
Animal 192 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 193 - 4121-B	PO	2-1	65729	350	9.902	213,1	3,61 Valmir Spinelli de O. e Irineu
Animal 194 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 195 - 4121-B	PO	2-9	65771	365	11.141	339,9	3,05 Benedito José S.M. Pati
Animal 196 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 197 - 4121-B	PO	2-8	65346	365	9.394	309,5	3,29 Joaquim Peixoto Rocha
Animal 198 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 199 - 4121-B	PO	2-6	65879	365	7.853	278,2	3,54 Joaquim Peixoto Rocha
Animal 200 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 201 - 4121-B	PO	2-6	65602	365	5.651	207,3	3,66 Antonio Carlos de Salvo
Animal 202 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 203 - 4121-B	PO	3-11	60113	365	11.251	322,6	2,86 Valmir Spinelli de O. e Irineu
Animal 204 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 205 - 4121-B	PO	4-4	54211	365	12.033	435,3	3,61 Patência Portaleza Ltda.
Animal 206 - Adulta de mais de 5 anos. Animal 207 - 4121-B	PO	4-3	60260	365	7.817	269,0	3,44 Adherbal Ribeiro Avila

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
CLASSE IV - de 4 1/2 a 5 anos.								
31 Hickoria Buckskin Buckens - B/44838 - LM	PO	4-10	55422	365	12.703	404,4	3,18	Benedito José S.M. Pati
Primula Magnet Lens - B/45262 - LM	PO	4-6	56902	365	11.005	343,1	3,11	Claudio V. Roberti
4,7, Portaleza Palavra - B/46239 - LM	PO	4-6	54209	365	8.973	309,7	3,45	Fazenda Portaleza Ltda.
Blaze Cit. 8, Lindley C.R. - B/45522 - LM	GMB	4-9	55601	134	7.087	269,9	3,80	Claudio V. Roberti
CLASSE V - Adultos de mais de 5 anos.								
35 Galaxis Buckskin Ast. - B/34619 - LM	PO	5-1	52521	352	14.291	439,6	3,01	Benedito José S.M. Pati
33 Imperança Chaska Bepetec - B/34430 - LM	PO	7-3	44937	365	11.622	373,4	3,21	Benedito José S.M. Pati
Aschewa Bta. Ordina - B/115881 - LM	11/32	6-9	65743	365	9.138	338,3	3,62	Arnaldo Mendes Oliveira
Crocador Assente Queen - B/45348 - LM	PO	5-3	57725	365	9.211	333,1	3,61	Emil Wirth
Corra-Farr Jean Apache Jessie - B/45353 - LM	PO	7-3	55125	365	8.675	306,0	3,52	Emil Wirth
Tacoma Sta. Ordina - B/115875 - LM	11/32	5-10	65748	365	8.480	312,5	3,66	Arnaldo Mendes Oliveira
Lorn de Sinto Portaleza C.de Rei - B/41264 - LM	PO	5-7	59341	359	7.744	243,2	3,14	Manuel Pontes Neto
Wolgo's Trisost Boshani - B/44165 - LM	PO	5-2	53090	313	7.938	265,1	3,33	Valmir Spinelli de O.e Irmaes
Wich-Ell Hillstone Fan Flaty - B/46245 - LM	PO	5-2	55117	320	7.444	243,2	3,14	Manuel Pontes Neto
Woonock Arisy Apnes - B/46261 - LM	PO	5-1	57297	365	7.686	269,0	3,50	Emil Wirth
J.F.R. Woonam Elov. Andros - B/43346 - LM	PO	6-2	49632	365	7.403	258,4	3,49	Emil Wirth
Araviva Quindora - B/3831 - LM	11/32	7-10	65150	365	7.123	253,0	3,55	Joaquim Peixoto Rocha
Hillstey Valley Trde Apocita - B/45406	PO	5-2	57099	312	6.990	343,1	4,90	Arnaldo Mendes Oliveira
Wolgo's Corim Wuit - B/37705	PO	6-7	48564	327	5.847	203,8	3,48	Emil Wirth
Wulre São Sebastião - B/132720	11/32	7-3	66108	315	5.366	183,7	3,42	Manuel Pontes Neto
Wolgo's Okima Bepetec - B/44046	PO	5-6	53092	332	5.109	184,0	3,60	Guilherme Monteiro Junqueira
					4.801	167,1	3,48	Manuel Pontes Neto

S&W AN - as 2 1/2 acres.		S&W AN (2c)	
Julia Sad Panama - 80/132152 - 1M	004	2-4	8331.1 365
Galactia M.A.H. - 80/50-121129 - 1M	021	2-4	66357 365
Benjamin Elso, Brita - 80/50416 - 1M	30	2-5	65312 365
V. Orono Lirioes Adrenal - 80/43431 - 1M	30	2-4	65097 365
Luiz Teck Panama - 80/50-132145 - 1M	023	2-5	64948 365
José de Josie M. Carina - 80/30864 - 1M	30	2-5	66401 365
S.M. Rita Puryagos Christmas - 80/57398 - 1M	30	2-5	65058 321
P.O. Imalusa Peral Viremos - 80/46006 - 1M	30	2-1	66243 365
Empresada Agrícola - 80/50-123076 - 1M	021	2-4	65779 365
Maritida TV de Bolívia - 80/12444	023	2-4	64395 365
Camper Willow State - 3880460	30	2-5	66251 321
Merly da Volant - 80/50-136814	000C	1-10	65616 321
Thilana Agrícola - 80/50-123663	021	3-5	66016 365
Sand's Agrícola Profit - 80/55499	30	2-4	65700 365
Roan Hall Ideal Queen - 80/57229	30	2-5	65939 333
			2,012 120.4
			8,322 264.7
			8,246 301.9
			7,148 248.1
			7,075 208.6
			6,890 232.8
			6,767 256.1
			5,956 185.8
			5,650 199.8
			5,531 194.8
			5,317 167.2
			4,776 158.3
			4,456 133.4
			4,038 153.2
			3,185 113.3
			2,012 120.4
			1,366
			Donald Graber
			Maria Aparecida P.Norão
			7,148 248.1
			Pat.Sta.M.da Posse Ag.P.Ltda.
			Donald Graber
			Sérgio Vicente de Araújo
			Jose Mario Jussupeira Netto
			Jacob Posier Dattil
			Agrícola S/A,Imp.Agrí-e Past.
			Simen Groot - Holanda
			Fazenda Shigumo Ltda.
			Yakult S/A,Ind.e Comércio
			Agrícola S/A,Imp.Agrí-e Past.
			Jose Saad e Sérgio Sadi
			Gabriel e Sérgio Simão

Flint 24 - 26 2 1/2 x 3 inch					102	110,4	3,66	Gutierrez e Sergio Lima
Wichita Petroleum Well - N/54830 - 1M	RD	2-4	55314	365	8,344	317,3		
Start A.G. - N/509-126650 - 1M	RD	2-7	55741	365	7,652	242,5	3,39	Donald Graber
Comstock Pencil - N/54821 - 1M	RD	2-7	55149	365	7,203	280,9	3,16	Aleandro Mendes Oliveira
Wichita Petroleum Well - N/53454 - 1M	RD	2-7	55236	365	7,137	218,5	3,06	Fernando Alencar Pinto S/A.
United Oil Company Well - N/50291 - 1M	RD	2-10	55999	333	7,108	265,5	3,73	Sergio Vicente de Araujo
Wichita Petroleum Well - N/54722-1M	RD	2-10	55908	338	6,984	263,1	3,78	Sergio Vicente de Araujo
Wichita Petroleum Well - N/54400 - 1M	RD	2-8	55907	321	6,699	239,4	3,57	Sergio Vicente de Araujo
Wichita Petroleum Well - N/54721 - 1M	RD	2-8	55207	365	6,377	233,9	3,52	Petrolaria Aranhua Ltda.
Flint 25 Petroleum Well - N/54543 - 1M	RD	2-8	55771	365	6,400	196,6	3,10	Fernando Alencar Pinto S/A.
Wichita Petroleum Well - N/54703 - 1M	RD	2-8	55801	365	6,001	207,3	3,45	Wernio Foga
C.A.M. Wichita Chief - N/53682	RD	2-8	55772	365	5,565	174,1	3,07	Fernando Alencar Pinto S/A.
Wichita Petroleum Well - N/54181	RD	2-10	55608	330	4,434	162,6	3,66	Col. Adventista Brasileiro
Wichita Petroleum Well - N/54184	RD	2-8	55820	321	4,218	158,6	3,76	Petrolaria Aranhua Ltda.
Wichita Petroleum Well - N/54184	RD	2-10	55846	365	3,601	131,2	1,64	Raydon Restaurant
Flint 26 Petroleum Well - N/54941	RD	2-10	55915	365	3,792	118,7	3,30	Muro M.J.Jr.e Clarimundo A.S.
		2-10	55915	320	1,485	134,6	3,06	Petrolaria Shigumo Ltda.

[illegible][illegible]

NOME DO ANIMAL

Grau de
sangueIdade
anos/meses

N.º SCL

Dias de
lactação

Produção

Leite kg

Gord. kg

e

PROPRIETÁRIO

Cidade - de 4 a 4 1/2 anos.

Adriano Jay Pires Kim - B/46641 - 1M	PO	4-3	57370	318	7.568	235,9	3,11	Jacob Bonier Dutilh
Amélia Adelaide F. Silva - B/53223 - 1M	PO	4-0	65905	316	6.882	256,9	3,73	Sérgio Vicente de Araújo
André's Perseus Ind - B/31782 - 1M	PO	4-5	60919	340	6.865	247,5	3,60	Antonio La Motta
Antônio do Quirino - B/164964 - 1M	31/32	4-2	57867	365	6.479	219,8	3,39	Pecúária Anhemas Ltda.
Araceli da Tabata - 100213 - 1M	OC1	4-5	34786	365	6.281	226,7	3,61	Yakult S/A, Ind. e Comércio
A. Ruy de Moraes Pinz - B/46750 - 1M	PO	4-0	57071	311	5.918	208,4	3,52	Calçados Paragon S/A.
Atalaia Paragaito de Sta. Adélia-106663-1M	11/32	4-5	55632	365	5.622	192,6	3,42	Sylvio Lima Marinho
Atalaia 89 de Sant'Ana - 2597 - 1M	PC	4-4	56951	365	5.551	209,3	3,77	Faz. Sant'Ana do R. Abaibo S/A.
Atalaia Demitita D. Charn - B/47156	PO	4-2	60934	327	5.193	182,6	3,51	Antonio Josino Meirelles
Atalaia Aquila Nancy - B/48169	PO	4-2	61079	344	5.036	173,1	3,43	Lair Antonio de Souza
Atalaia Kraduca - B/74536	POCC	4-2	60668	365	4.678	166,1	3,55	Hayden Koutendjian
Atalaia Woonan Rose - B/87329	15/16	4-2	60186	338	4.631	151,0	3,26	Neser Ferreira Telles
Atalaia Mela D. D. Charn - B/34414	PO	4-2	58928	316	4.382	114,4	2,61	Renato Paga
Atalaia C.A.V. - B/118763	POCC	4-5	65619	365	4.076	156,5	3,84	Lair Augusto Saachi
Atalaia California - B/46650	PO	4-2	65073	365	3.747	122,8	3,27	Cia. Baptista Scarpe Ind. Com.
Atalaia Pousada R.22 R.2770	PO	4-0	59830	325	3.650	140,3	3,84	Oswaldo Soler
Atalaia - 31	NR	4-0	66140	365	3.597	136,2	3,78	Tasso Assunção Costa
Atalaia Orient de Noroeste Nova	NR	4-5	60588	315	2.545	93,8	3,68	Morada Nova Agri. Pec. Ltda.
Cidade - de 4 1/2 a 5 anos.								
A. Ruy de Moraes Pinz - B/46729 - 1M	PO	4-10	54287	365	9.642	258,3	2,67	Faz. Sta. M. da Poese Ag. P. Ltda.
A. Ruy de Moraes Pinz - B/46681 - 1M	PO	4-10	55894	320	7.662	253,8	3,21	Pecúária Anhemas Ltda.
A. Ruy de Moraes Pinz - B/46676 - 1M	PO	4-8	57181	365	6.485	233,5	3,60	Pecúária Anhemas Ltda.
Atalaia 14 Ant. S. H. - 16484	POCC	4-9	55832	322	6.429	190,0	2,95	Cia. Adm. Tec. e Agri. Atagui
Atalaia II Brigadier S.H. - 85662 - 1M	POCC	4-7	61402	365	6.101	202,0	3,31	Cia. Adm. Tec. e Agri. Atagui
Atalaia F. José M. N. - B/79307 - 1M	POCC	4-10	66154	325	5.863	201,0	3,42	Vicente Pereira Dias Jr.
C.A.A.S. Circo Premier II Agri. B/45538	PO	4-9	54987	365	5.361	155,1	2,89	Mariano Elísio de Freitas
Atalaia de Sta. Olívia - B/78789	POCC	4-6	61464	323	4.941	173,3	3,50	Sta. Maria Agro. Pec. Ind. S/A.
C.A. Fama Ruy de Sta. - B/48443	PO	4-6	56398	365	4.435	150,3	3,84	Muan M.J. Jr. e Clarimundo A.S.
Atalaia II Liza - B/72243	OC2	4-6	65103	352	3.636	162,0	4,45	Waldir Junqueira de Andrade
Cidade - Adultos de mais de 5 anos.								
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	7-1	43922	365	10.007	389,4	3,89	Guilherme W. S. Caldas
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	6-6	46620	365	9.938	333,4	3,25	José Vieira Pereira
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	9-10	37781	365	8.060	258,8	3,21	Pecúária Anhemas Ltda.
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	OC1	8-2	54075	356	7.936	286,5	3,60	Lair Augusto Saachi
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	8-9	66408	365	7.625	288,7	3,78	Sérgio Vicente de Moraes
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	POCC	8-9	44082	365	7.598	333,4	4,38	Arnaldo Mendes Oliveira
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	15/16	6-0	55678	342	7.462	297,3	3,98	Maria Lúcia F.S. Dias
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	POCC	11-1	44014	358	7.324	241,1	3,29	Faz. Sant'Ana do R. Abaibo S/A.
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	31/32	9-11	65626	365	7.318	307,8	4,20	Mendel e Eliezer Steinbruch
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	7-7	54914	327	7.220	263,3	3,64	Guilherme W. S. Caldas
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	6-4	48920	365	7.184	233,3	3,24	José Mario Junqueira Netto
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	6-11	65148	365	6.959	284,6	4,09	Arnaldo Mendes Oliveira
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	NR	-	65903	329	6.804	223,8	3,28	Antonio Coelho Guimarães
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	6-5	49765	336	6.636	230,6	4,47	Jacob Bonier Dutilh
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	31/32	5-11	61027	365	6.619	213,1	3,21	Lair Augusto Saachi
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	OC1	8-2	43209	365	6.524	222,2	3,40	Cia. Adm. Tec. e Agri. Atagui
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	9-6	38110	346	6.524	222,5	3,41	Cia. Adm. Tec. e Agri. Atagui
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	10-0	40186	365	6.484	193,6	2,98	Fernando Alencar Pinto S/A.
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	OC1	9-5	41788	365	6.375	235,9	3,69	Cia. Adm. Tec. e Agri. Atagui
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	15/16	7-6	53895	359	6.369	222,4	3,49	Odilon Nogueira e Outros
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	9-1	39990	365	6.114	183,9	2,92	Odilon Nogueira e Outros
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	31/32	6-7	67527	353	6.266	226,5	3,61	Sinon Crook - Ilustração
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	8-2	46723	365	6.241	206,2	3,30	José Mario Junqueira Netto
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	6-1	54483	365	6.126	220,8	3,60	Odilon Nogueira e Outros
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	6-2	52519	346	6.099	193,7	3,19	Col. Adventista Brasileiro
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	5-5	65801	365	6.092	199,2	3,27	Cia. Adm. Tec. e Agri. Atagui
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	5-4	58853	316	6.064	192,9	3,18	S/A. Faz. Paraíso Agro. Pec.
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	POCC	11-2	65826	365	6.012	224,9	3,74	Guaravão Agro. Pec. S/A.
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	31/32	5-4	65631	365	5.981	223,5	3,73	Sylvio Lima Marinho
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	7-5	43819	336	5.944	184,0	3,09	Fernando Alencar Pinto S/A.
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	5-10	55778	314	5.944	198,3	3,33	José Pedro C.L. de T. Piza
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	5-5	55124	365	5.925	212,9	3,59	Calçados Paragon S/A.
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	5-2	55714	330	5.898	189,1	3,20	Yakult S/A. Ind. e Comércio
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	5-1	56409	365	5.779	162,5	2,81	Odilon Nogueira e Outros
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	11-10	33340	343	5.694	189,6	3,33	José Pedro C.L. de T. Piza
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	31/32	7-2	66359	334	5.632	224,2	3,98	Maria Aparecida P. Borba
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	POCC	5-7	60543	365	5.615	202,7	3,61	Mário Moreira Telles
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	15/16	6-0	56056	340	5.604	182,4	3,25	Renato Ferreira Telles
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	NR	-	65290	353	5.603	196,4	3,50	Sta. Maria Agro. Pec. Ind. S/A.
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	POCC	11-10	48228	337	5.594	198,5	3,54	Sta. Maria Agro. Pec. Ind. S/A.
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	POCC	5-1	56224	365	5.571	212,6	3,81	Cia. Adm. Tec. e Agri. Atagui
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	31/32	5-10	49483	357	5.513	180,0	3,26	Mariano Elísio de Freitas
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	NR	-	65884	315	5.487	186,0	3,38	Sta. Maria Agro. Pec. Ind. S/A.
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	POCC	5-8	61017	332	5.468	199,8	3,65	Antonio Carlos L. de A. e Outros
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	31/32	6-1	53389	365	5.432	189,1	3,48	Carlos Alberto J. Johnson
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	8-3	48102	365	5.279	220,5	4,17	Esc. Sup. de Ag. Lira de Oliveira
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	31/32	6-3	61410	365	5.275	180,0	3,41	José de Oliveira Filho
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	6-0	49214	313	5.275	189,3	3,58	Reberto Coimbra
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	POCC	11-1	34272	365	5.262	164,3	3,12	Col. Adventista Brasileiro
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	7-4	44487	326	5.216	160,3	3,07	Antonio Josino Meirelles
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	POCC	10-2	49680	365	5.189	187,4	3,63	Sta. Maria Agro. Pec. Ind. S/A.
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	POCC	9-5	41751	341	5.187	172,1	3,31	Waldir Junqueira de Andrade
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	POCC	6-4	51517	365	5.183	165,5	3,19	Carlos Geraldo Rosa Lima
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	31/32	9-10	60169	359	5.150	180,8	3,51	Lair Augusto Saachi
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	9-2	38760	323	5.130	182,3	3,55	Odilon Nogueira e Outros
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	6-9	55789	310	5.110	176,7	3,45	S/A. Faz. Paraíso Agro. Pec.
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	8-3	43587	365	5.055	179,9	3,56	Mário Moreira Telles
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	NR	-	65749	365	4.907	154,0	3,13	Oswaldo Soler
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	5-6	53901	320	4.816	151,6	3,14	Carlos Geraldo Rosa Lima
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PO	9-6	40364	365	4.775	171,8	3,59	Mário Moreira Telles
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	POCC	9-0	65842	351	4.572	157,4	3,44	Alexandre H. da Silva
Atalaia Woonan Rose - B/87329 - 1M	PC	6-5	47950	333	4.541	165,7	3,45	Odilon Nogueira e Outros

NOME DO ANIMAL

Grau de
sangue

Idade
anos / meses

N.º SCL

Dias de
lactação

Leite
kg

Gord.
kg

PROPRIETÁRIO

Jardim Sincro - R/34064	PO	7-8	46893	365	4.495	166,4	3,70	Cia.Baptista Scarpa Ind. e Com
R.V. Dantas A. Basso - R/33805	PO	9-6	40381	365	4.480	165,8	3,70	Hélio Moreira Salles
Par. Perfeita Magnifico - R/12004	PO	12-4	30878	318	4.325	145,2	3,35	S/A.Faz.Paraiso Agro.Pec.
San Adão Valéria - R/38927	PO	7-1	53483	316	4.285	160,8	3,75	Geraldo Junqueira de Andrade
Amorosa	PO	7-1	65751	321	4.293	164,1	3,82	Osmundo Soler
Chetolândia Jurema Jacó - R/30705	PO	9-11	67373	334	4.231	156,4	3,69	Paulo Franco
Arnold Corina Nidia - R/29601	PO	9-6	63213	334	4.002	183,4	4,58	Hubert de Andrade Vilela
Par. Santa Catarina Fidalgo - R/43886	PO	7-1	65800	365	3.962	137,3	3,46	S/A.Faz.Paraiso Agro.Pec.
Costa Maria - R/115745	PO	7-4	60157	348	3.877	131,3	3,43	Gabriel e Sérgio Simão
R.V. Osmundo - R/47044	PO	7-1	53421	325	3.826	141,3	3,69	Hélio Moreira Salles
Costa Veloso - R/78145	POCO	7-1	64634	314	3.749	136,6	3,64	Osmundo Assun e Outros
Costa Maria da G - R/51191	PO	7-7	65673	323	3.599	137,4	3,81	Odilon Nogueira e Outros
Armando Colômbio Nóbrega - R/1805	PO	7-10	65941	310	3.541	118,4	3,24	Gabriel e Sérgio Simão
Paraiso Chato Melão S.C. - R/61674	PO	7-7	65618	351	3.366	131,1	3,69	Luiz Augusto Sacchi
San C.A.T. - R/57111	PO	7-7	65624	365	3.185	127,1	3,99	Luiz Augusto Sacchi
Indústria de Matão São	PO	7-7	44633	325	2.720	99,1	3,64	Morada Nova Agri.Pec. Ltda.
R.M. Santa Helena	PO	7-7	65972	354	2.655	99,3	3,73	Muro M.J. Jr. e Clarindo A.S
Declaração de Morada Nova	PO	11-8	36042	327	2.642	98,5	3,73	Morada Nova Agri.Pec. Ltda.
Indústria de Matão São	PO	6-9	45725	354	2.558	96,1	3,75	Morada Nova Agri.Pec. Ltda.

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca

Três Ordenhas (3x)

CLASSE A - de 2 a 1 1/2 anos.	PO	2-5	65270	365	7.365	254,4	3,45	Pedro Conde
Alberino's A.S.J. Quizer - 100/299-1M	POCO	2-4	65734	325	5.540	192,2	3,46	Geraldo Figueiredo Furber
Aferonada São G.P.P. - 1M								
CLASSE B - de 1 a 1 1/2 anos.	PO	1-5	58804	324	7.092	250,2	3,52	Pedro Conde
Morosa-Ind. São José Ind. - 9487040 - 1M	PO	1-5	64997	359	5.285	155,3	2,93	Exp.Gabriel Dias Pereira
Cláudia André de São José - 100/40-1003	PO							
CLASSE C - de 1 1/2 a 4 anos.	PO	3-11	58675	365	10.238	319,8	3,12	Anilcar Farid Yamin
Cláudia Fernanda - 100/40-1003	PO							
CLASSE D - de 4 a 4 1/2 anos.	PO	4-4	60580	346	4.827	168,7	3,49	Exp.Gabriel Dias Pereira
Sociedade Roraima, Roraima								
CLASSE E - de 4 1/2 a 5 anos.	PO	4-6	55139	327	7.304	246,8	3,37	Pedro Conde
R.M. Elmer Roy Ind. Graciosa - 1M	PO							
CLASSE F - Adultas de mais de 5 anos.	PO	6-1	50634	353	7.696	238,7	3,10	Geraldo Figueiredo Furber
Indústria São José Lottis - 100/341 - 1M	PO	6-0	48553	332	7.307	246,4	3,37	Pedro Conde
C. Leocádio Nogueira São José - 100/375 - 1M	PO	7-5	48879	357	6.191	219,1	3,53	Exp.Gabriel Dias Pereira
Indústria Wiscardi de São José - 9705	PO							

Quatro Ordenhas (4x)

CLASSE A - de 2 a 1 1/2 anos.	PO	2-1	65329	351	4.538	153,4	3,38	Anilcar Farid Yamin
Ind. O. Elmer Roy Ind. Graciosa - 100/735 - 1M	PO	2-1	64993	365	3.960	126,4	3,19	Luiz Viscardi
Cláudia Roraima São José - 100/11111	PO							
CLASSE B - de 1 1/2 a 3 anos.	PO	2-9	65603	365	6.987	262,0	3,75	Eduardo Simonsen
Ind. O. Elmer Roy Ind. Graciosa - 100/544 - 1M	PO	2-10	65328	360	6.538	213,5	3,26	Anilcar Farid Yamin
Ind. O. Elmer Roy Ind. Graciosa - 100/564 - 1M	PO	2-8	65659	365	5.253	199,8	3,80	Carlos Thomas Whately
Gaveta de São José - 100/50-11360 - 1M	POCO	2-10	65327	357	5.223	187,6	3,59	Anilcar Farid Yamin
Vida Leocádio - 11360 - 1M	PO	2-7	64294	365	4.836	156,5	3,23	Luiz Viscardi
Ind. 1180 Caceres Nogueira - 100/5218 - 1M	PO	2-8	65664	336	4.414	165,9	3,75	Carlos Thomas Whately
Indústria de São José - 100/50-11378 - 1M	PO	2-7	65212	346	3.495	134,9	3,85	Ademar de Barros Filho
Indústria L. R. - 100/50-11381	PO	2-10	65895	350	2.819	102,3	3,63	Morada Nova Agri.Pec. Ltda.
Indústria de São José - 100/50-11381	PO	2-8	66157	330	2.548	93,5	3,66	Morada Nova Agri.Pec. Ltda.
CLASSE C - de 3 a 1 1/2 anos.	PO	3-2	65856	333	6.057	237,3	3,91	Fernando José Santos
F.L. Vitor Hugo's Ind. - 100/5472 - 1M	PO	3-5	60309	320	3.339	128,9	3,86	Anilcar Farid Yamin
Ind. Wiscardi Roraima - 100/689	PO							
CLASSE D - de 1 1/2 a 4 anos.	PO	3-9	60012	365	5.391	202,5	3,75	Johannes W.M.V. de Groen - Hol
Cia. de Indústrias - 100/50-93017 - 1M	PO	3-6	60168	339	4.640	170,3	3,66	Geraldo Natal Madureira
Cláudia Roraima São José - 100/50-10081 - 1M	PO	3-11	61076	335	4.395	170,1	3,87	Geraldo Natal Madureira
Indústria de São José - 100/50-10081 - 1M	PO	3-6	65781	365	4.278	169,1	3,95	Cia.Agrí.Ind.Paz.da Toca
CLASSE E - de 4 a 4 1/2 anos.	PO	4-3	59107	337	6.632	225,9	3,40	Cia.Agrí.Ind.Paz.da Toca
Indústria de São José - 100/50-10081 - 1M	PO	4-3	61534	322	3.878	137,2	3,53	Anilcar Farid Yamin
CLASSE F - de 4 1/2 a 5 anos.	PO	4-10	55569	350	6.643	199,6	3,00	Antonio José Meirelles
Indústria de São José - 100/50-10081 - 1M	PO	4-4	65723	365	6.114	218,9	3,58	Luiz Viscardi
Indústria de São José - 100/50-10081 - 1M	PO	4-4	55207	351	5.121	161,6	3,15	Geraldo Natal Madureira
Indústria de São José - 100/50-10081 - 1M	PO	4-9	65789	345	5.013	175,6	3,30	Cia.Agrí.Ind.Paz.da Toca
Indústria de São José - 100/50-10081 - 1M	PO	4-11	54304	330	4.695	155,5	3,31	Antonio de Toledo Lara Neto
Indústria de São José - 100/50-10081 - 1M	PO	4-6	55814	365	3.155	108,9	3,45	Morada Nova Agri.Pec. Ltda.
CLASSE G - Adultas de mais de 5 anos.	PO	6-1	56046	365	8.232	260,6	3,16	Cia.Agrí.Ind.Paz.da Toca
Indústria de São José - 100/50-10081 - 1M	PO	6-2	37826	359	5.981	201,7	3,40	Cia.Agrí.Ind.Paz.da Toca
Indústria de São José - 100/50-10081 - 1M	PO	6-2	42389	365	3.892	189,5	3,71	Luiz Viscardi
Indústria de São José - 100/50-10081 - 1M	PO	6-7	60132	335	5.791	215,4	3,34	Cia.Agrí.Ind.Paz.da Toca
Indústria de São José - 100/50-10081 - 1M	PO	6-8	55043	365	5.631	208,0	3,69	Anilcar Farid Yamin
Indústria de São José - 100/50-10081 - 1M	PO	6-11	65890	334	5.153	174,7	3,39	Cia.Agrí.Ind.Paz.da Toca
Indústria de São José - 100/50-10081 - 1M	PO	6-12	60033	334	4.982	173,4	3,50	Sta.Maria Agro.Pec.Ind. S.A.
Indústria de São José - 100/50-10081 - 1M	PO	6-1	61880	329	4.909	163,1	3,32	Francisco Lopes Filho
Indústria de São José - 100/50-10081 - 1M	PO	6-6	55239	321	4.093	150,8	3,24	Anilcar Farid Yamin
Indústria de São José - 100/50-10081 - 1M	PO	6-7	65784	365	4.657	171,0	3,67	Cia.Agrí.Ind.Paz.da Toca
Indústria de São José - 100/50-10081 - 1M	PO	6-8	65766	338	4.305	143,3	3,32	Antonio de Toledo Lara Neto
Indústria de São José - 100/50-10081 - 1M	PO	6-9	61470	343	4.128	155,9	3,77	Sta.Maria Agro.Pec.Ind. S.A.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
Alcides Trinta - 10/4066	PO	5-10	51007	324	3.323	119,6	3,59	Henriques A. Wapereis - Hol.
Princesa de Sant'Ana - 028/251	QBR	15-5	21646	327	3.261	116,9	3,58	Exp. Gabriel Dias Pereira
Alcides de Alcides - 29/56031	31/32	7-1	48751	320	3.179	122,7	3,86	Henriques A. Wapereis - Hol.
Princesa Mary Noble - 10/3935	PO	6-8	46371	310	2.957	103,6	3,50	Exp. Gabriel Dias Pereira
Princesa Gaudel Gerente - 10/1736	PO	8-10	41090	312	2.711	90,5	3,33	Exp. Gabriel Dias Pereira
Raça Jersey								
Três Ordenhas (3x)								
Princesa B - Adultas de mais de 5 anos.	PO	7-4	43698	318	2.983	140,5	4,71	Mario Lopes Leão
Princesa Gaudel de S. Pto. - 9987-C								
Duas Ordenhas (2x)								
Princesa B - Adultas de mais de 5 anos.	PO	8-2	47574	365	5.890	282,8	4,80	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo S/A.
Princesa B - Adultas de mais de 5 anos.	PO	6-5	44018	349	4.449	229,2	5,15	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo S/A.
Princesa B - Adultas de mais de 5 anos.	PO	5-5	55300	365	3.406	148,7	4,26	Mario Lopes Leão
Princesa B - Adultas de mais de 5 anos.	PO	5-5	52607	329	3.158	137,9	4,36	Mario Lopes Leão
Princesa B - Adultas de mais de 5 anos.	PO	5-11	49304	327	2.655	120,5	4,53	Mario Lopes Leão
Raça Parda Suíça (Schwyz)								
Três Ordenhas (3x)								
Princesa B - Adultas de mais de 5 anos.	PO	6-2	44576	352	6.508	235,9	3,62	Amilcar Farid Yamin
Princesa B - Adultas de mais de 5 anos.								
Duas Ordenhas (2x)								
Princesa B - de 3 1/2 a 4 anos.	POCC	3-8	60159	346	4.004	157,6	3,93	Carlos Cardoso de A. Amorim
Princesa B - de 4 a 4 1/2 anos.	PO	4-0	60303	352	5.069	175,6	3,46	Amilcar Farid Yamin
Princesa B - de 4 a 4 1/2 anos.	PO	4-0	65330	348	3.567	151,5	4,24	Amilcar Farid Yamin
Princesa B - de 4 1/2 a 5 anos.	31/32	4-8	64963	365	6.129	260,9	4,25	Sylvio Lima Marinho
Princesa B - de 4 1/2 a 5 anos.	PO	4-11	55559	339	4.792	184,1	3,84	Agro. Pec. Sto. Isidoro Ltda.
Princesa B - de 4 1/2 a 5 anos.	31/32	4-6	57906	365	2.344	87,4	3,72	Tasso Assunção Costa
Princesa B - Adultas de mais de 5 anos.	PO	6-4	52340	365	5.369	228,6	4,25	Amilcar Farid Yamin
Princesa B - Adultas de mais de 5 anos.	PO	6-4	47598	348	4.329	170,1	3,93	Amilcar Farid Yamin
Princesa B - Adultas de mais de 5 anos.	NR	-	55474	321	4.242	176,8	4,16	Giovani Brangarinho Grossi
Princesa B - Adultas de mais de 5 anos.	31/32	7-4	47771	365	3.282	115,9	3,53	Tasso Assunção Costa
Raça Simental								
Duas Ordenhas (2x)								
Princesa B - Adultas de mais de 5 anos.	PO	5-9	54094	334	4.858	192,6	3,96	Carlos T. da S. e José C. C. Tel.
Princesa B - Adultas de mais de 5 anos.	PO	6-1	56755	313	3.415	150,9	4,41	Carlos T. da S. e José C. C. Tel.
Raça Dinamarquesa								
Duas Ordenhas (2x)								
Princesa B - Adultas de mais de 5 anos.	PO	8-9	40377	360	5.973	236,8	3,96	Orostrato Olavo Barboza
Princesa B - Adultas de mais de 5 anos.	PO	5-1	65669	365	4.158	172,8	4,15	Orostrato Olavo Barboza
Raça Red-Poll								
Duas Ordenhas (2x)								
Princesa B - Adultas de mais de 5 anos.	PO	-	65683	365	2.622	101,4	3,86	Livio Maizani
Raça Gir								
Três Ordenhas (3x)								
Princesa B - Adultas de 5 a 6 anos.	NR	5-8	55808	365	3.199	146,1	4,56	Francisco F. Barretto
Princesa B - Adultas de 5 a 6 anos.	NR	10-6	39033	365	4.127	171,6	4,15	Francisco F. Barretto
Princesa B - Adultas de 5 a 6 anos.	NR	6-6	59170	332	2.963	136,3	4,60	Rubens Resende Peres
Duas Ordenhas (2x)								
Princesa B - de 3 1/2 a 4 anos.	NR	3-11	54036	365	3.789	140,8	3,71	Arthur S. M. Filizola
Princesa B - de 4 a 4 1/2 anos.	NR	4-2	65126	365	3.559	156,1	4,38	Francisco F. Barretto
Princesa B - de 4 a 4 1/2 anos.	NR	4-4	65791	365	3.121	140,6	4,50	Francisco F. Barretto
Princesa B - de 4 a 4 1/2 anos.	NR	4-4	65125	365	2.530	121,5	4,80	Francisco F. Barretto
Princesa B - de 4 a 4 1/2 anos.	NR	4-3	65117	365	2.345	107,1	4,56	Francisco F. Barretto
Princesa B - de 4 a 4 1/2 anos.	NR	4-0	65124	365	2.100	97,8	4,65	Francisco F. Barretto
Princesa B - Adultas de 5 a 6 anos.	NR	5-7	65833	365	2.902	111,1	3,83	Arthur S. M. Filizola
Princesa B - Adultas de 5 a 6 anos.	NR	5-0	65835	365	2.810	107,0	3,80	Arthur S. M. Filizola
Princesa B - Adultas de 5 a 6 anos.	NR	5-4	68503	355	2.591	124,2	4,79	Gabriel Renato de Andrade
Princesa B - Adultas de 5 a 6 anos.	NR	5-1	65115	358	2.530	121,5	4,80	Francisco F. Barretto
Princesa B - Adultas de 5 a 6 anos.	NR	5-6	69755	316	2.379	101,3	4,25	José Eduardo Costa Mancini
Princesa B - Adultas de mais de 6 anos.	NR	9-8	43750	365	4.063	171,7	4,28	Francisco F. Barretto
Princesa B - Adultas de mais de 6 anos.	NR	6-1	58155	365	3.680	155,1	4,21	João Gabriel C.N. e Outros
Princesa B - Adultas de mais de 6 anos.	NR	3-4	56793	365	3.388	145,6	4,29	João Gabriel C.N. e Outros
Princesa B - Adultas de mais de 6 anos.	NR	9-3	59100	365	3.338	127,5	3,82	Arthur S. M. Filizola
Princesa B - Adultas de mais de 6 anos.	NR	-	65836	365	3.178	123,2	3,87	Arthur S. M. Filizola
Princesa B - Adultas de mais de 6 anos.	NR	13-2	36742	319	3.171	141,8	4,47	Manuel e José J.S. R. dos Reis
Princesa B - Adultas de mais de 6 anos.	NR	6-11	51277	365	3.093	119,2	3,85	Arthur S. M. Filizola

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção Leite kg	Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO
LILLONDA	NR	8-4	49581	365	3.187	123,3	3,86	Arthur S. M. Filizzola
TONIA - 2-940	NR	11-5	43529	357	3.055	137,7	4,50	Francisco F. Barretto
NOVAIRIS - 114	NR	6-11	50825	365	3.029	134,0	4,42	Francisco F. Barretto
NOVAIRIS - 9-045	NR	7-3	50470	365	3.023	138,8	4,59	Francisco F. Barretto
LATHING - 1-8078	NR	7-4	65837	365	2.911	113,1	1,88	Arthur S. M. Filizzola
NOVAIRIS - 1-8078	NR	7-11	48790	336	2.841	129,7	4,56	Francisco F. Barretto
NOVAIRIS - 9-006	NR	10-0	51575	365	2.804	107,2	3,82	Arthur S. M. Filizzola
NOVAIRIS - 1-8081	NR	9-0	43751	328	2.803	126,7	4,52	Francisco F. Barretto
NOVAIRIS - 1-8081	NR	7-0	46156	320	2.464	110,6	4,48	João Gabriel C. N. e Outros
C. A. Juba - 3-3029	NR	6-7	66138	315	2.095	92,6	4,42	Gabriel Donato de Andrade
NOVAIRIS - 11-2367								
Basta Ordenhas (20)								
Girolando								
CLASSE B - Adultas de mais de 6 anos.	1/2	-	59171	395	5.415	228,9	4,22	Rubens Rosendo Pires
Brasil de Brasília - 11-21 - 114								
Três Ordenhas								
CLASSE C - Adultas de mais de 6 anos.	1/2	-	5.859	355	5.659	247,2	4,21	Rubens Rosendo Pires
Brasil de Brasília - 11-21 - 114								
12 - LIVRO DE TEXTO 11 - LIVRO DE RESULTADO								

Resultados Parciais de Controle

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos/meses	Con- trole	Dias de lactação	%	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos/meses	Con- trole	Dias de lactação	%		
Raça Holandesa — variedade preta e branca													
Banco de Apoio de Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo, Controle em 4/11/81, Regime de parto com raço experimental, 2 ordenhas.													
F. J. J. J. J.	PO	2-8	90	242	10,0	3,43	J. P. R. Negrão	PO	2-3	19	23	23,0	1,77
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-4	79	197	12,0	3,14	J. P. R. Negrão	PO	3-7	89	225	28,0	1,78
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-9	79	196	13,0	3,55	J. P. R. Negrão	PO	8-1	82	244	24,0	1,87
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-4	89	171	12,0	3,30	J. P. R. Negrão	PO	2-1	39	110	22,0	1,12
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-7	89	171	11,0	4,85	J. P. R. Negrão	PO	4-3	39	67	36,0	1,35
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-0	89	171	10,0	3,68	J. P. R. Negrão	PO	6-0	49	96	20,0	1,64
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	11-3	99	183	12,0	3,99	J. P. R. Negrão	PO	6-11	59	149	30,0	3,12
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-0	99	124	10,0	3,42	J. P. R. Negrão	PO	5-3	29	42	41,0	1,80
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	1-7	99	121	14,5	3,48	J. P. R. Negrão	PO	6-8	29	54	22,0	1,94
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	6-2	89	131	16,0	3,75	J. P. R. Negrão	PO	3-6	59	141	33,0	3,46
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	5-7	89	92	16,0	4,26	J. P. R. Negrão	PO	6-3	29	40	30,0	1,50
Três Fêmeas, 1st. de São Paulo, Controle em 21/11/81, Regime de parto com raço experimental, 3 ordenhas.													
F. J. J. J. J.	PO	4-5	89	242	20,0	1,83	J. P. R. Negrão	PO	5-0	49	115	12,0	3,11
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	4-6	79	197	26,0	1,90	J. P. R. Negrão	PO	3-9	19	27	36,0	1,64
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-8	139	359	19,0	1,90	J. P. R. Negrão	PO	6-2	89	241	21,0	3,21
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-5	79	186	25,0	3,70	J. P. R. Negrão	PO	6-0	89	237	23,0	4,01
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-8	89	188	28,0	4,08	J. P. R. Negrão	PO	7-2	39	69	33,0	1,43
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-4	89	171	31,0	2,42	J. P. R. Negrão	PO	1-0	19	11	35,0	2,85
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-3	89	171	22,0	3,02	J. P. R. Negrão	PO	3-8	29	47	27,0	3,20
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-3	89	168	29,0	2,80	J. P. R. Negrão	PO	4-8	89	164	18,0	4,48
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-2	89	95	27,0	3,32	J. P. R. Negrão	PO	6-4	129	340	18,0	3,58
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-10	99	170	21,0	4,44	J. P. R. Negrão	PO	3-2	79	196	24,0	2,38
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-9	99	215	21,0	3,28	J. P. R. Negrão	PO	6-6	19	14	29,0	2,58
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-3	99	118	24,0	1,47	J. P. R. Negrão	PO	3-5	29	55	29,0	1,24
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	4-2	19	34	24,0	4,09	J. P. R. Negrão	PO	6-2	79	189	29,0	3,27
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	12-1	19	23	27,0	1,82	J. P. R. Negrão	PO	4-2	49	102	26,0	3,50
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	3-2	19	23	23,0	4,38	J. P. R. Negrão	PO	5-5	49	159	20,0	4,10
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	4-4	79	322	25,0	1,31	J. P. R. Negrão	PO	5-4	89	238	23,0	4,13
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	14-3	39	20	38,0	1,31	J. P. R. Negrão	PO	5-10	19	17	46,0	3,62
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	8-7	89	108	25,0	4,36	J. P. R. Negrão	PO	7-3	79	206	25,0	3,88
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	6-4	19	25	31,0	1,14	J. P. R. Negrão	PO	7-3	69	183	19,0	3,80
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	4-5	89	231	24,0	3,13	J. P. R. Negrão	PO	6-2	19	19	27,0	3,78
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	12-2	29	49	42,0	2,25	J. P. R. Negrão	PO	4-10	99	147	18,0	4,07
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-4	119	110	38,0	1,17	J. P. R. Negrão	PO	4-4	39	90	32,0	3,97
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-4	39	90	30,0	1,22	J. P. R. Negrão	PO	4-4	39	73	34,0	3,44
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-2	18	14	30,0	4,08	J. P. R. Negrão	PO	7-3	19	84	27,0	3,48
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-3	39	44	30,0	3,15	J. P. R. Negrão	PO	3-4	49	102	30,0	2,97
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	4-1	69	178	19,0	1,12	J. P. R. Negrão	PO	7-7	19	15	31,0	2,84
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	3-6	49	181	24,0	1,87	J. P. R. Negrão	PO	3-5	79	32	36,0	1,47
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-2	49	102	31,0	1,56	J. P. R. Negrão	PO	3-7	18	14	33,0	1,54
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-8	99	136	31,0	1,70	J. P. R. Negrão	PO	2-6	49	107	18,0	6,10
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-2	89	81	22,0	1,40	J. P. R. Negrão	PO	2-4	69	170	18,0	3,42
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	3-8	79	203	21,0	4,44	J. P. R. Negrão	PO	2-3	79	199	19,0	3,06
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	3-2	79	39	34,0	1,23	J. P. R. Negrão	PO	2-5	39	96	22,0	3,53
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	3-2	79	39	34,0	1,23	J. P. R. Negrão	PO	3-5	39	58	32,0	3,84
João Assis da Rocha, 1st. de São Paulo, Controle em 16/11/81, Regime de parto com raço experimental, 2 ordenhas.													
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-10	109	395	13,0	1,50	J. P. R. Negrão	PO	2-10	109	395	13,0	1,50
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	6-2	89	237	19,0	1,42	J. P. R. Negrão	PO	6-2	89	237	19,0	1,42
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	8-2	89	237	18,0	1,36	J. P. R. Negrão	PO	8-2	89	237	18,0	1,36
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	10-3	79	192	20,0	1,18	J. P. R. Negrão	PO	10-3	79	192	20,0	1,18
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	11-15	69	154	16,0	1,74	J. P. R. Negrão	PO	11-15	69	154	16,0	1,74
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	3-9	69	169	14,0	1,72	J. P. R. Negrão	PO	3-9	69	169	14,0	1,72
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	3-18	69	160	19,0	1,51	J. P. R. Negrão	PO	3-18	69	160	19,0	1,51
Quatro Fêmeas, 1st. de São Paulo	PO	2-0	49	143	17,0	1,38	J. P. R. Negrão	PO	2-0	49	143	17,0	1,38

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%
Bombril Paulista e Kleber Steinhilber, Bragança Paulista, Est. de São Paulo. Controlo em 6/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.							
Bombril Paulista	11/32	6-1	119	311	14,0	3,32	
Bombril Kleber	11/32	3-6	69	161	19,0	3,48	
Bombril Kleber	021	4-1	89	216	18,0	3,14	
Bombril Kleber	021	3-11	89	230	18,0	3,87	
Bombril Kleber	11/32	2-11	89	234	18,0	4,28	
Bombril Kleber	021	2-11	89	234	18,0	4,28	
Bombril Kleber	021	2-10	79	240	20,0	4,15	
Bombril Kleber	11/32	7-0	109	282	23,0	3,83	
Bombril Kleber	021	3-3	109	294	15,0	3,68	
Bombril Kleber	11/32	4-0	89	237	17,0	3,39	
Bombril Kleber	021	3-0	109	287	14,0	4,02	
Bombril Kleber	11/32	10-10	29	60	32,0	3,58	
Bombril Kleber	11/32	9-0	29	51	30,0	4,08	
Bombril Kleber	021	4-7	39	74	17,0	3,11	
Bombril Kleber	11/32	4-4	39	85	24,0	3,81	
Bombril Kleber	11/32	4-4	39	85	24,0	3,76	
Bombril Kleber	021	4-5	39	94	19,0	4,00	
Bombril Kleber	021	3-0	49	129	20,0	3,70	
Bombril Kleber	021	4-6	59	137	27,0	4,15	
Bombril Kleber	11/32	8-10	59	129	24,0	5,02	
Bombril Kleber	11/32	7-10	69	189	25,0	5,64	
Bombril Kleber	11/32	4-10	69	164	17,0	5,15	
Bombril Kleber	021	4-4	69	164	18,0	4,15	
Bombril Kleber	11/32	4-0	69	177	19,0	4,44	

Dr. Agostinho de Freitas, Bragança Paulista, Est. de São Paulo. Controlo em 6/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.							
Agostinho de Freitas	021	5-1	69	169	19,0	3,14	
Agostinho de Freitas	021	6-1	59	147	19,0	3,74	
Agostinho de Freitas	021	3-2	19	19	23,0	3,65	
Agostinho de Freitas	021	9-0	19	7	21,0	3,04	
Agostinho de Freitas	021	4-3	29	47	23,0	2,90	
Agostinho de Freitas	021	4-2	29	57	18,0	3,15	
Agostinho de Freitas	021	3-2	29	84	20,0	3,69	
Agostinho de Freitas	11/32	8-6	59	131	19,0	3,05	
Agostinho de Freitas	021	4-4	19	15	20,0	3,40	
Agostinho de Freitas	021	3-5	19	15	23,0	3,28	
Agostinho de Freitas	021	6-10	29	17	19,0	2,95	
Agostinho de Freitas	021	3-10	29	20	20,0	3,20	
Agostinho de Freitas	021	4-6	29	43	25,0	2,91	
Agostinho de Freitas	021	8-5	39	70	25,0	3,32	
Agostinho de Freitas	021	6-8	59	136	21,0	3,59	

Sra. Agostinha de Freitas, Bragança Paulista, Est. de São Paulo. Controlo em 11/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.							
Sra. Agostinha de Freitas	021	7-5	79	192	17,0	3,50	
Sra. Agostinha de Freitas	021	2-7	29	40	18,0	2,69	
Sra. Agostinha de Freitas	021	2-7	29	36	18,0	2,99	
Sra. Agostinha de Freitas	021	2-4	89	216	15,0	3,26	
Sra. Agostinha de Freitas	021	3-4	39	70	24,0	3,29	
Sra. Agostinha de Freitas	021	3-0	39	88	22,0	3,69	
Sra. Agostinha de Freitas	021	6-4	29	90	23,0	3,67	
Sra. Agostinha de Freitas	021	6-2	59	131	15,0	3,33	
Sra. Agostinha de Freitas	021	3-1	69	172	14,0	3,25	
Sra. Agostinha de Freitas	021	3-0	29	95	17,0	3,69	
Sra. Agostinha de Freitas	021	3-0	29	38	14,0	3,34	
Sra. Agostinha de Freitas	021	3-5	29	56	22,0	3,00	
Sra. Agostinha de Freitas	021	3-8	29	32	13,0	3,49	
Sra. Agostinha de Freitas	021	2-7	29	40	21,0	2,83	
Sra. Agostinha de Freitas	021	2-5	29	60	17,0	2,62	
Sra. Agostinha de Freitas	021	2-4	29	67	16,0	2,62	
Sra. Agostinha de Freitas	021	2-5	29	60	17,0	2,71	
Sra. Agostinha de Freitas	021	2-4	29	51	16,0	2,88	
Sra. Agostinha de Freitas	021	2-2	39	65	20,0	3,26	
Sra. Agostinha de Freitas	021	2-4	39	67	16,0	3,38	
Sra. Agostinha de Freitas	021	8-6	59	140	17,0	3,62	
Sra. Agostinha de Freitas	021	3-0	19	74	25,0	4,19	
Sra. Agostinha de Freitas	021	5-6	69	185	15,0	3,56	
Sra. Agostinha de Freitas	021	9-3	29	60	23,0	3,50	
Sra. Agostinha de Freitas	021	5-2	79	198	13,0	3,22	
Sra. Agostinha de Freitas	021	5-6	49	102	27,0	3,04	
Sra. Agostinha de Freitas	021	5-5	39	85	23,0	2,27	
Sra. Agostinha de Freitas	021	5-3	49	97	24,0	3,18	
Sra. Agostinha de Freitas	021	4-11	29	34	26,0	3,65	
Sra. Agostinha de Freitas	021	4-5	59	143	21,0	3,12	
Sra. Agostinha de Freitas	021	4-7	49	96	28,0	3,50	
Sra. Agostinha de Freitas	021	2-7	59	148	15,0	3,71	
Sra. Agostinha de Freitas	021	2-2	69	192	14,0	3,17	

Dr. Antonio de Barros, Bragança Paulista, Est. de São Paulo. Controlo em 19/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.							
Antonio de Barros	11/32	2-4	19	14	12,0	3,27	
Antonio de Barros	11/32	5-5	19	10	17,0	2,77	
Antonio de Barros	11/32	7-10	19	19	16,0	2,94	
Antonio de Barros	11/32	3-5	19	38	16,0	2,40	
Antonio de Barros	11/32	8-7	19	21	18,0	2,91	

Dr. Antonio de Barros, Bragança Paulista, Est. de São Paulo. Controlo em 11/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.							
Antonio de Barros	021	4-1	69	168	21,0	3,41	
Antonio de Barros	021	2-5	69	165	13,0	3,67	
Antonio de Barros	11/32	6-9	69	174	13,0	2,87	
Antonio de Barros	021	7-1	69	180	16,0	3,05	
Antonio de Barros	021	7-11	89	232	13,0	3,81	
Antonio de Barros	11/32	7-5	89	326	15,0	3,87	
Antonio de Barros	021	7-9	89	218	16,0	5,00	
Antonio de Barros	021	5-0	49	139	20,0	3,32	
Antonio de Barros	11/32	5-0	49	6	26,0	3,58	
Antonio de Barros	021	3-6	29	41	10,0	3,92	
Antonio de Barros	021	3-10	39	79	21,0	3,64	
Antonio de Barros	021	2-2	39	67	16,0	3,64	
Antonio de Barros	021	4-0	39	88	17,0	3,24	

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%
Bela							
Bela	021	3-3	39	73	19,0	3,80	
Bela	021	3-4	49	134	15,0	3,36	
Bela	021	3-4	49	103	13,0	3,58	
Bela	021	6-9	49	118	15,0	3,60	
Bela	021	5-2	59	128	17,0	3,46	
Bela	021	7-0	59	122	20,0	4,40	
Bela	021	5-4	59	192	19,0	3,21	
Bela	021	3-9	59	121	15,0	3,35	
Bela	021	2-3	59	123	13,0	3,48	
Bela	021	4-2	69	163	16,0	4,01	

Yakult S/A, Indústria e Comércio, Bragança Paulista, Est. de São Paulo. Controlo em 7/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.							
Yakult S/A	021	2-8	59	122	18,0	3,14	
Yakult S/A	021	2-9	59	95	18,0	2,17	
Yakult S/A	021	2-7	49	118	18,0	2,77	
Yakult S/A	021	2-4	79	209	16,0	3,62	
Yakult S/A	021	11-9	49	101	16,0	3,64	
Yakult S/A	021	11-9	29	57	15,0	3,50	
Yakult S/A	021	2-7	19	1	20,0	3,00	
Yakult S/A	021	5-4	49	102	16,0	3,61	
Yakult S/A	021	3-8	49	119	16,0	3,11	
Yakult S/A	021	4-3	89	215	15,0	3,78	
Yakult S/A	021	11-4	49	115	16,0	3,10	
Yakult S/A	021	10-7	19	24	20,0	3,58	
Yakult S/A	021	10-1	59	128	17,0	2,84	
Yakult S/A	021	9-5	59	126	18,0	3,15	
Yakult S/A	021	6-8	49	108	19,0	2,51	
Yakult S/A	021	7-6	49	119	17,0	3,73	
Yakult S/A	021	7-2	79	185	19,0	4,63	
Yakult S/A	021	7-0	59	146	17,0	3,06	
Yakult S/A	021	6-5	99	267	15,0	3,00	
Yakult S/A	021	6-9	49	178	17,0	3,25	
Yakult S/A	021	5-9	49	104	16,0	3,22	
Yakult S/A	021	5-5	69	179	15,0	3,34	
Yakult S/A	021	6-4	69	161	19,0	2,64	
Yakult S/A	021	6-9	69	161	16,0	3,00	
Yakult S/A	021	5-5	69	56	22,0	3,27	
Yakult S/A	021	4-4	29	31	22,0	3,57	
Yakult S/A	021	4-8	49	120	16,0	3,70	

Miguel Luiz Antonio, Bragança Paulista, Est. de São Paulo. Controlo em 12/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.							
Miguel Luiz Antonio	021	6-6	19	28	13,0	3,26	
Miguel Luiz Antonio	021	8-0	29	49	15,0	3,57	
Miguel Luiz Antonio	021	6-2	69	183	13,0	4,29	

Barralino José da Cruz, Bragança Paulista, Est. de São Paulo. Controlo em 5/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.							
Barralino José da Cruz	021	-	29	64	14,0	4,00	
Barralino José da Cruz	021	-	29	89	13,0	3,41	
Barralino José da Cruz	021	3-7	29	21	15,0	2,24	
Barralino José da Cruz	021	-	19	9	13,0	3,23	
Barralino José da Cruz	021	-	19	9	13,0	2,88	

Dr. Barão de Vianna, Bragança Paulista, Est. de São Paulo. Controlo em 10/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.							
Barão de Vianna	021	3-3	19	17	24,0	3,25	
Barão de Vianna	021	6-8	19	20	30,0	2,87	
Barão de Vianna	021	5-8	19	11	28,0	4,22	
Barão de Vianna	021	2-4	29	54	19,0	2,64	
Barão de Vianna	021	4-5	29	35	32,0	3,18	
Barão de Vianna	021	6-7	29	92	28,0	3,11	

Dr. José Sérgio, Bragança Paulista, Est. de São Paulo. Controlo em 10/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.							
José Sérgio	021	4-7	89	229	20,0	3,17	
José Sérgio	021	3-7	119	334	18,0	3,80	
José Sérgio	021	3-7	119	311	15,0	4,26	
José Sérgio	021	8-4	79	191	29,0	3,05	
José Sérgio	021	4-9	49	129	27,0	3,40	
José Sérgio	021	4-3	49	133	30,0	3,22	
José Sérgio	021	4-3	39	69	24,0	2,95	
José Sérgio	021	3-2	39	65	26,0	3,17	
José Sérgio	021	2-2	29	51	24,0	3,51	

Colégio Adventista Brasileiro, Santo Amaro, Est. de São Paulo, Controlo em 19/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.							
C.A.B., Tarifa Chief	PO	3-9	19	18	18,0	3,15	
Marjan Flora Star	PO	11-9	113	117	15,8	3,78	
Modelo Mentor C.A.B.	POCC	7-5	110	128	15,0	3,60	
Boça Bootchak C.A.B.	GBB	7-8	100	296	13,8	4,04	
C.A.B., Sargento Antenor	PO	2-5	109	313	15,0	3,30	
Marjan Raíssa Classic Murgas	PO	3-4	90	275	13,0	3,50	
Marjan Raíssa Superior Star	PO	6-0	80	349	14,0	2,84	
C.A.B., Vitória Cit. Murgas	PO	2-11	80	250	14,0	3,25	
C.A.B., Vitória Cit. Murgas	PO	2-8	80	288	13,0	3,50	
C.A.B., Flácio Bootchak	PO	6-8	70	136	15,8	3,17	
Bolona Majority C.A.B.	GBB	10-1	70	120	13,0	3,60	
C.A.B., Manta B. Blackhawk	PO	2-7	70	217	13,0	4,00	
Homair Maple C.A.B.	GBB	7-11	70	224	13,0	4,07	
C.A.B., Têndine Castorino	PO	8-5	70	197	19,0	2,80	
C.A.B., Verônica Cit. Murgas	PO	5-0	70	154	13,0	3,87	
Distinta Model C.A.B.	GBB	10-0	70	136	18,0	3,08	
Marjan Dura Lanol Hoda	PO	6-10	50	159	18,0	3,08	
C.A.B., Sarelene Mendes	PO	10-8	50	166	14,0	3,22	
C.A.B., Polia Antenor	PO	3-6	50	136	14,0	3,44	
Marjan Raísa Têndine Sargis	PO	4-9	40	183	22,0	3,40	
C.A.B., Cristóvão Bandet H.	PO	4-9	40	122	14,0	3,80	
Marjan Ira Torbelle	PO	10-11	40	108	16,0	3,83	
Portadora Majority C.A.B.	GBB	10-7	40	104	14,0	3,74	
C.A.B., Nata Lanol Murgas	PO	5-7	30	74	16,0	4,13	
C.A.B., Segura Chief	PO	2-6	30	75	18,0	3,18	

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Amor São José Tronco	PO		6-4	29	57	27,0	3,19
Amor São José Tronco	PO		3-1	29	36	20,0	3,43
Amor São José Tronco	PO		3-3	29	37	19,0	3,46
Amor São José Tronco	PO		7-9	19	12	29,0	3,15
Amor São José Tronco	PO		9-9	19	21	22,0	3,34

Amor São José Tronco, Est. de São Paulo, Controle em 9/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Amor São José Tronco	PO	11/12	7-4	99	269	12,0	2,39
Amor São José Tronco	PO	11/12	8-2	30	76	19,0	3,00
Amor São José Tronco	PO	11/12	8-8	80	214	13,0	2,99
Amor São José Tronco	PO	11/12	7-4	29	31	16,0	3,10
Amor São José Tronco	PO	11/12	8-8	110	276	14,0	3,60
Amor São José Tronco	PO	11/12	8-10	60	164	12,0	4,06
Amor São José Tronco	PO	11/12	4-0	79	205	16,0	2,65
Amor São José Tronco	PO	11/12	3-1	120	353	12,0	3,30
Amor São José Tronco	PO	11/12	4-2	39	63	23,0	3,30
Amor São José Tronco	PO	11/12	4-1	59	120	14,0	1,83
Amor São José Tronco	PO	11/12	4-4	11	3	18,0	3,50
Amor São José Tronco	PO	11/12	5-11	40	115	16,0	3,13
Amor São José Tronco	PO	11/12	4-0	49	109	13,0	3,03
Amor São José Tronco	PO	11/12	4-2	20	49	13,0	3,20
Amor São José Tronco	PO	11/12	2-1	10	17	14,0	3,48
Amor São José Tronco	PO	11/12	2-1	20	34	14,0	2,74
Amor São José Tronco	PO	11/12	2-1	20	37	12,0	2,87
Amor São José Tronco	PO	11/12	2-1	20	50	20,0	2,42
Amor São José Tronco	PO	11/12	7-8	99	261	20,0	3,04
Amor São José Tronco	PO	11/12	7-7	50	138	15,0	2,73
Amor São José Tronco	PO	11/12	7-4	89	223	14,0	3,67
Amor São José Tronco	PO	11/12	7-2	99	248	15,0	3,00
Amor São José Tronco	PO	11/12	7-6	39	76	26,0	2,80
Amor São José Tronco	PO	11/12	2-6	109	250	12,0	3,48
Amor São José Tronco	PO	11/12	2-7	49	103	16,0	3,34

Amor São José Tronco, Est. de São Paulo, Controle em 16/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Amor São José Tronco	PO	11/12	5-7	59	120	18,0	3,37
Amor São José Tronco	PO	11/12	7-1	89	248	21,0	3,61
Amor São José Tronco	PO	11/12	4-1	19	14	17,0	3,84
Amor São José Tronco	PO	11/12	5-2	59	140	21,0	3,42
Amor São José Tronco	PO	11/12	11-11	29	39	17,0	3,25
Amor São José Tronco	PO	11/12	5-2	19	12	17,0	2,92
Amor São José Tronco	PO	11/12	5-7	59	126	16,0	2,89
Amor São José Tronco	PO	11/12	9-5	29	63	19,0	2,80

Amor São José Tronco, Est. de São Paulo, Controle em 16/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Amor São José Tronco	PO	11/12	2-9	109	289	18,0	3,60
Amor São José Tronco	PO	11/12	6-6	89	251	22,0	4,15
Amor São José Tronco	PO	11/12	9-2	89	250	23,0	3,68
Amor São José Tronco	PO	11/12	9-1	89	252	17,0	4,40
Amor São José Tronco	PO	11/12	6-8	69	165	13,0	3,10
Amor São José Tronco	PO	11/12	3-7	69	153	30,0	3,92
Amor São José Tronco	PO	11/12	2-9	59	138	23,0	3,13
Amor São José Tronco	PO	11/12	4-11	69	96	29,0	2,73
Amor São José Tronco	PO	11/12	3-4	69	123	26,0	3,73
Amor São José Tronco	PO	11/12	2-4	69	121	21,0	3,62
Amor São José Tronco	PO	11/12	2-3	69	116	23,0	3,43
Amor São José Tronco	PO	11/12	4-0	39	79	27,0	3,59
Amor São José Tronco	PO	11/12	6-7	39	72	35,0	3,37
Amor São José Tronco	PO	11/12	4-11	39	60	27,0	3,86
Amor São José Tronco	PO	11/12	2-1	29	25	22,0	4,07
Amor São José Tronco	PO	11/12	4-10	10	20	29,0	3,74
Amor São José Tronco	PO	11/12	3-6	10	6	24,0	3,54
Amor São José Tronco	PO	11/12	3-7	19	29	24,0	4,29

Amor São José Tronco, Est. de São Paulo, Controle em 15/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Amor São José Tronco	PO	11/12	2-3	89	270	29,0	2,77
Amor São José Tronco	PO	11/12	8-6	89	281	34,0	2,61
Amor São José Tronco	PO	11/12	5-7	89	280	28,0	2,79
Amor São José Tronco	PO	11/12	2-2	40	103	32,0	2,83
Amor São José Tronco	PO	11/12	7-3	120	365	20,0	3,24
Amor São José Tronco	PO	11/12	4-10	120	365	22,0	3,23
Amor São José Tronco	PO	11/12	2-2	40	113	29,0	2,94
Amor São José Tronco	PO	11/12	5-5	29	68	23,0	2,78
Amor São José Tronco	PO	11/12	4-7	59	157	12,0	2,76
Amor São José Tronco	PO	11/12	2-3	59	147	29,0	3,16
Amor São José Tronco	PO	11/12	5-3	49	107	30,0	2,78
Amor São José Tronco	PO	11/12	3-0	49	95	30,0	2,85
Amor São José Tronco	PO	11/12	3-6	39	79	38,0	3,05
Amor São José Tronco	PO	11/12	5-9	69	188	33,0	2,64
Amor São José Tronco	PO	11/12	2-9	120	365	17,0	2,73
Amor São José Tronco	PO	11/12	1-1	89	265	20,0	3,07
Amor São José Tronco	PO	11/12	7-0	60	170	36,0	2,74
Amor São José Tronco	PO	11/12	3-3	70	112	32,0	2,88
Amor São José Tronco	PO	11/12	6-2	40	125	36,0	2,87
Amor São José Tronco	PO	11/12	10-1	69	187	25,0	2,61
Amor São José Tronco	PO	11/12	3-1	80	263	26,0	3,57
Amor São José Tronco	PO	11/12	4-7	90	206	36,0	3,06
Amor São José Tronco	PO	11/12	2-6	79	208	22,0	2,78

Amor São José Tronco, Est. de São Paulo, Controle em 15/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Amor São José Tronco	PO	11/12	5-7	29	52	12,0	3,01
Amor São José Tronco	PO	11/12	5-4	49	108	17,0	2,82
Amor São José Tronco	PO	11/12	7-1	69	157	16,0	3,42
Amor São José Tronco	PO	11/12	3-5	59	145	14,0	3,24

Amor São José Tronco, Est. de São Paulo, Controle em 17/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Amor São José Tronco	PO	11/12	4-3	99	303	13,0	3,77
Amor São José Tronco	PO	11/12	-	89	236	23,0	3,41

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Overa 477 Marisa Diplomata	NR		-	20	58	21,0	2,90
Overa 477 Marisa Diplomata	PO		4-5	79	188	13,0	3,53
Overa 477 Marisa Diplomata	PO		3-3	39	72	13,0	3,55
Overa 477 Marisa Diplomata	PO		7-4	49	128	24,0	2,73
Overa 477 Marisa Diplomata	NR		-	39	70	16,0	3,11
Overa 477 Marisa Diplomata	PO		3-8	39	107	13,0	3,17
Overa 477 Marisa Diplomata	PO		3-10	19	24	14,0	2,60
Overa 477 Marisa Diplomata	NR		-	19	22	22,0	2,84

Cia. Baptista Scarpa Ind. Comércio, Itararuna, Est. de Minas Gerais, Controle em 18/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Jardim Sonia	PO	11/12	8-9	19	18	18,0	3,12
Jardim Sonia	PO	11/12	10-10	29	37	30,0	3,74
Jardim Sonia	PO	11/12	9-4	39	93	25,0	3,36
Jardim Sonia	PO	11/12	8-6	29	62	21,0	3,24
Jardim Sonia	PO	11/12	8-9	39	92	18,0	3,94
Jardim Sonia	PO	11/12	5-10	49	111	23,0	3,38
Jardim Sonia	PO	11/12	5-10	59	123	23,0	3,43
Jardim Sonia	PO	11/12	5-6	69	152	22,0	3,54

Guatava Prudente de Moraes Almeida, Marília, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Guatava Prudente de Moraes Almeida	PO	11/12	14-10	89	305	15,0	4,07
Guatava Prudente de Moraes Almeida	PO	11/12	-	59	161	15,0	3,62
Guatava Prudente de Moraes Almeida	PO	11/12	8-8	59	143	21,0	3,71
Guatava Prudente de Moraes Almeida	PO	11/12	2-4	29	58	23,0	3,87
Guatava Prudente de Moraes Almeida	PO	11/12	3-6	29	46	28,0	3,34
Guatava Prudente de Moraes Almeida	PO	11/12	5-11	19	31	24,0	3,07
Guatava Prudente de Moraes Almeida	PO	11/12	6-9	19	23	26,0	3,52

Dr. Rêno Pereira Telles, Guarã, Est. de São Paulo, Controle em 21/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

S.A. 082 Celeridade Fabet	PO	11/12	6-6	59	146	17,0	3,17
S.A. 082 Celeridade Fabet	PO	11/12	7-0	10	28	16,0	3,02
S.A. 082 Celeridade Fabet	PO	11/12	4-3	10	24	16,0	3,19
S.A. 082 Celeridade Fabet	PO	11/12	3-9	19	29	17,0	3,01
S.A. 082 Celeridade Fabet	PO	11/12	4-5	20	51	16,0	3,34

Dr. Manoel Pontes Neto, Ituverava, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Glanefon Unipax Ruby	PO	11/12	7-0	69	156	15,0	3,71
Glanefon Unipax Ruby	PO	11/12	-	29	63	15,0	3,53
Glanefon Unipax Ruby	PO	11/12	2-5	10	11	25,0	3,00
Glanefon Unipax Ruby	PO	11/12	3-9	49	113	22,0	3,23
Glanefon Unipax Ruby	PO	11/12	4-2	49	121	24,0	2,71
Glanefon Unipax Ruby	PO	11/12	5-1	49	128	21,0	3,29
Glanefon Unipax Ruby	PO	11/12	10-5	69	115	21,0	3,29
Glanefon Unipax Ruby	PO	11/12	8-6	59	221	20,0	3,80
Glanefon Unipax Ruby	PO	11/12	2-4	69	215	16,0	3,56
Glanefon Unipax Ruby	PO	11/12	3-10	20	29	28,0	3,61
Glanefon Unipax Ruby	PO	11/12	2-5	79	202	16,0	3,60
Glanefon Unipax Ruby	PO	11/12	4-7	69	210	19,0	3,58
Glanefon Unipax Ruby	PO	11/12	2-6	49	233	16,0	3,56
Glanefon Unipax Ruby	PO	11/12	3-8	69	128	15,0	3,13
Glanefon Unipax Ruby	PO	11/12	2-6	89	230	24,0	3,04
Glanefon Unipax Ruby	PO	11/12	2-11	49	111	17,0	3,78

Carlos Eduardo Correa Campos, Orizânia, Est. de São Paulo, Controle em 15/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Candida Pupi	PO	11/12	8-3	59	150	21,0	3,00
Candida Pupi	PO	11/12	5-11	19	10	22,0	3,03
Candida Pupi	PO	11/12	8-5	59	147	18,0	2,90
Candida Pupi	PO	11/12	5-6	29	52	27,0	3,02
Candida Pupi	PO	11/12	5-4	29	46	26,0	3,21
Candida Pupi	PO	11/12	5-10	59	157	17,0	3,80
Candida Pupi	PO	11/12	5-7	10	10	29,0	3,07
Candida Pupi	PO	11/12	5-9	99	108	19,0	3,10
Candida Pupi	PO	11/12	5-4	79	248	15,0	3,56
Candida Pupi	PO	11/12	2-1	69	171	21,0	3,21

Dr. Claudio Venâncio Roberto, Bragança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 4/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

C.R. Fabiola Laguarda Pioneer	PO	11/12	3-8	79	51	27,0	3,18
C.R. Fabiola Laguarda Pioneer	PO	11/12	6-3	79	49	32,0	3,18
C.R. Fabiola Laguarda Pioneer	PO	11/12	2-4	29	29	22,0	2,93
C.R. Fabiola Laguarda Pioneer	PO	11/12	5-2	29	36	22,0	3,33
C.R. Fabiola Laguarda Pioneer	PO	11/12	3-10	29	36	29,0	3,71
C.R. Fabiola Laguarda Pioneer	PO	11/12	7-9	29	38	29,0	3,71
C.R. Fabiola Laguarda Pioneer	PO	11/12	6-8	39	72</		

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos meses	Con- trole	Dias de Leite lactação	%
Colégio Pasteur 2/A, Praça Est. de São Paulo, Controle em 19/11/61. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
14 São Quirino	GBR	7-4	39	94	31,0	3,15
Amante São Pauline	PO	4-4	69	179	16,0	3,16
Acara Rockport	31/32	5-1	19	33	24,0	2,82
Louisa da Prata	QCI	9-2	19	19	33,0	2,61
Joia Rockport	31/32	6-9	19	31	30,0	2,84
Netie Rockport	31/32	6-9	39	82	13,0	2,73
Clecia Rockport	31/32	2-9	19	15	27,0	2,96
Santa Maria Quirino do P.C.A.	GBR	3-1	69	179	20,0	2,94
S. J. Infanta Pauline Noyes	PO	10-9	39	188	21,0	2,84
Henrietta Rockport	31/32	8-2	39	103	25,0	3,23
Donella Rockport	PCOU	2-1	59	146	17,0	2,93
S. J. Nettie Conaghan Pioneer	PO	2-11	69	177	19,0	2,81
Charles Western Alan How	PO	7-10	69	211	33,0	2,61
Carla Rockport	PCOU	2-2	59	142	17,0	3,14
S. J. Patricia Stamp Rock.	PO	8-9	69	241	20,0	2,95
San. Est. N. de Sta. Margareta	GBR	6-11	69	160	28,0	3,30
Red. Hermana do Quirino	QCI	6-7	49	101	19,0	2,88
S. J. Noyes Opelia Dethman	PO	4-1	49	105	26,0	2,71
S. J. Rita Quirynon Dethman	PO	4-4	59	134	20,0	3,14
Nettie Rockport	PCOU	2-6	59	139	21,0	2,92
Marguerite Renata Agallo Ponce	QCI	5-3	59	143	17,0	3,25
Guara. Brevetaria Noyes	PO	6-7	109	291	15,0	2,95
S. J. Inezine Noyes Salinas	PO	7-6	59	144	27,0	2,99
Luzia Noyes	31/32	6-7	39	77	22,0	3,17
Paula Ponce Noyes 148	PO	4-6	49	175	17,0	2,90
Carla Rockport	31/32	6-8	19	33	19,0	3,36
Inezine Rockport	PCOU	8-4	59	146	36,0	3,05
Glenn. Margaret Saline	PO	5-7	49	105	24,0	3,23
Edith Noyes Alan Pioneer	PO	2-11	69	171	18,0	3,18

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos meses	Con- trole	Dias de Leite lactação	%
Gustavo Prudente de Moraes Almeida Jr. Marília, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Novata Guga's	31/32	3-9	39	103	23,8	1,96
Estadística Guga's	31/32	7-6	30	67	32,8	2,13
Garça do Guga's	31/32	9-8	70	44	33,0	3,38
Casteloura do Guga's	31/32	6-9	10	25	27,8	1,63
Recebelis Alcant. - Raven 0467	3-021	4-1	19	25	25,0	1,28
Jantje 41 do Guga's	21/32	7-7	80	299	24,5	3,48
Garça do Guga's	31/32	9-8	70	202	20,0	1,90
Honória do Guga's	31/32	2-2	80	228	21,0	3,85
Genova Cit. do Calô	003	4-11	50	147	25,0	0,56
Corca Cit. Lucifer do S. Bart.	004	5-4	50	147	25,0	3,48
Murcia do Guga's	31/32	7-2	50	148	26,0	3,80
Carolina do Guga's	31/32	3-5	50	144	14,0	3,76
Gery do Guga's	31/32	3-5	50	144	20,0	2,83
Mile do Pua D'Aibo	004	6-8	50	128	31,0	3,81
Pofoca Rainal do Calô	008	6-2	49	126	27,0	4,00
Ótia Flame Itália P.d'A.	008	4-9	49	119	32,0	4,68
Emeralda Calô	003	6-8	49	118	28,0	3,34

Geraldo Jurema de Andrade, S. José do Rio Preto, Est. de São Paulo, Contas em 11/11/81, Regime de ponto com salário suplementar, 2 ordens.						
Holanda Horizonte Pukis	31/32	6-2	29	37	21,0	1,11
Bélgica C. J.	31/32	7-11	19	4	12,0	2,97
Tramela G. J.	31/32	7-9	59	258	15,0	1,78
Parabica da Barra	31/32	8-8	80	221	17,0	1,21
Baruta G. J.	31/32	7-3	69	155	16,0	1,38
Hol. Silverland Gorda 15	OC1	6-2	60	174	19,0	1,29
Fazenda G. J.	31/32	5-4	59	155	20,0	1,50
Jamaica G. J.	31/32	3-5	59	164	16,0	1,72
Jardimista G. J.	31/32	3-5	59	147	17,0	1,62
Sling Fama 5	PO		49	137	20,0	1,29
Vilaver II G. J.	31/32	6-8	49	108	22,0	1,41
Africana G. J.	31/32		89	106	29,0	1,06
Luzeta de Fátima	OC1	4-3	49	87	16,0	1,76
Gelada C.S.B.	31/32	10-4	39	80	16,0	1,53
Santa Poliana da Barra	OC1	10-0	29	41	19,0	1,44

Agriadas S/A. Reg. Agric. e Florestal. Escalvado, Dist. de São Paulo, Contorno em 11/11/81. Regime de pastejo com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Aguias Agriadas	CC4	4-8	49	114	22,0	4,22
Esococos Agriadas	CC1	3-6	10	18	23,0	1,23
Elovidas Agriadas	CC3	3-9	19	16	22,0	1,98
Elovidas Agriadas	CC3	3-8	10	27	28,0	1,63
Elonides Agriadas	CC2	1-9	29	22	27,0	2,09
Elonides Agriadas	CC2	3-9	10	9	23,0	3,15
Elonides Agriadas	CC2	3-5	29	40	23,0	4,08
Elonides Agriadas	CC3	3-5	59	162	24,0	2,43
Elonides Agriadas	CC3	8-7	89	274	25,0	3,38
Elonides Agriadas	CC2	6-10	49	113	22,0	2,43

Quilômetro 18, Salto, Est. de São Paulo, Controle em 18/11/81, Regime de jacto com ração suplementar, 3 e 2 crias.

G.F.V. Linda Prince Bookend	PO	3-1	19	29	22.0	2.72
G.F.V. Thalia Hunter Bookend	PO	2-10	79	205	21.0	2.84
Dandale Farm Hagen Friendly	PO	12-0	39	71	25.0	2.90
Mitchell Acres IV, Butchman	PO	2-4	59	137	17.0	3.98
S.T.M. Alba Hagen Personae	PO	9-1	129	362	17.0	2.60
S.T.M. Beatriz Dee Ann Hyl.	PO	9-0	109	305	18.0	2.43
S.M.T. Ravana Bookend	PO	3-10	89	99	19.0	2.62
S.M.T. Celia Corcoran Maple	PO	8-1	80	229	13.0	3.34
S.M.T. Casey Maple	PO	7-9	119	332	14.0	2.80
S.M.T. Cantalia Zip Prince	PO	-	109	297	16.0	2.71
G.F.V. Destila Citation N.	PO	7-0	109	283	23.0	2.62
G.F.V. Dettie Sparacogate Jojo	PO	6-0	99	157	23.0	2.67
G.F.V. Deshauna Investment Prince	PO	7-0	79	70	25.0	3.13
G.F.V. Rimilise IV, Monitor	PO	8-4	69	172	20.0	2.87
G.F.V. Blith Fridoline Decpet.	PO	6-2	99	263	16.0	3.01
G.F.V. Ben Jaway Deception	PO	7-0	99	289	20.0	3.21
G.F.V. Elliot Ideal Bookend	PO	6-1	109	285	16.0	3.63
G.F.V. Sharon Rose Bookend	PO	6-6	49	28	27.0	3.88
G.F.V. Eliane Fatsy Bookend	PO	-	109	293	20.0	2.82
G.F.V. Ellen N. Maple	PO	6-1	50	134	22.0	3.00
G.F.V. Elidia Tidy Deception	PO	5-6	99	281	17.0	3.25
G.F.V. Ekwelada Augur Comp.	PO	8-2	29	58	24.0	2.00
G.F.V. Rebekka Prince Cont.	PO	5-7	39	91	24.0	4.08
G.F.V. Finna Hunter Maple	PO	5-2	30	82	21.0	3.02
G.F.V. Francis Royal Versus	PO	4-11	59	150	19.0	3.13
G.F.V. Flannia Senator Prince	PO	-	59	148	16.0	4.63
G.F.V. Famosa Pride Maple	PO	5-0	39	96	25.0	2.91
G.F.V. Florida Piste Prince	PO	4-8	79	204	19.0	3.77
G.F.V. Filinea Desiree Curiosity	PO	5-0	50	125	23.0	2.77
G.F.V. Gena Royal Bookend	PO	4-2	79	199	20.0	2.45
Galante Royal Bookend	PO	4-0	59	138	22.0	2.53
G.F.V. Gena Royal Bookend	PO	3-10	79	193	13.0	2.98

Sta. Maria Agro. P. Industrial S/A, Sta. Antonio da Posse, Est. de São Paulo, com trecho de 30/10/01. Hospede de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Ouro de Sta. Antonio	PC00	10-2	119	332	13,0	4,41
Faleia de Sta. Olívia	PC00	6-7	25	37	19,0	3,63
Amama de Sta. Olívia	PC02	5-1	19	35	22,0	3,37
Marieta de Sta. Olívia	PC00	9-8	19	25	21,0	2,97
Clarinéia de Sta. Olívia	PC00	8-1	90	257	14,0	3,20
Capelêta de Sta. Olívia	31/32	10-0	06	243	13,0	3,77
Japunga de Sta. Olívia	PR	7-1	80	137	11,0	3,43
Carlota de Sta. Olívia	PC00	9-9	89	233	15,0	3,53
Amalega Sta. Olívia	PC00	9-6	79	302	16,0	3,38
Clube de Sta. Olívia	PC00	7-3	79	291	15,0	3,46
Silvênia de Sta. Olívia	PC00	5-9	89	301	14,0	4,01
Cometa III	PC00	12-9	79	321	14,0	3,68
Estrela de Sta. Olívia	PC00	4-0	60	185	16,0	3,25
Amélia de Sta. Olívia	31/32	6-0	60	179	21,0	3,62
Onze de Sta. Olívia	PC00	12-1	60	168	13,0	3,55
Onze I	PC00	8-4	60	168	13,0	3,80
Capacena de Sta. Olívia	PC00	5-11	69	167	15,0	3,00
Sta. Olívia Marcha Solânea	PR	9-10	99	153	15,0	3,42

Tabela de Valores de Cotação de Câmbio em São Paulo, Controle em 25/12/81, segundo o posto em que se encontra o combustível					25/12/81
Willis Backing	80	-	50	150	2,71
Willis Lado Direita B. 136	80	7-4	40	96	2,07
Willis Cota. Sinaliza. Chassis	80	-	79	200	15,0
Control Willis Chassis	80	-	50	134	28,0
Intercom. Marcha B. Nova	POCC	8-0	80	223	17,0
Control. Motor B. Ford Range	80	8-4	50	145	19,0
Willis's Wells Cit. B. Hall	80	4-5	90	270	13,0
Control. Chassis Segue	80	10-5	20	47	19,0
Control. A. Jaws. Instrument	80	7-10	80	245	19,0
Control. Sinaliza. Chassis	80	-	80	117	20-2
Control. Maly. Intercom. B.	80	4-6	80	247	13,0
Control. Motor B. Foundation	80	-	50	137	19,0
Control. Freio Internacional	80	4-11	70	202	14,0

[illegible]

Anexo C - Cálculo de Saldo Líquido - 2.º Ano - São Paulo, Controlado em 12/11/81, depois de pagar as ações integralizadas, 2 milhões.						
JOSÉ ALMEIDA	20	3-4	49	112	27,0	3,44
SEIZIA HENRI PERRY	20	4-8	49	154	19,0	3,52
VALMIR LUCH PLEY	20	4-2	49	146	21,0	3,22
BRASIL TELEVISÃO INTERNACIONAL	20	4-10	49	139	21,0	3,78
HENRY HENRI CHIFFOLEAU	20	4-1	49	125	27,0	3,28
FRANÇOIS JAMES MICHON DUT	20	4-2	49	139	27,0	3,63
C. N. 150 FARMACIA SUG. BASTIENNE	20	3-5	49	125	18,40	3,40
OLIVIER BASTIENNE DUT	20	-	10	10	14,0	4,13
SEIZIA ALBERT DUT	20	5-0	10	13	21,0	3,18

Relatório Periódico Estatístico - Contas, Set. de São Paulo, Controlado em 17/11/81.						
Resumo do grupo das contas de equipamento, 2 contadores.						
Ata Paulo de Salgado Gomes Jr.	PD	5-2	20	35	21,0	3,22
Demétrio de Aze	DE	11-0	20	48	19,0	1,50
Sociedade	SO			10	17,0	1,0
Demétrio Gomes de Aze	DE	5-6	20	34	20,0	2,04

Tabela Tabela das Notas do Rio Parana, São Paulo, Contorno em 13/11/81, segundo as partes com as seguintes legendas: 2 colunas.						
Corrente e Subst. H.	0022	6-3	42	122	20,5	3,55
Terreiros e Areias (Sed.)	00	3-10	39	72	21,8	2,78
S.R. e Subst. de Fundo	00	2-11	29	61	21,2	2,70
Substâncias de Fundo	00	2-11	18	37	16,8	1,98
Subst. H.	0022	3-3	18	36	16,0	3,01
Substâncias H.	0022	2-7	19	35	17,0	2,00
Substâncias H.	0022	3-0	90	270	12,0	1,12
Substâncias H.	0022	3-3	79	237	19,0	4,18
Substâncias de Fundo	0022	4-8	36	108	23,0	3,27
Subst. H. e Subst. H.	00	2-9	30	127	17,0	3,94
S.R. e Subst. de Fundo	0022	6-18	40	98	22,0	3,63
Subst. H.	00	4-11	40	103	22,0	4,22

de l'Académie de l'Égypte. Publié par l'Institut Égyptien de Recherches Scientifiques, 1961. 100 pages. 100 francs.						
Données à l'Université de Miami	TUCO	6-1	90	257	13,0	8,95
Miami U. C.		6-2	40	120	15,8	3,40
Miami U. S.		(6-3)	70	78	17,0	2,93
(6-4)		2-5	10	7	14,0	1,12

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Apollon Futura de S.Olivia	PO	11-3	50	151	14,0	3,67	Kingsley Elev. Angel Twin	PO	2-7	70	225	14,0	2,90
Madeline R. Maple Redline	PO	9-5	50	151	19,0	3,43	Hertzel Chief Oakie Jayne	PO	2-7	50	145	16,0	1,38
Amelia Futura Sta. Olivia	PO	10-11	50	146	16,0	3,40	Th-Mar Lista Silver	PO	3-7	90	266	17,0	2,39
Amelia de Sta. Olivia	11/32	0-0	50	146	16,0	3,41	Rock Niedrig G.A.C. Cherry	PO	3-3	90	280	17,0	3,26
Amelia de Sta. Olivia	11/32	9-4	50	146	18,0	3,20	Marla Elev. Glitter	PO	2-10	40	116	16,0	3,30
Amelia de Sta. Olivia	2-11	50	141	18,0	3,52	Marla Astronaut Arlene	PO	2-4	40	115	16,0	2,38	
Amelia de Sta. Olivia	121	50	135	19,0	3,30	Kingsley Nerves Blacky	PO	2-5	70	225	18,0	2,74	
Amelia de Sta. Olivia	PO	0-3	42	129	17,0	3,66	Marla Astro Camie	PO	2-5	40	132	21,0	2,97
Amelia de Sta. Olivia	PO	5-9	40	125	14,0	4,07	Ajay Astronaut Lance Charlie	PO	3-7	60	189	18,0	3,44
Amelia de Sta. Olivia	11/32	3-0	40	127	19,0	4,15							
Amelia de Sta. Olivia	PO	0-2	40	126	17,0	3,12							
Amelia de Sta. Olivia	PO	0-5	40	115	16,0	4,04							
Amelia de Sta. Olivia	PO	4-2	40	102	16,0	3,75							
Amelia de Sta. Olivia	OC1	3-3	40	102	22,0	3,14							
Amelia de Sta. Olivia	PO	3-7	30	96	15,0	3,56							
Amelia de Sta. Olivia	11/32	2-10	30	95	19,0	3,73							
Amelia de Sta. Olivia	OC1	3-4	30	91	20,0	3,39							
Amelia de Sta. Olivia	PO	8-10	30	89	19,0	3,24							
Amelia de Sta. Olivia	PO	0-6	30	87	21,0	3,28							
Amelia de Sta. Olivia	11/32	3-0	30	87	19,0	3,34							
Amelia de Sta. Olivia	PO	10-6	20	85	21,0	3,41							
Amelia de Sta. Olivia	OC1	3-1	20	81	20,0	3,60							
Amelia de Sta. Olivia	OC1	3-2	20	75	18,0	3,17							
Amelia de Sta. Olivia	PO	3-2	20	45	10,7	3,10							
Amelia de Sta. Olivia	OC1	3-0	20	39	13,0	3,81							
Wesley Colombini Arzua, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							José Mario Junqueira Netto, Orilândia, Est. de São Paulo, Controle em 21/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Amelia de Sta. Olivia	PO	5-4	50	185	19,0	3,91	S.M. Jussarte Simon Dutch, I	PO	4-4	10	12	29,0	2,59
Amelia de Sta. Olivia	11/32	12-1	50	178	15,0	3,73	S.M. Rita Fury Elevation II	PO	7-2	20	48	20,0	2,91
Amelia de Sta. Olivia	PO	4-4	50	143	17,0	3,35	S.M. Yara Futuro Century	PO	4-7	30	306	22,0	2,85
Amelia de Sta. Olivia	OC1	3-0	40	125	18,0	3,57	Nelyo's Daniela Imperor	PO	5-9	30	92	20,0	3,26
Amelia de Sta. Olivia	PO	3-2	30	72	18,0	3,32	S.M. Abby Boot, Elevation	PO	6-4	30	84	14,0	2,13
Amelia de Sta. Olivia	PO	5-4	30	70	20,0	3,32	Nelyo's Lola Durable	PO	3-9	30	79	16,0	2,41
Amelia de Sta. Olivia	PO	4-4	20	50	17,0	3,52	S.M. Alice Boot, Standout II	PO	2-9	50	137	16,0	2,22
							S.M. Sinking Springs I Star Rocket	PO	10-2	60	125	18,0	2,90
							S.M. Carol Monitor Astro	PO	3-0	40	125	18,0	3,11
							S.M. Scarlet Conductor I	PO	2-2	40	121	23,0	3,03
							S.M. Skizone Brigadier	PO	2-5	40	121	16,0	3,14
							S.M. Duchess Elev. Astronaut	PO	4-1	40	117	14,0	2,73
							S.M. Carol Futurylev. Paceset	PO	2-6	40	116	19,0	3,48
							S.M. Baldy Star Ideal	PO	4-9	40	97	20,0	2,54
							S.M. Farga Haven	PO	2-5	50	157	19,0	2,80
							S.M. Harenet Complete Voyaguer	PO	4-0	50	151	23,0	3,24
							S.M. Beulah Rooted Haven	PO	2-5	50	151	22,0	2,57
							S.M. Kettie Chastanoot Haven	PO	5-2	50	147	18,0	3,09
							S.M. Carol Forty Performer	PO	2-1	50	147	14,0	2,73
							S.M. India Boot, Hild	PO	2-6	50	147	23,0	4,13
							S.M. Odegnada Boot, Monitor	PO	4-10	50	147	20,0	2,99
							S.M. Gal Hagen Rootmaker	PO	5-11	50	145	25,0	3,05
							Nelyo's Hettie Rodman	PO	2-6	50	145	22,0	3,05
							S.M. Duchess Maricap Boot	PO	5-3	60	188	13,0	3,26
							S.M. Sinking Springs I Star Rocket	PO	10-2	60	184	21,0	2,79
							S.M. Ballarina Astro Standout	PO	2-7	60	177	17,0	3,23
							S.M. Duchess Elev. Boot	PO	4-0	60	165	18,0	3,06
							S.M. Farga Maple Elev. Astro	PO	3-1	90	258	18,0	3,03
							S.M. Myra Fury Rootmaker	PO	8-8	100	293	15,0	2,83
							S.M. India Boot, Chief	PO	4-5	100	284	15,0	2,48
							Gal Hagen Rootmaker II	PO	3-1	100	301	15,0	2,59
							J.P.R. Hestia	PO	6-4	132	374	16,0	3,48
							Kingsley I Star Baldy	PO	6-2	130	372	15,0	3,45
							S.M. Duchess Halcourt Elev. 74	PO	3-2	130	374	14,0	3,00
							S.M. Rita Futurylev. Christmas	PO	2-5	130	374	15,0	3,14
							S.M. Rita Futurylev. Haven	PO	3-3	60	159	16,0	3,02
							S.M. Jussarte Boot, Voyaguer	PO	4-4	60	157	26,0	2,61
							S.M. Nival Boot, 4 Major	PO	2-9	70	209	18,0	3,90
							S.M. Rita Futurylev. Spring	PO	10-2	70	198	24,0	3,40
							S.M. Sinking Springs I Star Rocket	PO	4-1	70	197	26,0	3,68
							Nelyo's Miss Foundation	PO	-	80	222	18,0	2,76
							Nelyo's Lady Cont. Medalist	PO	7-0	80	239	17,0	3,23
							S.M. Nettie Conductor, Ast.	PO	3-1	80	238	24,0	2,79
							Nelyo's Marya Bailen	PO	2-4	80	244	14,0	2,99
							S.M. India Futurylev. Rootmaker	PO	6-9	90	259	16,0	3,02
							S.M. Barbara Chastanoot Astron.	PO	6-0	100	290	23,0	3,08
							S.M. Carol Supreme Elev. 74	PO	3-6	90	261	15,0	3,46
Dr. José Ben Hur de Escobar Ferraz Jr., Sta. Rita do P. Castro, Est. de São Paulo, Controle em 4/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							Dr. Francisco Darci Nairreis Junqueira, Miracuri, Est. de Minas Gerais, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						
							K. Hare Explainer Melody	PO	2-11	60	189	16,0	3,00
							Fluência Olga Admirai	PO	3-1	60	184	17,0	3,30
							C.J. de Lorena Jang, Achilles	PO	4-0	60	167	20,0	3,11
							Allegria do Fazendão	11/32	2-0	50	135	14,0	3,38
							Dendê Leda Rootmaker	PO	2-4	20	50	17,0	3,14
							Herdão Nelyo Opulência	PO	2-5	50	125	15,0	3,54
							Nelyo Garve Corrie Lite	PO	3-5	20	46	17,0	3,06
Dr. Francisco Darci Nairreis Junqueira, Miracuri, Est. de Minas Gerais, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.							Margarida Polak Lara, Santa Gertrudes, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
							Fuadina Percy	PO	6-3	30	157	16,0	4,02
							Fuadina Linda Fide	PO	6-4	20	45	25,0	3,59
Roberto Calmon de Barros Barreto, Desonolado, Est. de São Paulo, Controle em 10/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							Glicia Rootmaker Nelya						
							Glicia Rootmaker Nelya	OC1	4-2	40	129	21,0	3,34
							Glicia Rootmaker Nelya	OC1	3-11	50	179	24,0	3,68
							Glicia Rootmaker Nelya	OC1	4-2	30	91	21,0	3,00
							Glicia Rootmaker Nelya	OC1	4-1	10	18	29,0	3,97

NOME DO ANIMAL	Gravidez sangue	Idade anos meses	Controle	Dias de lactação	%
Gefelma Arberia Beatto	OC1	3-9	20	44	15,0
Galina Desemalada	21/32	3-1	40	292	13,0
Beatto (doze Anos)	PO	3-1	10	34	23,0
Desemalada Novos Anos	PO	3-1	50	179	16,0
Histologia Arlinda Beatto	OC1	3-1	18,0	205	3,9
Desemalada Hilanda Anos	PO	2-11	50	200	20,0
Desemalada Hilanda Anos	PO	2-9	50	197	24,0
Hilanda Arlinda Beatto	OC1	2-8	20	169	27,0
Hilanda Beatto	PO	2-7	50	24	25,0
Desemalada Beatto	PO	7-10	10	63	26,0
Beatto Beatto Beatto	PO	6-3	20	22	22,0
Beatto Beatto Beatto	PO	6-10	49	139	15,0
Beatto Beatto Beatto	PO	6-10	49	281	13,0
Beatto Beatto Beatto	PO	6-10	49	216	13,0
Beatto Beatto Beatto	PO	6-10	49	117	14,0
Beatto Beatto Beatto	PO	7-11	120	169	25,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	109	23,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	124	25,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	180	22,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	127	20,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	272	18,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	148	19,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	120	16,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	72	18,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	14	16,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	79	21,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	108	21,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	51	23,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	11	32,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	147	21,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	241	14,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	49	20,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	160	24,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	100	19,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	28	23,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	217	18,0
Beatto Beatto Beatto	PO	9-1	50	261	20,0

Valores obtidos de Oliveira e Lima-Lavrinhas, Est. de São Paulo, controle em 14/11/91. Níveis de preço em reais e razão exploratória: 3 ordens.

Williams 154, Brandon	PO	5-7	86	215	21.0	2.76
Jane Valley Rochelle Dennis	PO	4-11	99	214	20.5	1.46
Belton Barbara Carl	PO	4-7	99	268	23.0	1.11
Lance William Jerry	PO	3-5	99	280	20.0	2.10
Joe Florence VII, Joe, Brock	PO	5-6	100	294	22.0	3.29
C.F. Joe Warren Emma Ledy	PO	4-8	98	140	22.0	2.62
Law Lin King Vicki	PO	5-11	42	135	21.0	4.87
William 49 Chester	PO	4-9	50	133	20.0	3.82
Pat Webster Samuel Kenneth	PO	3-1	49	133	21.0	1.18
Opella Lucy	PO	5-11	50	132	20.0	1.53
Sam Joe Annis King Elmer	PO	5-5	50	156	45.6	2.70
C.F. Maudie Chastain T. Fred	PO	4-8	50	148	20.0	1.22
Wesley J.L.	PO	4-6	60	165	20.0	3.45
Michael D-211 Webster Elaine	PO	4-5	70	118	22.0	2.16
Ruth 151 Penetration	PO	5-5	30	215	24.0	2.67
Wesley Dean, Robert Fred	PO	3-5	25	36	27.0	2.65
Abdul Mangosha Royal Ali	PO	3-1	27	89	22.0	2.96
Virginia Carmen Joe John	OCJ	3-0	30	91	20.0	2.90
Charles Jack Admiral Reed	PO	3-0	30	90	20.0	3.05
Wilfred Barbara	PO	4-7	30	61	20.0	2.70
Opella Herman	PO	4-5	30	73	14.0	2.78
Sam Joseph Barbara Florence	PO	4-8	30	44	22.0	4.02
Opella Lucy	PO	5-10	40	137	22.0	3.15
Opella Adella Admiral	PO	2-10	40	131	21.0	3.65
Jack Grice Thomas Scottburn	PO	3-11	40	123	27.0	3.27
Joe Victor V Antonovitch Ruth	PO	6-10	40	109	37.0	1.21
Jack George Bernadette Margie N.	PO	5-5	40	97	36.0	2.11
Nora 111 Catherine	PO	5-5	40	95	28.0	3.48
Opella Bernadette Triga Ann	PO	3-7	50	141	21.0	3.84
Opella Winella	PO	4-10	50	141	21.0	2.54
11 Wilkes Raymond Regis	PO	0-4	10	28	25.0	2.19
James 111 Keith Bernadette C.D.	PO	4-6	10	31	21.0	3.06
William 49 Geraldine	PO	3-11	10	18	34.0	2.18
William 49 Geraldine	PO	3-11	10	31	21.0	3.68
Low Lin Betty King Sam	PO	4-3	10	4	35.0	2.83
William 49 Sam	PO	4-4	10	5	45.2	2.27
John Benjamin Mrs. Frances	PO	2-1	20	88	26.0	2.70
Joe Gibson, Joseph James	PO	2-7	20	80	20.0	2.65
John Arthur Vernon Pearl	PO	2-7	20	88	21.0	2.79
Ruth Thelma Edna Anna	PO	2-5	20	84	21.0	3.14
Travis Ruth Lisa	PO	4-9	20	85	30.0	3.12
John Arthur Stanley Rachel	PO	2-9	20	54	27.0	2.97
John Alexander Benjamin Jr.	PO	2-9	20	54	27.0	2.97
John Charles Jr.	PO	2-9	20	51	30.0	2.70

Manilla Bay, April 2. Five birds, *Sitta Linnæi*, *Halcyon*, *Thalysidya*, *Centropus* and *Alcedo* seen on the island. The birds were seen on the island. 2 specimens.

Mexican Lala 20-40 Micaela Stone	90	5-8	29	91	13.6	1.54
----------------------------------	----	-----	----	----	------	------

1-2 kg, vendidos pelo Povo, Lda, em 8 Vieta, Estrada de São Paulo-Chernobyl em 11/11/91, mesmo dia desta vez com embalagem: 2 unidades.

Pat	Harris Hamilton	MO	12-4	40	106	24.0	2.62
Pat	Hedrick	MO	12-4	39	17.0	1.42	
Pat	Hampson Palkin	MO	12-3	39	147	16.5	1.43
Pat	Hartigan Palkin	MO	12-2	39	31	29.0	3.17
Pat	Hartman Cline	MO	12-1	40	234	26.0	4.13
Pat	Hawley Hering	MO	12-3	30	86	28.0	2.79
Pat	Hickman	MO	12-2	38	215	16.0	7.25
Pat	Hickins Palkin	MO	10-1	42	220	22.0	6.69
Pat	Hickman Palkin	MO	10-0	49	39	20.0	3.29
Pat	Hickman Palkin	MO	10-7	30	37	16.0	2.96
Pat	Hickman Palkin	MO	10-2	40	129	19.0	3.17
Pat	Hickman Palkin	MO	10-1	40	188	17.0	3.80
Pat	Hickman Palkin	MO	9-0	40	80	22.0	4.22
Pat	Hickman Palkin	MO	9-0	30	132	18.0	3.47
Pat	Hickman Palkin	MO	10-2	40	120	25.0	3.14
Pat	Hickman Palkin	MO	9-0	40	30	25.0	3.71
Pat	Hickman Palkin	MO	9-0	30	114	18.0	3.71
Pat	Hickman Palkin	MO	9-0	30	122	17.0	3.71
Pat	Hickman Palkin	MO	9-1	40	132	18.0	3.90

NOME DO ANIMAL		Grav de	Idade anos	Con- trole	Dias de Leite	%
		sangue	meses		lactação	
Par. Venturino Rondon	PO	8-1	28			2.31
Par. Vazquina Rondon	PO	8-1	29	60	23.0	2.31
Par. Aurora Rosaff Júnior	PO	7-7	29	41	15.0	2.84
Par. Márcia Rosaff Júnior	PO	7-4	30	42	15.0	3.18
Par. Alana Rosaff Júnior	PO	7-3	40	106	23.0	3.18
Par. Adria Rosaff Júnior	PO	7-3	40	188	11.0	3.43
Par. Anabela Rosaff Júnior	PO	7-0	30	208	17.0	3.68
Par. Anabela Fidalgo	PO	6-11	70	208	26.0	2.87
Par. Abadonia M. Júnior	PO	7-2	40	100	26.0	2.87
Par. Alvarada Rosaff Júnior	PO	7-2	30	79	22.0	3.18
Par. Andrea Rosaff Júnior	PO	6-11	30	191	15.0	2.77
Par. Abana Rosaff Júnior	PO	6-10	60	246	18.0	2.77
Par. Assisita Rosaff Júnior	PO	7-1	49	49	22.0	3.59
Par. Aneli Rosaff Júnior	PO	6-11	49	119	19.0	2.87
Par. Artibela Rosaff Júnior	PO	6-5	59	262	15.0	3.23
Par. Bararó Rosaff Júnior	PO	6-5	29	41	24.0	3.23
Par. Balança Boomerang	PO	6-1	89	219	21.0	3.51
Par. Banzela Fidalgo	PO	6-4	69	100	29.0	2.77
Zac. BAZANA Rondon	PO	6-5	39	69	3.04	
Zac. BAZANNA Rondon	PO	6-5	29	54	24.0	3.68
Zac. BAZINA Rondon	PO	6-0	69	165	19.0	2.89
Zac. Banzela Sac. Citation	PO	5-11	69	169	19.0	2.66
Zac. Banzela Sac. Citation	PO	6-1	49	112	18.0	2.82
Zac. Banzela Sac. Citation	PO	6-0	39	78	23.0	3.04
Zac. Banzela Sac. Citation	PO	5-10	39	22	20.0	2.85
Zac. Banzela Sac. Citation	PO	6-0	49	96	17.0	3.18
Zac. Banzela Sac. Citation	PO	6-7	49	105	16.0	3.72
Zac. Banzela Sac. Citation	PO	6-5	50	145	17.0	3.48
Zac. Banzela Sac. Citation	PO	6-8	29	65	33.0	2.88
Zac. Banzela Sac. Citation	PO	5-5	49	70	27.0	3.28
Zac. Banzela Sac. Citation	PO	5-5	49	112	24.0	3.08
Zac. Banzela Sac. Citation	PO	5-7	29	41	24.0	3.38
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	5-3	69	171	16.0	3.22
Zac. Banzela Fidalgo	PO	11-9	110	322	16.0	4.80
Zac. Banzela Fidalgo	PO	6-11	89	221	15.0	4.80
Zac. Banzela Rosaff Jr.	PO	6-11	89	241	15.0	5.32
Zac. Banzela Citation	PO	6-3	79	190	15.0	3.78
Zac. Banzela Fidalgo	PO	2-10	19	27	18.0	3.86
Zac. Banzela Fidalgo	PO	2-8	29	62	17.0	3.23
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	2-3	29	154	17.0	3.18
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	2-2	29	139	24.0	3.18
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	2-2	29	172	15.0	3.18
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	2-2	29	179	16.0	3.13
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	2-2	29	92	17.0	3.08
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	2-2	29	54	25.0	2.58
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	2-0	49	99	25.0	2.93
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	2-1	29	48	21.0	3.18
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	2-1	29	48	20.0	3.18
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	2-8	69	178	15.0	3.42
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	4-11	39	74	18.0	3.23
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	4-9	59	137	17.0	3.56
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	4-5	49	89	21.0	3.14
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	4-4	49	94	20.0	3.32
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	4-3	49	97	19.0	3.20
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	4-1	59	146	16.0	3.21
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	4-1	59	136	20.0	3.43
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	4-1	59	147	15.0	3.20
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	3-10	79	202	15.0	3.20
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	4-2	39	68	25.0	3.72
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	4-2	39	68	25.0	2.82
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	4-1	39	75	31.0	3.22
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	3-10	69	166	19.0	3.19
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	3-11	39	72	21.0	2.85
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	3-10	39	68	16.0	3.12
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	3-7	49	100	15.0	3.02
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	2-5	29	56	15.0	3.26
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	3-10	49	49	18.0	3.80
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	3-9	29	47	21.0	3.78
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	3-7	39	131	15.0	3.14
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	3-3	39	70	16.0	4.07
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	3-3	69	175	15.0	3.45
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	3-4	49	120	17.0	3.08
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	3-3	39	50	16.0	3.11
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	12-3	13	14	21.0	3.09
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	11-7	13	14	20.0	3.69
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	8-9	10	30	27.0	3.09
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	8-5	10	23	23.0	2.88
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	8-11	10	20	31.0	2.89
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	6-9	10	7	18.0	3.09
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	6-7	12	17	17.0	2.86
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	6-7	12	5	35.0	3.41
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	6-3	19	28	22.0	3.11
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	6-2	19	22	16.0	3.03
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	7-7	19	27	19.0	2.81
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	3-0	19	21	26.0	3.04
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	4-10	19	19	19.0	2.83
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	4-4	19	12	19.0	2.88
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	4-2	19	13	27.0	2.88
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	4-2	19	15	17.0	2.63
Zac. Banzela Rosaff Júnior	PO	2-6	19	2	19.0	3.08

Petrônio Alencar Figueira S/A, Pindamonhangaba, Est. de São Paulo, Contínua em 28/11/81. Número de pedido com pedido complementar: 2 pedidos.

Year	Species	Sex	Age	Length (mm)	Wing (mm)	Tail (mm)	Bill (mm)	Weight (g)	Sex	Age	Length (mm)	Wing (mm)	Tail (mm)	Bill (mm)	Weight (g)
1991	Blue-faced Booby	Male	2-10	109	300	19.0	2.90								
1991	Blue-faced Booby	Female	3-1	99	162	17.0	2.38								
1991	Blue-faced Booby	Female	3-1	94	154	16.0	2.18								
1991	Blue-faced Booby	Female	3-1	99	151	16.0	2.00								
1991	Blue-faced Booby	Female	2-11	99	211	20.0	3.77								
1991	Blue-faced Booby	Female	3-1	99	97	21.0	2.18								
1991	Blue-faced Booby	Female	2-3	109	36	20.0	2.90								
1991	Blue-faced Booby	Female	2-1	99	80	17.0	3.10								
1991	Blue-faced Booby	Female	2-1	99	210	17.0	2.18								
1991	Blue-faced Booby	Female	3-1	119	54	20.0	2.60								
1991	Blue-faced Booby	Female	2-10	20	91	19.0	2.66								
1991	Blue-faced Booby	Female	2-8	99	149	16.0	2.31								
1991	Blue-faced Booby	Female	2-11	119	54	22.0	4.68								
1991	Blue-faced Booby	Female	2-10	99	88	20.0	2.90								
1991	Blue-faced Booby	Female	2-7	99	173	17.0	2.90								
1991	Blue-faced Booby	Female	2-10	89	118	18.0	2.90								
1991	Blue-faced Booby	Female	2-8	86	227	22.0	3.18								
1991	Blue-faced Booby	Female	2-11	99	199	20.0	3.54								

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de dias	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de dias	Dias de lactação	Leite %		
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	3-9	79	239	16,0	3,30	Jang, Sam Tisa Prince	PO	4-11	80	234	19,0	2,94
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	3-10	50	169	18,0	2,89	Jang, Samirino II Garmosita	PO	5-0	30	115	27,0	2,53
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	3-10	50	151	22,0	2,00	Jang, Samirino Prince	PO	5-0	60	168	24,0	3,84
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	4-2	20	27,0	1,69		Jang, Samirino Prince Astronaut	PO	4-11	30	114	24,0	2,70
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	3-7	89	253	17,0	2,78	Jang, Samirino Prince Astronaut	PO	4-8	30	171	20,0	2,84
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	3-10	50	121	19,0	3,09	Jang, Samirino Prince Astronaut	PO	4-8	60	180	21,0	3,04
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	4-0	30	88	16,0	4,74	Jang, Samirino Prince Astronaut	PO	4-9	30	101	24,0	3,40
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	3-10	30	92	22,0	2,89	Jang, Samirino Prince Astronaut	PO	4-9	30	89	17,0	2,53
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	5-4	40	120	28,0	1,97	Jang, Samirino Prince Astronaut	PO	4-9	60	175	21,0	2,16
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	5-4	40	80	30,0	2,49	Jang, Samirino Prince Astronaut	PO	4-9	60	160	20,0	2,55
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	7-8	50	172	16,0	2,51	Jang, Samirino Prince Astronaut	PO	4-5	60	190	20,0	2,30
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	7-8	50	160	23,0	2,00	Jang, Samirino Prince Astronaut	PO	4-4	50	150	22,0	2,04
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	7-8	29	53	16,0	2,51	Jang, Samirino Prince Astronaut	PO	4-2	40	168	26,0	2,07
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	7-5	30	102	23,0	2,90	Jang, Samirino Prince Astronaut	PO	4-4	30	78	22,0	2,25
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	7-4	20	63	29,0	2,86	Jang, Samirino Prince Astronaut	PO	3-11	50	152	21,0	2,82
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	7-4	30	81	23,0	2,49	Jang, Samirino Prince Astronaut	PO	3-4	40	122	16,0	2,20
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	7-2	39	100	28,0	1,84	Jang, Samirino Prince Astronaut	PO	3-7	19	34	17,0	1,62
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	6-10	89	239	23,0	2,30	Jang, Samirino Prince Astronaut	PO	2-6	30	71	17,0	1,76
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	6-6	109	313	17,0	2,53							
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	6-10	50	175	17,0	1,78							
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	11-9	19	26	21,0	2,40							
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	9-2	80	256	16,0	2,53							
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	7-9	89	237	23,0	3,41							
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	3-7	89	232	22,0	2,86							
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	7-4	50	163	22,0	3,30							
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	7-3	50	173	22,0	2,78							
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	7-1	50	153	17,0	3,58							
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	6-10	89	250	17,0	2,54							
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	7-1	10	22	25,0	2,57							
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	6-7	50	136	22,0	2,67							
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	6-5	50	163	18,0	3,15							
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	5-10	90	268	17,0	3,16							
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	5-9	90	261	21,0	3,60							
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	5-10	60	192	19,0	2,49							
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	5-9	70	219	16,0	3,73							
Jang, Doolan Magilla Hagle	PO	6-0	49	106	25,0	2,78							

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos	Controle de lactação	Dias de Leite	%	
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	3-1	30	140	22,0	3,38
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	2-3	29	65	17,0	3,32
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	2-4	29	103	13,0	3,75
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	2-5	29	35	16,0	3,73
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	2-6	29	125	10,0	3,73
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	2-7	29	129	13,0	3,61
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	4-11	30	78	21,0	2,96
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	4-2	30	87	21,0	3,09
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	3-5	29	184	21,0	3,47
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	3-5	29	195	15,0	3,21
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	4-8	30	119	32,0	3,49
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	5-0	30	276	19,0	3,49
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	3-3	119	302	16,0	3,44
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	3-10	30	231	16,0	3,36
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	3-2	29	186	20,0	3,43
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	2-9	29	64	17,0	3,80
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	3-8	30	171	24,0	3,11
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	3-7	29	213	20,0	3,37
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	3-7	30	121	22,0	3,44
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	3-3	30	143	25,0	3,18
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	3-4	30	95	23,0	3,72
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	4-11	30	43	32,0	2,47
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	3-0	29	71	21,0	3,11
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	2-5	119	128	16,0	3,42
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	3-0	30	77	19,0	3,32
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	2-5	29	37	22,0	3,06
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	3-11	29	69	23,0	3,49
A.P. Rocha - Pol. B.	PO	1-2	29	84	22,0	3,04

Barral Agapito Pacheco Rocha, Capangas, Est. de São Paulo, Controle em 26/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Guilherme do Vale	POC	3-11	89	186	20,0	3,34
Guilherme do Vale	POC	4-8	99	214	20,0	3,53
Guilherme do Vale	POC	3-11	79	225	17,0	3,62
A.P. Rocha - Pol. B.	POC	3-2	30	112	26,0	3,86
Guilherme do Vale	POC	4-1	59	154	26,0	3,23
Guilherme do Vale	POC	4-2	30	98	17,0	2,33
Guilherme do Vale	POC	4-0	19	6	26,0	4,36

Barral Agapito Pacheco Rocha, Capangas, Est. de São Paulo, Controle em 25/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.						
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	3-10	29	195	15,0	3,73
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	3-1	30	149	19,0	4,30
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	3-1	30	148	17,0	3,88
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	3-9	40	130	25,0	4,82
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	3-3	29	42	31,0	3,65
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	12-1	10	3	13,0	3,95

João José e Sérgio da Silva, Capangas, Est. de São Paulo, Controle em 1/12/81, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.							
João José	PO	11-12	-	49	108	18,0	1,69
João José	PO	11-2	20	62	22,0	2,99	
João José	PO	7-2	49	112	22,0	1,54	
João José	PO	7-2	20	92	19,0	1,97	
João José	PO	4-11	30	38	22,0	3,78	
João José	PO	6-4	79	188	19,0	3,52	
João José	PO	3-10	29	91	19,0	3,51	
João José	PO	3-3	29	150	18,0	3,98	
João José	PO	4-3	30	128	19,0	3,05	
João José	PO	4-3	30	166	18,0	3,62	
João José	PO	3-5	19	29	19,0	4,07	
João José	PO	3-10	19	24	19,0	3,38	
João José	PO	3-7	19	28	18,0	3,04	

Antônio de Siqueira, Vila Nova Cachoeirinha, Est. de São Paulo, Controle em 26/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Renato de Siqueira	OC1	3-4	49	228	17,0	2,88

Nelson Clemente, Apia, Pindamonhangaba, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Renato de Siqueira	OC1	3-4	49	228	17,0	2,88

Dr. Ademar Ribeiro, Vila Nova Cachoeirinha, Est. de São Paulo, Controle em 25/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						
1 ordenha						
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	4-2	139	365	15,0	4,32
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	3-7	139	365	16,0	3,79
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	3-5	129	335	19,0	4,38
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	6-11	119	329	19,0	3,82
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	4-11	99	254	20,0	3,94
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	3-5	69	171	26,0	3,41
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	3-6	99	180	19,0	3,41
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	3-8	89	229	18,0	3,47
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	3-8	89	227	15,0	4,26
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	3-8	89	239	18,0	4,22
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	3-9	89	227	25,0	3,93
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	4-9	69	180	18,0	3,87
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	3-5	69	171	24,0	3,41
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	3-9	69	177	22,0	3,49
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	3-9	69	173	18,0	3,98
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	5-8	59	135	21,0	3,39
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	4-8	49	110	23,0	3,55
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	4-8	49	134	21,0	3,42
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	4-6	49	113	28,0	3,55
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	4-1	39	88	27,0	3,41
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	3-10	39	85	25,0	3,40
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	4-8	29	43	19,0	3,23
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	4-8	29	47	29,0	3,39
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	6-4	19	6	29,0	3,39
2 ordenhas						
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	2-2	49	138	17,0	3,30
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	2-4	39	79	19,0	3,37
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	3-9	69	179	25,0	3,41
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	2-2	39	68	18,0	3,30
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	4-1	29	63	18,0	3,30
Amélia Rocha - Pol. B.	PO	3-1	29	64	17,0	3,31

Antônio de Siqueira, Vila Nova Cachoeirinha, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Renato de Siqueira	PO	6-10	79	188	22,0	4,31
Renato de Siqueira	PO	8-4	89	228	18,0	3,41
Renato de Siqueira	PO	4-4	10	26	22,0	4,31
Renato de Siqueira	PO	10-6	19	1	20,0	4,31
Renato de Siqueira	PO	10-8	29	81	23,0	3,39

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
J.A. Santana Ruy, Nator	PO	9-4	39	84	22,0	3,77
J.A. Cunha	PO	5-2	40	101	18,0	4,06
J.A. Lacer	PO	4-4	40	92	18,0	4,45
J.A. Sallera	PO	4-1	50	135	18,0	3,96
Alvaro Azeiteira de Freitas, Itapira, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alvaro Azeiteira	POCO	5-10	40	158	23,0	5,04
Alvaro Azeiteira	PO	8-9	50	142	20,0	3,70
Alvaro Azeiteira	PO	-	49	116	20,0	2,82
Alvaro Azeiteira	PO	8-11	39	70	26,0	4,12
Alvaro Azeiteira	PO	8-5	39	64	26,0	3,96
Alvaro Azeiteira	POCO	7-5	39	68	27,0	2,99
Alvaro Azeiteira	PO	2-3	29	60	22,0	3,31
Alvaro Azeiteira	PO	5-4	30	168	18,0	2,90
Liliane Guimarães Alencar, Lins, Est. de São Paulo, Controle em 19/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Liliane Guimarães	PO	5-10	40	156	16,0	3,63
Liliane Guimarães	PO	3-11	99	300	13,0	4,15
Mário Pereira Sales, Casa Branca, Est. de São Paulo, Controle em 4/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Mário Pereira Sales	PO	8-9	19	30	19,0	3,47
Mário Pereira Sales	PO	6-9	19	28	18,0	3,79
Mário Pereira Sales	PO	6-1	19	15	16,0	2,83
Mário Pereira Sales	PO	6-0	19	11	18,0	3,23
Mário Pereira Sales	PO	8-0	119	204	14,0	3,78
Mário Pereira Sales	PO	4-11	109	284	14,0	3,40
Mário Pereira Sales	PO	3-7	109	279	15,0	3,57
Mário Pereira Sales	PO	6-7	99	261	15,0	3,43
Mário Pereira Sales	PO	7-8	99	245	13,0	3,71
Mário Pereira Sales	PO	10-8	99	155	16,0	3,21
Mário Pereira Sales	PO	8-6	99	245	15,0	3,68
Mário Pereira Sales	PO	3-8	89	229	16,0	3,78
Mário Pereira Sales	PO	6-7	89	219	13,0	3,85
Mário Pereira Sales	PO	6-6	89	213	13,0	3,75
Mário Pereira Sales	PO	3-1	89	224	14,0	3,67
Mário Pereira Sales	PO	3-0	79	229	14,0	3,81
Mário Pereira Sales	PO	4-0	79	209	14,0	3,88
Mário Pereira Sales	PO	4-6	79	207	14,0	3,98
Mário Pereira Sales	PO	6-8	79	192	16,0	3,60
Mário Pereira Sales	PO	7-8	79	195	14,0	3,68
Mário Pereira Sales	PO	5-2	79	194	16,0	3,43
Mário Pereira Sales	PO	3-8	79	166	14,0	3,95
Mário Pereira Sales	PO	5-2	69	162	21,0	3,62
Mário Pereira Sales	PO	12-0	69	166	20,0	3,38
Mário Pereira Sales	PO	4-1	69	162	13,0	3,92
Mário Pereira Sales	PO	4-1	69	158	16,0	3,98
Mário Pereira Sales	PO	9-11	59	154	19,0	3,43
Mário Pereira Sales	PO	-	59	153	18,0	3,73
Mário Pereira Sales	PO	9-10	59	153	22,0	3,71
Mário Pereira Sales	PO	6-3	59	148	15,0	3,97
Mário Pereira Sales	PO	8-8	59	146	19,0	3,59
Mário Pereira Sales	PO	5-3	59	143	18,0	3,97
Mário Pereira Sales	PO	4-3	59	126	15,0	3,90
Mário Pereira Sales	PO	9-7	59	136	18,0	3,72
Mário Pereira Sales	PO	3-1	59	146	14,0	4,07
Mário Pereira Sales	PO	4-4	59	131	17,0	3,56
Mário Pereira Sales	PO	4-4	59	132	17,0	3,74
Mário Pereira Sales	PO	8-9	49	127	18,0	3,47
Mário Pereira Sales	PO	5-11	49	117	22,0	3,26
Mário Pereira Sales	PO	8-1	49	99	20,0	3,62
Mário Pereira Sales	PO	4-9	49	116	16,0	3,71
Mário Pereira Sales	PO	11-0	49	95	18,0	3,56
Mário Pereira Sales	PO	6-11	39	54	17,0	3,75
Mário Pereira Sales	PO	11-1	29	33	14,0	3,49
Mário Pereira Sales	PO	5-1	29	52	20,0	3,27
Mário Pereira Sales	PO	9-11	19	34	27,0	3,07
Mário Pereira Sales	POCO	3-11	119	138	14,0	3,62
Mário Pereira Sales	POCO	7-6	119	303	13,0	3,06
Mário Pereira Sales	POCO	7-6	99	249	13,0	3,67
Mário Pereira Sales	PO	8-9	89	218	14,0	3,82
Mário Pereira Sales	POCO	9-0	109	194	15,0	3,99
Mário Pereira Sales	POCO	3-2	79	214	13,0	3,93
Mário Pereira Sales	POCO	3-5	69	170	15,0	3,67
Mário Pereira Sales	POCO	13-1	59	153	14,0	3,71
Mário Pereira Sales	POCO	5-0	59	149	16,0	3,62
Mário Pereira Sales	PO	4-3	59	140	18,0	3,39
Mário Pereira Sales	POCO	7-0	49	118	26,0	3,17
Mário Pereira Sales	POCO	6-10	39	82	20,0	3,42
Mário Pereira Sales	POCO	11-0	29	66	22,0	3,38
Mário Pereira Sales	POCO	5-0	29	65	13,0	3,87
Mário Pereira Sales	POCO	8-1	29	37	21,0	3,52
Mário Pereira Sales	POCO	9-2	29	30	20,0	3,43
Mário Pereira Sales	POCO	6-4	10	23	19,0	3,44
Mário Pereira Sales	POCO	4-10	10	9	17,0	3,75
Nestor de Freitas, Itapira, Est. de São Paulo, Controle em 4/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 3 e 2 ordenhas.						
Nestor de Freitas	PO	2-2	79	186	22,0	3,51
Nestor de Freitas	PO	3-4	69	93	30,0	3,67
Nestor de Freitas	PO	6-6	79	75	33,0	3,85
Nestor de Freitas	PO	6-2	79	48	27,0	3,48
Nestor de Freitas	PO	5-3	79	82	30,0	3,41
Nestor de Freitas	PO	3-1	29	39	26,0	4,00
Nestor de Freitas	PO	5-1	39	63	34,0	3,54
Nestor de Freitas	PO	2-2	19	20	26,0	3,21
Nestor de Freitas						
Nestor de Freitas	PO	2-3	49	118	14,0	4,22
Nestor de Freitas	PO	6-4	39	63	22,0	3,07
Nestor de Freitas	PO	8-0	29	238	14,0	2,70
Nestor de Freitas	PO	6-3	49	165	18,0	3,41
Nestor de Freitas	PO	2-7	79	188	16,0	3,31
Nestor de Freitas	PO	2-7	79	213	14,0	3,88
NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Pajuar Menais	PO	2-5	69	177	16,0	4,06
Pajuar Menais	PO	11-32	49	101	20,0	4,51
Pajuar Menais	PO	11-32	49	88	18,0	3,67
Pajuar Menais	PO	11-32	49	151	20,0	3,22
Pajuar Menais	PO	11-32	49	82	25,0	3,81
Pajuar Menais	POCO	5-1	79	195	16,0	3,88
Pajuar Menais	PO	11-32	49	84	23,0	3,88
Pajuar Menais	PO	11-32	49	85	23,0	4,29
Pajuar Menais	PO	11-32	49	101	22,0	3,88
Pajuar Menais	PO	8-10	79	186	16,0	3,59
Pajuar Menais	PO	1-11	109	287	15,0	3,59
Pajuar Menais	PO	6-2	49	104	20,0	3,22
Pajuar Menais	PO	3-3	49	105	18,0	4,00
Pajuar Menais	PO	6-5	29	44	18,0	3,67
Pajuar Menais	PO	11-32	49	145	17,0	2,83
Pajuar Menais	PO	11-32	49	59	28,0	4,39
Pajuar Menais	PO	6-3	29	28	27,0	3,66
Pajuar Menais	PO	11-32	49	93	21,0	3,72
Pajuar Menais	PO	6-3	49	94	17,0	3,71
Pajuar Menais	PO	11-32	49	58	24,0	3,40
Pajuar Menais	PO	6-11	29	72	18,0	3,92
Pajuar Menais	PO	5-11	49	162	19,0	3,26
Pajuar Menais	PO	11-32	49	175	20,0	3,40
Pajuar Menais	PO	6-1	49	97	23,0	3,16
Pajuar Menais	POCO	6-8	99	246	15,0	4,09
Pajuar Menais	PO	6-4	29	53	23,0	3,79
Pajuar Menais	PO	2-1	59	148	14,0	3,54
Pajuar Menais	PO	6-1	59	122	29,0	3,63
Pajuar Menais	PO	4-11	79	193	21,0	3,88
Pajuar Menais	PO	6-3	49	153	19,0	3,01
Pajuar Menais	PO	6-8	29	33	16,0	3,12
Pajuar Menais	PO	4-3	79	195	20,0	3,78
Pajuar Menais	PO	5-9	49	95	18,0	3,48
Pajuar Menais	PO	3-5	89	221	15,0	3,68
Pajuar Menais	PO	-	89	178	14,0	4,59
Pajuar Menais	PO	11-32	49	76	28,0	3,68
Pajuar Menais	PO	6-1	29	50	18,0	3,88
Pajuar Menais	POCO	6-6	29	54	20,0	2,95
Pajuar Menais	PO	11-32	49	81	26,0	3,28
Pajuar Menais	PO	6-7	29	68	28,0	3,48
Pajuar Menais	PO	11-32	49	37	20,0	4,15
Pajuar Menais	PO	6-2	49	153	22,0	3,65
Pajuar Menais	POCO	6-2	29	51	21,0	4,05
Pajuar Menais	POCO	4-0	79	95	17,0	3,59
Pajuar Menais	PO	11-32	49	229	26,0	2,87
Pajuar Menais	PO	5-4	49	148	22,0	4,28
Pajuar Menais	PO	11-32	49	61	17,0	3,94
Pajuar Menais	PO	5-1	39	73	22,0	3,73
Pajuar Menais	PO	3-10	29	30	18,0	3,43
Pajuar Menais	PO	2-3	79	189	16,0	4,33
Pajuar Menais	PO	6-0	89	221	20,0	3,15
Pajuar Menais	PO	6-4	79	148	22,0	3,48
Pajuar Menais	PO	3-5	79	86	23,0	3,15
Pajuar Menais	PO	2-5	119	310	29,0	3,06
Pajuar Menais	PO	2-7	69	167	22,0	3,69
Pajuar Menais	PO	2-8	79	82	19,0	3,57
Pajuar Menais	PO	3-5	109	272	20,0	3,63
Pajuar Menais	PO	3-6	49	114	24,0	2,84
Pajuar Menais	PO	6-5	19	9	22,0	3,60
Pajuar Menais	PO	6-7	19	12	19,0	3,40
Pajuar Menais	PO	5-1	19	12	19,0	3,43
Pajuar Menais	PO	5-7	19	22	25,0	3,48
Pajuar Menais	PO	3-3	19	24	18,0	3,48
Pajuar Menais	PO	4-5	19	20	25,0	4,07
Valdir Junqueira de Andrade, Lins, Est. de São Paulo, Controle em 18/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Valdir Junqueira de Andrade	PO	6-6	129	347	13,0	5,31
Valdir Junqueira de Andrade	PO	6-7	109	263	17,0	3,92
Valdir Junqueira de Andrade	PO	6-6	109	290	14,0	4,13
Valdir Junqueira de Andrade	PO	2-7	89	244	13,0	5,02
Valdir Junqueira de Andrade	PO	11-32	49	221	19,0	4,11
Valdir Junqueira de Andrade	PO	3-11	59	238	16,0	3,35
Valdir Junqueira de Andrade	PO	9-4	79	133	13,0	3,77
Valdir Junqueira de Andrade	PO	6-4	49	125	19,0	3,22
Valdir Junqueira de Andrade	PO	10-2	49	117	13,0	3,19
Valdir Junqueira de Andrade	PO	11-32	49	215	15,0	2,84

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
Companhia da Prata	OC2	4-7	30	72	25,0
Camão da Prata	BB	-	40	115	26,0
Clayton da Prata	POCC	6-11	40	115	26,0
Correio da Prata	POCC	5-4	79	249	17,0
Elaine da Prata	OC2	12-0	79	249	15,0
Elaine da Prata	OC2	12-5	30	249	16,0
Elaine da Prata	OC2	5-8	99	85	20,0
Estrela da Prata	OC2	3-11	69	394	17,0
Estrela da Prata	POCC	2-2	69	187	17,0
Estrela da Prata	OC2	2-1	29	187	17,0
Estrela da Prata	OC2	6-10	29	50	27,0
Estrela da Prata	OC2	4-1	49	105	16,0
Estrela da Prata	POCC	3-1	99	158	20,0
Estrela da Prata	POCC	4-10	39	205	17,0
Estrela da Prata	BB	-	59	148	21,0
Estrela da Prata	POCC	4-1	29	49	19,0
Estrela da Prata	BB	-	49	115	21,0
Estrela da Prata	OC2	4-6	39	89	21,0
Estrela da Prata	OC2	4-1	29	80	21,0
Estrela da Prata	OC2	10-9	69	11	22,0
Estrela da Prata	OC2	8-9	19	214	13,0
Estrela da Prata	OC2	10-6	19	24	28,0
Estrela da Prata	OC2	-	19	34,0	26,0

Genial e seguro São Paulo, Para Pelis, Est. de São Paulo, Controla em 26/11/21, N. 1000 de posto em razão expulsação, 3 e 2 (ordem).

[illegible]

Qualquer dúvida, favor entrar em contato com o Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC) da Prefeitura de São Paulo, Central de Atendimento ao Cidadão, 155, ou pelo e-mail sac@sp.gov.br.

	PC		39	127	15,8	1,62
Fachbereich Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	39	39	17,2	1,67
Wirtschaftswissenschaften	2000	5-10	39	64	19,0	1,07
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	39	39	19,0	1,71
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	39	42	13,0	1,48
Fachbereich Wirtschaftswissenschaften	2000	5-6	67	168	13,9	3,99
Fachbereich Wirtschaftswissenschaften	2000	7-10	39	56	29,9	1,14
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	39	39	15,5	1,02
Wirtschaftswissenschaften	2000	5-7	19	11	23,0	1,12
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	19	11	16,0	1,26
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	19	23	18,0	1,79
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	19	3	20,0	1,01
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	19	28	16,0	1,04
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	19	112	24,0	4,27
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	19	79	15,0	1,05
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	19	167	15,0	1,61
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	29	55	14,0	1,61
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	29	37	15,0	1,42
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	40	101	18,0	4,20
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	39	61	16,0	1,08
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	49	98	18,0	1,24
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	49	102	15,0	1,52
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	49	58	19,0	1,30
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	69	122	14,0	1,93
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	69	122	12,0	1,87
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	69	121	18,0	1,47
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	79	136	14,0	1,23
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	89	173	14,0	2,77
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	89	57	14,0	1,66
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	89	122	12,0	4,02
Wirtschaftswissenschaften	2000	6-7	89	87	14,0	1,31

[illegible]

Year	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Percentage Low Fertility	40	50	55	52	51.0	47.5
Percentage High Fertility	60	50	45	48	49.0	52.5
Percentage Stable Fertility	0	0	0	0	0.0	0.0
Percentage No Data	0	0	0	0	0.0	0.0

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos meses	Controle	Dias de Leite lactação	%
Azule Negro Falso Bostraker	PO	5-4	40		
Boca, Abouls Oesturion	HO		40	103	22,6
Bury's Queen Relection Dep.	PO	6-1	60	103	21,0
Palmyra Star Vermont Elina	PO	6-1	80	160	26,6
G.M.C. Citation Gina	PO	6-4	30	261	17,0
Irmae Neahie 22	PO	5-4	30	87	22,0
Stantell Franco Bens	PO	5-2	30	278	17,0
A. F. Portulans Pacifica	PO	5-2	60	163	26,0
Reeneland Applea Woody	PO	5-9	30	174	26,6
Trakken Carmelita	PO	6-8	20	131	13,0
Mila de Barbacena	CCZ	6-4	70	64	26,6
Nehoda	POZO	11-2	130	61	69
Carpa Verde Job Verdunet	PO	2-2	30	360	16,0
Sakula Prilly Quatera	PO	10-6	60	73	26,0
Halppladele Starlette	PO	4-2	30	164	22,0
Piplyn Tannen Curat	PO	5-6	60	92	22,0
				170	22,0

Oswaldo Soler, Jales, Est. de São Paulo, Controle em 21/11/61, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Desenho 41 Fachada Cont. (Imagem PO)	3=0	70	208	14,5	4,03
Imagem 17 Perspectiva	4=3	30	77	19,0	1,03
Tela 240 Sala Murat	PO	5=6	42	21,0	1,25
Imagem 18 Perspectiva	11/12	4=0	16	20,0	1,00
Imagem 19 Perspectiva	11/12	4=3	19	8	1,34
Imagem 20 Perspectiva	11/12	7=3	30	56	1,76
Imagem 21 Perspectiva	11/12	7=3	30	96	1,31
Imagem 22 Perspectiva	11/12	3=1	30	63	1,51
Imagem 23 Perspectiva	11/12	3=0	30	67	1,30
Imagem 24 Perspectiva	11/12	4=7	49	109	2,58
Imagem 25 Perspectiva	11/12	5=1	42	82	1,57
Imagem 26 Perspectiva	11/12	5=1	42	145	1,50
Imagem 27 Perspectiva	11/12	5=2	79	220	1,80
Imagem 28 Perspectiva	11/12	6=4	39	63	1,78
Imagem 29 Perspectiva	11/12	9=4	49	195	2,73

Dr. Jairo Barão U.C. de Nello, Guaratingueta, Est. de São Paulo, Gentileza em 24/11/81, pedir de pasta com ração suplementar. 3 e 2 ordens.

varieties						
S.J.T. Ant Inks & Skylark	PO	3-3	79	136	20.0	1.40
S.J.T. Seta Oriskany	PO	9-6	74	274	19.0	1.40
S.J.T. Roberts Cisselmeier	PO	10-9	79	270	19.0	1.30
S.J.T. Rustic Vera	PO	9-10	69	111	20.0	1.79
Cynthia Ross Select	PO	7-9	39	137	23.0	1.14
S.J.T. Aurora Inks & Express	PO	3-10	39	86	24.0	2.03
S.J.T. Roberts Select & Patsy	PO	3-11	39	81	19.0	2.83
S.J.T. Rustic	PO	5-9	39	73	21.0	2.87
Ant. Burialink Express	PO	3-9	39	77	24.0	2.60
S.J.T. Intrigue	PO	6-4	29	63	29.0	2.49
S.J.T. Clotilde Teresa Collins	PO	2-9	29	30	18.0	1.95
S.J.T. Surrealists II, 2 Jean	PO	3-8	29	35	20.0	3.08
S.J.T. Omega	PO	8-4	19	14	24.0	2.88
Ant. Mary Selby Crt. Charles	PO	9-4	39	10	21.0	3.39
2 varieties						
Essex Specimens Stratos	PO	2-10	69	199	18.0	2.68
Private Pury Pury	PO	6-10	69	192	16.0	3.27
S.J.T. Stella Hayes Wyckoff	PO	3-8	59	183	17.0	2.83
Remunda Pury Lulu	PO	6-11	79	258	17.0	2.99
Remunda Pury Raper	PO	5-3	49	127	15.0	2.00
S.J.T. Omega Glassy	PO	10-2	39	79	23.0	2.13

Tamo Associação Onda Calceolândia, Sul, do Muro Germis, Controle em 9/11/81, Rejeita do posto com ração suplementar. 2 unidades.

Alzira	PCOD	5-0	49	121	14.0	1.51
Cinderella	PCOD	6-3	39	90	13.0	3.30
Facchini	PC	7-5	29	83	13.0	3.38
Adevisio	PCOD	6-8	19	88	14.0	3.13
Sofia	PCOD	7-8	38	78	14.0	3.77
Flamella	NR	9-1	70	219	13.0	3.25
Herta	PCOD	4-9	10	60	14.0	4.00
Lucasina	PC	10-2	20	80	16.0	4.44
Elizabet	PC	1-0	19	13.0	4.04	
Shangela	NR	2-4	59	136	13.0	4.44

Faz. Sta. Maria da Paço Aprito e Past. Leda, Itagava, Km. 36 São Paulo, Continúe em 30/11/81. Regime de planto com vapor magdalenitar. 3 cristas.

[illegible]

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos	Controle	Dias de lactação	Leite	%	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Joãozinho Bonafante Tigris PO	1-3	50	174	20,0	2,93		Clarkson New Maker Stay PO	4-2	60	190	18,0	3,39	
Joãozinho Bonafante IV. PO	1-4	60	172	27,0	2,73		Old Ben Astro Pride Brenda PO	4-5	20	75	20,0	2,84	
Joãozinho Bonafante V. PO	1-1	60	168	24,0	2,95		Calvalle Apostle Brenda PO	4-2	50	154	25,0	3,09	
Joãozinho Bonafante VI. PO	1-2	60	158	23,0	3,10		El-Roy Apostle Fayne PO	4-4	20	51	23,0	2,81	
Joãozinho Bonafante VII. PO	1-3	70	254	24,0	3,10								
Joãozinho Bonafante VIII. PO	1-4	50	179	22,0	3,29								
Joãozinho Bonafante IX. PO	1-5	50	156	27,0	3,15								
Joãozinho Bonafante X. PO	1-6	50	145	26,0	3,18								
Joãozinho Bonafante XI. PO	1-7	50	138	25,0	3,54								
Joãozinho Bonafante XII. PO	1-8	50	145	23,0	3,54								
Joãozinho Bonafante XIII. PO	1-9	50	140	21,0	3,09								
Joãozinho Bonafante XIV. PO	1-10	40	122	20,0	3,09								
Joãozinho Bonafante XV. PO	1-11	40	113	25,0	2,94								
Joãozinho Bonafante XVI. PO	1-12	40	105	23,0	3,41								
Joãozinho Bonafante XVII. PO	1-13	40	107	23,0	2,89								
Joãozinho Bonafante XVIII. PO	1-14	40	103	23,0	3,11								
Joãozinho Bonafante XIX. PO	1-15	40	102	23,0	2,55								
Joãozinho Bonafante XX. PO	1-16	40	101	30,0	2,95								
Joãozinho Bonafante XXI. PO	1-17	40	100	24,0	2,85								
Joãozinho Bonafante XXII. PO	1-18	40	99	25,0	2,74								
Joãozinho Bonafante XXIII. PO	1-19	40	92	29,0	2,99								
Joãozinho Bonafante XXIV. PO	1-20	40	89	25,0	2,79								
Joãozinho Bonafante XXV. PO	1-21	40	88	28,0	2,59								
Joãozinho Bonafante XXVI. PO	1-22	40	87	22,0	2,69								
Joãozinho Bonafante XXVII. PO	1-23	40	84	24,0	2,53								
Joãozinho Bonafante XXVIII. PO	1-24	40	81	26,0	3,14								
Joãozinho Bonafante XXIX. PO	1-25	40	78	31,0	2,99								
Joãozinho Bonafante XXX. PO	1-26	40	77	33,0	2,80								
Joãozinho Bonafante XXXI. PO	1-27	40	74	23,0	2,80								
Joãozinho Bonafante XXXII. PO							Joãozinho Bonafante XXXIII. PO						
Joãozinho Bonafante XXXIV. PO							Joãozinho Bonafante XXXV. PO						
Joãozinho Bonafante XXXVI. PO							Joãozinho Bonafante XXXVII. PO						
Joãozinho Bonafante XXXVIII. PO							Joãozinho Bonafante XXXIX. PO						
Joãozinho Bonafante XL. PO							Joãozinho Bonafante XLI. PO						
Joãozinho Bonafante XLI. PO							Joãozinho Bonafante XLII. PO						
Joãozinho Bonafante XLII. PO							Joãozinho Bonafante XLIII. PO						
Joãozinho Bonafante XLIII. PO							Joãozinho Bonafante XLIV. PO						
Joãozinho Bonafante XLIV. PO							Joãozinho Bonafante XLV. PO						
Joãozinho Bonafante XLV. PO							Joãozinho Bonafante XLVI. PO						
Joãozinho Bonafante XLVI. PO							Joãozinho Bonafante XLVII. PO						
Joãozinho Bonafante XLVII. PO							Joãozinho Bonafante XLVIII. PO						
Joãozinho Bonafante XLVIII. PO							Joãozinho Bonafante XLIX. PO						
Joãozinho Bonafante XLIX. PO							Joãozinho Bonafante L. PO						
Joãozinho Bonafante L. PO							Joãozinho Bonafante LI. PO						
Joãozinho Bonafante LI. PO							Joãozinho Bonafante LII. PO						
Joãozinho Bonafante LII. PO							Joãozinho Bonafante LIII. PO						
Joãozinho Bonafante LIII. PO							Joãozinho Bonafante LIV. PO						
Joãozinho Bonafante LIV. PO							Joãozinho Bonafante LV. PO						
Joãozinho Bonafante LV. PO							Joãozinho Bonafante LVI. PO						
Joãozinho Bonafante LVI. PO							Joãozinho Bonafante LVII. PO						
Joãozinho Bonafante LVII. PO							Joãozinho Bonafante LVIII. PO						
Joãozinho Bonafante LVIII. PO							Joãozinho Bonafante LIX. PO						
Joãozinho Bonafante LIX. PO							Joãozinho Bonafante LX. PO						
Joãozinho Bonafante LX. PO							Joãozinho Bonafante LXI. PO						
Joãozinho Bonafante LXI. PO							Joãozinho Bonafante LXII. PO						
Joãozinho Bonafante LXII. PO							Joãozinho Bonafante LXIII. PO						
Joãozinho Bonafante LXIII. PO							Joãozinho Bonafante LXIV. PO						
Joãozinho Bonafante LXIV. PO							Joãozinho Bonafante LXV. PO						
Joãozinho Bonafante LXV. PO							Joãozinho Bonafante LXVI. PO						
Joãozinho Bonafante LXVI. PO							Joãozinho Bonafante LXVII. PO						
Joãozinho Bonafante LXVII. PO							Joãozinho Bonafante LXVIII. PO						
Joãozinho Bonafante LXVIII. PO							Joãozinho Bonafante LXIX. PO						
Joãozinho Bonafante LXIX. PO							Joãozinho Bonafante LXX. PO						
Joãozinho Bonafante LXX. PO							Joãozinho Bonafante LXXI. PO						
Joãozinho Bonafante LXXI. PO							Joãozinho Bonafante LXXII. PO						
Joãozinho Bonafante LXXII. PO							Joãozinho Bonafante LXXIII. PO						
Joãozinho Bonafante LXXIII. PO							Joãozinho Bonafante LXXIV. PO						
Joãozinho Bonafante LXXIV. PO							Joãozinho Bonafante LXXV. PO						
Joãozinho Bonafante LXXV. PO							Joãozinho Bonafante LXXVI. PO						
Joãozinho Bonafante LXXVI. PO							Joãozinho Bonafante LXXVII. PO						
Joãozinho Bonafante LXXVII. PO							Joãozinho Bonafante LXXVIII. PO						
Joãozinho Bonafante LXXVIII. PO							Joãozinho Bonafante LXXIX. PO						
Joãozinho Bonafante LXXIX. PO							Joãozinho Bonafante LXXX. PO						
Joãozinho Bonafante LXXX. PO							Joãozinho Bonafante LXXXI. PO						
Joãozinho Bonafante LXXXI. PO							Joãozinho Bonafante LXXXII. PO						
Joãozinho Bonafante LXXXII. PO							Joãozinho Bonafante LXXXIII. PO						
Joãozinho Bonafante LXXXIII. PO							Joãozinho Bonafante LXXXIV. PO						
Joãozinho Bonafante LXXXIV. PO							Joãozinho Bonafante LXXXV. PO						
Joãozinho Bonafante LXXXV. PO							Joãozinho Bonafante LXXXVI. PO						
Joãozinho Bonafante LXXXVI. PO							Joãozinho Bonafante LXXXVII. PO						
Joãozinho Bonafante LXXXVII. PO							Joãozinho Bonafante LXXXVIII. PO						
Joãozinho Bonafante LXXXVIII. PO							Joãozinho Bonafante LXXXIX. PO						
Joãozinho Bonafante LXXXIX. PO							Joãozinho Bonafante LXXXX. PO						
Joãozinho Bonafante LXXXX. PO							Joãozinho Bonafante LXXXXI. PO						
Joãozinho Bonafante LXXXXI. PO							Joãozinho Bonafante LXXXXII. PO						
Joãozinho Bonafante LXXXXII. PO							Joãozinho Bonafante LXXXXIII. PO						
Joãozinho Bonafante LXXXXIII. PO							Joãozinho Bonafante LXXXXIV. PO						
Joãozinho Bonafante LXXXXIV. PO							Joãozinho Bonafante LXXXXV. PO						
Joãozinho Bonafante LXXXXV. PO							Joãozinho Bonafante LXXXXVI. PO						
Joãozinho Bonafante LXXXXVI. PO							Joãozinho Bonafante LXXXXVII. PO						
Joãozinho Bonafante LXXXXVII. PO													

[illegible]

Receives Appointments from Cardinal, 121-26. Also: Francis Cardinal on 3/11/81. Rejoice in peace and joy of sacraments. 1 collected.

[illegible]

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos meses	Controle	Dias de lactação	%	
Capomba São Quirino	OC3	3-7	39	77	21,6	3,62
S.Q., Viegara Faciliner Obstrução	PO	6-8	30	76	26,0	3,48
S.Q., Xarada Faciliner Recombata	PO	6-4	39	72	30,0	3,60
Camora São Quirino	OC2	2-5	39	72	23,0	3,22
S.Q., Malada Gay Xarada	PO	4-6	39	72	26,0	3,39
S.Q., Qualifidade M. Nardim	PO	12-5	39	71	23,0	2,98
S.Q., Viegara Faciliner	OC2	4-6	39	69	26,0	3,29
Balada São Quirino	G8B	8-0	20	67	34,0	2,97
Balada São Quirino	OC4	3-7	20	67	22,0	3,35
Califórnia São Quirino	OC2	2-5	20	67	21,0	3,09
S.Q., Viegara P. Xarada	PO	7-0	20	65	34,0	3,05
Calma São Quirino	OC2	2-6	20	64	21,5	3,28
S.Q., Coimbra Froux Ivarino	PO	2-5	20	55	22,0	3,03
Algaras São Quirino	OC5	2-7	20	54	31,0	3,06
S.Q., Cleitina Esp. Xarada	PO	2-4	20	50	22,0	3,11
S.Q., Unidreira Quirino Hefito	PO	8-3	20	50	20,0	3,25
S.Q., Viegara Faciliner Nodação	PO	3-5	20	48	22,0	3,63
S.Q., Baye Gay Saratoga	PO	3-7	20	48	20,0	3,13
S.Q., Virtudes P. Saratoga	PO	6-9	20	46	27,0	3,32
Amadada São Quirino	OC5	4-6	20	46	26,0	3,50
S.Q., Redonda P. Nardim	PO	11-0	20	42	22,0	3,30
S.Q., Bilegaria Xarada Tempora	PO	6-9	20	42	38,0	2,62
S.Q., 23 São Quirino	31/12	7-3	20	38	36,0	2,44
S.Q., Saratoga Merrit Queen	PO	9-11	19	38	22,0	2,49
Abundancia São Quirino	POOC	6-7	19	35	31,0	3,02
Arripina Ivarino Xarada	PO	8-3	19	35	29,0	3,08
Cacilda São Quirino	OC1	2-5	19	22	23,0	3,43
S.Q., Chafiz Chafiz Salma	PO	3-5	19	22	21,0	3,39
Camora São Quirino	OC2	4-10	18	33	27,0	3,06
Candalaria São Quirino	G8B	2-4	19	27	20,0	3,40
Solia São Quirino	G8B	5-5	19	27	29,0	3,13
Rapada São Quirino	OC4	4-0	19	24	28,0	3,09
Camora São Quirino	OC2	2-5	19	19	24,0	3,18
Alfandade São Quirino	OC5	4-7	19	17	20,0	2,85
Alfandade São Quirino	POOC	3-10	19	16	22,0	2,49
T-7 São Quirino	G8B	8-8	19	15	26,0	2,99
S.Q., Vedete P. Recombata	PO	7-6	19	6	24,0	3,29

Donald Greber, Campinas, Est. de São Paulo, Controle em 10/11/81, Região de país com ação espoliativa, 2 orquídeas.

Barbara Barker-Bell	PO	2-4	130	171	20.6	3.48
Binking Springs Miner	PO	5-8	129	204	18.6	3.46
Michael Marcus Ann West	PO	3-6	119	337	7.8	3.28
Francesa Jaime Carlotta	PO	2-1	90	256	8.0	3.54
Erinda Pascucci	Q28	1-3	90	258	27.0	3.34
Jayna Pioneer Pascucci	Q28	1-4	90	243	21.0	3.28
Sinking Spring Nancy Siskin	PO	6-8	82	224	21.0	2.98
Sinking Springs Day	PO	1-1	70	200	25.0	3.42
Kimberl Pascucci Kathy	PO	5-2	69	176	26.0	2.98
Barbara Gay Cecilia	Q3	2-3	69	176	20.0	3.37
Shelene Bowen Day Audrey	PO	7-9	69	173	19.0	3.24
Binking Springs Robert Adick	PO	6-8	68	165	21.0	3.74
Binking Spring Ross	PO	6-8	69	163	27.0	3.68
Joia Pascucci	PO	3-5	55	143	20.0	3.24
Trilliana Jaime Pascucci	Q28	5-0	40	161	18.0	3.57
Elisaviv Jv. Star Doll	PO	7-10	50	190	27.0	3.13
Binking Springs Ginter Ross	PO	3-10	52	143	18.0	3.58
Binking Springs Winter Day	PO	8-4	50	124	21.0	3.68
Francesa Andrea	PO	5-2	55	25.0	2.98	3.48
Shirley Jo. N. Ann Sandra	PO	5-2	55	236	21.0	3.13
Donna C. Ann Sophie Dean	PO	3-4	54	130	29.0	3.68
Francesa Clav. Cecilia	PO	5-5	52	133	15.0	3.84
Heide Hamilton Pascucci	Q24	2-3	50	137	17.0	3.70
Marlene Gay Pascucci	PO	1-7	48	134	19.0	3.38
Joan Pascucci	PO	4-8	48	140	14.0	3.68
Pascucci Harvey Clark	Q3	3-2	49	117	19.0	3.54
Francesa Gal Joyce	PO	3-2	49	112	33.0	3.38
Joan Jaime Pascucci	Q2	6-12	49	111	21.0	3.13
Binking Springs Qui Joy Joann Po	PO	8-8	48	107	36.0	2.78
Joanna Ann Pascucci	Q21	4-8	48	102	21.0	3.24
Francesa West Cecilia	Q2	4-4	49	100	19.0	3.78
Donna Ann Pascucci	Q28	2-12	39	95	29.0	2.98
Lilli Benjamin Pascucci	Q23	3-4	39	88	24.0	3.80
Isabella Pascucci	Q28	3-1	39	122	22.0	2.98
Johnnie Victor Pascucci	Q28	3-1	39	32.0	3.68	3.48
Johnnie Victor Pascucci	Q28	3-11	39	80	12.0	2.74
Marlene Chief Pascucci	Q28	2-4	32	78	21.0	3.38
Regal Harvey Pascucci	Q21	2-5	32	69	23.0	3.48
Michael Harvey Pascucci	Q28	2-3	30	90	19.0	3.13
Barbara Ann Pascucci	Q2	2-5	28	18.0	3.68	3.48
Henry Jv. Ann Patricia	PO	1-6	22	35	21.0	3.80
Elisaviv Qui Cindy	PO	3-10	22	449	25.0	2.93
Francesa Day Nina	PO	3-3	39	79	30.0	3.40
Lilli Pascucci	Q2	3-3	39	94	18.0	3.58
Francesa Ann. Patricia	PO	2-4	39	27	21.0	3.58
Francesa Gay Ann Stella	PO	1-9	39	26.0	3.68	3.48
Elisaviv Qui Pascucci	Q28	1-9	39	70	32.0	3.64
Francesa Jaime Pascucci	Q28	2-4	39	32	18.0	3.48
Francesa Barbara Ortiz	PO	2-4	39	63	23.0	3.55
Francesa Allana	PO	2-5	28	32	31.0	2.92
Joanna II Qui Pascucci	Q2	2-5	28	30.0	3.68	3.13
Trilliana Pascucci	Q21	6-11	29	44	34.0	2.98
Elisaviv Charles Cross	PO	7-10	29	32	28.0	3.60
Trilliana Neil Pascucci	Q24	3-6	29	27	31.0	3.74
Elaine Pascucci	Q28	7-10	19	32	29.0	3.60
Francesa A. Cecilia	PO	5-5	10	50	24.0	3.64
Joia Pascucci	Q28	1-6	19	18	36.0	3.68
Joanna Ann Pascucci	Q23	6-4	19	36	21.0	2.91
Francesa Gay Gregory	PO	3-6	19	11	32.0	3.39
Joanna Pascucci	Q23	1-4	19	19	29.0	3.60
Richard Gay Harvey	PO	1-9	19	11	23.0	3.94
Joanna L. Ann Patricia	PO	1-3	19	14	32.0	3.64
Joanna Raymond Pascucci	Q2	3-11	19	12	25.0	3.39

Dr. Guilherme Moreira, Juazeiro, Estado, S. do Rio Paulo, Controlador de Tráfego. O ponto era muito importante. 3 embarcações.

Feiraço São Sebastião	2000	0-3	59	148	18,0	1,34
Santa do São Sebastião	5128	0-1	42	117	17,0	1,34

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle de anos	Dias de lactação	Leite	%
Amor do Amor	PO	2-11	50	159	17,0	3,36
Amor do Amor	PO	2-2	50	157	17,0	2,90
Amor do Amor	PO	6-2	60	171	22,0	3,59
Amor do Amor	PO	6-2	60	172	22,0	3,77
Amor do Amor	PO	-	19	23	21,0	3,70
Amor do Amor	PO	-	19	27	13,0	3,95
Amor do Amor	PO	-	19	25	18,0	3,72
Amor do Amor	PO	-	19	9	16,0	3,96
Amor do Amor	PO	6-2	100	210	16,0	3,21
Amor do Amor	PO	6-1	110	336	13,0	4,09
Amor do Amor	PO	3-4	50	152	16,0	3,51
Amor do Amor	PO	3-2	50	152	20,0	3,53
Amor do Amor	PO	3-8	50	149	18,0	3,44
Amor do Amor	PO	3-10	50	140	19,0	3,58
Amor do Amor	PO	10-10	40	120	20,0	4,05
Amor do Amor	PO	3-9	20	70	22,0	3,36
Amor do Amor	PO	7-7	20	69	20,0	3,13
Amor do Amor	PO	3-9	40	113	17,0	4,10
Amor do Amor	PO	3-8	20	57	18,0	3,38

Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-9	100	317	13,0	3,78
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-6	89	231	13,0	3,66
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	7-3	89	231	13,0	3,67
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	4-8	79	215	14,0	3,48
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	10-2	79	209	18,0	3,78
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	9-5	60	181	16,0	3,46
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	8-11	60	185	16,0	3,41
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	10-11	60	176	16,0	3,31
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	8-0	60	176	13,0	3,57
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	11-16	60	176	15,0	3,66
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	2-11	60	171	16,0	3,27
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	-	60	162	14,0	3,50
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-3	50	159	15,0	3,52
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-8	50	157	16,0	3,54
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-2	50	156	15,0	3,78
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-1	50	145	13,0	4,11
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-2	50	135	14,0	3,55
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-2	50	142	14,0	3,42
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-3	50	132	18,0	3,22
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-7	49	126	13,0	3,51
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	2-16	40	125	15,0	3,50
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-4	40	121	17,0	3,47
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-10	40	119	17,0	3,66
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	8-6	40	117	19,0	3,13
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-0	40	117	18,0	3,02
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	10-6	30	115	16,0	3,46
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-1	30	111	16,0	3,18
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-1	29	107	13,0	3,75
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-1	29	80	21,0	3,03
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-2	29	75	16,0	3,48
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-7	20	67	18,0	3,36
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	5-1	20	65	17,0	3,67
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-8	20	55	19,0	3,37

Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-1	89	227	13,0	3,39
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-1	79	190	13,0	3,47
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	4-8	79	185	15,0	3,95
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-1	69	176	15,0	3,69
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-0	60	157	18,0	3,18
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	7-5	109	290	13,0	3,76
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	10-7	109	285	13,0	3,30
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	2-11	90	246	13,0	3,35
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	5-2	69	152	17,0	3,35
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	7-3	69	151	15,0	3,55
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-7	50	144	19,0	3,13
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-7	50	136	18,0	3,50
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	5-11	50	135	13,0	3,77
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	4-7	50	135	16,0	3,11
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-5	50	131	14,0	3,47
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-8	50	119	16,0	3,41
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-7	49	124	16,0	3,54
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-9	40	118	17,0	3,17
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-1	40	118	17,0	3,65
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-9	40	111	21,0	3,54
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	4-11	40	111	15,0	3,68
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-8	40	99	15,0	3,26
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-8	40	98	14,0	3,24
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-5	40	97	16,0	3,71
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	-	40	100	20,0	3,60
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-4	20	87	18,0	3,33
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-11	20	87	18,0	3,40
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	2-10	20	86	14,0	3,66
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	2-10	20	74	17,0	3,13
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	7-8	30	78	24,0	3,02
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	4-9	20	64	17,0	3,54
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	8-18	20	57	24,0	2,93
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	6-0	20	56	22,0	3,40
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	2-4	20	45	14,0	3,69
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	2-4	20	43	21,0	3,89
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	8-2	20	42	22,0	3,32
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	8-10	20	41	22,0	3,25
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	7-0	20	40	23,0	3,34
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	5-2	20	38	28,0	3,55
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-7	20	34	17,0	3,26
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-3	20	32	23,0	3,34
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-10	10	30	27,0	3,38
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-5	10	31	23,0	3,09
Amor do Amor, Indústria S.A. São Antonio da Pedra, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.	3-4	10	19	18,0	3,16

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle de anos	Dias de lactação	Leite	%
Nico Carlos Ned	PO	5-6	10	19	18,0	3,83
Meg's Fabiana Jovet	PO	6-3	10	13	18,0	3,42
Cassile Royal Nico	GB	5-2	10	8	19,0	3,77

Fazenda Portaleza Ltda, Nova Odessa, Est. de São Paulo, Controle em 4/12/81, Regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.

A.F. Portaleza Polono	PO	4-4	130	369	20,0	3,86
A.F. Portaleza Sultano	PO	2-1	112	342	20,0	3,72
A.F. Portaleza Robson	PO	6-10	119	343	20,0	3,54
A.F. Portaleza Suco	PO	2-4	119	316	22,0	3,72
A.F. Portaleza Jussara	PO	9-7	119	338	22,0	3,47
A.F. Portaleza Novela	PO	6-6	109	283	24,0	3,71
A.F. Portaleza Pairo	PO	4-11	99	297	21,0	3,71
A.F. Portaleza Sapora	PO	2-9	80	259	22,0	3,51
A.F. Portaleza Novata	PO	6-8	80	267	26,0	3,72
A.F. Portaleza Poca	PO	5-1	80	241	21,0	3,84
A.F. Portaleza Madresilva	PO	8-1	69	164	17,0	3,38
Williams C.R. 30 Royalco	PO	8-9	69	172	31,0	3,05
A.F. Portaleza Oculta	PO	5-11	69	185	31,0	3,78
A.F. Portaleza Larça	PO	8-8	80	255	25,0	3,07
A.F. Portaleza Sinfonia	PO	2-10	80	234	25,0	3,10
A.F. Portaleza Higrina	PO	7-9	79	209	28,0	3,52
A.F. Portaleza Joga	PO	10-1	79	191	23,0	3,40
A.F. Portaleza Nova	PO	7-1	79	191	36,0	3,48
A.F. Portaleza Patoana	PO	5-1	79	194	30,0	3,28
Williams Sovereign Patoana	PO	4-5	79	185	21,0	4,54
A.F. Portaleza Comina	PO	3-3	79	191	24,0	3,06
A.F. Portaleza Tabela	PO	2-1	79	200	24,0	3,20
A.F. Portaleza Toca	PO	2-0	79	204	20,0	3,26
A.F. Portaleza Tula	PO	2-0	79	80	21,0	3,71
A.F. Portaleza Polono	PO	5-5	29	58	43,0	3,05
Williams Kate Nancy Twin	PO	9-11	20	46	27,0	3,14
A.F. Portaleza Sinfonia	PO	3-1	69	183	25,0	3,04
A.F. Portaleza Saravita	PO	2-11	69	182	23,0	3,33
A.F. Portaleza Takotinos	PO	3-4	69	186	21,0	3,63
A.F. Portaleza Tabela	PO	3-2	59	137	31,0	3,26
Heatherston Prince Jonnie	PO	6-1	49	134	23,0	3,30
A.F. Portaleza Samaritana	PO	3-3	49	110	31,0	3,53
A.F. Portaleza Sapa	PO	3-5	49	106	28,0	3,72
A.F. Portaleza Novita	PO	2-0	29	97	34,0	3,65
A.F. Portaleza Sefinga	PO	8-1	39	90	38,0	2,96
A.F. Portaleza Sapa	PO	3-3	39	89	34,0	3,65
A.F. Portaleza Sicilia	PO	3-1	39	83	31,0	3,54
A.F. Portaleza Padolina	PO	3-1	89	232	20,0	3,23
A.F. Portaleza Nafta	PO	7-1	89	231	22,0	3,48
A.F. Portaleza Larça	PO	8-9	89	254	21,0	3,51
A.F. Portaleza Odina	PO	8-0	29	42	36,0	3,79
A.F. Portaleza Tapa	PO	-	10	38	36,0	3,58
A.F. Portaleza Larça	PO	-	10	21	26,0	3,32
A.F. Portaleza Taifa	PO	-	10	21	27,0	3,50
A.F. Portaleza Occulto	PO	6-6	10	18	22,0	4,12
A.F. Portaleza Polono	PO	3-6	10	16	39,0	3,80
A.F. Portaleza Polono	PO	3-6	10	11	39,0	3,80
A.F. Portaleza Patoana	PO	7-8	10	8	15,0	3,58

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de lactação	Dias de leite	%	
Leila de Pitua	11/12	4-4	30	73	36,8	2,98
Almeida Jasper G.P.F.	OC2	2-2	60	173	25,0	2,89
Almeida Jasper G.P.F.	OC2	2-2	30	57	25,0	2,44
Almeida Jasper G.P.F.	OC2	2-2	10	29	25,0	1,00
Almeida Jasper G.P.F.	OC2	2-2	30	84	30,0	1,21
1 colônia						
Leila de Pitua	11/12	4-4	30	86	32,0	1,04
Antonio Carlos Soares Vel. de Almeida, São Paulo, Controle em 8/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 1 colônia.						
Red. Red. Nancy Red.	PO	1-5	80	308	17,0	3,63
Red. Red. Nancy Red.	PO	1-5	80	267	13,0	4,02
Red. Red. Nancy Red.	PO	1-5	70	229	16,0	4,22
Red. Red. Nancy Red.	PO	1-5	70	212	18,0	3,62
Red. Red. Nancy Red.	PO	1-5	70	229	16,0	4,01
Red. Red. Nancy Red.	PO	1-5	60	213	16,0	4,84
Red. Red. Nancy Red.	PO	1-5	60	139	22,0	3,45
Red. Red. Nancy Red.	PO	1-5	70	180	17,0	3,72
Red. Red. Nancy Red.	PO	1-5	70	123	24,0	4,43
Red. Red. Nancy Red.	PO	1-5	70	118	18,0	4,40
Red. Red. Nancy Red.	PO	1-5	70	88	26,0	4,62
Red. Red. Nancy Red.	PO	1-5	70	88	23,0	3,77
Red. Red. Nancy Red.	PO	1-5	70	10	17,0	4,53
Red. Red. Nancy Red.	PO	1-5	70	10	17,0	4,02
Fátima Octaviana Ribeiro, São Paulo, Controle em 3/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 colônias.						
Leila de Pitua	OC1	2-8	100	264	14,0	3,47
Leila de Pitua	OC1	2-8	60	178	25,0	2,98
Dr. Fernando de Souza Trindade, São Paulo, Controle em 10/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 colônias.						
Leila de Pitua	OC1	11-2	60	154	16,0	3,87
Leila de Pitua	OC1	11-2	60	94	15,0	4,26
Leila de Pitua	OC1	10-2	60	240	15,0	3,75
Leila de Pitua	OC1	11-2	60	321	15,0	3,13
Leila de Pitua	OC1	11-2	60	138	16,0	3,94
Leila de Pitua	OC1	11-2	60	154	14,0	3,26
Leila de Pitua	OC1	11-2	60	67	19,0	3,28
Leila de Pitua	OC1	11-2	60	35	13,0	3,81
Leila de Pitua	OC1	11-2	60	57	16,0	3,23
Leila de Pitua	OC1	11-2	60	119	14,0	3,11
Leila de Pitua	OC1	11-2	60	119	18,0	3,40
Leila de Pitua	OC1	11-2	60	78	15,0	3,49
Leila de Pitua	OC1	11-2	60	180	15,0	3,38
Leila de Pitua	OC1	11-2	60	41	17,0	3,69
Leila de Pitua	OC1	11-2	60	41	14,0	3,23
Leila de Pitua	OC1	11-2	60	41	15,0	3,65
Leila de Pitua	OC1	11-2	60	46	16,0	3,74
Leila de Pitua	OC1	11-2	60	11	12,0	3,13
Leila de Pitua	OC1	11-2	60	18	23,0	3,62
Dr. Fernando de Souza Trindade, São Paulo, Controle em 4/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 colônias.						
Leila de Pitua	OC1	1-2	10	18	11,0	4,27
Leila de Pitua	OC1	1-2	10	9	12,0	4,47
Dr. Fernando de Souza Trindade, São Paulo, Controle em 4/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 colônias.						
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	138	14,0	3,80
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	187	11,0	3,93
Leila de Pitua	OC1	1-2	60	182	10,0	3,90
Leila de Pitua	OC1	1-2	60	275	10,0	3,46
Leila de Pitua	OC1	1-2	60	181	14,0	3,78
Leila de Pitua	OC1	1-2	60	138	14,0	4,47
Leila de Pitua	OC1	1-2	60	78	15,0	3,58
Dr. Fernando de Souza Trindade, São Paulo, Controle em 17/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 colônias.						
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	71	33,0	2,72
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	97	18,0	3,18
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	11	14,0	3,28
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	16	22,0	3,38
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	70	25,0	2,93
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	30	27,0	3,12
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	302	12,0	3,39
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	302	12,0	3,39
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	88	23,0	3,32
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	76	18,0	3,57
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	86	30,0	3,17
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	39	32,0	3,29
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	44	25,0	3,12
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	218	30,0	3,15
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	311	11,0	2,84
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	284	30,0	3,16
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	208	18,0	3,48
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	169	22,0	3,18
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	147	22,0	3,07
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	71	31,0	3,09
Dr. Fernando de Souza Trindade, São Paulo, Controle em 17/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 colônias.						
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	23	16,0	2,82
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	45	14,0	2,85
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	119	16,0	3,17
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	108	15,0	3,35
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	132	15,0	3,36
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	111	15,0	3,42
Dr. Fernando de Souza Trindade, São Paulo, Controle em 17/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 colônias.						
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	80	15,0	3,46
Leila de Pitua	OC1	1-2	70	40	17,0	3,47
NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de lactação	Dias de leite	%	
Grand. Geraldo Dias Pereira, Olímpio de Marinho, Est. de Marinho, Controle em 4/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 1 e 2 colônias.						
1 colônia						
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	118	24,0	3,19
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	182	24,0	3,23
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	153	23,0	3,08
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	216	15,0	3,57
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	194	26,0	3,47
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	234	15,0	3,70
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	171	23,0	3,34
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	275	14,0	3,46
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	38	27,0	2,87
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	158	15,0	4,26
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	11	23,0	4,10
2 colônias						
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	118	18,0	6,11
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	170	14,0	2,79
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	18	18,0	3,29
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	43	16,0	3,47
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	151	15,0	3,91
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	102	15,0	3,66
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	56	13,0	4,80
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	122	13,0	3,21
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	58	18,0	3,46
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	18	16,0	4,02
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	17	22,0	3,62
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	28	18,0	3,36
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	23	19,0	3,29
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	15	13,0	3,80
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	28	16,0	4,11
Dr. Fernando de Souza Trindade, São Paulo, Controle em 5/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 colônias.						
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	192	22,0	3,77
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	104	25,0	3,31
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	170	22,0	4,41
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	182	21,0	3,68
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	157	20,0	4,42
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	167	27,0	3,29
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	164	27,0	3,24
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	172	23,0	3,97
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	205	29,0	3,46
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	77	34,0	3,23
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	109	22,0	2,99
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	146	27,0	3,88
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	142	27,0	4,26
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	187	20,0	4,46
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	134	34,0	3,46
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	134	30,0	4,41
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	13	21,0	3,74
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	9	25,0	3,91
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	23	29,0	3,73
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	23	28,0	4,41
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	45	32,0	3,94
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	61	35,0	3,79
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	34	22,0	3,14
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	36	25,0	3,70
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	76	23,0	3,59
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	64	28,0	3,80
Leila de Pitua	OC1	4-7	80	88	32,0	3,44
Fernando José Santos, São Paulo, Controle em 1/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 colônias.						
Leila de Pitua	OC1	8-8	80	298	10,0	4,93
Leila de Pitua	OC1	8-8	80	131	24,0	4,38
Leila de Pitua	OC1	8-8	80	104	30,0	3,77
Leila de Pitua	OC1	8-8	80	36	25,0	3,50
Leila de Pitua	OC1	8-8	80	72	29,0	3,81
Dr. Fernando de Souza Trindade, São Paulo, Controle em 16/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 colônias.						
Leila de Pitua	OC1	2-2	10	39	21,0	3,66
Leila de Pitua	OC1	2-2	10	98	16,0	3,83
Leila de Pitua	OC1	2-2	10	85	18,0	3,46
Leila de Pitua	OC1	2-2	10	91	24,0	3,42
Leila de Pitua	OC1	2-2	10	79	14,0	3,46
Leila de Pitua	OC1	2-2	10	48	15,0	3,43
Leila de Pitua	OC1	2-2	10	47	16,0	3,38
Leila de Pitua	OC1	2-2	10	120	29,0	2,99
Leila de Pitua	OC1	2-2	10	117	16,0	3,15
Leila de Pitua	OC1	2-2	10	110	19,0	3,22
Leila de Pitua	OC1	2-2	10	98	26,0	3,04
Leila de Pitua	OC1	2-2	10	150	18,0	3,13
Leila de Pitua	OC1	2-2	10	160	13,0	3,78
Fernando José Santos, São Paulo, Controle em 10/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 colônias.						
Leila de Pitua	OC1	8-8	80	347	19,0	3,81
Leila de Pitua	OC1	8-8	80	32	22,0	3,50
Leila de Pitua	OC1	8-8	80	221	18,0	3,54
Leila de Pitua	OC1	8-8	80	11	19,0	4,88
Leila de Pitua	OC1	8-8	80	333	16,0	3,21
Leila de Pitua	OC1	8-8	80	58	19,0	2,83
Leila de Pitua	OC1	8-8	80	69	21,0	2,78
Leila de Pitua	OC1	8-8	80	34	18,0	2,76
Leila de Pitua	OC1	8-8	80	108	17,0	3,43
Leila de Pitua	OC1	8-8	80	62	19,0	3,24
Leila de Pitua	OC1	8-8	80	117	17,0	3,56
Leila de Pitua	OC1	8-8	80	11	25,0	2,53
Dr. Fernando de Souza Trindade, São Paulo, Controle em 4/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 colônias.						
Leila de Pitua	OC1	2-2	10	356	14,0	3,99

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Alma Rosa, Gólia	PO	3-10	69	177	19,0	3,52
Alma Rosa, Gólia	11/11	3-4	69	166	13,0	3,96
Alma Rosa, Gólia	OC2	4-2	69	136	13,0	3,41
Alma Rosa, Gólia	OC1	3-8	50	134	15,0	3,81
Alma Rosa, Gólia	PC	9-11	49	102	19,0	3,54
Alma Rosa, Gólia	OC2	12-2	49	101	19,0	3,53
Alma Rosa, Gólia	OC4	3-0	49	109	14,0	3,55
Alma Rosa, Gólia	OC2	3-5	49	117	16,0	4,01
Alma Rosa, Gólia	PC	8-3	49	129	23,0	3,63
Alma Rosa, Gólia	OC	4-6	49	126	17,0	4,16
Alma Rosa, Gólia	OC1	5-9	39	76	26,0	3,51
Alma Rosa, Gólia	OC2	6-11	29	54	25,0	4,17
Alma Rosa, Gólia	OC1	3-0	29	29	17,0	4,67
Alma Rosa, Gólia	OC1	3-5	19	27	20,0	3,53
Alma Rosa, Gólia	OC1	4-3	19	21	18,0	3,63
Alma Rosa, Gólia	OC	5-7	19	18	18,0	3,93

Dr. Maria Aguiar, Industrial R/A, São Antonio da Posse, Est. de São Paulo, Controle em 30/10/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Alma Rosa, Gólia	OC2	9-0	109	104	14,0	3,26
Alma Rosa, Gólia	OC2	11-1	49	125	14,0	3,70
Alma Rosa, Gólia	OC2	9-8	49	133	18,0	3,15
Alma Rosa, Gólia	OC2	3-1	49	109	17,0	3,38
Alma Rosa, Gólia	OC1	10-1	49	107	15,0	3,60
Alma Rosa, Gólia	OC2	7-7	49	107	14,0	4,03
Alma Rosa, Gólia	OC1	2-10	49	106	18,0	3,20
Alma Rosa, Gólia	OC1	4-10	49	104	13,0	3,48
Alma Rosa, Gólia	OC2	4-7	49	102	19,0	3,26
Alma Rosa, Gólia	PO	7-5	39	117	25,0	3,05
Alma Rosa, Gólia	OC2	3-11	39	89	17,0	3,55
Alma Rosa, Gólia	OC1	2-1	39	78	19,0	3,18
Alma Rosa, Gólia	OC1	8-2	29	53	25,0	3,13
Alma Rosa, Gólia	OC1	3-7	19	21	20,0	3,49
Alma Rosa, Gólia	OC2	4-3	19	14	16,0	3,49
Alma Rosa, Gólia	OC2	8-2	19	3	15,0	4,18
Alma Rosa, Gólia	OC2	5-9	99	286	13,0	3,52
Alma Rosa, Gólia	OC1	4-6	99	271	15,0	3,23
Alma Rosa, Gólia	OC2	4-7	89	245	14,0	3,51
Alma Rosa, Gólia	OC2	7-9	89	239	14,0	3,80
Alma Rosa, Gólia	OC2	11/12	89	243	13,0	4,15
Alma Rosa, Gólia	OC1	4-0	79	208	13,0	3,43
Alma Rosa, Gólia	OC1	3-9	79	205	16,0	3,50
Alma Rosa, Gólia	OC1	3-4	79	192	15,0	3,30
Alma Rosa, Gólia	OC1	3-1	69	174	13,0	3,46
Alma Rosa, Gólia	OC1	8-7	69	173	14,0	3,38
Alma Rosa, Gólia	OC2	4-5	69	169	13,0	3,78
Alma Rosa, Gólia	OC2	11-7	69	169	17,0	3,18
Alma Rosa, Gólia	OC1	2-3	69	171	14,0	3,56
Alma Rosa, Gólia	OC2	3-5	69	169	14,0	3,68
Alma Rosa, Gólia	OC2	8-1	69	163	13,0	3,85
Alma Rosa, Gólia	OC2	5-11	69	160	16,0	3,26
Alma Rosa, Gólia	OC1	3-1	69	180	14,0	3,60
Alma Rosa, Gólia	OC1	12-0	69	159	22,0	3,31
Alma Rosa, Gólia	OC1	7-7	69	180	16,0	3,19
Alma Rosa, Gólia	OC1	4-6	59	154	15,0	3,90
Alma Rosa, Gólia	OC1	3-8	59	138	14,0	3,58
Alma Rosa, Gólia	OC1	11-5	59	133	16,0	3,30
Alma Rosa, Gólia	OC2	11-3	59	157	20,0	2,97
Alma Rosa, Gólia	OC2	5-0	59	132	14,0	3,23
Alma Rosa, Gólia	OC2	8-3	49	126	18,0	3,05

Dr. Antonio de Toledo, São Paulo, Est. de São Paulo, Controle em 13/01/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Alma Rosa, Gólia	PO	3-11	19	8	18,0	2,86
Alma Rosa, Gólia	OC	3-0	19	23	17,0	3,01
Alma Rosa, Gólia	OC	3-7	19	10	18,0	2,25
Alma Rosa, Gólia	OC2	3-0	59	177	18,0	3,01
Alma Rosa, Gólia	PO	4-7	19	208	17,0	3,15
Alma Rosa, Gólia	OC1	6-1	39	81	17,0	2,73
Alma Rosa, Gólia	PO	3-8	29	50	18,0	2,88
Alma Rosa, Gólia	PO	3-3	29	81	17,0	3,08
Alma Rosa, Gólia	OC2	3-11	39	81	17,0	3,27
Alma Rosa, Gólia	PO	3-5	39	96	17,0	2,80
Alma Rosa, Gólia	PO	2-0	49	180	18,0	3,30
Alma Rosa, Gólia	PO	3-10	49	92	18,0	2,90
Alma Rosa, Gólia	PO	3-4	49	113	10,0	2,74
Alma Rosa, Gólia	PO	5-10	29	87	18,0	3,40
Alma Rosa, Gólia	OC1	4-4	34	84	18,0	2,95
Alma Rosa, Gólia	PO	2-6	39	90	18,0	2,83
Alma Rosa, Gólia	OC2	6-7	79	222	17,0	3,10
Alma Rosa, Gólia	OC4	6-4	54	133	18,0	2,66
Alma Rosa, Gólia	PO	7-11	49	121	19,0	3,37
Alma Rosa, Gólia	OC2	3-0	79	315	20,0	3,03

Dr. Antonio de Toledo, São Paulo, Est. de São Paulo, Controle em 17/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Alma Rosa, Gólia	OC1	5-8	99	275	17,0	3,77
Alma Rosa, Gólia	OC1	5-5	39	136	20,0	3,14
Alma Rosa, Gólia	OC1	6-1	19	19	26,0	3,31
Alma Rosa, Gólia	OC2	3-9	69	210	14,0	3,94
Alma Rosa, Gólia	OC2	3-7	59	84	11,0	3,38
Alma Rosa, Gólia	OC1	6-4	59	195	21,0	3,75
Alma Rosa, Gólia	OC2	6-1	119	353	17,0	3,15
Alma Rosa, Gólia	OC2	3-9	19	52	26,0	3,13
Alma Rosa, Gólia	OC1	7-10	59	160	16,0	3,62
Alma Rosa, Gólia	OC2	6-11	59	198	19,0	3,11
Alma Rosa, Gólia	OC2	4-7	29	71	24,0	3,4
Alma Rosa, Gólia	OC1	5-0	89	267	13,0	3,79
Alma Rosa, Gólia	OC1	5-10	29	247	19,0	3,82
Alma Rosa, Gólia	OC1	5-7	59	164	16,0	3,44
Alma Rosa, Gólia	OC2	5-8	49	186	21,0	3,89
Alma Rosa, Gólia	OC2	5-8	49	145	24,0	3,61

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Alma Rosa, Gólia	OC2	6-1	49	134	20,0	3,78
Alma Rosa, Gólia	OC1	7-3	29	56	26,0	3,24
Alma Rosa, Gólia	OC2	5-11	19	20	21,0	3,81
Alma Rosa, Gólia	OC2	7-3	19	36	30,0	3,46
Alma Rosa, Gólia	OC2	2-11	89	348	13,0	3,44
Alma Rosa, Gólia	PO	2-10	89	247	18,0	3,40
Alma Rosa, Gólia	OC4	2-9	79	194	19,0	3,61
Alma Rosa, Gólia	OC2	2-9	69	198	16,0	3,77
Alma Rosa, Gólia	OC2	2-11	69	139	16,0	3,10
Alma Rosa, Gólia	OC2	2-9	59	178	19,0	3,50
Alma Rosa, Gólia	OC2	2-10	49	143	21,0	3,78
Alma Rosa, Gólia	OC4	2-9	39	94	18,0	2,96
Alma Rosa, Gólia	OC2	2-3	39	148	13,0	3,83
Alma Rosa, Gólia	OC1	2-2	39	106	18,0	3,56
Alma Rosa, Gólia	OC1	2-4	29	56	17,0	3,56
Alma Rosa, Gólia	OC2	2-5	19	45	16,0	3,74
Alma Rosa, Gólia	OC1	1-0	19	22	19,0	2,93
Alma Rosa, Gólia	OC1	6-3	49	125	24,0	2,96
Alma Rosa, Gólia	OC2	3-4	69	208	23,0	3,49
Alma Rosa, Gólia	OC2	5-4	69	180	16,0	3,71
Alma Rosa, Gólia	OC2	4-10	59	156	14,0	3,66
Alma Rosa, Gólia	OC2	3-11	49	145	13,0	3,65
Alma Rosa, Gólia	OC2	4-4	49	130	22,0	3,66
Alma Rosa, Gólia	OC2	4-1	39	94	22,0	3,38
Alma Rosa, Gólia	PO	4-3	39	86	21,0	3,04
Alma Rosa, Gólia	OC1	4-5	19	22	24,0	3,09
Alma Rosa, Gólia	OC2	2-10	109	321	19,0	3,47
Alma Rosa, Gólia	OC2	2-9	99	283	19,0	3,68
Alma Rosa, Gólia	OC2	2-8	99	281	13,0	2,71

Guilherme e Déio Moraes Ribeiro, Esp. São Paulo, Est. de São Paulo, Controle em 25/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Alma Rosa, Gólia	PO	4-4	79	212	13,0	4,00
Alma Rosa, Gólia	PO	7-5	69	166	13,0	4,42
Alma Rosa, Gólia	PO	10-0	59	123	15,0	3,63
Alma Rosa, Gólia	PO	6-5	59	128	15,0	4,11
Alma Rosa, Gólia	OC4	8-9	59	129	18,0	3,91
Alma Rosa, Gólia	OC2	7-4	49	103	20,0	3,98
Alma Rosa, Gólia	PO	4-8	39	82	15,0	3,72
Alma Rosa, Gólia	PO	4-9	29	86	13,0	4,93
Alma Rosa, Gólia	OC2	3-7	39	75	15,0	3,54
Alma Rosa, Gólia	PO	3-9	19	11	20,0	4,64
Alma Rosa, Gólia	PO	7-8	19	19	20,0	3,52
Alma Rosa, Gólia	PO	6-9	19	3	20,0	3,43

Francisco Lopes Filho, São Paulo, Est. de São Paulo, Controle em 25/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Alma Rosa, Gólia	OC2	-	29	67	18,0	3,06
Alma Rosa, Gólia	PO	6-3	29	43	17,0	3,44
Alma Rosa, Gólia	PO	6-7	39	117	14,0	3,35
Alma Rosa, Gólia	PO	6-2	39	92	18,0	3,31
Alma Rosa, Gólia	PO	5-5	39	87	16,0	3,61
Alma Rosa, Gólia	PO	4-10	49	128	14,0	3,26
Alma Rosa, Gólia	PO	-	39	43	13,0	3,21
Alma Rosa, Gólia	PO	4-11	19	15	20,0	3,07
Alma Rosa, Gólia	PO	4-7	39	99	18,0	3,13
Alma Rosa, Gólia	PO	-	59	231	13,0	3,11
Alma Rosa, Gólia	PO	3-11	39	69	17,0	3,11
Alma Rosa, Gólia	PO	5-7	39	93	18,0	3,20
Alma Rosa, Gólia	PO	5-4	59	182	15,0	3,12
Alma Rosa, Gólia	PO	-	39	97	13,0	3,12
Alma Rosa, Gólia	OC1	9-2	59	150	13,0	3,57
Alma Rosa, Gólia	OC1	9-4	39	94	15,0	3,29
Alma Rosa, Gólia	OC1	8-5	19	9	17,0	2,81

Exp. Antonio Junior, São Paulo, Est. de São Paulo, Controle em 10/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Alma Rosa, Gólia	OC1	8-3	59	117	27,0	3,04
Alma Rosa, Gólia	OC2	7-4	69	189	24,0	3,16
Alma Rosa, Gólia	OC2	4-10	19	35	15,0	2,71
Alma Rosa, Gólia	PO	4-7	19	36	29,0	2,80
Alma Rosa, Gólia	PO	2-8	29	71	20,0	2,81
Alma Rosa, Gólia	PO	2-5	69	196	21,0	2,66
Alma Rosa, Gólia	OC2	3-9	59	158	21,0	2,90
Alma Rosa, Gólia	PO	3-6	49	122	21,0	2,77
Alma Rosa, Gólia	PO	2-0	59	143	22,0	3,61
Alma Rosa, Gólia	PO	2-1	39	105	20,0	2,86
Alma Rosa, Gólia	OC2	2-10	39	95	23,0	3,18
Alma Rosa, Gólia	OC4	2-4	39	103	20,0	3,18
Alma Rosa, Gólia	OC1	6-1	19	26	31,0	2,60
Alma Rosa, Gólia	OC2	8-4	19	42	24,0	2,76
Alma Rosa, Gólia	OC2	4-10	19	30	23,0	2,77
Alma Rosa, Gólia	PO	7-10	89	232	20,0	3,10
Alma Rosa, Gólia	OC2	4-4	79	214	25,0	2,81
Alma Rosa, Gólia	OC1	4-6	59	259	24,0	3,09
Alma Rosa, Gólia	OC2	8-7	69	220	22,0	3,01

Dr. Claudio Weverton, Roberto, São Paulo, Est. de São Paulo, Controle em 4/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Alma Rosa, Gólia	PO	2-3	19	3	19,0	1,97
Alma Rosa, Gólia	PO	7-3	29	37	28,0	4,30
Alma Rosa, Gólia	PO	2-8	39	85	21,0	4,04

Cap. Vasco Mil, São Paulo, Est. de São Paulo, Controle em 12/

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	4-0	30	103	32,0	2,76
C. Amadeus, Mabel Red	PO	5-0	10	69	36,0	3,54
C. Amadeus, Mary Red	PO	6-10	47	139	24,0	3,19
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	7-0	70	105	26,0	4,95
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	7-0	70	254	26,0	3,37
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	7-10	30	135	21,0	2,95
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	8-0	40	152	25,0	3,25
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	8-11	40	145	20,0	3,42
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	8-5	30	125	23,0	3,95
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	8-11	10	48	39,0	3,15
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	6-0	30	153	26,0	3,23
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	5-10	30	105	25,0	4,09
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	4-9	80	300	20,0	3,46
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	4-10	50	189	20,0	3,29
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	5-2	30	125	32,0	3,24
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	4-8	70	133	27,0	2,83
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	4-8	30	125	23,0	3,60
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	5-1	30	107	25,0	3,37
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	4-8	50	204	23,0	3,26
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	4-7	50	204	23,0	3,52
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	4-5	50	201	25,0	3,67
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	4-5	40	170	24,0	3,60
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	5-7	10	51	34,0	3,13
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	5-4	40	150	29,0	4,12
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	4-10	40	138	24,0	3,48
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	4-5	30	124	31,0	3,59
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	4-4	10	88	31,0	3,36
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	4-5	10	70	31,0	3,50
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	4-4	10	17	38,0	3,55
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-11	90	310	20,0	3,50
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-10	40	188	23,0	3,62
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	4-2	40	138	24,0	3,85
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	4-5	40	138	24,0	3,16
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-10	30	138	25,0	3,65
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	4-7	10	62	34,0	3,31
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	4-7	10	62	37,0	3,31
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-5	10	85	24,0	3,85
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-1	60	212	22,0	3,05
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-4	10	133	24,0	3,32
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-4	10	132	21,0	3,99
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-2	10	92	22,0	3,44
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-1	10	85	26,0	4,11
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-8	10	76	25,0	3,90
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-4	10	73	23,0	2,99
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-7	10	46	22,0	3,80
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-4	40	150	25,0	3,36
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-3	20	81	26,0	3,59
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-4	10	99	24,0	3,27
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-4	10	34	22,0	3,26
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-4	10	23	24,0	2,82
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-3	60	206	23,0	2,31
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-5	40	169	22,0	2,99
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	2-3	30	111	23,0	2,99
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	2-6	10	44	26,0	3,69
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-9	10	61	31,0	2,88
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	3-6	30	138	21,0	2,68
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	4-10	10	62	29,0	4,32
Amorim, Cerys, Priscilla Red	PO	4-10	10	61	38,0	2,58

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amorim, Cerys, Priscilla Red

Amor

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos meses	Contro- le	Dias de lactação	Leite	%
Colônia de Sta. Olívia	OC2		3-1	50			
Correia de Sta. Olívia	OC1		2-10	50	139	15,0	3,47
Marquês J.F. Barreiros	OC1		4-10	50	136	14,0	3,82
Anta de Sta. Olívia	31/32		4-7	50	134	13,0	3,86
Bessira's Lina Ivandro	PO		7-5	40	132	17,0	3,22
Alcena de Sta. Olívia	15/16		3-11	40	147	18,0	3,11
Camélia de Sta. Olívia	OC1		3-1	40	119	14,0	3,25
Satinada S. Corona	OC1		8-2	30	108	20,0	3,60
Sopoti de Sta. Olívia	PO		4-3	20	83	16,0	3,38
Verda de Sta. Olívia	OC1		3-7	20	51	19,0	3,36
Verdinha de Sta. Olívia	PO		8-2	20	33	17,0	3,45
Lina de Sta. Olívia	OC1		4-1	10	11	20,0	3,05
Monista Ned Est. Regina	OC1		-	10	6	14,0	3,62

Raça Jersey

Dr. Augusto Antônio Motta Pacheco, Titul. Est. de São Paulo, Controle em 22/11/81.
Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Independência, Vereditiz	1/2	6-0	20	68	16,0	4,79
Moeniriz Lustroso Bay	3/4	6-0	10	7	16,0	3,56

Dr. Mario Leves Leão, Colômbia, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.

Escadela Milton de S. Poo.	PO	8-3	60	145	12,0	3,54
Garbosa Generator de S. Poo.	PO	5-11	80	241	12,0	4,48
Galaxia Wiseman de S. Poo.	PO	-	10	10	17,0	3,78
Santana Rincão de S. Poo.	PO	8-11	70	10	17,0	3,78
S.A. Chagosa de S. Poo.	PO	8-6	20	64	18,0	4,02
S.A. Batelada de S. Poo.	PO	8-1	20	68	12,0	3,24
S.A. Maraca de S. Poo.	PO	5-11	50	151	12,0	3,52
S.A. Grava de S. Poo.	PO	7-0	20	149	12,0	5,26
S.A. Giza de S. Poo.	PO	6-8	10	29	15,0	3,36
F.C.B. Chida	PO	6-3	50	129	12,0	3,27

Dr. Bap. de Agrio, Luis de Oliveira, Fátima, Est. de São Paulo, Controle em 4/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Emag. Quilha Juggler	PO	4-4	50	126	10,0	3,43
----------------------	----	-----	----	-----	------	------

Raça Parda Suíça (Schwyz)

Benedito Portugal, Berrê, Jacutinga, Est. de Minas Gerais, Controle em 16/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.

B.C. Unirato II Jester	PO	8-4	70	194	31,0	3,66
B.C. Dinamarca Alaric II	PO	4-1	50	140	19,0	4,10
B.C. Daniela Apache	PO	4-7	40	134	13,0	3,60
B.C. Dramático Elegante	PO	4-7	40	93	15,0	5,07
B.C. Fátima Delo II	PO	-	40	98	20,0	4,68
B.C. Balth Apache	PO	3-1	30	85	13,0	3,83
B.C. Darling Apache	PO	3-7	20	38	18,0	3,44
B.C. Anarda Chip's Paul I	PO	4-7	20	51	20,0	3,32
B.C. Anarda Chip's Paul I	PO	7-1	20	36	17,0	2,94

Cia. Agro. Pec. Santa Madalena, Jacutinga, Est. de Minas Gerais, Controle em 5/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Família Creme, Pluribus Ocas.	PO	6-8	20	59	18,0	4,23
S.M. Maria Mary, From Ocas.	PO	4-9	20	59	18,0	4,01
S.M. Liz Creme, Universal	PO	5-11	20	48	21,0	3,67
Liz Creme, Mary de S.H.	PO	6-5	10	16	20,0	3,80

Dr. Giovanni, Marquês, Gross, Três Corações, Est. de Minas Gerais, Controle em 11/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.

Don Caré Iporanga	PO	8-9	90	248	13,0	4,18
Don Caré Itajai Alaric I	PO	6-1	40	104	23,0	3,59
Cristina de Sta. Anália	PO	8-0	40	101	18,0	4,08
Cabe Valley de Sta. Anália	PO	5-6	60	166	17,0	3,50
Diana Vapper de Sta. Anália	PO	6-6	20	31	17,0	3,50
Garcia de Sta. Anália	PO	8-10	50	148	16,0	3,42
Lina de Sta. Anália	PO	4-11	50	149	13,0	2,62
Marilú de Sta. Anália	PO	8-0	30	173	13,0	4,85

Dr. Sylvio Lima, Marquês, Anápolis, Est. de São Paulo, Controle em 4/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.

Condição Vapper de Sta. Anália	PO	7-7	40	163	17,0	3,87	
Aletria Wacout de Sta. Anália	PO	11-0	20	52	17,0	3,87	
Garcia de Sta. Anália	PO	6-4	20	52	16,0	3,87	
Diana de Sta. Anália	PO	11/12	7-8	20	46	18,0	3,47

Dr. Carlos Cardoso de Almeida, Anápolis, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81. Regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.

Catita de Sta. Anália	PO	8-0	20	32	23,0	3,26
S. Camélia III Jester	PO	10-5	20	30	14,0	2,66
Anápolis de Sta. Anália	PO	13-2	20	29	16,0	3,40
Ritido de Sta. Anália	PO	7-7	20	28	21,0	3,39
Batelada de Sta. Anália	PO	7-8	10	28	21,0	3,39
Palma de Sta. Anália	PO	8-4	10	23	21,0	3,39
Ritido de Sta. Anália	PO	8-3	10	23	21,0	3,39
Anápolis de Sta. Anália	PO	5-8	10	23	21,0	3,39
Jacutinga de Sta. Anália	PO	2-7	10	21	23,0	1,28
S.C. Jacutinga de Sta. Anália	PO	2-8	10	21	23,0	1,28

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Yvonne de São Carlos	PO	7-5	80	219	13,0	3,85
Elégio de São	POCO	7-5	80	103	14,0	3,70
Malada Sany	PO	7-11	40	101	17,0	3,47
Insensível de São Carlos	PO	7-3	40	100	14,0	3,29
Insensível de São Carlos	PO	7-3	40	110	13,0	3,14
S.C. João Gomes	PO	7-5	30	59	14,0	4,03
S.C. Leopoldo Gomes	PO	7-11	20	47	14,0	3,58
Paula de São Carlos	POCO	8-8	20	41	19,0	3,78
Paula de São Carlos	POCO	8-8	20	41	20,0	3,46
S.C. Paulina Gomes	POCO	5-2	20	35	18,0	3,80

Região: Faria Lima, Porto Feliz, Est. de São Paulo, Controle em 24/11/81. Regime de pasto com ração suplementar, 1 e 2 ordenhas.

1. Yvonne	PO	8-1	20	333	21,0	3,58
Yvonne de São Carlos	PO	8-1	20	33	28,0	3,32
Yvonne de São Carlos	PO	8-1	20	123	41,0	3,31
Yvonne de São Carlos	PO	8-8	20	242	24,0	3,24
Yvonne de São Carlos	PO	7-8	20	58	26,0	3,17
Yvonne de São Carlos	PO	8-11	80	275	27,0	3,08
Yvonne de São Carlos	PO	7-6	40	122	19,0	2,47
Yvonne de São Carlos	PO	8-1	20	119	19,0	3,61
Yvonne de São Carlos	PO	7-11	20	43	40,0	3,61
Yvonne de São Carlos	PO	8-1	20	190	27,0	3,27
Yvonne de São Carlos	PO	8-8	20	182	15,0	3,01
Yvonne de São Carlos	PO	7-5	20	231	15,0	3,30
Yvonne de São Carlos	PO	8-5	80	218	21,0	3,61
Yvonne de São Carlos	PO	8-6	20	102	22,0	3,58
Yvonne de São Carlos	PO	7-5	20	119	14,0	3,38
Yvonne de São Carlos	PO	8-11	20	41	24,0	3,78
Yvonne de São Carlos	PO	10-8	20	112	18,0	3,13
Yvonne de São Carlos	PO	7-7	20	45	28,0	3,13
Yvonne de São Carlos	PO	8-11	20	122	29,0	3,17
Yvonne de São Carlos	PO	8-7	20	111	33,0	3,11
Yvonne de São Carlos	PO	8-1	20	130	14,0	3,54
Yvonne de São Carlos	PO	8-5	20	200	20,0	3,64
Yvonne de São Carlos	PO	8-11	20	8	23,0	3,55
Yvonne de São Carlos	PO	11-11	20	32	19,0	3,16
Yvonne de São Carlos	PO	8-2	20	54	22,0	3,60
Yvonne de São Carlos	PO	8-5	20	6	33,0	3,48
Yvonne de São Carlos	PO	8-5	20	163	23,0	3,50
Yvonne de São Carlos	PO	8-11	20	104	15,0	3,88
Yvonne de São Carlos	PO	7-11	40	153	34,0	3,22
Yvonne de São Carlos	PO	8-5	40	126	21,0	3,06
Yvonne de São Carlos	PO	8-2	20	66	26,0	3,54
Yvonne de São Carlos	PO	7-11	40	132	17,0	4,36
Yvonne de São Carlos	PO	8-8	20	66	81,0	3,17
Yvonne de São Carlos	PO	8-8	40	167	22,0	3,86
Yvonne de São Carlos	PO	8-1	20	125	73,0	3,60
Yvonne de São Carlos	PO	8-5	60	228	14,0	3,88
Yvonne de São Carlos	PO	8-9	40	170	14,0	3,95
Yvonne de São Carlos	PO	8-2	20	39	35,0	3,40
Yvonne de São Carlos	PO	8-11	60	215	18,0	3,85
Yvonne de São Carlos	PO	8-1	20	100	23,0	3,48
Yvonne de São Carlos	PO	8-11	14	15	23,0	3,67
Yvonne de São Carlos	PO	8-11	20	238	14,0	4,07
Yvonne de São Carlos	PO	8-8	40	312	15,0	3,83
Yvonne de São Carlos	PO	8-1	20	155	13,0	3,50

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Yvonne de São Carlos	PO	2-10	20	249	16,0	3,70
Yvonne de São Carlos	PO	3-7	20	38	21,0	3,30
Yvonne de São Carlos	PO	2-10	40	167	18,0	3,47
Yvonne de São Carlos	PO	3-11	60	215	12,0	3,55
Yvonne de São Carlos	PO	3-8	10	24	18,0	3,23
Yvonne de São Carlos	PO	4-2	20	224	13,0	3,67
Yvonne de São Carlos	PO	2-7	50	176	15,0	3,57
Yvonne de São Carlos	PO	3-9	20	10	19,0	3,67
Yvonne de São Carlos	PO	3-10	20	59	23,0	3,64
Yvonne de São Carlos	PO	3-0	30	119	16,0	3,25
Yvonne de São Carlos	PO	3-0	30	127	16,0	3,79
Yvonne de São Carlos	PO	3-10	40	166	19,0	3,49
Yvonne de São Carlos	PO	3-1	20	37	17,0	3,84
Yvonne de São Carlos	PO	6-6	70	252	16,0	3,55
Yvonne de São Carlos	PO	2-4	20	79	17,0	3,63
Yvonne de São Carlos	PO	2-3	10	33	19,0	3,47
Yvonne de São Carlos	PO	2-5	10	9	16,0	3,46
Yvonne de São Carlos	PO	2-4	10	12	13,0	3,75
Yvonne de São Carlos	PO	1-11	10	18	13,0	3,27
Yvonne de São Carlos	PO	2-6	10	18	26,0	3,41

2. Yvonne

Yvonne de São Carlos	PO	6-4	20	261	14,0	4,04
Yvonne de São Carlos	PO	4-9	70	159	16,0	3,80

Região: Faria Lima, Porto Feliz, Est. de São Paulo, Controle em 27/12/81. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Yvonne de São Carlos	PO	-	10	30	23,0	3,52
Yvonne de São Carlos	PO	-	80	235	14,0	3,23
Yvonne de São Carlos	PO	5-6	20	86	23,0	3,09
Yvonne de São Carlos	PO	5-6	20	41	23,0	3,02
Yvonne de São Carlos	PO	3-6	20	54	18,0	2,60
Yvonne de São Carlos	PO	-	10	21	15,0	3,27
Yvonne de São Carlos	PO	-	20	85	17,0	3,06

Região: Faria Lima, Porto Feliz, Est. de São Paulo, Controle em 9/11/81. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Yvonne de São Carlos	PO	8-1	90	254	10,0	4,09
----------------------	----	-----	----	-----	------	------

Raça Dinamarquesa

Ovinário das Matilhas, Quatipé, Est. de Minas Gerais, Controle em 14/11/81.						
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Yvonne de São Carlos	PO	6-10	40	106	16,0	3,88
Yvonne de São Carlos	PO	7-7	10	13	20,0	3,41
Yvonne de São Carlos	PO	6-5	10	13	14,0	3,58
Yvonne de São Carlos	PO	8-7	70	211	12,0	3,70
Yvonne de São Carlos	PO	3-5	70	178	14,0	3,46
Yvonne de São Carlos	PO	3-10	50	118	12,0	3,80
Yvonne de São Carlos	POCO	5-10	50	115	12,0	3,48
Yvonne de São Carlos	PO	3-10	50	134	15,0	3,88

Fazenda Brasília GIR LEITEIRO

PROPRIETÁRIO:

Rubens Resende Peres

Dados do S.C.L. da ABC

3 vacas com lactação acima de 6.000 kg
21 vacas com lactação acima de 5.000 kg
88 vacas com lactação acima de 4.000 kg
276 vacas com lactação acima de 3.000 kg



IGUATU Reg. A-6163 — Grande Campeão na XVII Exposição de Gado Leiteiro em São Paulo. PRATINHA Reg. C-4436, mãe do IGUATU produziu 6.121 kg de leite em 365 dias — 4 LM — Categoria Longevidade. JAPÃO Reg. 4959 — pai do IGUATU — TOURO PROVADO — Média de suas filhas 1.195 kg de leite acima da média das mães.

Praça José Peres, 10 — Tel. 115
End. Telefônico — GIRLEITE
SAO PEDRO DOS FERROS - MG

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	
Raça Red-Poll						
W. Wilson, Marinho, Catanduva, Est. de São Paulo, Controle em 12/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
W. Wilson, Marinho, Catanduva, Est. de São Paulo, Controle em 12/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.	PO	10-10	39	87	10,0	3,28
W. Wilson, Marinho, Catanduva, Est. de São Paulo, Controle em 12/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.	PO	6-2	29	43	11,0	3,25

Raça Pitangueiras						
W. Wilson, Marinho, Catanduva, Est. de São Paulo, Controle em 9/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Peso (kg) 121	10	10-4	19	23	10,0	3,69

Raça Gir						
Anima: São João do Oliveira Costa, São Cristóvão das Palmeiras, Est. de São Paulo, Controle em 22/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.						
RE	10-2	69	199	10,0	4,22	
RE	7-11	59	175	11,0	4,23	
RE	-	49	176	11,0	4,24	
RE	9-10	39	47	13,0	4,04	
PC	9-6	29	46	10,0	4,48	

J. de A. Silva, São João do Rio de Janeiro, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
RE	9-11	49	100	11,0	3,99	
PC	6-5	49	130	10,0	3,70	

W. Wilson, Marinho, Catanduva, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.						
W. Wilson, Marinho, Catanduva, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.	RE	2-11	49	116	10,0	6,09
W. Wilson, Marinho, Catanduva, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.	RE	7-0	49	103	16,0	4,29
W. Wilson, Marinho, Catanduva, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.	RE	13-4	49	86	14,0	4,97
W. Wilson, Marinho, Catanduva, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.	RE	9-11	49	114	13,0	4,83
W. Wilson, Marinho, Catanduva, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.	RE	6-9	39	89	20,0	4,55
W. Wilson, Marinho, Catanduva, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.	RE	12-11	39	88	14,0	5,78
W. Wilson, Marinho, Catanduva, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.	RE	9-4	39	55	17,0	5,13
W. Wilson, Marinho, Catanduva, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.	RE	6-9	19	19	17,0	4,58
W. Wilson, Marinho, Catanduva, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.	RE	2-11	69	157	10,0	5,80
W. Wilson, Marinho, Catanduva, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.	RE	7-10	69	155	14,0	4,95
W. Wilson, Marinho, Catanduva, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.	RE	12-6	59	153	10,0	5,00
W. Wilson, Marinho, Catanduva, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.	RE	10-10	59	149	11,0	4,89
W. Wilson, Marinho, Catanduva, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.	RE	10-9	59	126	14,0	4,53
W. Wilson, Marinho, Catanduva, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.	RE	3-4	69	126	10,0	6,50

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Rubens Rosendo Peres, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais, Controle em 3/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.						
Estrela de Brasília	RE	10-9	99	268	14,0	4,63
Garça de Brasília	RE	13-5	39	71	13,0	4,25
Jacarandá de Brasília	RE	9-7	119	325	10,0	4,13
Olaria de Brasília	NR	-	19	10	16,0	5,83
Seabra de Brasília	RE	4-3	49	113	13,0	4,64
Nacional de Brasília	RE	7-0	59	267	12,0	5,17
Mezira de Brasília	RE	7-10	39	65	14,0	4,72
Odinosa de Brasília	RE	6-2	19	6	14,0	5,38
Nova York de Brasília	NR	-	59	157	10,0	5,38
Jubirina de Brasília	RE	9-7	79	194	10,0	5,11
Ortosa de Brasília	NR	-	29	55	11,0	4,98
Lambraria de Brasília	RE	8-7	59	149	10,0	5,47
Hamadã de Brasília	RE	11-6	49	149	16,0	4,54
Libra de Brasília	RE	6-11	99	257	13,0	4,59
Roxoza de Brasília	RE	7-11	59	145	11,0	4,64
Poliana de Brasília	RE	6-5	39	77	14,0	4,50
Martura de Brasília	RE	10-7	89	365	10,0	5,01
Olmar de Brasília	RE	5-11	49	92	13,0	4,36
Encantada de Brasília	RE	4-7	59	151	14,0	4,66
Outra de Brasília	RE	7-10	49	113	12,0	5,31
Jenô de Brasília	RE	10-6	100	280	11,0	4,64
Niper de Brasília	RE	6-6	79	275	11,0	5,33
Leitirra de Brasília	RE	9-4	49	100	23,0	3,36

João Gabriel da Costa Noronha e Outros, Casa Branca, Est. de São Paulo, Controle em 23/11/81, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Nacional da Boa Vista	RE	6-6	39	79	11,0	4,13
C.A. Mendocina	PC	8-3	39	69	14,0	3,91
C.A. Deusa	RE	14-8	29	44	12,0	4,46
C.A. Nobreza	PCOD	5-4	29	54	13,0	4,25
Japonesa	RE	8-3	29	47	13,0	4,07
C.A. Grelha	NR	11-8	19	13	11,0	4,20
C.A. Ioba	RE	6-11	19	13	11,0	4,34
C.A. Loba	NR	7-0	19	1	13,0	3,97
C.A. Náutica	PC	-	19	28	13,0	4,33
C.A. Luca	PC	7-5	19	6	10,0	4,16
C.A. Fantasia	NR	11-11	99	353	12,0	4,15
C.A. Furtura	RE	11-11	89	225	11,0	4,22
C.A. Hoda	PC	5-8	79	203	12,0	4,19
C.A. Canela	PC	13-2	79	189	10,0	4,54
C.A. Lagosta	NR	6-11	79	182	10,0	4,32
C.A. Galaxia	NR	11-3	79	192	11,0	4,34
C.A. Donzela	RE	4-1	69	169	11,0	4,17
C.A. Laceresia	RE	6-10	69	162	10,0	4,05
C.A. Namorada	NR	5-4	59	132	10,0	4,63
C.A. Mirra	PC	6-2	59	142	10,0	4,28
C.A. Maira	PCOD	10-0	49	124	10,0	4,42
C.A. Haste	NR	10-5	49	99	12,0	4,15
C.A. Guiné	PC	11-0	49	117	12,0	4,44
C.A. Doninho	NR	14-0	59	99	10,0	4,27
C.A. Missiva	PC	5-10	49	123	10,0	4,29
C.A. Filodelfia	RE	11-8	49	95	13,0	4,25
C.A. Sovea	PCOD	4-10	49	106	12,0	4,19
C.A. Alga	PCOD	5-8	49	103	10,0	4,34



QUEM? QUANDO? COMO? ONDE? POR QUE?

Não tenha dúvidas. Anuncie seu produto ou seu reprodutor no maior grupo editorial brasileiro especializado exclusivamente em assuntos agropecuários: a Editora dos Criadores. Além da Revista dos Criadores (com meio século de existência), editamos também o Anuário dos Criadores, Agenda dos Criadores e Agricultores e o informativo Rural Trabalhista e Fiscal. Além disso possuímos um moderno parque gráfico capacitado para produzir, compor, imprimir (branco e preto e quatro cores) qualquer tipo de peça gráfica.

Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo - SP

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	% de Leite	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	% de Leite
Francisco Figueiredo Barreto, Roca, Est. de São Paulo, Controle em 17/11/81. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						Dr. Arthur Souto Major Filizola, Jaguapitã, Est. de Minas Gerais, Controle em 28/11/81. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
1 ordenhas						Tarimba	RE	6-0	10	9	14,0
Cartão	RE	14-2	20	5	10,0	Meca	RE	-	27	29	13,0
Clitã	RE	7-3	20	20	13,0						
Rebela	RE	5-4	10	13	12,0						
Rebela	RE	5-4	10	21	14,0						
Rebela	RE	9-8	10	9	18,0						
Rebela	RE	6-0	10	13	13,0						
Rebela	RE	9-0	10	8	11,0						
Rebela	RE	10-0	10	5	12,0						
Rebela	RE	7-0	10	134	13,0						
Rebela	RE	13-8	60	147	11,0						
Rebela	RE	5-7	10	150	11,0						
Rebela	RE	5-10	10	139	11,0						
Rebela	RE	5-4	10	156	12,0						
Rebela	RE	12-0	10	125	10,0						
Rebela	RE	6-1	10	127	10,0						
Rebela	RE	8-9	10	124	10,0						
Rebela	RE	10-0	10	122	10,0						
Rebela	RE	12-5	40	92	20,0						
Rebela	RE	8-5	70	197	16,0						
Rebela	RE	6-1	70	199	13,0						
Rebela	RE	-	70	186	12,0						
Rebela	RE	10-5	70	186	11,0						
Rebela	RE	5-8	70	198	10,0						
Rebela	RE	10-0	120	338	10,0						
Rebela	RE	5-3	110	305	10,0						
Rebela	RE	7-1	110	304	10,0						
Rebela	RE	13-4	110	316	11,0						
Rebela	RE	8-4	110	283	10,0						
Rebela	RE	8-4	90	247	15,0						
Rebela	RE	7-0	20	53	14,0						
Rebela	RE	7-0	20	46	11,0						
Rebela	RE	14-0	20	54	14,0						
Rebela	RE	11-0	20	37	13,0						
Rebela	RE	14-7	20	46	14,0						
Rebela	RE	6-7	20	50	12,0						
Rebela	RE	8-1	20	54	12,0						
Rebela	RE	12-0	20	38	13,0						
Rebela	RE	7-7	20	54	14,0						
Rebela	RE	8-1	20	30	12,0						
Rebela	RE	6-4	20	36	13,0						
Rebela	RE	10-6	10	23	20,0						
Rebela	RE	8-0	80	174	11,0						
Rebela	RE	7-5	80	171	11,0						
Rebela	RE	10-1	80	162	13,0						
Rebela	RE	5-4	80	162	10,0						
Rebela	RE	8-0	80	166	12,0						
Rebela	RE	7-4	80	159	10,0						
Rebela	RE	10-0	80	159	12,0						
Rebela	RE	8-5	70	145	10,0						
Rebela	RE	5-1	60	163	10,0						
Rebela	RE	7-0	10	143	11,0						
Rebela	RE	7-6	40	107	12,0						
Rebela	RE	5-3	40	105	10,0						
Rebela	RE	11-2	40	103	10,0						
Rebela	RE	8-0	40	101	12,0						
Rebela	RE	10-4	30	87	12,0						
Rebela	RE	13-5	30	68	12,0						
Rebela	RE	8-0	30	86	10,0						
Rebela	RE	12-0	30	64	12,0						
Rebela	RE	5-1	40	78	11,0						
Rebela	RE	3-11	40	68	13,0						
Rebela	RE	6-0	30	75	11,0						
Rebela	RE	5-10	30	87	16,0						
Rebela	RE	12-0	20	42	11,0						
2 ordenhas						2 ordenhas					
Rebela	RE	5-2	10	23	10,0						
Rebela	RE	4-7	10	11	20,0						
Rebela	RE	14-0	10	39	12,0						
Rebela	RE	6-5	60	116	12,0						
Rebela	RE	6-7	40	97	12,0						
Rebela	RE	2-0	30	71	11,0						
Rebela	RE	5-3	40	93	10,0						
Rebela	RE	5-8	30	87	10,0						
Dr. José Elton Mendes e Carlos Maciel, Est. de Minas Gerais, Controle em 7/11/81. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Est. de Agrio, Est. de Quirino, Piraí, Est. de São Paulo, Controle em 4/11/81. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Rebela	RE	13-0	100	272	10,0						
Rebela	RE	-	70	191	10,0						
Rebela	RE	10-0	20	44	10,0						
Rebela	RE	10-0	20	180	10,0						
Rebela	RE	7-11	30	75	10,0						
Raça Guernsey						Raça Guernsey					
Est. de Agrio, Est. de Quirino, Piraí, Est. de São Paulo, Controle em 4/11/81. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Est. de Agrio, Est. de Quirino, Piraí, Est. de São Paulo, Controle em 4/11/81. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Rebela	RE	7-11	40	101	11,0						
Rebela	RE	8-3	10	15	14,0						
Rebela	RE	8-11	10	40	13,0						
Rebela	RE	3-3	20	69	13,0						
Rebela	RE	7-11	10	43	12,0						
Rebela	RE	10-9	10	8	10,0						
Rebela	RE	10-10	30	72	10,0						
Rebela	RE	8-3	10	10	10,0						

Você encontra tudo sobre a criação de Bovinos, Equinos, Suínos (e outros animais) na REVISTA DOS CRIADORES.
A publicação mais completa em pecuária

RUA VENÂNCIO AIRES, 31 — TEL.: 263-8434/65-0116 — ÁGUA BRANCA — SÃO PAULO — SP

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %		NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	
Quantidade Geral de Alameda, Itaquai, Est. do Rio de Janeiro, Controle em 20/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.							Fernando José Santos, Sta. Cruz do Rio Pardo, Est. de São Paulo, Controle em 3/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Pau Alva Gild 3. de Alto	PO	10-6	80	192	17,0	4,98	Helena	PE	12-8	30	64	17,0	4,29
Darwinke Prince Ava	PO	6-0	80	181	17,0	4,58	Onaga de Brasília	PE	5-5	60	175	13,0	4,28
Willow View Amada	PO	5-9	70	170	17,0	4,51	Melindrosa de Brasília	PE	7-10	50	141	16,0	4,23
Pau Gorda Sig. D'Aladia	PO	5-2	70	166	17,0	4,59	Lassie de Brasília	PE	8-9	50	161	12,0	3,95
Gordilões King's Murtia	PO	4-7	70	153	15,0	4,18	Janaina de Brasília	PE	9-8	100	260	12,0	4,96
Pau Grises Eldorado D'Aladia	PO	-	60	120	13,0	4,39	Fernando José Santos, Sta. Cruz do Rio Pardo, Est. de São Paulo, Controle em 3/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Pau Inês Eldorado D'Aladia	PO	5-10	40	107	21,0	4,48	Rezinha de Sta. Cruz	1/2	7-1	120	347	16,0	4,24
Overland Winston Betty	PO	6-7	40	99	22,0	4,46	Sta. Cruz Betânia	1/2	8-11	90	259	18,0	5,17
Maria Rosalei Chempion	PO	6-4	30	77	18,0	4,21	Araçonga de Sta. Cruz	3/4	9-2	10	25	27,0	3,27
Leurren D.F. Jacque	PO	-	30	69	31,0	4,21	Raça Flamengo						
Pau Eleuda Roy D'Aladia	PO	4-3	10	8	19,0	4,11	Enc. Sup. de Agric. Luis de Queiroz, Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 4/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Ofélia M. D'Aladia	PO	-	20	46	18,0	4,16	P. S. Silva	PO	8-0	30	74	12,0	5,14
Pau Honey Fayor D'Aladia	PO	-	20	46	18,0	4,16	PROCURA						
Pau Ikeda Fayor D'Aladia	PO	6-11	10	16	20,0	4,25	Dr. Jorge de Mello Sabugosa, Bauranal, Est. de São Paulo, Controle em 12/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Sherron Duke Debbie	PO	5-3	10	12	16,0	3,99	Parafus Independência	ML	4-10	20	33	13,0	4,08
Pau Gorda Apollo	PO	6-6	10	9	19,0	4,03	Nanpausa Independência	3MX	3-6	20	33	13,0	1,86
Pau Eleuda Sig	PO	-	-	-	-	-	Nanjarida Independência	ML	9-4	30	98	14,0	3,61
Girolando							Petunia Independência	ML	5-4	30	98	13,0	4,45
Roberto Resende Pereira, S. Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais, Controle em 3/11/81, Regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.							Carolina Independência	ML	4-5	40	116	13,0	4,45
Artista	1/2	-	30	73	26,0	3,84	Austrália Independência	3MX	5-5	40	103	14,0	3,95
Fianista	1/2	-	30	73	19,0	3,62	Primaria Independência	3M	7-4	50	131	14,0	4,47
India	1/2	-	40	101	15,0	4,22							
Mônica de Brasília	1/2	-	40	101	30,0	3,56							
Scipita	1/2	-	20	36	19,0	4,13							
Facidiana	1/2	-	40	101	19,0	4,17							
Monica de Brasília	1/2	-	20	35	22,0	4,59							
Gracia de Brasília	1/2	-	50	153	19,0	4,27							
Corveja	1/2	-	40	101	22,0	3,47							
Geometria de Brasília	PE	12-11	70	209	13,0	5,47							

RELATÓRIO N.º 146 — NOVEMBRO DE 1981

Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal da Associação Brasileira de Criadores CONTROLES ENCERRADOS

N.º SCDP	NOME	Nasc. mês e ano	Pesos Padrões (kg) Idades — (dias)			
			205	365	550	730
18.407	— MGC-069	08-01-80	163	192	198	263
18.591	— MGC-075	29-07-80	—	—	—	—
	Sapucaia Emp. A. Pecuários					

5/8 CHAROLÊS-3/8 ZEBU

		MACHO				
18.440	— Aceto de Guataparã	07-01-80	138	134	151	215
	Guataparã S/A Agro Pecuária					
		FÊMEA				
18.079	— Delta de Guataparã	13-10-79	191	207	303	—
18.080	— Fidalga de Guataparã	04-11-79	191	227	315	367
18.087	— Esparta de Guataparã	07-11-79	194	194	258	317
18.439	— Ayma de Guataparã	05-01-80	140	191	239	312
	Guataparã S/A Agro Pecuária					

DIVISÃO II — Regime de pasto com ração

RAÇA SANTA GERTRUDIS

		MACHO				
19.183	— Álamo 146	03-08-79	174	—	—	—
19.104	— Álamo 147	05-08-79	175	646	—	—
19.184	— Álamo 150	19-08-79	260	—	—	—
19.185	— Álamo 151	20-08-79	171	—	—	—
18.249	— 247	21-02-80	215	—	—	—
	Agro Pecuária L. Boccaletto					
19.044	— Ajaks de A.C.J.	03-07-80	204	306	—	—
18.877	— 98	01-08-80	213	350	—	—
	Antonio Chiarizzi Junior					

N.º SCDP	NOME	Nasc. mês e ano	Pesos Padrões (kg) Idades — (dias)			
			205	365	550	730
		FÊMEA				
18.576	— 245	26-12-79	183	296	431	—
19.174	— Alpaca da A.C.J.	16-09-80	171	272	—	—
	Antonio Chiarizzi Junior					

CHAROLÊS

		MACHO				
18.078	— Guataparã Field	22-12-79	242	376	501	622
	Guataparã S/A Agro Pecuária					

5/8 CHAROLÊS-3/8 ZEBU

		MACHO				
18.089	— Triunfo de Guataparã	12-11-79	241	437	534	591
18.095	— Almarado de Guataparã	14-12-79	152	160	174	258
18.437	— Abalo de Guataparã	03-01-80	160	148	227	291
18.438	— Atuado de Guataparã	05-01-80	154	219	277	367
	Guataparã S/A Agro Pecuária					

		FÊMEA				
18.090	— Triagem de Guataparã	18-11-79	179	193	249	277
18.092	— Megera de Guataparã	26-11-79	155	196	269	315
18.093	— Ambrira de Guataparã	30-11-79	—	193	261	308
18.094	— Almaria de Guataparã	05-12-79	155	125	193	260
18.096	— Almanha de Guataparã	26-12-79	212	249	317	354
18.097	— Almena de Guataparã	29-12-79	163	235	272	320
18.098	— Almiara de Guataparã	31-12-79	133	209	266	316
18.435	— Anfritri de Guataparã	01-01-80	175	203	235	259
18.436	— Alameda de Guataparã	02-01-80	179	194	248	290
	Guataparã S/A Agro Pecuária					

OBSERVAÇÃO: Os animais que aparecem com as idades padrões incompletas foram retirados antes de completar 2 anos.

MANGALARGA, E O CAVALO DE SELA BRASILEIRO.

Segunda edição, revista e aumentada
DR. FAUSTO SIMÕES



O cavalo e o homem. O cavalo Mangalarga. Troncos formadores da raça. Aptidões do cavalo Mangalarga. Estado atual da seleção. O Mangalarga e o tipo universal do cavalo de sela. Índices ideais para o cavalo de sela. O que os árabes nos transmitem. Quanto ao padrão do Mangalarga. Sobre os aprumos. As taras. Dos andamentos. Defeitos mais frequentes na raça Mangalarga. Compensações de defeitos. Pelagens, marchas e particularidades. Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da Raça Mangalarga. As raças formadoras do Mangalarga. Os núcleos atuais que mais influência mantêm sobre a raça. O Mangalarga, o Marchador Mineiro e as demais raças eqüinas nacionais. Avaliação dos eqüinos. O plantel da Fazenda Santa Virgínia e os métodos seletivos empregados. O que a hereditariedade nos ensina. Equitação simplificada. O cavalo de sela, essa máquina animal. Cuidados com a criação. A doma. Concurso e Provas Eqüestres (para o cavalo de trabalho). O novo padrão da raça Mangalarga. A remota influência de raças exóticas na formação do Mangalarga. A influência das reprodutoras na definição da raça Mangalarga. Bibliografia.

Volume encadernado e com sobrecapa a cores

A venda ou pedidos à

EDITORA DOS CRIADORES LTDA. — Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALOS DA RAÇA MANGALARGA
Av. Conde Francisco Matarazzo, 445 — São Paulo — SP

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES — Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo — SP
Livrarias da Capital e do Interior

Associação Brasileira de Criadores

Taxas e emolumentos Serviços de Assistência Veterinária e Agronômica

Vigência: 1.º de NOVEMBRO de 1981

A — SERVIÇO DE REGISTRO GENEALÓGICO

TAXAS

- 1 — REGISTRO PROVISÓRIO OU DE NASCIMENTO
 - Puro de Origem e Puro por Cruzamento ... Cr\$ 950,00
 - Mestiço ... Cr\$ 630,00
- 2 — REGISTRO DEFINITIVO
 - Puro de Origem e Puro por Cruzamento ... Cr\$ 1.250,00
 - Mestiço ... Cr\$ 940,00
- 3 — TRANSFERÊNCIA
 - Por Certificado ... Cr\$ 630,00
- 4 — SEGUNDA VIA
 - Por Certificado ... Cr\$ 1.000,00
- 5 — DIÁRIA DE INSPEÇÃO ... Cr\$ 2.500,00

B — SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO

N.º de Animais

- 01 a 10 ... Cr\$ 3.800,00
- 11 a 20 ... Cr\$ 5.800,00
- 21 a 30 ... Cr\$ 6.800,00
- 31 a 40 ... Cr\$ 7.700,00
- 41 a 50 ... Cr\$ 8.600,00
- De 51 em diante, por animal ... Cr\$ 170,00

C — SERVIÇO DE CONTROLE DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL

N.º de Animais

- 01 a 20 ... Cr\$ 4.700,00
- 21 a 30 ... Cr\$ 6.000,00
- 31 a 40 ... Cr\$ 7.000,00
- 41 a 50 ... Cr\$ 8.000,00
- 51 a 100, por animal ... Cr\$ 155,00
- 101 a 200, por animal ... Cr\$ 130,00
- 201 a 300, por animal ... Cr\$ 94,00
- 301 em diante, por animal ... Cr\$ 70,00
- Certificado emitido por animal ... Cr\$ 500,00

Obs.: As despesas de viagem e estadia do Inspetor e Controlador correm por conta do Criador, havendo rateio quando couber.

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA VETERINÁRIA

Vigência: 1.º de NOVEMBRO de 1981

A — EXAME DE IMUNO-DIFUSÃO EM GEL PARA DIAGNÓSTICO DE ANEMIA INFECCIOSA EQUINA

- Exame por amostra ou animal ... Cr\$ 550,00
- Com urgência ... Cr\$ 700,00

B — EXAMES DE SORO-AGLUTINAÇÃO PARA BRUCELOSE

Número de animais

- 01 a 10, por animal ... Cr\$ 200,00
- 11 a 20, por animal ... Cr\$ 155,00
- 21 a 50, por animal ... Cr\$ 105,00
- De 51 em diante, por animal ... Cr\$ 90,00

C — EXAMES HEMATOLOGICOS

- Hemograma completo ... Cr\$ 1.150,00
- Hemossedimentação ... Cr\$ 630,00
- Pesquisa de Hematozoários (Babésias, Filárias) ... Cr\$ 840,00
- Cálcio e Fósforo ... Cr\$ 840,00
- Enzimas (TGO, TGP — para cada uma) ... Cr\$ 1.250,00
- CPK — para cada uma ... Cr\$ 840,00

D — EXAMES DE URINA

- Exame de Urina completo (tipo II) ... Cr\$ 1.000,00
- (Caractères físico, químicos e sedimentação quantitativa)
- Exames parciais (Glicose, Corpos Cetônicos) ... Cr\$ 520,00
- Exames parciais (Bilirrubina, Proteínas, Urobilinogênio) ... Cr\$ 520,00

E — EXAMES DE FEZES

- De bovinos, eqüinos, suínos, caprinos e ovinos ... Cr\$ 520,00
- (Método de MAC MASTER E WILLIS)
- Por amostra ... Cr\$ 520,00
- Exame de Fezes de Caninos e Felinos, por animal ... Cr\$ 630,00
- Diagnóstico de Mastite (Califórnia Mastitis Test) por amostra ... Cr\$ 200,00

SERVIÇOS DIVERSOS

Vigência: 1.º de NOVEMBRO de 1981

A — CONSULTAS

- Caninos e Felinos, por animal ... Cr\$ 1.000,00

B — VACINAÇÕES

- Anti-rábica, por animal ... Cr\$ 850,00
- Tríplice (Cinomose, Hepatite, Leptospirose) ... Cr\$ 1.000,00

C — APLICAÇÕES DE INJEÇÕES E CURATIVOS

Cr\$ 320,00

D — ATESTADOS E PARECERES

Cr\$ 850,00

E — LAUDOS TÉCNICOS, (de acordo com a complexidade) ... de Cr\$ 1.000,00 a 5.250,00

F — PARECERES PARA A IMPORTAÇÃO DE SÊMEN E REPRODUTORES

Até 500 doses, por unidade

Cr\$ 30,00

De 501 a 1.000 doses, por unidade

Cr\$ 20,00

De 1.001 doses, em diante, por unidade

Cr\$ 16,00

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

- Atendimento em propriedade agrícola, por Agrônomo ou Veterinário, até o limite de 8 (oito) horas
- Por hora excedente, contada estada e viagem ... Cr\$ 5.000,00
- Despesas de viagem e estadia, por conta do Criador ... Cr\$ 520,00

OBSERVAÇÃO: — Os NÃO ASSOCIADOS estarão sujeitos ao pagamento da Taxa em dobro.

LABORATÓRIO DE SEMENTES

Associados da ABC

- 1 — Sementes de gramíneas forrageiras (Capins, Brachiárias, Gramas, etc.):
- 1 — Análise completa (pureza, silvestres nocivas, germinação e valor cultural) ... Cr\$ 500,00
- 2 — Germinação ... Cr\$ 250,00
- 3 — Pureza ... Cr\$ 150,00
- 4 — Silvestre nocivas ... Cr\$ 150,00
- 11 — Sementes de leguminosas forrageiras e florestais Siratro, Centrosema, Soja perene, Pinus, etc.):
- 1 — Análise completa (pureza, silvestres nocivas, germinação e valor cultural) ... Cr\$ 360,00
- 2 — Germinação ... Cr\$ 200,00
- 3 — Pureza ... Cr\$ 120,00
- 4 — Silvestres nocivas ... Cr\$ 120,00

LABORATÓRIO DE SEMENTES

Para não Associados da ABC

Em vigência: 1.º de AGOSTO de 1981

III — Sementes de diversas espécies (Trigo, Feijão, Soja, Sorgo, Centeio, Aveia, etc.):

1 — Análise completa	Cr\$ 240,00
2 — Germinação	Cr\$ 120,00
3 — Pureza	Cr\$ 100,00
4 — Silvestres nocivas	Cr\$ 100,00

IV — Sementes de Arroz e Milho

1 — Análise completa	Cr\$ 360,00
2 — Germinação	Cr\$ 200,00
3 — Pureza	Cr\$ 120,00
4 — Silvestres nocivas	Cr\$ 120,00

V — Outras determinações (Umidade, Sementes infestadas, peso de mil Sementes e peso volumétrico) para qualquer espécie:

1 — Cada determinação	Cr\$ 100,00
-----------------------	-------------

VI — Pureza e Teste de Te-
trazólio

VII — Não realizamos análise de PUREZA de sementes tratadas com defensivos.

I — Sementes de gramíneas forrageiras (Capins, Brachiarias, Gramas, etc.):

1 — Análise completa (pureza, silvestres nocivas, germinação e valor cultural)	Cr\$ 1.000,00
2 — Germinação	Cr\$ 500,00
3 — Pureza	Cr\$ 300,00
4 — Silvestres nocivas	Cr\$ 300,00

II — Sementes de leguminosas, forrageiras e florestais (Siratro, Centrosema, Soja peregrina, Pinus, etc.):

1 — Análise completa (pureza, silvestres nocivas, germinação e valor cultural)	Cr\$ 720,00
2 — Germinação	Cr\$ 400,00
3 — Pureza	Cr\$ 240,00
4 — Silvestres nocivas	Cr\$ 240,00

III — Sementes de diversas espécies (Trigo, Feijão, Soja, Sorgo, Centeio, Aveia, etc.):

1 — Análise completa	Cr\$ 480,00
2 — Germinação	Cr\$ 240,00
3 — Pureza	Cr\$ 200,00
4 — Silvestres nocivas	Cr\$ 200,00

IV — Sementes de Arroz e Milho

1 — Análise completa	Cr\$ 720,00
2 — Germinação	Cr\$ 400,00
3 — Pureza	Cr\$ 240,00
4 — Silvestres nocivas	Cr\$ 240,00

V — Outras determinações (Umidade, Sementes infestadas, peso de mil Sementes e peso volumétrico) para qualquer espécie:

1 — Cada determinação	Cr\$ 200,00
-----------------------	-------------

VI — Pureza e Teste de Te-
trazólio

VII — Não realizamos análise de PUREZA de sementes tratadas com defensivos.

Pecuaristas ligados a Entidades que mantêm convênio com a ABC, gozam de descontos de 40% sobre os valores da presente Tabela.

ENDEREÇOS: SEDE: Rua Jaguaribe, 634 — Fone: 826-3033 — São Paulo.

FILIAIS: Av. José César de Oliveira, 175, perto do CEAGESP. Aberto até às 22 horas. Fone: 831-7966 — São Paulo.

E em São João da Boa Vista, (SP), Rua Benjamin Constant, 25 - Fone: DDD (0196) 22-3904.

ABC-JAGUARÉ

A nova loja ABC no Jaguaré, ao lado do CEAGESP, fica próxima a praticamente todas as entradas e saídas da cidade de São Paulo. Basta seguir qualquer caminho que dê no CEAGESP que se chega, facilmente à ABC.

Exposição permanente de máquinas, implementos e motores.

Para compras maiores é o local ideal, pois a loja fica na frente do armazém, portanto, é só encostar o caminhão na plataforma e carregar.

Aberta até às 22 horas.

**Agora mais perto
da sua fazenda.**



**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE CRIADORES**

São Paulo: Rua Jaguaribe, 634 - fone: 826-3033.

Av. José César de Oliveira, 175 - (CEAGESP) -

Tel.: 831-7966 — Jaguaré — São Paulo

S.J. Boa Vista: Rua Benjamin Constant, 25

fone: (0196) 22-3904



ANUÁRIO DOS CRIADORES

- a realidade
pecuária para você!

Veja porque você deve reservar
hoje mesmo o seu exemplar.

porque o ANUÁRIO DOS CRIADORES 1981-82 analisará para você, em português e inglês, a pecuária nacional e suas perspectivas;

porque publicará um trabalho completo sobre o confinamento de bovinos para engorda: serão mais de 40 páginas de informações sobre a produção intensiva e econômica de carne bovina, com indicações práticas sobre tudo o que você precisa saber sobre o assunto, desde as instalações até a utilização de resíduos para a alimentação dos animais;

porque reunirá para você uma série de trabalhos sobre o novo sistema de avaliação do gado leiteiro, atualmente adotado pelas associações americanas;

porque terá, ainda, muita matéria de interesse para os criadores de eqüinos e suínos;

porque reunirá, para fácil consulta, endereços que lhe são úteis de Ministérios, Secretarias, Federações e Sindicatos Rurais, Associações de Registro Genealógico, Cooperativas e Centrais de Inseminação etc.;

porque é a única publicação que traz, a cores, as fotos dos GRANDES CAMPEÕES das exposições brasileiras e o CATÁLOGO DOS CRIADORES;

porque o ANUÁRIO DOS CRIADORES é uma publicação de leitura obrigatória para quem vive de e para o meio agropecuário brasileiro.

ANUÁRIO
DOS
CRIADORES
1981-82

Solicito o envio de _____ exemplar(es) do ANUÁRIO DOS CRIADORES 1981-82, ao preço unitário de Cr\$ 3.000,00. O pagamento está sendo feito pelo cheque nº _____, no valor de Cr\$ _____

do Banco _____

Nome: _____

Endereço: _____

CEP _____ Cidade _____

Estado _____ Data: _____

Assinatura: _____

Encha logo o seu pedido,
preenchendo e enviando à
Editora dos Criadores Ltda.
Rua Venâncio Aires, 31 —
CEP 05024 — São Paulo —
colar o cupom ao lado.



PARTICIPAÇÃO:

Rachid Saldanha Derzi
(Fazenda 2 de Ouro)
José Marques Pinto de
Rezende e Filhos
(Estância Indiaporã)
Fahd Jamil e Irmãos
(Fazenda 3 Coxilhas)
Gustavo Adolfo Pavel
(Estância Magu)
Joaquim Vicente Prata
Cunha e José Olavo
Borges Mendes
(Rancho Verde e
Primavera) Francisco
José de Carvalho Neto
(Fazenda Arroio Sexto)

MACHOS P.O.I.
FÊMEAS
E MACHOS P.O.

NELO  **PORÃ**

Leilão de Nelore
de Ponta Porã

3 ABRIL SÁBADO 10:00 HS

Parque de Exposições
de Ponta Porã-MS

Tragam seus
cadastros

FINANCIAMENTO BANCÁRIO

